Lauro Sodré

PALAVRAS E ACTOS

4-6

BELEM
TYP. DO «DIARIO OFFICIAL»
1896

V
086.9
S679
p.
1896

BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL
Este volume acha-se registrado
sob número 7.072
do ano de 1946

Á

Patria Paraense

Esta é a ditosa Patria minha amada.

CAMÕES.

Não sei que encanto tem para nós este fragmento de solo onde vertemos a primeira lagrima, e este pedaço de Ceu d'onde bebemos a primeira luz.

ALVES MENDES.

O cosmopolitismo é a idéa generosa do philosopho, que sonha a humanidade congraçada n'uma unica familia.

A patria é o indelevel sentimento do homem, a quem a mais altiva intelligencia não inhibe de ver na sua aldeia a miniatura do universo.

LATINO COELHO.

Un peuple sera bien bas le jour ou le sol de la patrie ne sera plus vraiment aimé par lui.

P. LAFFITTE.

I

O Estado do Pará

Sua situação economico-financeira. Seu progresso sob o regimen republicano federativo

O Estado do Pará [1]

SUA SITUAÇÃO ECONOMICO-FINANCEIRA. SEU PROGRESSO SOB O REGIMEN REPUBLICANO FEDERATIVO

I

A gloriosa revolução de 15 de Novembro, trazendo-nos com a republica a federação, que nunca lograriamos ver realisada sob a realeza, abriu para este Estado uma éra de prosperidades, que faz-nos antever o mais auspicioso futuro.

A centralisação era o deficit. Para illudir os vasios do Thesouro e encobrir os desequilibrios orçamentarios recorriam os governos presidenciaes monarchicos ao expediente das emissões de apolices que iam avolumando os encargos da Provincia de anno a anno. Ainda em seu ultimo relatorio dizia o actual Inspector do Thesouro, falando das apolices emittidas em virtude das leis ns. 644, 671, 379, 1292 e 1298: «Ignoro qual

(1) Trechos de Mensagens dirigidas ao Congresso Legislativo do Pará.

a quantidade exacta de cada uma d'essas emissões, visto como as auctorisações legislativas não as limitaram, nem pelas inscripções pode chegar-se a este conhecimento».

Contra essa critica situação economica permanente, clamaram unanimes os presidentes, que para salvar os creditos da Provincia aconselhavam a realisação de um emprestimo, serviço que o governo republicano poude realisar.

A percepção dos impostos, pela Constituição Federal entregues aos Estados e cuja cobrança auctorisei logo que assumi as funcções de que me acho investido, deixou-nos em excellentes condições financeiras.

O total da renda arrecadada no exercicio escoado de 1891, foi de rs. 5.938:154$818, sendo de rs. 3.954:913$669 a importancia cobrada em virtude da lei n. 1384 de 1.º de Outubro de 1889 e provindo a excedente, rs. 1.983:241$149, da percepção dos novos impostos, auctorisada pelos decretos ns. 363 e 366 do anno passado. A despeza no mesmo exercicio elevou-se a rs. 5.772:044$994 conforme o balanço do Thesouro, verificando-se assim um saldo no valor de rs. 1.144:742$691, devido aos saldos do exercicio anterior e á ultima prestação do emprestimo feito pelo Banco da Lavoura.

Pela lei n. 11 de 13 de Janeiro ultimo, orçastes em rs. 5.442:988$000 a receita para a exercicio corrente, computada a despeza para o mesmo periodo em rs. 5.656:883$237.

Pelos dados que foram-me ministrados pela repartição de Fazenda do Estado póde-se avaliar como provavel no actual exercicio uma receita de 7.427:237$000, devendo haver assim um saldo approximado de perto de 3 mil contos de rs., si não forem auctorisadas despezas extraordinarias, nem minguar a renda de exportação.

Consoantes notas do Thesouro do Estado, poder-se-á elevar a 7.700:000$000 a receita para o exercicio vindouro, avaliação que reputo segura, attento o accrescimo constante da renda proveniente da maior parte dos impostos.

Diante deste desenvolvimento da prosperidade, devemos prevenir-nos contra as tendencias naturaes para o gasto desordenado dos publicos dinheiros, tendo diante dos olhos esta palavra de celebre economista: «Uma prosperidade continua exerce sobre os povos a mesma influencia que sobre os individuos : fal-os prodigos».

Si é certo que ha causas naturaes, a que não pódem fugir os Estados, e que determinam o augmento das suas despezas annuaes, como sejam—1.º o augmento do preço das cousas, trazendo como consequencia o melhoramento dos salarios, dos vencimentos do funccionalismo em geral; 2.º o necessario desenvolvimento dos serviços publicos a cargo do Estado, reclamados pelas novas exigencias da civilisação e do progresso, é certo que igualmente as ha artificiaes e perniciosas, que é dever dos bons governos evitar.

Bem sabeis que o Estado vive ainda sob o peso de uma divida que, se não o assoberba, attentos os nossos presentes e futuros recursos, deve comtudo merecer-nos a mais cuidadosa attenção, longe indo os tempos em que Berkley chamava as dividas publicas minas de ouro, em que Mellon não via nos emprestimos do Estado senão dividas da mão direita para a mão esquerda e Pinto ensinava que as dividas publicas augmentão a riqueza social de todo o montante do seu capital.

Sem prejuizo de despezas reputadas indispensaveis para o progresso e desenvolvimento do Estado, e capazes de dar lucros grandemente remuneradores em futuro mais ou menos remoto, deveis manter a disposição do art. 18, tit. III da Lei do orçamento vigente, auctorisando a amortisação da divida publica.

A divida do Estado monta a réis 6.730:400$000 assim discriminada :

Apolices de 6 %	721.800$000
« « 5 %	125:600$000
« « 8 %	17:000$000
Emprestimo feito pelo B. da Lavoura...	5.866:000$000

O emprestimo contrahido com o Banco da Lavoura e Commercio do Rio de Janeiro a 24 de Fevereiro de 1890, em virtude da Lei n. 1384 de 1.º de Outubro de 1889, na importancia de 6:500 contos, foi em quasi sua totalidade applicada ao pagamento da divida fluctuante da Provincia e resgate de apolices, alem de 1000 contos cedidos por emprestimo á Intendencia d'esta Capital, em virtude do acto do Governo do Estado de 10 de Dezembro de 1890. Dos relatorios apresentados pela Recebedoria e pelo Thesouro tereis conhecimento de

miudos detalhes tocantes ás condições financeiras do Estado do Pará, cuja prosperidade é de anno para anno crescente. Dos dados colligidos pelo sr. Administrador da Recebedoria vê-se o extraordinario augmento da nossa renda publica. O valor official da exportação sendo em 1871 de rs. 9.348:295$890, foi de rs. 15.701:072$700 em 1888 e de réis 27.755:667$004, em 1891!

A renda total do Estado foi de réis 579.807$891 em 1861, 1.642:323$731 em 1871, em 1881 de réis 2.477:551$553 e no anno passado de 3.954:913$669, sem computar n'este ultimo resultado as rendas devidas á cobrança dos novos direitos, o que eleva aquella ultima cifra a réis 5.938:154$818.

Na receita publica a verba, que mais avulta, é a proveniente dos impostos de exportação, que subiu a rs. 2.956:957$572 em 1889, a rs. 3.939:427$832 em 1890, rendendo 5.425:290$452 em 1891 com a passagem dos novos direitos, cobrados a partir de Julho, e que, conforme calculos da Contadoria do Thezouro, montará á cifra de rs. 5.702:279$000 no exercicio corrente. Como sabeis constituem generos principaes da exportação d'este Estado, a borracha, o cacau e a castanha, que no valor official da exportação no anno passado entraram nas seguintes importancias:

23.473:579$272 rs. o primeiro
2.919:467$630 rs. o segundo.
868:279$935 rs. o terceiro.

E' bem de ver que continua sendo para nós a *siphonia elastica* a verdadeira *arvore de ouro*, que desde 1827 começou a figurar entre os productos exportados pela Amazonia, e que por largo espaço ainda concorrerá efficazmente para enriquecer o nosso Estado, taes e tantas são as applicações que a industria cada vez mais vae dando á gomma elastica, tal o accrescimo da producção d'essa materia prima, que não tem competencia no mercado universal. Não deve ser-nos indifferente essa fonte de riqueza, que poderia minguar si medidas acertadas não vierem accudir aos damnos da exploração desacautelada do futuro e unicamente arrastada pelo desejo do lucro do momento.

* * *

Si não temos razão para amaldiçoar como muitos essa industria extractiva, que tantos beneficios tem trazido ao nosso Estado, comtudo, é força confessar que a attracção de braços para esse ramo de actividade n'um paiz como é o nosso, de escassa população, tem gerado uma situação de lamentavel e visivel decadencia para a agricultura.

E' ponto para o qual especialmente chamo a vossa judiciosa attenção, esperando do vosso patriotismo tudo envidareis para soerguer d'esse estado de abatimento a agricultura, que no conceito dos physiocratas era classificada como a industria productiva por excellencia, e a juizo dos modernos a primeira industria do homem.

Até aqui não tem os poderes publicos acudido a auxiliar esse importantissimo ramo de industria, que dada a feracidade do nosso solo, a facilidade das vias de communicação, cortado como é o territorio paraense de tantos e importantes rios navegaveis, se nos está impondo como a nossa natural e utilissima occupação.

Em logar de alivio e beneficios, ás causas naturaes de ruina, em que vae ella caindo, accedem causas artificiaes, representadas por impostos atrophiadores com que sobrecarregam algumas intendencias os generos da producção agricola, impostos quo ás vezes figuram verdadeiros freios preventivos, attingindo productos que nem o municipio ao menos exporta.

Todos os esforços e todas as despezas que fôrem feitas n'esse sentido hão de ser fartamente cobertos no futuro.

Pode-se affirmar, escreveu auctoridade competentissima, que a situação da agricultura em um paiz é o melhor signal da sua riqueza. Esta industria tem, com effeito, connexões taes com a circulação dos capitaes e com o bem estar da população, que póde ser ella considerada como uma especie de barometro economico.

No parecer unanime dos interessados e dos competentes a primeira necessidade, para produzir o resurgimento da nossa producção agricola, é a de braços, que só podem provir de uma corrente de immigração bem e racionalmente dirigida. De tal quilate é este problema, cuja solução impõe-se-nos por modo inilludivel, que desafia a attenção e o estudo de quantos possam interessar-se sinceramente pelas cousas publicas e pelo futuro do nosso Estado.

Nem devemos desanimar diante das varias e infructiferas tentativas feitas até aqui para resolver essa questão, que é primordial para nós.

Muito acertadamente escreveu o actual Director da Repartição de Obras Publicas, Terras e Colonisação deste Estado em seu Relatorio : «A questão da immigração e colonisação aqui no Pará é uma questão que considero ainda não resolvida, porquanto não se póde considerar como tal os emprehendimentos desordenados que tem sido feitos em tal sentido.

«Um dos maiores obstaculos que se offerece á tal questão é a falta de communicação directa do mesmo Estado com os paizes do meio dia da Europa. Como sabeis os contractos feitos para transporte de emigrantes europeus por conta da Inspectoria Geral de Terras e Colonisação federal, referem-se sómente aos Estados do sul do paiz.

Para este Estado sómente são enviados, ou os que, rebeldes para se sujeitarem ao trabalho nas colonias do sul, procuram viver em continua mudança de Estado a Estado, afim de gozarem em cada um delles dos favores prestados pelo Governo, ou os que já se achavam relacionados por gráo de parentesco a outros extrangeiros aqui residentes, e que servem-se da passagem que lhes fornece o Governo para fazerem a mudança ou a visita aos parentes, o que não lhes permittia o estado de pobreza.»

Entendo que deveis auctorisar a internação de 10.000 immigrantes, armando o governo dos meios necessarios para realizal-a, pelo meio mais vantajoso aos cofres publicos, ou adoptando medidas completas que dêem como resultado seguro a acquisição d'aquelle ou de maior numero de braços. Ha regiões fertilissimas onde a fundação de nucleos coloniaes, como o do Castanhal, hoje em via de prosperar, fornecerá collocação prompta e immediata aos trabalhadores que demandarem o nosso sólo, hoje que a Constituição politica da Republica lhes assegura viver sob um regimen mais liberal que os da maioria dos paizes da Europa, sem que possa a lei tolher-lhes o exercicio e pratica de suas crenças, religiões e costumes.

E' necessario combater um ingrato e injusto prejuizo contra o Pará, alimentado fóra do paiz e dentro d'elle, nos Estados do Sul, onde figuramos como a região de todos os males, como a zona da terra eleita pela morte.

Si é certo que possuimos pontos de territorio onde reinam febres de máo caracter, onde é precaria a existencia, não é menos certo que na sua maior extensão é o Pará um paiz saudavel, superior a muitas porções do territorio do sul da Republica. São grandemente significativos os dados estatisticos da repartição de saude, por onde fica evidente que é esta Capital uma das mais felizes sob o ponto de vista da saúde publica, pois, emquanto a variola andou açoutando nos ultimos annos quasi todas as cidades do littoral da Republica, mal puderam entre nós manifestar-se alguns pouquissimos casos, e a febre amarella, esse flagello que dizima as populações de tantas cidades do sul, aqui apenas rarissimas vezes consegue apparecer.

Precisamos ir ao encontro dessa campanha do descredito movida contra nós mais por ignorancia do que por desaffeição. Precisamos por uma propaganda incansavel e racional desfazer essa fama cruél e essa triste nomeada, provando com dados e com o testemunho insuspeito de sabios e viajantes que nem é entre nós intoleravel a temperatura, porque demoramos sob a linha dos equinoxios, nem é geral a insalubridade circumscripta a certas e determinadas zonas.

E assim lograremos a realisação desse apparente impossivel, d'esse *desideratum* que visamos todos, a introducção de levas de immigrantes, condição essencialissima para o nosso mais largo desenvolvimento, porque se possuimos de sobejo as forças que a natureza, tão prodiga n'esta parte do mundo, poz ás nossas mãos, si temos capitaes, de braços é que carecemos para fecundal-os, para dirigir a acção das forças physicas, tornando dia a dia mais intensa a producção.

Penso que é de acerto a creação e divulgação do ensino agricola, ministrado especialmente sob o ponto de vista pratico, unico verdadeiramente util, fugindo da formação de doutores agronomos, que na vida publica fazem do pergaminho titulo para entrar no grande exercito do funccionalismo, fugindo ao campo da actividade industrial.

A agricultura si não é uma sciencia, applica os principios de quasi todas as sciencias. Porque deixal-a-emos, entre nós abandonada á rotina, que é a ignorancia ou a inercia feitas systema, a exploração do sólo, que apenas póde ser largamente fructifera sob uma direcção esclarecida pelo estudo?

«Hoje, escreve François Bernard, não é mais a terra que deve produzir; deve o agricultor estimulal-a e tirar d'ella o melhor partido possivel. O clima, as qualidades do sólo, e o suór do trabalhador cessaram de ser os unicos factores do rendimento agricola; a sciencia do cultivador tornou-se o seu principal agente. Estão atravancadas todas as chamadas profissões liberaes; a mania do funccionalismo desenvol-ve-se ao ponto de constituir um obice ao progresso, sómente por causa da insufficiencia de um ensino technico capaz de fazer amar cada um o officio, que poderia eleger, si para tal, meios e opportunidade se lhe offerecessem.»

Creemos uma eschola agricola; e, sendo possivel, estações agronomicas, como possuem-n'as em tamanha cópia os Estados-Unidos da America do Norte, onde só no anno de 1888 fundaram-se 26.

(1.º de Julho de 1892).

II

Continúa felizmente prospera a nossa situação financeira.

Sob a Republica o Estado do Pará tem visto encerrados com grandes saldos os seus exercicios financeiros, que de regra, sob a monarchia centralisadora, fechavam-se com grandes deficits. E mais prospera seria ainda a fortuna publica se não nos houvesse legado o imperio uma divida passiva de muitos milhares de contos, e com o peso de taes compromissos todos os edificios publicos em ruinas, descurados os interesses do interior, a que temos attendido, empenhando-nos por dotar de melhoramentos essenciaes as nossas cidades e villas outr'ora votadas ao abandono. E' altamente significativo o balanço do Thezouro Publico depondo em favor da moralidade das administrações republicanas, que vieram fechar o periodo de desatinos com que nos estavamos desacreditando pelo desregramento de governos sem responsabilidade.

Tendo sido pela lei n. 11 de 13 de Janeiro de 1892 orçada em 5.442:988$000 reis a receita para o exercicio financeiro correspondente áquelle anno, verifica-se pelo balanço do Thezouro que a renda arrecadada ascendeu á cifra de 8.454:456$419 reis verificando assim um excedente de 3.181:170$678 reis sobre a receita orçada.

Esse excesso provèm principalmente da arrecadação dos impostos de exportação, cuja renda tendo sido avaliada em reis 3.801:653$000 elevou-se a 6.676:305$281.

De accôrdo com a auctorisação contida no art. 18 da lei n. 11 já citada foi applicada á amortisação da divida publica a quantia de 2.200:000$000, resgatando 2200 apolices do emprestimo contrahido pelo Estado com o Banco do Commercio e da Lavoura. D'essa operação resulta para os cofres publicos economia sensivel.

Com a quota da amortisação ordinaria feita nos termos do

contracto respectivo a divida para com o Banco no correr do ultimo exercicio diminuio de 2.417:000$000, ficando assim reduzida á importancia de 3.649:000$000.

O saldo do exercicio, sem essa amortisação extraordinaria da divida elevar-se-ia á cifra superior a 4.000:000$000.

O total da divida passiva do Estado é de 4.478:800$000 reis assim discriminados :

Emprestimo contrahido com o Banco da Lavoura reis 3.649:000$000.

Apolices de 6 %	722:400$000
Idem de 5 %	107:400$000

Devemos continuar a pratica acertada de saldar os compromissos do Thezouro, applicando á amortisação da divida publica parte dos saldos do exercicio vindouro, sem damno dos melhoramentos moraes e materiaes com que carecemos dotar o Estado para preparar um futuro de mais larga prosperidade.

A's nações como aos individuos póde applicar-se o proverbio—quem paga as suas dividas enriquece.—

Como sabeis a quasi totalidade da nossa renda provêm do imposto de exportação cobrado sobre a borracha, o que a deixa muito sujeita a fluctuações, embora não nos devamos arreceiar do futuro, já porque estamos interessados em precavel-o creando e desenvolvendo novas fontes de producção, já porque sendo a gomma elastica materia prima, cujas applicações industriaes dia a dia multiplicam-se, e não encontrando a do valle do Amazonas competencia entre os productos similares, podemos ter confiança na estabilidade da renda que d'ahi provêm, a qual nunca poderá descer aquem de razoavel limite.

Das bases orçamentarias que vos serão presentes nos termos da Lei n. 45 de 23 de Agosto do anno passado vereis que a receita para o proximo exercicio é calculada em 7.153:278$000. Essa computação é feita não automaticamente, mas por methodo racional que consiste em bem pesar e medir as circumstancias todas que pódem influir na variação dos preços e no total da producção.

As leis que regulam os phenomenos economicos levam-nos a ter como certo que no exercicio futuro, se não fôr maior, será ao menos igual á do exercicio passado a producção. Contando porém com a alça gradativa do cambio não é permittido man-

ter como provavel renda egual proveniente dos impostos de exportação, bastando para justificar essa avaliação da receita dizer que 8.119.784 kilos de borracha tiveram em 1889 o valor official de 13.083:112$650 reis e em 1892 quantidade quasi igual, 8.061.873 kilos, tiveram um valor official de 28.604:290$419 reis.

* * *

Por ventura o maximo entre os maiores problemas, que desafiam a attenção de quantos sinceramente interessam-se pelo futuro desta terra, é o do povoamento do nosso immenso territorio em sua quasi totalidade desaproveitado e inculto. São extensas zonas de terrenos feracissimos, que á mingua de braços estão votados ao abandono.

Sem poder contar com os escassos e incertos auxilios dos cofres federaes, devemos tomar a iniciativa louvavel de encaminhar para este Estado a incessante corrente emigratoria, que de anno a anno vai crescendo, carregando o excesso da população adensada dos paizes da Europa, e com cujo auxilio tem progredido assombrosamente as nações do novo continente.

Esse é o segredo da acceleração com que tem vertiginosamente evolvido os Estados-Unidos da America do Norte, em cujo seio tem se derramado como uma grande maré viva e cheia, milhões e milhões de operarios.

Nos ultimos dez annos receberam os Estados-Unidos 5.169.838 immigrantes, o que dá uma média annual de 516.983, pouco menos do que o total de 697.982, que durante o mesmo periodo dos dez ultimos annos receberam os Estados-Unidos do Brazil.

Tem o Governo deste Estado encetado já a campanha contra os falsos juizos levantados contra nós, esforçando-se por tornar conhecidas dentro do paiz e fóra d'elle, as verdadeiras condições do nosso clima tão favoravelmente apreciado por sabios exploradores, que tem perlustrado o grande valle da Amazonia.

Certos de que, como ensina um economista, o augmento da população impulsiona ao progresso todo o povo que não se abandona á resignação passiva, porque sob essa pressão é mais

ardente a luta pela existencia, multiplicam-se os esforços do homem, desenvolvendo-se o seu poder e a sua capacidade de adquirir utilidades; compenetrados d'esta verdade, que resulta da manifesta observação—que nunca um povo de população estagnada e disseminada foi um povo forte—, devemos dar tento á situação nossa no presente acautelando o futuro.

Tempo é já de sairmos da posição em que nos achamos vendo em derredor de nós tantas e tantas riquezas naturaes perdidas como um thezouro esquecido pelo homem.

Só quando milhares e milhares de pioneiros houverem palmilhado as nossas terras, virgens até aqui de trato humano; só quando o mineiro audaz rasgar o sub-solo para arrancar de lá as preciosidades que jazem desutilizadas e sem valor; só quando a superabundancia de braços atirar para a agricultura as grandes sobras dos que vivem da industria extractiva; só então devemos dormir tranquillos sobre o nosso futuro grande e feliz.

Da França, dizia Yves Guyot, ha dez annos: «todos os dias ouvem-se lamentações que pódem resumir-se n'esta phrase : a agricultura carece de braços; tal tem sido o abuso que d'ella tem-se feito, que tornou-se já um cliché de vaudeville.»

Applicado a nós é precisamente verdadeiro o conceito contido n'aquella elocução. Temos visto de anno para anno minguarem os generos de producção agricola, que muitos estão sumidos do mercado, cessada de vez a sua producção, que dantes tal era que constituiam elles materia de exportação.

Do cacáo, cuja producção em 1882 foi de 5.890.727 kilos no valor de 3.315:780$920, apenas exportamos em 1892, 3.201.369 kilos no valor de 3.061:456$010. E' no entretanto um producto cuja cultura, no dizer dos competentes, dá vantagens superiores ás que dá o café no sul.

No relatorio do administrador da Recebedoria hão de se vos deparar estes conceitos:

«O nosso cacáo deprecia-se de dia para dia em consequencia do seu mau fabrico; as correntes dos rios arruinam annualmente os antigos cacáoaes; as novas plantações são raras.»

Em 1868 dizia o sr. Ferreira Penna, grande conhecedor das cousas d'este Estado:

«Talvez não haja Provincia no Imperio onde a terra retribua mais generosamente a quem a beneficia do que no Pará, e

aqui nem um genero de cultura offerece ao lavrador tanta garantia de prosperidades como o cacáo—principal base da riqueza publica da Provincia.

O lavrador que o cultiva methodicamente póde ter a certeza de que, mais dias menos dias, a fortuna lhe virá bater á porta; cultivar o cacáo é o mesmo que abrir a bocca de um pequeno cofre, onde os innumeros freguezes irão pouco a pouco deitando o seu dinheiro.»

Não padece contestação a verdade de que não tem entre nós dado passos para adiante a industria agricola, que é aliás a grande fonte perenne de riquezas solidas e duradouras.

E já no mesmo anno de 1868, dizia o citado sr. Ferreira Penna, falando da situação da lavoura e da irresistivel attração que naturalmente leva para a industria da borracha todos os homens, á cata de mais alta remuneração do trabalho : «assim quasi todos os braços livres abandonam a agricultura; e lavradores não encontram recursos sufficientes para continuarem a aproveitar a terra.»

Desde 1863 que o sr. Araujo Brusque clamava contra este estado de cousas referindo-se á agricultura em termos que traslado:

«E os braços que emprega são sempre moveis cedendo ás vantagens que lhes afigura a colheita dos productos naturaes, fogem ao trabalho regular, não se fixam e rolam soltos de matta em matta sem deixar em sua passagem por esses laboratorios da natureza, outros vestigios que não sejam a destruição das arvores, que tão grandes riquezas lhe offerecem.»

Se não é um mal esse enorme desenvolvimento que tem tido a industria da borracha, e que tanto tem concorrido para a riqueza publica, é de certo grandemente para lamentar que tal crescimento tenha sido feito com prejuizo da agricultura em estado evidente de pobreza.

E se a falta de braços é a principal das causas productoras de tamanho desalento, cumpre-nos tratar de removel-a, creando por conta do Estado o serviço de colonisação, e favorecendo por modo efficaz a introducção de trabalhadores extrangeiros, especialmente destinados ao serviço da lavoura.

Bem sei que a melhor maneira de fazer que floreçam a agricultura, a industria, as artes e o commercio é deixal-as entregues ao seu livre e desassombrado desenvolvimento, poupan-

do-as de um auxilio que se traduza por uma intervenção, uma tutella, uma protecção, que ás mais das vezes se convertem em obstaculos, em tyrannia e entraves. O melhor subsidio aconselha Garnier, deve dal-o o Governo pelo exercicio aperfeiçoado da sua funcção natural e principal, pela producção da segurança, pela garantia da justiça, da propriedade, da ordem, da liberdade, pela suppressão dos abusos e dos obices, pela diminuição dos impostos ou melhoria de seu lançamento.

Quasi que vão parecendo sediças velharias de theoricos, elevados conceitos como esses hoje que, na phrase de Leroy-Beaulieu, o Estado é esse ser mysterioso cujo nome tantos pretendidos sabios pronunciam com adoração, o qual invocam todos os homens, e que parece o unico deus que inspira ao mundo moderno respeito e confiança.

Nos paizes como o nosso, porém, onde é nulla a iniciativa individual, onde não existe o espirito de associação, fonte creadora de grandes forças de producção de riqueza, e principalmente no Estado do Pará, onde não está concentrado o capital, de si escasso, distribuido em pequenas fortunas, é quasi um mal necessario tomarem os poderes publicos a si desenvolver e crear mananciaes de bens economicos.

Entre os que se me afiguram de maior utilidade para a agricultura afim de que ella possa andar e florescer por si, apenas com o indirecto, embora valioso apoio do governo, está a organisação de syndicatos agricolas como acertou de creal-os a França em 1884, graças aos quaes a cooperação dos lavradores possa encorajar todos os melhoramentos que nunca lograrão conseguir esforços dispersos, interesses dissociados.

Esse idéa fecunda foi, ao juizo de uma auctoridade competente, o ponto de partida de uma verdadeira revolução nos processos economicos da agricultura franceza. Dentro de 4 annos cobrio-se todo o territorio d'aquelle paiz, de associações, pequenas ou grandes, attingindo em 1890 ao total de 910 os syndicatos existentes, agrupando 600,000 membros. Taes associações justamente reputadas a mais alta expressão da idéa cooperativa, pódem exercitar variadas funcções, taes como : (a) Estudo e defeza dos interesses communs; (b) Suppressão dos intermediarios, quer para a compra, quer para a venda; (c) Credito agricola e credito mutuo; (d) Soccorros mutuos; (e) Seguro mutuo contra as intemperies e contra a mortalidade dos rebanhos; (f) Introduc-

ção de trabalhadores extrangeiros: (g) Progresso da agricultura pela propaganda e intervenção directa. Nos Estados-Unidos da America do Norte, a partir de 1888 sob o nome de *Farmer's Alliances* começaram a funccionar numerosas sociedades de agricultores organisadas sobre o modelo dos syndicatos francezes. Na Allemanha, na Italia, na Hungria, identicas sociedades de cooperação tem dado excellentes resultados a beneficio da agricultura, por modo tal que poude com acerto dizer François Bernard: «E' por medidas d'esta ordem e pela applicação racional dos principios scientificos tendendo ao abaixamento dos preços de custo, antes do que pela protecção aduaneira, que a agricultura encontrará novas prosperidades.»

(1.º de Fevereiro de 1893).

III

Tendo a lei n. 44 de 22 de Agosto de 1892 estatuido que o anno financeiro fosse contado de 1.º de Julho a 30 de Junho, o semestre decorrido de 1.º de Janeiro a 30 de Junho do anno passado, no qual vigorou o orçamento de 1892, prorogado pela lei supra citada, permitte-nos comparar dois periodos annuos completos á vista dos balanços já organisados pelo Thesouro.

A renda total arrecadada no exercicio de 1892 foi de réis 8.459:688$455. No anno civil proximo passado, comprehendendo o semestre complementar do exercicio de 1892 e o 1.º semestre do exercicio corrente de 1893 á 1894, foi a importancia total das rendas publicas arrecadadas de réis . . . . . 9.153:487$553.

O augmento das rendas provém quasi exclusivamente da verba—Direitos de exportação, que tendo sido no valor de.... 6.579:790$214 réis em 1892 foi de 7.636:782$282 réis em 1893.

A' vista da arrecadação feita no correr do 1.º semestre do actual exercicio é dado prever que a renda do mesmo exercicio excederá á orçada, constante da lei n. 132 de 19 de Abril do anno passado, em quantia superior a dois mil contos de réis.

Dos generos de producção do Estado apenas teve accrescimo sensivel a borracha, cuja quantidade total exportada foi de 8.061.873 kilos em 1892 e 8.374.246 em 1893, no valor official de réis 28.604:290$419 n'aquelle anno e de réis 33.985:175$772 n'este ultimo.

O valor official total da exportação no anno de 1893 subio a réis 39.390:274$192 ou 6.209:822$991 mais do que em 1892.

Durante o anno de 1893 foram diminutas as safras de cacáo e de castanha. E de outros generos de producção poude

o administrador da Recebedoria do Estado dizer em seu relatorio, onde encontrareis informações detalhadas, que desappareceram completamente do mercado.

O estudo dos algarismos constantes do Relatorio do administrador da Recebedoria leva-nos infelizmente a verificar que continúa abatida e desanimada a agricultura.

Vejo preconisar-se como remedio para esse grande mal, que devemos cuidar de ver sanado, a adopção do systema proteccionista. E o sr. administrador da Recebedoria reclama de vós a decretação de impostos, que venham proteger os nossos productos ou beneficiar o Estado.

E' o presente fecundo campo de observação donde colhe-se a proveitosa licção que encerram os factos economicos. Não ha muito que o sr. Leon Say, estudando o espectaculo curioso que apresenta a situação economica da França e a das outras nações, fazia o historico do movimento proteccionista, que propagou-se como uma epidemia, dos Estados-Unidos da America do Norte, onde elle nasceu logo após a guerra da secessão, e onde attingiu o seu ponto culminante com as tarifas de Mac-Kinley, para a Europa onde alastrou-se na Allemanha, França, Italia, Suissa e Hespanha. Apenas a Inglaterra e no continente a Belgica e a Hollanda ficaram fieis á politica liberal, que desde 1860 regulou as relações commerciaes e economicas das nações civilisadas. Os Estados-Unidos adoptaram o *Geary exclusion act* e o bill Chandler, que significam o systema proteccionista no terreno do trabalho.

Que consequencias colheram as nações do velho e do novo mundo dessa politica economica, dessa guerra de tarifas? Sabeis o que foi para a grande republica americana o anno de 1893, verdadeiramente um anno de crise economica, devido aos erros da politica monetaria, financeira e sobretudo aduaneira, sob a inspiração do regimen proteccionista. Tambem chegado ao poder o actual presidente d'aquella Republica podia dizer em sua mensagem de 4 de Março, referindo-se aos impostos protectores: « Quando nós proclamamos emfim que a necessidade de uma renda sufficiente para que viva o Governo é a unica justificação dos impostos, enunciamos uma verdade tão evidente que o simples facto de negal-a mostra somente até que grau o juizo são de um povo póde ser alterado pelo habito de uma perversão do systema das imposições. »

Em sua mensagem de 4 de Dezembro ultimo, notavel pela coragem com que defende as suas convicções liberaes dizia esse eminente homem de Estado americano, insistindo sobre a necessidade da reforma aduaneira: «Após longas e vivas lutas, eis-nos em face da reforma das tarifas. Nada mais importante impõe-se á nossa attenção e nada se nos apresenta mais claramente, como ensejo de bem agir e de cumprir um dever: ensejo de merecer a gratidão de nossos concidadãos, e um dever imposto pela affirmação expressa tantas vezes das nossas opiniões e pelo mandato imperioso recebido do povo. Nós devemos firmemente pôr em pratica este principio, que, só as necessidades financeiras do Estado podem justificar os direitos de Alfandega e as outras taxas federaes.»

Estudando a situação da Europa ao findar o anno de 1893 expressava-se o notavel economista G. de Molinari n'estes termos:

«O socialismo do Estado, e o militarismo continuaram a florescer na nossa Europa ao lado do proteccionismo, e nada revela que a diminuição das despezas publicas e o desarmamento sejam postos em ordem do dia antes do livre cambio. E' licito no entretanto perguntar si os povos poderão supportar ainda por muito tempo este fardo continuamente aggravado. Já alguns pequenos Estados, como Portugal e a Grecia e mesmo um Estado quasi grande, a Italia, começam a curvar-se sob o peso de suas despezas e de suas dividas. A bancarrota não está longe, e a bancarrota é a morte do credito. Os grandes Estados como a França, a Allemanha, a Austria-Hungria, a Russia, são certamente mais resistentes; a França tem supportado até agora sem vacillar o peso da sua divida de 33 billiões—a mais bella divida do universo—mas tudo tem um termo, e é para receiar que não pague caro o seculo XX as loucuras do XIX.»

Seria curioso que quando, guiadas pela luz da experiencia, as nações da Europa estão voltando á politica dos tratados de commercio, como a Allemanha, fossemos nós, por espirito de cega imitação, seguir a rotina, adoptando o regimen proteccionista, que si é desacertado quando se traduz nessa lucta internacional das Alfandegas, mais errado seria creando barreiras ás permutas dos generos de producção dos Estados, dentro da mesma Nação.

Não! não ha de ser com a decretação de impostos pro-

tectores, que tem como resultado immediato encarecer os objectos de consumo, que nós havemos de desenvolver as forças da agricultura, hoje depauperada.

Vale sobre esse assumpto da maior importancia meditar a licção dos mestres. Falando contra a rêde de Alfandegas que estende-se pela fronteira dos differentes Estados, exceptuando talvez unicamente a Inglaterra, entravando o desenvolvimento das relações industriaes e commerciaes entre os povos, escreveu R. Stourm estas palavras:

«Em vão pedem para entrar os objectos mais essenciaes: não lhes é dado senão com a condição de pagar uma taxa de protecção, cujo effeito immediato é accrescer de outro tanto o preço dos productos similares no interior. De sorte que as tarifas da Alfandega recaem sobre o consumidor, não na proporção dos productos extrangeiros que entram, mas na proporção muitissimo mais larga da repercussão das tarifas no interior. Torna-se desde então quasi impossivel orçar a sobrecarga que ellas impoem ao paiz, sobrecarga de que exclusivamente aproveitam-se certos productores privilegiados em detrimento do publico e do Thesouro.»

E aos que argumentarem com o exemplo de alguns Estados do Brasil onde impatrioticamente e erradamente se está fazendo politica de odio commercial, já embaraçando a exportação dos productos proprios, já estorvando a entrada dos nossos, diriamos quasi traduzindo conceitos do illustre F. Bastiat, o grande apostolo do livre cambio, o illustre amigo de Cobden:

«Os obstaculos que elles crearam prejudicam principalmente as nossas rendas, é um mal. Os que nós mesmos crearmos prejudicarão as nossas compras, será outro mal. Quanto ao primeiro nada podemos; quanto ao segundo, de nós depende o removel-o. Libertemo-nos ao menos deste, já que de ambas não é possivel desfazer-nos.»

Em estudos dados recentemente á luz examinou o notavel economista P. Leroy Beaulieu a situação da industria agricola na França, situação na realidade difficil. Condemnando os projectos de novos direitos sobre os trigos, e pugnando pela diminuição dos impostos de transmissão de immoveis entre vivos, enunciava este conceito:

«Não ha de ser pela elevação de preços que operar-se-á o levantamento da agricultura, antes esse resultado provirá de

uma melhor organisação das forças agricolas, de um augmento de seus rendimentos.»

Ninguem ignora que entre nós todos os braços são absorvidos pelas industrias extractivas, e principalmente pela da borracha, preferida por quantos, buscando a mais larga remuneração do trabalho, são seduzidos pela certeza de lucro immediato, pela facilidade relativa do serviço, e pela esperança de maiores proventos, dado o valor crescente desse genero de producção do Estado, para cuja exploração rendosa voltaram-se todos os capitaes, entre nós de si minguados.

Sabe todo mundo que esta é a terra opulenta de riqueza, feraz o solo, deposito de preciosos thesouros o sub-solo, virgem de exploração até agora. Que valem, porem, tantas forças naturaes sem o trabalho intelligente, que venha fazel-as fecundas, centuplicado com os auxilios que só póde fornecer o capital?

Braços, só póde dar-nos uma corrente immigratoria intensa e abundante, selecta e bem dirigida, que povôe as grandes extensões de terras incultas, que constituem a quasi totalidade da superficie do nosso Estado.

Para que demandassem a nossa terra muitos dos uteis obreiros que incessantemente sobre os paizes do novo continente despejam as nações da velha Europa, atravancadas, consumidas pelas crises agricolas, sobrecarregadas por impostos de anno para anno crescentes, ruidas pela gangrena do militarismo, conturbadas por continuas gréves, para que viessem a nós os que procuram longe da Patria o trabalho e a riqueza, sei que deveria bastar a iniciativa individual.

Tal é porém a negação que entre nós existe para o principio associacionista tão fecundo, que não póde o Estado furtar-se á tarefa de promover uma corrente de immigração.

A escassez da verba votada no exercicio corrente para esse fim, e a natureza do assumpto melindroso e sério, para os que agem sempre zelando os interesses do Estado, não permittiram que começasse a funccionar entre nós esse serviço.

Na Repartição de Obras Publicas, Terras e Colonisação estão sendo formuladas as bases para um contracto que possa dar felizes resultados. Podemos e devemos tomar a nós esse melhoramento que estou certo ha de concorrer poderosamente para dar á agricultura o necessario alento. N'essa conformidade soli-

cito-vos a votação do credito sufficiente para que possa ser proveitosamente iniciado o serviço de povoamento do nosso solo.

Quanto ao capital, fructo do trabalho e da economia, ha de expontaneamente desenvolver-se entre nós, si continuarmos a viver annos de paz e de socego, sob o regimen das leis garantidoras da vida e da propriedade de todos. Do extrangeiro affluirão igualmente os capitaes desoccupados quando o conhecimento exacto das nossas riquezas, ministrado por uma propaganda effectiva e intelligente deixar patente que aqui encontrarão os capitalistas remuneração sobeja.

Tive já ensejo de salientar as vantagens que colheriamos si entre nós podessem medrar os syndicatos agricolas que nos Estados-Unidos, na Allemanha, na Italia e na Hungria tamanhos beneficios trouxeram para a agricultura. No Estado do Pará, onde são tão raras as fortunas e rarissimos os grandes capitalistas, só uma sabia organisação do credito agricola, feita de accôrdo com o systema da mutualidade solidaria, como hoje o possue a Allemanha, graças aos esforços de Schulze-Delitzch, poderia remediar em bôa parte os males de que padece a nossa pequena e empobrecida lavoura.

Das uniões mutuas de Schulze-Delitzch regidas na Allemanha pela lei de 1.º de Maio de 1889 disse o sr. Leon d'Andrimont, deputado á Camara dos representantes da Belgica e presidente da federação dos Bancos populares d'esse paiz, que ellas tem exercido uma acção salutar sobre os costumes do povo, levando os modestos operarios ou agricultores á pratica da ordem nos seus negocios, á exactidão nos compromissos, ao espirito de previdencia; despertando o sentimento de fraternidade social, substituindo ao individualismo esteril uma fecunda solidariedade.

* * *

Graças á gestão economica das rendas publicas tem nos sido possivel accelerar enormemente o resgate da divida publica. Fieis ao programma, que nos traçamos, podemos certamente esperar que, libertado de compromissos, o Estado, que no presente se está enriquecendo com o pagamento de suas dividas, mais desassombradamente evolverá, utilisando em uteis e fecundos melhoramentos toda a sua renda.

Como sabeis tão apertadas eram as condições financeiras do Estado nos ultimos tempos da monarchia, que mal podia o Thezouro fazer face aos seus compromissos de cada dia, vasios os cofres, quando exigiam os credores o pagamento de grandes quantias, quando reclamavam os funccionarios os seus honorarios. Tal era o descredito, a que chegara, a antiga provincia, que debalde tentou-se levantar um emprestimo com que fosse consolidada a enorme divida fluctuante vexatoria, com que fossem remediadas muitas e urgentes necessidades, como a reparação dos edificios publicos, quasi todos em ruina.

De sorte que o primeiro cuidado do governo republicano, quando ainda não viera a federação trazer-nos essa abundancia em que estamos no presente vivendo, livres de tutela, emancipados da sujeição ao centro, foi obter recursos materiaes para encetar a vida nova, liquidando esses grandes e vergonhosos compromissos, que nos legara o passado regimen.

Foi assim que contrahio o Estado com o Banco da Lavoura e do Commercio do Brazil, aos 24 de Fevereiro de 1890, o emprestimo de 6.500:000$000 ao juro de 5 o/o. Pois bem: esse emprestimo cuja amortisação foi marcada em quotas annuaes de duzentos e dezesete apolices, de forma que toda a divida ficaria extincta no fim de 30 annos, ficará completamente liquidado dentro em curto praso.

Por acto de 17 de Julho do anno passado auctorisei o Thezouro a applicar 500 contos, por conta do saldo do exercicio em liquidação á amortisação d'essa divida; e a 17 de Agosto determinei novo resgate de apolices na importancia tambem de 500 contos. De modo que hoje está esse emprestimo reduzido a 2.432:000$000. A divida total do Estado que era no começo do exercicio de 1892 de 6.730:400$000 está hoje reduzida á 3.262:200$000, o que mostra uma diminuição de mais da metade em dois annos. E convirá lembrar que 1.000 contos do valor total do emprestimo foram cedidos á Intendencia da Capital, o que reduziria na realidade aquella divida a 2.262:200$.

Utilisando os saldos do exercicio corrente, conforme auctorisação contida em lei, por officio de 9 de Março ultimo, mandei que o Thezouro providenciasse para que até fim de Julho do anno corrente estejam resgatadas as apolices da divida do Estado de 6 o/o, cuja importancia total é de 722:800$000. Pareceu mais vantajosa essa operação, já porque são titulos que

vencem juro superior, já porque o resgate da divida para com o Banco só podendo fazer-se hoje por augmento da quota annual da amortisação na primeira quinzena de Novembro, marcada na clausula 6.ª do respectivo contracto para o sorteio ordinario, lucrarão os cofres publicos a economia dos juros do 2.º semestre das apolices, que vão ser resgatadas até 30 de Junho.

Devemos perseverar n'essa politica de honestidade, imitando o bello exemplo dos Estados-Unidos da America do Norte, que em menos de 30 annos reduziram a sua divida de 14 billiões de dollars a cerca de 7 billiões, utilisando proficuamente as suas fabulosas rendas de então, quando ninguem cuidava que no futuro seria licito falar na penuria do Thezouro de Washington, como nol-a pintaram, ha pouco, William Wilson, representante da Virginia, e Carlisle, secretario das finanças.

(7 de Abril de 1894).

IV

Sobre nós, como sabeis, directamente influe a situação critica e anormal, financeira e economica, que, ao presente, assoberba a Republica. De um lado aqui, como em todo o paiz, faz-se sentir a depressão cambial; e de outro lado, a União, para fazer face ás difficuldades do momento, busca no accrescentamento dos impostos, de anno para anno, novos augmentos de renda.

Podemos e devemos crer que gradualmente e naturalmente passará essa grande crise. A generalidade dos espiritos, uns guiados pelo criterio errado de observação inscientifica, outros com as suas theorias do providencialismo governamental, a grande panacéa dos modernos agitadores sociaes, dos homens que dirigem os negocios publicos esperam a decretação de medidas, que curem n'um relance grandes males inveterados. E de tal feitio está essa crendice vulgarisada que, nas proximidades do inicio do novo governo, quando devido a causas especiaes e puramente economicas, o cambio experimentou pequena alça, todo o mundo acreditou que estavamos entrando n'um periodo de franca prosperidade.

Sem duvida é a politica factor essencial nos negocios economicos do paiz; e de uma bôa ou má gestão das cousas publicas pódem originar-se vantagens reaes e desastres enormes sob o ponto de vista commercial e economico. Mas ha para regular o mundo economico relações certas e invariaveis, que o homem apenas póde modificar, attenuando os seus effeitos, nunca sendo possivel impedil-os em absoluto.

Ao que parece o actual governo influirá beneficamente na crise economica e financeira do paiz. Para que a sua acção se faça sentir de modo a produzir resultados vantajosos, será necessario, em primeiro lugar, que logremos ver restabelecida a paz interna; depois, que enveredemos perseverantes pelo caminho de

economias largas; e finalmente que seja mantido o proposito já manifesto de melhorar o nosso meio circulante, com a retirada do papel-moeda, operação felizmente já encetada.

Só aquellas providencias, e, ao lado d'ellas, a acção das leis naturaes, e o augmento certo da nossa producção, farão melhorar a nossa situação cambial.

Costumam os inimigos da Republica mover contra as novas instituições a sua campanha de odios, expondo-a como causa da actual crise, esquecidos de que na America e na Europa tantos paizes debatem-se em angustiosos apertos financeiros, sem que tivessem, para aggravar-lhes a crise, uma revolução politica.

Os que, á conta da Republica e exclusivamente das suas erradas gestões financeiras, levam os nossos apuros economicos, esquecem tambem que aos desacertos de hontem vieram accumular-se todas as deixas do imperio, que nunca teve um periodo de prosperidade real, que sempre viveu dos expedientes dos emprestimos externos ou internos, com que eram cobertos os *deficits* certos e invariaveis de todos os orçamentos.

Não ha nem houve nunca paiz, a braços com uma revolução politica radical e profunda, como a que nos tem vindo a transformar desde 15 de Novembro de 1889, que não tenha ido até á beira do abysmo da bancarrota. E na actualidade quantas nações não estão a braços com tremendas crises economicas e financeiras ?

Do nosso paiz dizia em recente estudo o sr. A. Moireau: «Quando o Brasil se desembaraçar da brutal guerra civil que ha mezes consome a sua energia vital, nada mais urgente se lhe ha de impôr do que a procura de uma solução aos problemas economicos estabelecidos pela revolução de 1889 e pelos desordenados movimentos politicos que se lhe seguiram: plethora da circulação fiduciaria, descredito do papel, baixa do cambio.»

E o notavel economista francez, que estudou a situação financeira da Hespanha, Italia, Portugal, Grecia, Republica Argentina e Brazil, appellidando-os—*paizes de finanças avariadas,* affirmou já que por mais lamentavel que seja a situação de um Estado, é possivel melhoral-a, e chegar mesmo a tornal-a bôa, seguindo, durante meia duzia ou mesmo uma duzia de annos, um regimen severo de economias.

«Assim é possivel aos paizes individados e onerados volver

á prosperidade. Convem notar, todavia, que é necessario para isso largo espaço de tempo : a Russia não teve necessidade de mais de 8 a 10 annos para ver transformada a sua difficil situação de 1880 a 1885 na situação florescente de 1893 a 1894. A' Hungria foram precisos 18 a 20 annos; 15 á Turquia, emfim, 15 tambem ao Egypto.»

Outro notavel publicista, apontando os erros financeiros que lançaram tantos paizes no regimen desastrado do papel-moeda e do curso forçado, emittiu estes conceitos sobre a nossa Patria: «O Brazil precipitou-se voluntariamente no regimen do papel: a situação privilegiada, que elle occupa no mundo, a importancia enorme das suas exportações, que fazem-no regularmente credor das nações extrangeiras ás quaes são vendidos o seu café e a sua borracha, permittir-lhe-iam ter na sua circulação interna o metal de que carece, si não fôra o erro da multiplicação do papel.»

A observação attenta e criteriosa dos factos, vistos á luz dos principios da sciencia, não póde induzir ninguem á crença fallaz de que seja licito esperar que de prompto possam medidas governamentaes, mesmo postas em pratica com a essencial perseverança, determinar a alça do cambio.

Discutindo a situação da União Americana, onde as aberrações politicas e economicas geraram a ruina das finanças federaes, substituindo ao regimen de grandes saldos o dos *deficits* orçamentarios, dizia um economista celebre : «A unica medida efficaz seria uma reducção do excesso da circulação fiduciaria. E' a abundancia da moeda de papel que expelle o ouro dos Estados-Unidos com essa continuidade manifesta ha mais de anno. Si a providencia da reducção da circulação do papel não fôr tomada, sejam quaes forem os inconvenientes que d'ella se derivem para o estado actual da crise, dentro em pouco tempo entrarão os americanos no regimen do agio do ouro. Pode o Thesouro, é certo, levantar um emprestimo de 250 milhões como fez em Fevereiro. Esses emprestimos accrescerão de 25 milhões o peso annual da divida, sem outro resultado que não seja deixar o Thesouro, oito mezes depois, no mesmo estado de penuria, e o paiz em face do mesmo problema terrivel do *deficit* orçamentario e da depreciação da moeda. O governo melhor faria levantando um grande emprestimo de 1750 milhões para reembolsar em ouro os 350 milhões de dollars de *greenbacks :* isso

importaria n'um augmento consideravel do serviço da divida publica, mas salvaria a situação.»

Hão de ser assim longos e escrabosos os caminhos por onde teremos que seguir para a reparação das nossas finanças. E as considerações aqui produzidas servirão para justificar as bases que, na conformidade da lei, ser-vos-ão presentes, para a elaboração do orçamento, que deve vigorar no exercicio vindouro de 1895 a 1896. Não ha porque contar com a diminuição da renda dos impostos, em grande parte feita pelo producto da exportação do nosso principal genero de commercio, a borracha.

Falando-vos esta linguagem longe estou de aceitar esse verdadeiro paradoxo economico, graças ao qual tanta gente se preoccupa com a nossa possivel ruina, quando a subida do cambio determinar a baixa do preço dos nossos productos. Aos que, contra a nossa prosperidade de hoje, argumentam com essa previsão de crise futura, deveriamos dizer-lhes, antes de tudo, que ás mesmas fluctuações de preço estão sujeitos todos os productos da nossa exportação, como o café, que varia naturalmente na rasão inversa das oscillações cambiaes. Assim se sobre nós pesasse essa ameaça, ella pesaria por igual sobre os Estados mais ricos da União Brazileira, ao lado dos quaes não é o Pará excepção, pela especialidade da sua producção.

Discutindo esse prejuizo economico, segundo o qual nós andariamos ás avessas de todo mundo, empobrecidos quando todos se enriquecem, arruinados quando os outros prosperam, em uma palavra, afortunados com a baixa do cambio e desgraçados com a sua subida, o eminente economista G. Levy, escreveu: «Trata-se do phenomeno bizarro, em virtude do qual a deterioração do cambio constitue uma protecção temporaria para aquelle que é a sua victima... Quem se limitasse á observação superficial dos factos, que nós acabamos de expôr com toda a sinceridade, seria tentado a concluir que o ideal de um paiz deve ser o possuir o cambio o mais depreciado, quer dizer a peor moeda possivel. Dessa sorte assegurar-se-ia um *minimum* de importação, um *maximum* de exportação, e um desenvolvimento intenso da industria nacional, ou mesmo da agricultura, por isso que o nosso raciocinio applica-se aos productos do solo como aos objectos fabricados. Não nos contentaremos com responder que o simples bom senso está indicando que tal não poderia ser, porque nin-

guem ha que não saiba ao certo que uma moeda deve ter seu pleno valor e por consequencia um curso estavel; porque os paizes que vivem no regimen de curso forçado ou que possuem um estalão monetario depreciado, desde que lhe permittem a sua situação interna e a politica geral, lidam por volver aos pagamentos em especies.»

O sr. E. Fournier de Flaix, conhecido escriptor e redactor do *Economiste Français,* em um estudo sobre o Estado do Pará, dado a publico n'aquella revista scientifica, diante da eloquencia dos dados estatisticos, pondo de manifesto o nosso engrandecimento crescente de anno para anno, acertou de concluir que os factos que se desenrolam no Rio de Janeiro e Estados proximos da Capital Federal e por isso sujeitos á sua acção, nem sempre repercutem nos Estados remotos, os quaes por si constituem verdadeiros centros independentes.

O balanço do exercicio financeiro de 1893-1894 acode ainda em confirmação d'aquelle juizo seguro. A receita do referido exercicio elevou-se ao total de 9.584:793$180 reis, discriminada do modo seguinte :

RENDA ORDINARIA

Direitos de exportação	7.887:096$711
Industrias e profissões	552:828$350
Despachos de embarcações	13:828$980
Transmissão de propriedade	350:556$700
Direitos de desembarque	164:641$731
Imposto predial	3:202$000
Imposto de sello	250:425$946
Terras publicas	19.868$881
Rendimento dos estabelecimentos do Estado	18:038$128
Cobrança da divida activa	70:378$815
	9.330:866$242

RENDA EXTRAORDINARIA

Indemnisações	68:837$250
Receita eventual	185:089$688
Total	9.584:793$180

A renda arrecadada nesse exercicio excede a de 1892 em 1.027:304$590 réis.

Tendo sido orçada em 6.769:278$000 a receita para o exercicio de 1893—1894 verificou-se que acima das previsões orçamentarias cresceu a renda realmente arrecadada na importancia de 2.815:515$180 reis.

A despeza para o mesmo exercicio, tendo sido computada em 7.648:670$373, elevou-se á cifra de 8.591:937$242 reis, havendo assim um excesso de 943:266$851. Em bôa parte o accrescimo da despeza provem do resgate que auctorisei, por acto de 9 de Março de 1894, das apolices de 6 %, de accôrdo com o artigo 19 da Lei Orçamentaria. Apezar desse augmento de despeza verificou-se um saldo de 992:855$956 reis na liquidação do exercicio de 1893-1894, saldo que reunido ao de 1.728:456$588, do exercicio anterior, perfaz o de reis 2.721:312$544, que passou para o exercicio corrente.

A divida passiva está ao presente reduzida a 2.322:400$000, de 7.112:800$900 que era em 1891, no inicio do governo constitucional do Estado.

Quando tantos beneficios moraes e materiaes, que tem feito crescer as despezas do Estado á somma avultada dos seus novos orçamentos, realisados uns e iniciados outros, não estivessem ahi para attestar as grandes e incontestaveis vantagens do novo regimen, que pela federação deu corpo e alma ás antigas Provincias, outr'ora depauperadas e anemicas sob a acção atrophiadora da centralisação monarchica, bastaria essa larga politica de probidade e de economia, representada pelo pagamento de mais de cinco mil contos de divida em tres annos, para satisfação intima das nossas consciencias, guiadas pelo desejo de bem servir a causa publica.

São muito interessantes os dados officiaes relativos á producção e rendas publicas, que estão consignados nos relatorios dos chefes da repartição de Fazenda do Estado, e aos quaes certamente consagrareis detida attenção. De um quadro inserto no relatorio do Administrador da Recebedoria vereis que o valor official da producção do Estado em 1883—1884 foi de reis 19.551:608$638, e de reis 40.680:319$970 no exercicio financeiro de 1893—1894. Os principaes productos de exportação foram, em quantidade, no primeiro periodo: borracha, 5.710.029; cacáo, 3.993.634; castanha, 84.833; couros, 936.199; cumarú,

61.115; grude de peixe, 26.188; pelles de veado, 66.134; e no segundo periodo : borracha, 8.048.921; cacáo, 3.379.184; castanha, 84.266; couros, 805.977; cumarú, 59.525; grude de peixe, 73.699; pelles de veado, 62.475.

O exame desses algarismos leva immediatamente á conclusão de que apenas accresceu, no decennio, a producção da borracha, sendo que o nosso unico producto de cultura, que constitue objecto de exportação, o cacáo, soffreu diminuição na quantidade.

Em dez annos a nossa agricultura desalentada e rotineira não deu um passo. Não é de hoje que neste Estado se clama a beneficio da lavoura, pedindo aos poderes publicos medidas, que sirvam de levantar a industria da cultura do nosso feracissimo sólo. E de parelhas com as solicitações a favor de providencias salvadoras para a agricultura estacionaria ou decrepita, anda sempre a grita contra a industria extractiva, que é a fonte principal, quasi unica, das nossas riquezas publicas.

Desde 1833 que o sr. Monteiro Baena, tão conhecedor dos homens e das cousas da nossa terra, lamentava a situação triste da agricultura. «Tal tem sido, dizia elle, e está sendo o estado da mais nobre e da mais util de todas as Artes, e que é a principal fonte da prosperidade publica. Que melancolico futuro se apresenta ao agricultor do Pará !» E entre as causas dessa triste situação mencionava já a «carencia extrema de braços serviçaes», estancada como estava a corrente de immigrantes negros, arrancados ao solo da Africa, para serem reduzidos ao captiveiro na livre America, e perdida a esperança do concurso dos indigenas porque «não havia nenhum systema effectivo de os civilisar.» E já por esse tempo o escriptor paraense condemnava as praticas rotineiras do agricultor, que «não sabia praticar outra economia rural nem empregar o arado e outros instrumentos rusticos, os quaes tem por certo a vantagem de pedirem poucos braços e de fazerem mais fertil o terreno onde o seu uso é constante.»

Em 1860 dizia o dr. Antonio Coelho de Sá e Albuquerque, Presidente do Pará, em seu Relatorio: «Hoje as rendas da provincia são prosperas por causa dos direitos sobre a seringa: mas si por alguma eventualidade o preço deste genero baixar, as rendas descerão e a provincia á falta de outros productos susceptiveis de imposição, ver-se-ha em apuros para satisfazer as suas necessidades.

«O café, o assucar, o urucú, a baunilha, o cravo e outros muitos productos que eram, uns cultivados, e outros apenas colhidos, vão quasi desapparecendo do mercado. Todas essas fontes copiosas de riqueza mais certas, mais compativeis com a educação e moralidade de um povo, se tem enfraquecido, e seccarão de todo, se medidas energicas não opposerem um dique a essa constante deserção que os povos fazem das explorações agricolas regulares e organisadas, para uma occupação de nomadas pobres e infelizes.»

Tres annos depois falava o sr. Araujo Brusque á Assembléa provincial n'estes termos: «Sob o peso da mais acanhada rotina, a Agricultura váe a passo lento caminhando pelas tortuosas veredas que o genio destruidor do homem lhe abre atravez das chammas, que consomem as soberbas florestas, que destroem, ora aqui, ora acolá, sem confiança no trabalho, porque a lavoura, que faz, é acanhada; sem esperança no futuro porque abandona e muda facilmente para outro genero de cultura, logo que sente qualquer abatimento no trato mercantil.»

Como vêdes está ha muitos annos denunciada a nossa decadencia agricola. Todos a uma voz clamam, de longa data, como o sr. Angelo Thomaz do Amaral, em 1861, quando presidia os destinos da antiga provincia, que é necessario «tirar a agricultura da rotina que a entorpece.»

Unanimes nas queixas e reclamos, desacordam quantos estudam os negocios publicos na eleição das medidas aconselhadas como necessarias e bastantes para fomentar as industrias e até creal-as.

Professando como professo os principios economicos, que marcam limites certos á acção do governo, e restringem o campo das funcções no Estado, deixando largamente aberto ao individuo, protegido pela lei, o terreno onde a liberdade e a concurrencia produzem a lucta do trabalho humano em busca do melhor, está claro, que em regra, penso que só é legitima a intervenção indirecta dos poderes publicos em casos taes.

Sei que no extrangeiro, na America, como na Europa, industriaes e agricultores ao governo exclusivamente pedem protecção contra as crises da producção, e das leis e regulamentos esperam os auxilios de que carecem os seus negocios em desalento. Basta recordar as campanhas do proteccionismo, defendido por Mac-Kinley, nos Estados-Unidos, e por Meline, em França,

chefes nas grandes luctas economicas, que concorreram para produzir verdadeiros desastres.

Aos que, no parlamento francez reclamavam como auxilio essencial o famoso direito de sete francos sobre o trigo, respondia-lhes Viger, então ministro—que não conhecia remedio governamental para os soffrimentos da Agricultura. E, no concurso regional de Lille, o ministro da Agricultura fazia o anno passado, o elogio da iniciativa individual, falando contra a tutela do Estado, nestes termos: «E' necessario juntar o tributo da nossa admiração pelas maravilhas realisadas pela iniciativa individual sob o regimen da liberdade. E por toda a parte onde o homem isolado não poude triumphar contra as difficuldades naturaes, foi ao principio fecundo da associação que elle recorreu, mas repellindo a tutela do Estado, e conservando cuidadosamente a idéa tutelar da propriedade individual, cujo estimulante produzio maravilhosos effeitos.»

Falando da cultura do cacáo, que póde na realidade constituir o genero principal da nossa producção agricola, mettido em competencia vantajosa nos mercados consumidores, escrevia, ha mais de um quarto de seculo, o sr. Ferreira Penna, nome tão ligado aos estudos paraenses: «Para isto bastava que os productores do Pará fossem menos rotineiros, menos indifferentes aos progressos da agricultura, em uma palavra, menos commodistas. Bastava que, sem se incommodarem, se cotisassem formando um capital de tres a quatro contos de réis para mandarem vir sementes ou mudas de Caracas, conhecerem o modo pratico da sua cultura n'aquelle paiz, e, applicando-a aqui, melhorarem os seus cacoáes. Por este meio, dentro de 6 annos, teriam não só collocado o seu genero em condições iguaes ao do mais estimado na Europa, e, por conseguinte, augmentado os lucros da sua industria, mas tambem resarcido as despezas que tivessem feito.»

Posto como está o problema, entendo que dentro da esphera de acção legitima, util e fecunda demarcada aos poderes publicos, muito é o que podeis fazer, decretando medidas que, ás mais das vezes, indirectamente servem de produzir resultados seguros e duradouros.

Não ha negar que entre as mais efficazes providencias figura a creação do ensino agricola, de que tratei na minha mensagem de 1892, solicitando-vos a fundação de uma Eschola agri-

cola e de Estações agronomicas, ao modo das que possuem os Estados-Unidos da America do Norte.

De perfeito accordo com o meu pensamento, vós que tão bem conheceis as necessidades publicas e que procuraes remedial-as, elaborastes a lei n. 53 de 27 de Agosto de 1892, auctorisando a fundação de uma eschola de agricultura e fazenda agricola.

Convindo que seja executada essa medida deve ser consignada a verba necessaria para tal fim. Nem ha de ser a primeira tentativa feita entre nós para realizar o pensamento de François Bernard quando disse que o clima, as qualidades do sólo, e o suor do trabalhador cessaram de ser os unicos factores do rendimento agricola; a sciencia do cultivador tornou-se o seu principal agente.

Podemos e devemos esperar que a nova eschola agricola tenha diante de si mais venturosos dias do que a eschola rural de D. Pedro II, fundada por louvaveis esforços do dr. Angelo Thomaz do Amaral em 1861, e condemnada pelo seu immediato successor, mezes depois, e nesta forma: «a simples distancia da mencionada eschola é bastante para demorar a innoculação dos beneficios de que possa ser susceptivel no seio da população, que pouco se interessa ainda pelo estudo de melhoramentos que importam alguns sacrificios de seus habitos, e que deixará por certo de frequentar aquelle estabelecimento, collocado no ponto em que se acha.»

No que diz respeito especialmente ao cacáo penso que é tempo de decretardes a isenção de imposto de exportação, que onera esse producto, ácerca do qual ministra o Relatorio do Administrador da Recebedoria proveitosos informes.

Estão hoje sumidos do mercado generos, que em outros tempos eram materia de bôa producção, como o algodão e o café, sendo que em relação a este ultimo é para notar que consoante resam as chronicas do paiz, teve o seu primitivo berço de cultura no Estado do Pará, para onde trouxera de Cayenna em 1727 o major Mello Palheta as primeiras sementes, só mais de 20 annos depois transplantadas para o Rio de Janeiro.

A beneficio da cultura da canna já o Congresso Republicano do Estado, votou a lei n. 83 de 14 de Fevereiro de 1893, concedendo garantias de juros até 6 % sobre o capital de oitocentos contos de réis, empregados na fundação de engenhos

centraes nos municipios de Obidos e Igarapé-miry. Tambem com caracter de medida francamente e directamente protectora da industria pastoril e agricola do Estado, foi promulgada a lei n. 99 de 22 de Março de 1893, concedendo premios aos fazendeiros.

Entre as medidas que eu acceito como males necessarios, está a que adoptou a lei n. 223 de 30 de Junho de 1894, que auctorisou o Governo a promover a introducção de extrangeiros, que pretendam estabelecer-se no Estado como agricultores ou industriaes, lei que está em começo de execução difficil, tratando-se de um serviço novo entre nós.

Essa lei veio dar solução provisoria ao problema, que eu, na minha mensagem de 1893, considerava o maximo entre os maiores, que desafiam a attenção de quantos sinceramente interessam-se pelo futuro d'esta terra; o povoamento do nosso immenso territorio, em sua quasi totalidade desaproveitado e inculto.

Permitti que, explicando e justificando o meu pensamento tocante a este ramo de serviço, para aqui traslade o que escrevi em 1893 : «E se a falta de braços é a principal das causas productoras de tamanho desalento, cumpre-nos tratar de removel-a creando por conta do Estado o serviço de colonisação e favorecendo por modo efficaz a introducção de trabalhadores extrangeiros, especialmente destinados ao serviço da lavoura.

«Bem sei que a melhor maneira de fazer que floresçam a agricultura, a industria, as artes e o commercio, é deixal-as entregues ao seu livre e desassombrado desenvolvimento, poupando-as de um auxilio, que se traduza por uma intervenção, uma tutella, uma protecção, que, as mais das vezes se converte em obstaculos, em tyrannia e entraves. O melhor subsidio, aconselha Garnier, deve dal-o o Governo pelo exercicio aperfeiçoado da sua funcção natural e principal, pela producção da segurança, pela garantia da justiça, da propriedade, da ordem, da liberdade; pela suppressão dos abusos e dos obices, pela diminuição dos impostos ou melhoria do seu lançamento. Nos paizes como o nosso, porém, onde é nulla a iniciativa individual, onde não existe o espirito de associação, fonte creadora de grandes forças de producção de riqueza, e principalmente no Estado do Pará, onde não está concentrado o capital, de si escasso, distribuido em pequenas fortunas, é quasi um mal necessario tomarem os poderes publicos a si o desenvolver e crear mananciaes de bens economicos.»

Como não ignoraes em relação á immigração tudo aqui está por fazer. Nós temos que começar a obra alicerceando-a desde a pedra fundamental.

Dos muitos milhares de contos, que durante tantos annos o Governo central tem gasto nesse serviço, até nós nunca chegou o menor esforço nem o minimo ceitil.

E ainda hoje a grande verba escripturada no orçamento da despeza da União sob a rubrica — Immigração — é toda ella despendida a beneficio dos Estados do Sul. Contra o Pará moveu-se essa campanha de descredito, graças á qual passou em julgado, em opposição ao depoimento eloquente dos factos e de tantos homens de saber, que não se compadece com a ingratidão do nosso clima ardente a tentativa de encaminhar gentes europeas ou asiaticas para estas paragens.

Dóe ouvir esses injustos conceitos sobre as nossas condições de salubridade e de clima, até no Senado da Republica. E mais doloroso ainda é pedir a extrangeiros argumentos de defeza para rebater essa corrente de descredito com que, por ventura inconscientemente, conspira-se a nossa ruina. Para não falar em Bates, em Agassiz, em Wallace, em H. Smith, que todos disseram tantas verdades ácerca da benignidade do nosso clima e dos grandes elementos de riqueza desta zona, basta-me citar, porque é de data recentissima, a opinião de um escriptor de nota, o sr. E. Fournier de Flaix, o qual referio-se nestes termos ao nosso Estado :

« O Pará é um dos Estados da União mais bem situados e destinados ao mais bello futuro. Graças á massa das aguas do Amazonas e dos rios que lhe são tributarios, dos multiplos canaes naturaes que ligam ao rio principal os seus numerosos affluentes, o clima do Estado do Pará póde ser supportado pelos europeus. E' o que levava A. de Humboldt a predizer que dentro em alguns seculos, o centro da civilisação seria necessariamente transferido para esta parte do rio Amazonas. Embora pertença aos paizes tropicaes, o Pará, graças ao Amazonas e ao Oceano, aos ventos alisios, não é realmente submettido ás condições ordinarias dos paizes tropicaes..... Mas si o clima é relativamente temperado, a natureza é inteiramente tropical. O sólo, de extraordinaria fertilidade, nos valles dos mesmos affluentes do Amazonas, é coberto, mesmo nas serras, de todos os grandes vegetaes da zona equinoxial..... Lá hão de derramar-se mais tarde

os excessos de população dos nossos territorios exiguos e relativamente bem ingratos da Europa.»

Tenho fé no futuro do Estado quando, passada a phase inicial, que reclama, por indispensavel a intervenção dos poderes publicos no serviço da immigração extrangeira, expontaneamente acudirem em busca de remuneração para o seu trabalho as grandes sobras de braços, que estão gerando a crise social do velho mundo, exgottado e atravancado, retalhado por tantos odios de classes, dividido por tantas rivalidades internacionaes.

Como complemento necessario de um bom serviço de immigração está a medida já decretada da navegação directa dos portos do mediterraneo para esta Capital, a qual ainda não está posta em execução porque, tendo sido resolvido que essa navegação fosse extendida até Manáos, aguardo a decisão definitiva do Governo d'aquelle Estado, de quem solicitei modificação na lei, que lá instituiu semelhante serviço.

Bem sei que além de braços a agricultura desanimada pediria capitaes; que para produzir a riqueza é necessaria a riqueza.

Quanto ao capital, tive occasião de vol-o dizer o anno passado, fructo do trabalho e da economia, ha de expontaneamente desenvolver-se entre nós, si continuarmos a viver annos de paz e de socego, sob o regimen das leis garantidoras da vida e da propriedade de todos. Do extrangeiro affluirão igualmente os capitaes desoccupados quando o conhecimento exacto das nossas riquezas, ministrado por uma propaganda effectiva e intelligente deixar patente que aqui encontrarão os capitalistas remuneração sobeja.

Estudando o mercado financeiro em 1894 o sr. A. Raffalovich escreveu em Janeiro ultimo :

«Entre os factos de ordem geral que dominam o anno, é necessario collocar em primeira linha a abundancia e a barateza extrema dos capitaes. Nunca os descontos e os adiantamentos foram obtidos a taxas tão reduzidas; nunca foi mais difficil encontrar emprego remunerador para capitaes, que demandam occupação temporaria, e isso tanto em Londres como em Paris, em Berlim, como em New-York. Nos grandes bancos europeus subiram a proporções, até então nunca vistas, os depositos metallicos; os bancos de França e da Inglaterra estão a regorgitar de ouro.»

A organisação do credito agricola, melhor do que o Governo, póde dal-a a cooperação expontanea das forças proprias

dos individuos, consolidadas e accrescidas pelo laço da associação em syndicatos, beneficas instituições, que por toda a parte, no velho e novo mundo, tem dado resultados assombrosos. Só em França ha hoje 300 syndicatos agricolas. Dez annos antes, em 1884, apenas 5 dessas aggremiações eram conhecidas naquelle paiz.

Fazendo o elogio desse genero utilissimo de associações escreveu o sr. Chucheval Clarigny em fins do anno passado:

«Nunca poder-se-ia applaudil-o assaz (refere-se ao movimento syndical) porque é uma obra expontanea, exclusivamente filha da iniciativa privada, fóra de toda acção e de toda ingerencia administrativa. Ella veio preencher uma lacuna de que ninguem já terá que preoccupar-se; ella deu á agricultura uma representação officiosa, porém mais independente, mais completa e mais fiel do que seria permittido esperar de todos os projectos emanados das secretarias ministeriaes.»

Ao muito que sob o ponto de vista dos serviços materiaes, tem de util os syndicatos de agricultores, convem sempre accrescentar os grandes beneficios moraes, que de taes instituições colhe a agricultura.

Falando da França diz o mesmo publicista, cujas palavras acabei de citar :

«Nunca poder-se-ia, sob o ponto de vista social, exaggerar a importancia do estabelecimento e da diffusão do credito agricola : effectivamente só por elle o cultivador logrará emancipar-se das difficuldades contra as quaes vive hoje a debater-se, e conquistará a independencia completa, na certeza de que com a ordem e a economia ha de chegar á prosperidade. Mas de que serviria o credito agricola si préviamente o ensino mutuo dos syndicatos não houvesse derramado as noções praticas necessarias ao cultivador para que este saiba tirar partido dos novos recursos postos á sua disposição ?»

Tambem é digna da maior attenção neste Estado a industria pastoril, que tão bons elementos possue para desenvolver-se e enriquecer-se, dando-nos recursos abundantes. O problema da alimentação publica entre nós ainda não está resolvido, porque até agora não está garantido o sufficiente fornecimento de carnes verdes ao nosso mercado, cujo consumo tanto tem crescido.

Ainda hoje continuo a pensar como em 1893, quando, tratando deste assumpto, dizia que tenho por seguro, consoante

os ensinamentos da sciencia, que a liberdade é a grande força propulsora do progresso de todas as industrias, e que a barateza da vida cresce na proporção que diminuem os vexames e os embaraços creados pela lei ao funccionamento dos agentes naturaes da producção.

A quem examina os algarismos da nossa receita logo se lhe depara que vivemos em condições especiaes, porventura unicas no mundo, tendo como fonte principal de rendas os impostos de exportação, entre os quaes avultão os direitos sobre borracha.

Sei eu, como vós todos o sabeis, que economicamente é, em regra, excepcional o imposto sobre a exportação. E foi rendendo homenagem aos principios acceitos pela universalidade dos espiritos, e praticado por todas as nações, que o projecto de Constituição Federal redigido pelo Governo Provisorio da Republica, dispunha que taes impostos, dados aos Estados como recurso temporario, deveriam cessar em curto praso marcado. Bem avisado andou o Congresso Constituinte deixando aos Estados autonomos, no uso de faculdades inamissiveis, que derivam da federação, a responsabilidade de acautelar o seu futuro, vivendo com os meios hauridos onde melhor fonte haja, a juizo de cada um.

Felizes os Estados que, como o Pará, podem pedir á sua exportação auxilios para viver, quando, perdida aquella fonte de receita, seria triste contigencia ter de crear novas fontes de receita, medida sempre antipathica e sobretudo grandemente impolitica sob o imperio de circumstancias especiaes, como as que sobre nós estão pesando nesta phase inicial do governo republicano.

Não é facil, como póde parecer, transformar o regimen fiscal de um Estado. Antes materia é para ser muito ponderada qualquer tentativa de reforma de impostos. Tenho vezes diversas chamado para esse ponto a vossa reflexão. Quanto a mim tenho por seguro que não nos é permittido entrar nesse caminho, fechando os cofres á renda provinda dos impostos sobre a borracha.

Em situação melhor do que os Estados productores do café, os que contam como materia principal da sua producção a borracha, podem, com segurança e sem erro, continuar a tirar vantagem dessa rara bôa fortuna excepcional.

Sem querer dizer que a borracha é substancia taxavel sem mizericordia e sem mercê, penso que em nada soffrerá a sua producção nem o seu commercio com o actual imposto que a onera, e que é igual ao que já pagava antes do novo regimen e inferior ao que era cobrado antes de 1889.

Até agora podemos affirmar que os poderes publicos do Estado não crearam no Pará um real de novas imposições.

Contra nós, não póde o contribuinte articular a minima queixa. Nem directa nem indirectamente accrescentamos os encargos fiscaes dos cidadãos. Antes ha exemplos de d...ição de taxas. E mais de uma vez nessa lucta de competencia em materia de taxas, que tem collocado em face do contribuinte os dois agentes fiscaes da União e do Estado, nós temos, em regra, para poupar vexames, deixado livre o terreno á acção do fisco federal.

Aos que reclamam a isenção dos impostos de borracha, guiados pelo principio geral da sciencia economica, nós diriamos com um dos mestres desta materia:

«Quando uma nação possue grandes vantagens para a producção de certos generos, sobretudo de productos naturaes, cuja quantidade é limitada, como succede com os mineraes, em regra geral ella faz bem estabelecendo um direito na exportação dos productos. Este direito é pago na maior parte pelo extrangeiro; d'ahi o alliviar de todo o seu peso o imposto que deve ser pedido aos contribuintes nacionaes.»

Melhor que o café nos Estados do Sul do Brazil; o guano e o nitrato, no Perú; o opio, na India; o chá, na China; o enxofre, na Italia; a borracha constitue para os Estados da Amazonia verdadeiro monopolio, sem competidor no mercado, dada mais a circumstancia de augmentarem e multiplicarem-se, dia a dia, as suas applicações industriaes.

Não é licito prever a entrada no mercado de materias analogas ou succedaneas.

O Perú, por exemplo, si sobre o guano ou sobre o nitrato lançasse taxas exhorbitantes poderia ver a Bolivia entrar no mercado universal como productora de nitrato. Com o mesmo Estado competiria o Egypto onde, segundo lí, existe o guano.

Ainda assim si não desacertamos mantendo as nossas taxas de borracha, andariamos certamente errados elevando-as sem necessidade aliás manifesta, com risco de prejudicar o futuro.

Sobre este assumpto a verdade está nestas palavras do sr. P. Leroy-Beaulieu:

«As taxas de exportação, em principio, são más, ao menos quando ellas caem sobre mercadorias para cuja producção o paiz não tem vantagem pronunciada sobre os demais, uma sorte de monopolio natural. A não ser neste ultimo caso, os direitos de exportação impedem a agricultura ou a industria indigenas de attingirem a todo o desenvolvimento de que seriam susceptiveis e de rasgarem diante de si largos escoadouros para os mercados do exterior. Assim si a Italia supprimisse o direito sobre a exportação dos vinhos a producção deste genero cresceria na Peninsula; o paiz veria augmentadas as suas fontes de riqueza. O mesmo não é quando se trata de um paiz que tem uma vantagem natural incontestavel e sobretudo um verdadeiro monopolio para a producção de certas mercadorias; então os direitos de exportação, uma vez que sejam bem entendidos e moderados, podem ser de uma bôa economia politica.»

Falando assim, e escudando o meu modo de ver nas licções de homens competentes, quero apenas significar que não ha por que rebellarmo-nos contra o nosso actual systema de imposições que é defeituoso como o são todos. Só com o tempo, lentamente e racionalmente, poderemos ir creando nossas fontes de receita, fugindo dos perigos sérios de uma transformação brusca e radical, que seria um erro dispensavel.

Falando dos impostos da França disse o sr. René Stourm:

«Sem contradição o regimen francez offerece um aspecto muito pouco symetrico. Composto de elementos heterogeneos, feito de varias peças e pedaços, incessantemente retocado, reparado, alargado pelos governos os mais contradictorios, falta-lhe unidade apparente. Mas por isso mesmo, tanto quanto possivel, elle adapta-se ás diversas formas da nação sobre as quaes foi moldado, e fica assim preferivel aos talhos rigidos e correctos dos projectos feitos de uma só peça, que se lhe queriam substituir.»

E o mesmo auctor premune os espiritos sensatos contra os que se obstinão em proclamar, em opposição a verdades de ordem universal, verdades de ordem contingente, traçando sobre o papel planos, que declaram intrinsecamente admiraveis, sem querer levar em conta o meio em que hão de elles ser executados, considerando em uma palavra como dogma o que não é senão combinação, sciencia o que não é senão arte.

A França é actualmente o campo mais batido e mais explorado pelos agitadores economicos e pelos reformadores de systemas fiscaes.

Por isso o sr. Emmanuel Besson, discutindo os trabalhos da commissão extra-parlamentar do imposto sobre as rendas, nomeada o anno passado, poude dizer:

«Si todo o mundo está de accordo sobre a necessidade de retocar o nosso systema de impostos, simplificando-lhe as rodagens e fazendo nelle penetrar mais largamente as idéas de justiça e de solidariedade, a unanimidade cessa desde que começa-se a tratar da natureza dos melhoramentos a realizar. Traz cada um a sua formula; propõe cada qual a sua panacéa. Convirá fazer taboa raza das imposições existentes e forjar em todas as suas peças, sobre novo plano e com materiaes inteiramente novos, um systema ideal, englobando n'uma vasta synthese o conjuncto das faculdades contributivas de cada cidadão? Não seria preferivel conservar o quadro das instituições actuaes, retocando-as apenas no que ellas tem de mais antiquado? Acceita a idéa de uma reconstrucção integral, que base dar-se-á a este imposto do futuro? Será lançado sobre o capital ou sobre a renda?»

Desde 1891, quando foi publicada a lei organica municipal, ficou lançada a idéa, cuja realisação é necessaria, de ser feita a discriminação dos impostos estaduaes e municipaes. Comprehende todo o mundo as vantagens de ficarem clara e categoricamente assignaladas as raias precisas, que digam até onde póde ir a auctoridade fiscal do municipio, onde começa a acção arrecadadora do Estado.

A solução deste problema continua ainda hoje embaraçada pela União, que sobre mais de um ponto de materia fiscal tem entrado em competencia comnosco. Sobre tal assumpto tenho a dizer-vos hoje, como na minha mensagem do anno passado, que ainda não parece opportuno operar a completa discriminação de impostos estaduaes e municipaes.

Questão essencial para que possa com segurança ser iniciada aquella tarefa, é fecharmos as nossas luctas com a União, por lei do Congresso Federal, que venha completar as disposições constitucionaes relativas á discriminação de rendas.

Para que avalieis como ainda estão vagos e incertos os limites das faculdades conquistadas pelos Estados, graças á transformação politica do paiz, basta dizer que, até hoje, ainda não

foi cumprido o preceito claro e expresso da Constituição, que manda considerar como estaduaes todos os proprios nacionaes desnecessarios para o serviço da União.

Outra questão que desde 1891 tem dividido as opiniões é a das terras publicas, que muitos entendiam deverem constituir propriedade da União, não obstante o texto clarissimo da Constituição, que deu aos Estados o dominio sobre os seus territorios.

Só agora o Governo Federal, que tantas vezes entrou em competencia com os Estados sobre posses de terras, proclamou a verdadeira doutrina, dizendo o actual ministro do Interior, em aviso ao Governador de Alagôas, que «em face da organisação politica da Republica, já não é possivel o recurso instituido pelos arts. 47 e 52 do Regulamento de 1854, não só porque o art. 64 da Constituição assegurou aos Estados o dominio das terras devolutas, cabendo-lhes, portanto, estabelecer livremente as respectivas leis, como tambem porque a continuação de tal recurso, que seria para o Governo da União, repugna, nas alludidas condições do dominio estadual exclusivo, á fórma federativa do Governo da Republica, visto que importaria em indebita intervenção em negocio peculiar aos Estados, terminantemente vedada pelo art. 6.º da mesma Constituição.»

Essa era entre nós a doutrina aceita e praticada pelo Governo desde 1891, anno em que, usando de attribuições que excepcionalmente me conferira o Congresso Constituinte, promulguei o Decreto n. 410 de 8 de Outubro, regulando a alienação de terras devolutas situadas dentro dos limites do Estado do Pará, e dando regras para a rivalidação de sesmarias e outras concessões do Governo e para a legitimação de posses mansas e pacificas.

Sobre o imposto de sello sabeis igualmente que temos pendencia com as auctoridades federaes.

As pretensões, que tenho por indebitas, levantadas pelos poderes federaes, graças ao modo de interpretar o art. 9.º § 1.º n. 1 da Constituição, valeram-nos ainda no ultimo exercicio financeiro uma diminuição da renda do imposto do sello superior a 300 contos, diminuição que resultou do Decreto de 9 de Junho de 1893, alterando varias disposições do Regulamento de 11 de Julho de 1891, suspendendo provisoriamente a cobrança do sello estadual nos actos que foram taxados pelo Decreto Fe-

deral n. 1264 de 11 de Fevereiro d'aquelle anno, manifestamente lesivo dos direitos do Estado.

Tambem tivemos que ver sem incremento maior a nossa renda provinda dos impostos sobre transmissão de propriedade, prejudicada por entender a União que o direito sobre transmissão de propriedade de embarcações não pertence aos Estados, por uma raciocinação injuridica e inadmissivel.

Ainda em data recente nova contestação surgiu aqui me materia de imposto. Como sabeis os direitos de desembarque, actualmente cobrados em virtude da lei n. 1384 de 1.º de Outubro de 1889, ha longos annos foram estabelecidos no Pará. Esses direitos deram ao fisco no ultimo anno financeiro a renda de 164:641$731.

Trouxe ao meu conhecimento o sr. Administrador da Recebedoria que fôra-lhe intimado um despacho do Juiz Seccional n'este Estado, admittindo um protesto contra o pagamento d'esse imposto.

O art. 7 ns. 1 e 2 da Constituição Federal de modo algum póde induzir a considerar vedada ao Estado a faculdade de impor taxas ás mercadorias importadas de outros Estados da União. E quando esse modo de entender a lei fundamental da Republica carecesse de consagração solemne da autoridade mais competente, ahi estava o luminoso Accordão do Supremo Tribunal Federal, que declarou inconstitucional o imposto de estatistica do Estado da Bahia por incidir sobre mercadorias de origem estrangeira, de cujos considerandos decorre manifesta a competencia, que aos Estados assiste, para lançar impostos sobre generos vindos do interior.

Nem por entender que são perfeitamente constitucionaes semelhantes impostos, deixo de consideral-os errados, impoliticos e até impatrioticos.

Tratando d'esta materia na minha ultima mensagem e condemnando por anti-economica a idéa de fazer do imposto, em lugar de simples meio de constituir as receitas do Thesouro, armadura que proteja a industria indigena, não já contra a concorrencia estrangeira, mas nacional, eu deixei escriptas estas palavras : «Seria curioso que quando, guiadas pela luz da experiencia, as nações da Europa estão voltando á politica dos tratados de commercio, como a Allemanha, fossemos nós, por espirito de céga imitação, seguir a rotina, adoptando o regimen

proteccionista, que si é desacertado quando se traduz n'essa lucta internacional das Alfandegas, mais errado seria creando barreira ás permutas dos generos de producção, de Estado para Estado, dentro da mesma Nação.»

E que dizer dos municipios, apertados na cinta de ferro do imposto, que em tantos casos embaraça o giro commercial dos productos, encarecendo a vida; e figura como verdadeiro freio preventivo do desenvolvimento da industria agricola? Deu a lei organica faculdades aos governos municipaes para crearem fontes de renda essencial á vida autonoma, que lhes asseguraram a Constituição Federal e a do Estado. E essa outorga de competencia, no que diz respeito ao imposto, é uma necessidade natural. Mas a mesma lei instituio as limitações essenciaes para que, no uso de taes faculdades, não sejam violadas as leis da União e do Estado, nem feridos os interesses sérios e respeitaveis das classes productoras e consumidôras.

Até generos de primeira necessidade figuram nas listas municipaes para a cobrança de impostos. Nunca se ha de clamar assaz contra essa pratica detestavel, que é mais do que um erro economico, é um erro moral. Em todos os tempos e em toda parte os impostos tem sido a fonte dos grandes clamores populares contra os governos. Não ha movimento revolucionario na historia que não tenha explodido tendo por faulha electrica a taxa, que accende os odios e gera a revolta nos espiritos.

Contra as imposições de mercadorias reputadas de primeira necessidade, pregam todos os que podem ver direito as cousas sociaes e os legitimos interesses da Humanidade.

Taes impostos são com razão olhados como taxas de capitação progressivas ás avessas; direitos progressivos sobre a miseria, como já foi dito.

Uma por uma, as nações mais cultas do Occidente tem obedecido á corrente da opinião agitada por doutrinarios e verdadeiros apostolos do bem, indo, de reforma em reforma, até ao completo repudio dos impostos sobre os generos de primeira necessidade. Entre nós, certamente a campanha memoravel de um Cobden contra o codigo da fome perderia em intensidade e alcance; mas ainda assim felizes seremos si pudermos dizer um dia, como o ministro das finanças em França, logo depois dos infortunios de 1870: «O nosso systema consistio em não pôr um unico direito sobre a alimentação do homem, procedendo de

sorte que seja-lhe permittido encontrar as cousas indispensaveis á sua nutrição, o pão, a carne, o sal sem nenhum augmento de preço devido ao imposto.»

Emquanto não estiver feita definitivamente a discriminação das rendas do Estado e dos Municipios convirá que estes abstenham-se de lançar direitos sobre generos alimenticios, que entram nos respectivos territorios para consumo.

«O estabelecimento de um bom systema de taxas locaes, discorre notavel professor de finanças, é em todos os paizes um problema difficil. Poucas nações pódem orgulhar-se de tel-o resolvido com felicidade : em França são universalmente conhecidos os inconvenientes dos *octrois,* muitas vezes mesmo exagerados; na Inglaterra a propriedade succumbe por vezes sob o peso de taxas directas locaes mal lançadas; e a reforma dos impostos locaes é uma das questões que na actualidade mais occupam o espirito dos inglezes. Sabe-se quanto é absurdo o imposto sobre o capital que percebem muitos Estados e muitas cidades da grande União Americana.»

Sei que na França e na Inglaterra só ás taxas directas pedem os departamentos e os condados meios de subsistencia. Mas em França taes impostos figuram como addicionaes das quatro contribuições directas percebidas pelo governo central, systema sem duvida de excellentes vantagens. Tratando-se dos nossos municipios, que a Constituição e as leis proclamaram autonomos, não é licito fazer cousa differente do que nós temos feito até aqui. Já elles têm a competencia privativa de arrecadar taxas sobre o valor locativo dos predios; e sobre industrias e profissões têm essa faculdade cumulativamente com o Estado. Como a organisação que entre nós foi dada ao Estado, só poderá ser seguido o systema anglo-americano de taxas distinctas e independentes.

No actual momento historico, não é permittido aceitar como solução do problema a idéa de conceder aos municipios attribuição exclusiva de impôr taxas directas, porque si Thiers poude dizer, embora com exagero, que o imposto indirecto é o imposto dos paizes adiantados em civilisação, emquanto que o imposto directo é o dos paizes ainda barbaros, o mesmo estadista enunciou estas incontestaveis verdades : «Em todos os paizes bem

constituidos, é necessario de uma parte o imposto directo e da outra o indirecto. E' preciso, de um lado, o imposto directo por causa da sua solidez, que lhe permitte resistir em tempo de guerra; e, de outro lado, o imposto indirecto, porque, sob a influencia do sol da paz, permittí-me a expressão, elle expande-se e cresce.»

(7 de Abril de 1895)

V

«A' regeneração politica deverá seguir-se a regeneração economica.» Estas palavras ditas por Victor Emmanuel, fundador do novo reino da Italia, vejo-as memoradas pela commissão de orçamento da Camara dos Deputados federaes, em cujo conceito a realisação d'aquelle programma impõe-se, como dever imperioso, a todos os republicanos.

E da Italia, disse publicista notavel, que ella tinha logrado em 15 annos realisar a obra da sua unidade nacional e da sua rehabilitação economica, elevando-se á altura das grandes potencias, ainda que mais tarde, tamanha era a crise politica e financeira desse paiz que o presidente do conselho dos ministros pedia aos partidos a tregua de Deus para a salvação da Patria.

Embora reconhecendo os perigos da situação actual da Republica, quando «afflige-a uma circulação superabundante e nimiamente depreciada, que tende a augmentar o preço de todos os productos da industria, o custo da vida, o preço do trabalho, o preço das rendas, creando uma balança de commercio desfavoravel, porque diminue a exportação e attrahe uma somma maior de importação.» (Projecto de orçamento da receita geral da Republica), os membros daquella commissão da Camara, com fundamento, confessam a convicção certa de que «as difficuldades, que nos assoberbam serão superadas, e de que, em futuro não remoto, terão melhorado de muito as condições de existencia de todas as classes.»

Desta mesma segura esperança faz confissão o actual ministro da fazenda da Republica, em seu Relatorio do anno que findou, em cuja opinião havemos de conseguir o restabelecimento geral da confiança em nosso credito e a completa restauração de nossas finanças.

Não escaparam aliás a esse funccionario as difficuldades sérias da situação actual do paiz : «Sei perfeitamente que não se

concertam em um dia as desordens provenientes de erros longamente accumulados, e que só com um esforço paciente e pertinaz havemos de chegar ao fim ambicionado.»

Mais felizes do que a União, a mór parte dos Estados competem em riqueza e prosperidade, para depôr a beneficio do actual regimen, que á farta deu a todos seiva e vigor, quebrados que foram os nós apertados da centralisação monarchica.

Do Pará podemos dizer, que se a ex-Provincia, entroncada á Côrte, debil, anemisada e côxa, era o deficit com todos os seus maleficios, o actual Estado, autonomo, livre, forte e integro é o saldo com todos os seus beneficios.

A ser rigorosamente exacta a reciproca do conhecido aphorismo de celeberrimo financeiro, considerado como o fundador do credito publico em França, da prosperidade das nossas finanças é licito concluir a excellencia da politica seguida entre nós, sob a Republica.

Por via de regra, as previsões da receita tem ficado todos os annos abaixo da realidade. Orçada a renda para o exercicio de 1892 em 5.442:988$000, recebeu o thesouro realmente 8.557:488$590. Em 1893-1894 a receita orçada era de reis 6.769:278$000, e a arrecadada foi de 9.584:793$180. Para o exercicio de 1894-1895, computadas as rendas publicas na cifra de 8.590:208$000, entraram para os cofres publicos 10.191:899$954 reis.

E do anno financeiro corrente, auctorisam dados colhidos no primeiro semestre já vencido, a concluir que a renda orçada será excedida pela arrecadada em quantia superior a 2.000 contos de reis, o que permitte prever um saldo de mais de mil contos.

Regras certas e infalliveis não as ha para taes calculos de receitas, onde ha sempre muito de eventual, principalmente em paizes novos e em via de crescimento. Erros desses, na avaliação de rendas, apontam-se, maiores ou menores, nos orçamentos de todos os Estados.

«Se a previsão das despezas, asserta P. Boiteau, não traz, senão excepcionalmente difficuldades, é mais delicado avaliar as receitas. Votado o orçamento das despezas com extremo rigor, elle executar-se-ia sem modificações; mas das receitas não somos senhores; seguem ellas, sem duvida, no seu todo progressão co-

nhecida, porém segundo os annos, podem ir se elevando ou deprimindo.»

Entre o expediente das avaliações exaggeradas para mais, dando lugar aos augmentos dos creditos primitivos e trazendo os riscos dos deficits, e o das computações muito fracas, fazendo crer em saldos illimitados, e gerando a mania dos creditos addicionaes, que a seu turno produz o embaraço dos orçamentos, o mal é, pouco mais ou menos, o mesmo. Assim pensa eminente financeiro.

Mas, tenho por preferivel que a errar, erremos como até agora: que as nossas previsões orçamentarias sejam desmentidas por saldos de receitas, saldos que tem tido o mais acertado e mais moralisador dos destinos, no pagamento da divida contrahida pelo Estado para salvação do seu credito, tão compromettido pelos erros politicos e economicos do imperio.

A renda ordinaria do exercicio de 1894-1895, no valor de 10.084:745$656 é assim decomposta:

Direito de exportação	8.306:568$673
Imposto de industria e profissão	757:739$775
Imposto de transmissão de propriedade	410:980$333
Imposto do sello	359:122$752
Direitos de desembarque	163:846$459
Divida activa	33:007$266
Rendimentos dos estabelecimentos publicos	19:286$476
Despachos de embarcação	15:929$340
Venda, emolumentos, e laudemios de terras	14:924$582
Imposto predial	3:332$000

Como todos os Estados de grande renda da União brasileira, vê-se que a exportação constitue a maior fonte da nossa receita. E verifica-se como foi acertada e previdente a resolução do Congresso Constituinte, eliminando do projecto primitivo da Constituição federal essa disposição, que mandava cessar de todo em 1898, ou antes, si o Congresso assim deliberasse, os direitos de exportação.

Sobre este assumpio redirei as palavras escriptas na minha ultima mensagem:

«Felizes os Estados, que, como o Pará, podem pedir á sua exportação auxilios para viver, quando, perdida aquella fonte de receita, seria triste contingencia ter de crear novas fontes de renda, medida sempre antipathica e sobretudo grandemente impolitica sob o imperio de circumnstancias especiaes, como as que sobre nós estão pesando nesta phase inicial do governo republicano.

Não é facil, como póde parecer, transformar o regimen fiscal de um Estado. Antes materia é para ser muito ponderada qualquer tentativa de reforma de impostos. Tenho vezes diversas chamado para esse ponto a vossa reflexão. Quanto a mim tenho por seguro que não nos é permettido entrar nesse caminho, fechando os cofres á renda provinda dos impostos sobre a borracha.

Em situação melhor do que os Estados productores do café, os que contam, como materia principal da sua producção, a borracha, podem, com segurança e sem erro, continuar a tirar vantagem dessa rara bôa fortuna excepcional.

Sem querer dizer que a borracha é substancia taxavel sem mizericordia e sem mercê, penso que em nada soffrerá a sua producção nem o seu commercio com o actual imposto que a onera, e que é igual ao que já pagava antes do novo regimen e inferior ao que era cobrado antes de 1889».

Em materia de impostos, são mais para temer as innovações do que a chamada rotina. E já o barão Luiz dizia a Luiz XVIII que com sapatos velhos a gente anda sempre melhor, sustentando que impostos, mesmo defeituosos, mas antigos, acceitos e pagos sem repugnancia, são preferiveis a outros que poderiam ser-lhes substituidos com proveito. Ainda ha pouco, o notavel sociologo e philosopho Pierre Laffitte, condemnando o monomania das reformas, fallava dessa pretensão dos financeiros que andam á cata da quadratura do circulo, o chamado imposto justo.

O que vale essa tarefa de busca e rebusca de impostos novos, que o digam as commissões de fazenda do Congresso federal sempre em luta para chegar á realidade dessa eterna aspiração de todos os tempos, o equilibrio orçamentario, que parece verdadeiro limite mathematico. para o qual tendem os esforços de todos os homens de Estado da Republica, como succedia aos do Imperio.

A maior novidade que, entre nós, já surgio nesse terreno, foi a do imposto sobre a renda, que um distincto membro da

commissão de fazenda da Camara dos Deputados federaes preconisou como remedio efficaz para a reconstituição das nossas finanças. Mas, já em 1883 a commissão encarregada de rever e classificar as rendas geraes, provinciaes e municipaes do Imperio indicara como medida salvadora a creação do imposto sobre a a renda, *ad instar* do *income tax* inglez, como meio de cobrir o o deficit do orçamento, reconhecendo entretanto que «esse imposto nunca fôra considerado como um dos ramos principaes e permanentes da receita do Estado, e que o seu producto ficou sempre muito abaixo do dos direitos das Alfandegas ou do das contribuições indirectas internas, e mesmo, inferior ao do sello».

E o sr. Teixeira Junior, então Conselheiro do Estado, recordando que a Assembléa Geral Legislativa, em 1880, rejeitara a idéa da creação desse imposto, confessava que elle dava assumpto para profundo estudo e que a sua adopção repugnara sempre ao criterio dos governos e dos legisladores.

Sei que o imposto sobre a exportação está hoje condemnado pelos melhores economistas e pela experiencia dos governos mais esclarecidos; porque ataca a riqueza em sua producção, desanima a industria em geral e sobretudo a agricultura, como em 1883 já dizia um estadista do Imperio.

A' tal doutrina, unanimimente reconhecida e acceita, obedeceram os redactores do Decreto n. 924 A de 23 de Outubro de 1890, que publicou o projecto da Constituição da Republica dos Estados-Unidos do Brazil, onde ficara consagrado o principio da completa cessação da cobrança dos impostos de exportação, como anteriormente o haviam feito outras Constituições de povos americanos.

Mas a nosso favor, para que perseveremos no uso e goso desse imposto certo e fecundo, milita a circumstancia de incidir elle, quasi inteiro, sobre a borracha, constituindo-se assim nessa excepção admittida pelos economistas para os paizes, que para a producção de certas mercadorias tem uma especie de monopolio natural. Caso em que o estabelecimento de um direito de exportação é antes um bem, porque allivia de todo o seu peso o imposto, que deve ser pedido aos contribuintes nacionaes, como ensina conhecida auctoridade em tal materia.

Pode neste Estado clamar a agricultura desfallecida, por medidas salutares e providencias salvadoras, mas não assiste-lhe o direito de dizer que esmagam-n'a os impostos de exportação.

Dos generos, que saem da agricultura indigena para o exterior, submettidos ás exigencias do fisco, só merece menção o cacáo, que está quasi isento de imposição por successivas e graduaes diminuições votadas em leis depois do advento da Republica. A lei n. 298 de 24 de Junho de 1895 reduziu a 4 % a taxa do cacáo á exportação.

Essa mesma lei isentou de impostos de exportação todos os productos da industria fabril do Estado.

O imposto do sello que no exercicio de 1893-1894 rendera 250:425$946 rs., no de 1894-1895 rendeu 359:122$752 rs., quando no anno de 1892 havia dado a renda de 594:414$302.

Essa descida provêm de continuar em vigor o Decreto de 9 de Junho de 1893, com o qual o Governo do Estado abriu provisoriamente mão da cobrança do sello estadual em papeis e por actos, que tinham sido taxados pelo Governo Federal, conforme o Decreto n. 1264, de 11 de Fevereiro de 1893, o qual ferira os interesses do Estado, contra as disposições dos artigos 9 e 12 da Constituição da Republica.

Essa questão continúa aberta. e o actual Ministro da Fazenda da União em seu ultimo relatorio refere-se a ella n'estes termos:

«As constantes duvidas que se tem suscitado em todos os Estados e em quasi todos os ramos do serviço publico a respeito da applicação do imposto do sello são dignas de maxima attenção do Governo e de especial resolução do poder legislativo, por isso que affeectam muito profundamente não só os interesses das rendas da União, como ainda trazem grave prejuiso á collectividade.

A Constituição federal, como é sabido. definio os termos em que esse imposto deveria ser exercitado entre nós, concendo aos Estados a faculdade de o applicarem aos actos *emanados de seus respectivos Governos e negocios de sua economia.*

A meu ver, ao sello estadoal estão sujeitos simplesmente os actos que pertencem á privada jurisdicção dos poderes estadoaes, qualquer que seja a natureza da acção, pois, ahi fica traçado o limite constitucional acima alludido. Assim, pois o acto ou transacção, que se inicia e liquida no fôro privado de auctoridade ou jurisdicção estadoal e que nada affecta a interesse de alheia circumscripção, nem tampouco a fôro estranho, está restricto ao sello ou tributo estadoal.

O acto ou transacção, porém, que affectar a acção de poder ou jurisdicção estranha á Constituição estadoal, conforme em limites traçados a cada ramo dos poderes publicos, esse deverá ser sujeito ao sello federal, porque escapa á restricção constitucional quando diz—emanados de seus respectivos Governos e negocios de sua economia.

Por tanto, as lettras e contractos, as acções judiciarias, os actos de corporações ou sociedades e companhias creadas em virtude de leis estadoaes, ou que, perante o fôro de suas jurisdicções são discutidos e julgados sem appellação ou aggravo para poder estranho á circumscripção, pertencem á economia estadoal e d'ahi a obrigatoriedade de taes documentos ou titulos ao sello privado.»

Contra o modo de entender do governo federal, e contra o alargamento de sua esphera de acção, desde 1892 que reclamo. E tenho ainda hoje por indebita a exigencia do sello federal em papeis, titulos de commercio e de contractos, porque, embora regidos por leis federaes, constituem negocio da economia dos Estados.

A lei n. 298 de 24 de Junho do anno passado, modificando a tabella D annexa á lei n. 1384 de 1.º de Outubro de 1889, sujeitou aos chamados direitos de desembarque varias mercadorias quando procedentes de outros Estados : tabaco, aguardente, sabão, cal, objectos de cordoaria, perfumarias solidas ou liquidas, cêra em velas, chocolate, calçado, louça de barro, vinhos, licôres, vinagres artificiaes, cartas de jogar.

Esses impostos, com a extensão que lhes deram as duas citadas leis, renderam no, exercicio de 1893-1894 164:641$731 reis, no de 1894-1895, 163:846$459. Orçados para o exercicio corrente em 300 contos, no 1.º semestre já escoado, de 1.º de Julho a 31 de Dezembro, deram a renda de 164:166$621, consoante informação colhida do Thesouro.

Taes impostos manifestamente incidem na condemnação encerrada nestas palavras de Laffon de Ladebat, proferidas na Assembléa Legislativa franceza, em 1792 : «A Camara não vota o imposto senão para acudir ás necessidades do Estado. O que tem o direito de votar o imposto, não tem o dever de fazel-o senão emquanto isso fôr indispensavel.....»

Basta ler a lista dos generos sujeitos a novos direitos para

concluir logo que elles entram na classe dos impostos protectores e moralisadores.

Sobre essa preoccupação proteccionista, chegada até nós, depois de ter subido ás mais descommunaes alturas com Mac-Kinley, nos Estados-Unidos, e com Meline, em França, disse-vos eu já no anno passado:

«Tratando d'esta materia na minha ultima mensagem e condemnando por anti-economica a idéa de fazer do imposto, em lugar de simples meio de constituir as receitas do Thesouro, armadura que proteja a industria indigena, não já contra a concorrencia estrangeira, mas nacional, eu deixei escriptas estas palavras: «Seria curioso que quando, guiadas pela luz da experiencia, as nações da Europa estão voltando á politica dos tratados de commercio, como a Allemanha, fossemos nós, por espirito de céga imitação, seguir a rotina, adoptando o regimen proteccionista, que si é desacertado quando se traduz n'essa luta internacional das Alfandegas, mais errado seria creando barreira ás permutas dos generos de producção, de Estado para Estado, dentro da mesma Nação.»

E que dizer dos municipios, apertados na cinta de ferro do imposto, que em tantos casos embaraça o giro commercial dos productos, encarecendo a vida e figura como verdadeiro freio preventivo do desenvolvimento da industria agricola?»

Sou contrario a essa politica de guerra commercial aberta entre os Estados.

Mas esse não é o lado mais interessante, porque taes impostos se nos offerecem á attenção.

Dir-me-iam que por toda parte a monomania proteccionista alastrou como um grande mal epidemico a ganhar todas as Nações. Como si fôra uma grande maré, pelo mundo todo essa theoria derramou-se numa abundancia incalculavel de alfandegas coalhadas em todas fronteiras, accumulando barreiras sobre barreiras para impedir a entrada das mercadorias alienigenas, com beneficio certo dos industriaes, e reconhecido damno dos consumidores.

Uns ensinariam, como E. Castellar, que o livre cambio é *verdade absoluta* em sciencia, e *verdade relativa* em politica. Outros fariam como o Conde de Cavour: partidario da liberdade do commercio, que defendeu com intransigencia no parlamento, em 1850, sustentando que «a salvação economica do paiz de-

pendia de adopção da politica mais larga nesta materia», dizia mais tarde : O governo do rei professa no que diz respeito ao commercio, principios muito liberaes; ao menos em theoria é livre-cambista. Todavia elle julga-se no dever de proceder, na applicação desses principios, com uma certa prudencia e com muita ponderação afim de produzir a transformação de nosso systema economico, e não a sua ruina.»

O que, na hora presente, se nos impõe a considerar em taes impostos, como elles entre nós estão sendo cobrados pelo Estado e pelo Municipio, é menos o que elles tem de odioso, como creadores de empeços ao livre giro dos productos entre os Estados, do que a classificação de inconstitucionaes, que se lhes dá.

Entendo que a Constituição Federal aos Estados não nega a faculdade de votar semelhantes impostos. E na mensagem, que tive a honra de dirigir-vos aos 7 de Abril de 1895, referindo-me aos direitos de desembarque cobrados de generos vindos de outros Estados, deixei escripto : «Nem por entender que são perfeitamente constitucionaes semelhantes impostos, deixo de consideral-os errados, impoliticos e impatrioticos.»

Agitada nos tribunaes e no parlamento federal, essa questão está desafiando a attenção dos poderes publicos da União e de varios Estados.

D'ella occupou-se o ministro da fazenda da Republica no seu relatorio ultimo, lembrando «a imperiosa necessidade de ser regulada a materia por acto legislativo harmonico com os interesses dos Estados, afim de cessarem de vez esses embaraços, que tanto prejudicam a bôa marcha do serviço publico e difficultam o desenvolvimento de nossa riqueza privada.»

Como é de todos sabido, essa questão vem ferida desde remotos tempos, quando as antigas Provincias, á mingua de recursos financeiros, a essa fonte iam solicitar pequenos auxilios.

Falando das faculdades, que tinham as Assembléas Provinciaes em materia de tributos, dizia em 1883 o sr. Visconde de Paranaguá, então ministro da fazenda : «Não acontece o mesmo em relação aos impostos de importação, que pesam sobre os generos vindos de paizes estrangeiros, e sobre os que do territorio de uma Provincia entram no de outra. Pelo acto addicional (art. 12) estão aquellas corporações politicas expressamente inhibidas de crear taes impostos que, vexatorios para o commer-

cio, tendem a restringil-o, prejudicando as imposições geraes, podendo ferir até tratados, e até dar logar a conflictos internacionaes.»

E o mesmo funccionario encarecia o valor d'essa questão capital, instando perante a Assembléa geral legislativa por immediatas providencias, ponderando com muito acerto : «Na bem entendida e proporcionada distribuição de recursos ás diversas circumscripções politicas da communhão brasileira vae o interesse do Estado, pois o corpo social não póde regularmente funccionar, si a seiva, que lhe alimenta a vida, não circular abundante e vivificadora por todos os canaes do seu organismo.»

Lidavam todos os estadistas da corôa por dar solução a essa eterna pendencia, que viveu com o imperio e figura no legado feito á Republica.

Na conferencia do Conselho de Estado pleno, realisada aos 7 de Agosto de 1883, o sr. Paulino José Soares de Souza, fazendo notar que nem as Camaras, nem o Governo, até 1882, se tinham animado a tentar a suppressão dos impostos provinciaes de importação, cobrados na mór parte das provincias, não por alguns annos, mas durante muitos lustros e decennios, exprimia-se nestes termos : «A diuturnidade do abuso não estabeleceu de certo nem podia estabelecer direito costumeiro contra o preceito expresso e terminante da lei constitucional.»

Vezes diversas tem o ministerio da fazenda da Republica intervindo na questão, condemnando por inconstitucionaes os impostos, sob qualquer denominação, que recaiam : (a) sobre generos já tributados na importação, salvo quando a renda d'elles proveniente é recolhida aos cofres federaes; (b) sobre productos, que de outros Estados entrarem para consumo, por entender que essa faculdade é vedada pelo art. 7.º n. 2 da Constituição federal, que declarou livre o commercio de cabotagem ás mercadorias nacionaes, bem como ás estrangeiras, que já tenham pago imposto de importação.

Incompetente para dar a taes pendencias solução final o poder executivo federal considera de «summa conveniencia, em bem do nosso regimen politico, que por lei especial se esclareça, ou antes se defina os termos em que semelhantes tributos possam ser decretados pelas assembléas ou congressos estaduaes, evitando-se attritos em serviço d'essa natureza.»

Ainda que mesmo na mensagem ultima do Presidente da

Republica ao Congresso é solicitada essa lei de discriminação de rendas da União e dos Estados, como sabeis, a preliminar da incompetencia do Congresso foi já levantada na Camara de Deputados, allegando-se que «dentro dos limites da Constituição, os Estados é que podem e devem determinar os seus impostos: poderiam mesmo regularmente desobedecer a semelhante lei, não acceitando uns e esbelecendo outros e muito differentes. Em materia de discriminação de rendas federaes e estadoaes nada se póde accrescentar ao que a Constituição estabeleceu; cada um dos dois poderes deve agir dentro do circulo, que ahi lhe foi traçado.»

O correctivo para os desacertos virão do poder judiciario, com a sua faculdade excepcional; da indole das instituições, que adoptamos, de proferir sobre a inconstitucionalidade das leis, resguardando contra os actos dellas emanados os cidadãos attingidos pelos seus effeitos.

Mas, o primeiro passo para a solução da questão pelo poder legislativo, vejo-o dado já no projecto n. 191 de 19 de Novembro de 1894, apresentado na Camara dos Deputados, onde se declaram não comprehendidos na classe dos generos de importação para os effeitos do art. 7.º n. 1 da Const. federal, aquelles que forem effectivamente expostos a consumo, encorporados á massa dos bens commerciaes ou particulares dos Estados.

Vale sobre este assumpto ter em vista o accordão do Supremo Tribunal Federal, proferido sobre o recurso extraordinario entre partes, como recorrente Moreira & C.ª, e como recorrida a fazenda do Estado da Bahia, e que considerou inconstitucional o imposto de 2 %, denominado de estatistica, creado pela lei de 25 de Agosto de 1892 sobre o valor official das mercadorias vindas do exterior, porque semelhante tributo, nesse caso especial, «é, na verdade, um imposto de importação, e o mostra a propria definição da lei, pois que assim se chamam os que incidem sobre mercadorias de procedencia estrangeira, pelo facto da sua entrada no territorio e livre giro no paiz» nos proprios termos do referido accordão.

Embora, como já o notou um dos membros da commissão de fazenda e industrias da Camara dos Deputados federaes, a fixação do praso de oito dias para que sejam considerados expostos ao consumo, os generos de qualquer natureza e procedencia, seja uma presumpção sem fundamento, e pouco seguro

o principio por essa fórma estabelecido, inclino-me a acceitar a conclusão a que foi ter a maioria d'aquella commissão em seu carecer; embora não sejam para acceitar muitos dos argumentos invocados n'esse documento.

São estes os termos finaes do mencionado parecer:

«Assim, assentado que o imposto de importação a que se refere o art. 7 da Constituição é o que Hamilton chamava de verdadeiramente nacional, que distingue-se por incidir exclusivamente sobre o commercio externo, vedado, por sua natureza á acção dos poderes estaduaes, assentado que elle alcança as mercadorias trazidas para o paiz nas Alfandegas, nas fronteiras e no momento preciso da sua entrada no territorio nacional, não podendo, portanto, confundir-se com quaesquer outros tributos que as attinjiam, quando, perdido o seu primitivo caracter, pago o imposto aduaneiro, hajam se encorporado á massa da riqueza, aos valores e propriedades nacionaes, e acham-se confundidos no giro e no trafico domestico dos Estados; assentado que aos direitos de entrada e de circulação que as mercadorias importadas adquirem, com o pagamento do imposto aduaneiro não corresponde o de isenções para os effeitos da taxação interna, permittida aos Estados, não as torna immunes a qualquer outro gravame: a commissão é de parecer que o projecto submettido á sua apreciação, vem satisfazer urgente e inadiavel necessidade, dando justa solução a uma das faces do problema da discriminação das rendas, que traz em perenne conflicto os poderes federaes e os dos Estados, delimitando a competencia tributaria de uns e outros no assumpto, firmando, ao mesmo tempo, a verdadeira doutrina constitucional.»

As opiniões dos commentadores e publicistas americanos, tantas vezes já invocadas, depõem quasi unanimes a favor da doutrina que aos Estados confere competencia para taxar, como entre nós se está fazendo.

E' peremptorio o juizo de Hare: «A prohibição não se applica ás mercadorias importadas de outros Estados, nem ás que, tendo vindo do extrangeiro, tiverem já passado das mãos do importador, convertendo-se em uma parte d'essa massa da propriedade movel, que é objecto da jurisdicção dos Estados.»

Defendendo a bôa doutrina, um disctincto funccionario do Estado de Minas, foi levado a esta conclusão: «Assim, ou seja porque, como define o poder judiciario americano, a palavra

importação, tomada no sentido fiscal, não se póde applicar á permuta de generos entre os Estados, ou porque a importação de que cogitou o legislador brazileiro foi a de procedencia extrangeira, distinguindo-a de que fosse de outra procedencia, o facto é que outra importação existe além da especificada pelo legislador, cuja tributação não é prohibida aos Estados, nem subentendida nem expressamente.»

Tambem, contra os direitos de desembarque como elles entre nós existem, estaduaes ou municipaes, a disposição constitucional invocada é só a do art. 7.º n. 2, como fez o Ministerio da Fazenda em actos successivos em relação aos Estados do Maranhão, Ceará, Rio Grande do Sul e outros.

O principio da liberdade do commercio de cabotagem consagrado no art. 7.º n. 2 da Constituição federal, onde se prohibiu á União a imposição de direitos de entrada, saida e estada sobre navios empregados n'esse mister, quando transportem mercadorias nacionaes ou nacionalisadas, não póde ser invocado para tolher aos Estados a faculdade que elles natural e legitimamente possuem de taxar as mercadorias recebidas de outros Estados da União, sejam ellas nacionaes ou sejam nacionalisadas, isto é, encorporadas á propriedade geral do paiz.

E' a meu ver errada a interpretação que a Directoria Geral das Rendas Publicas vae dando ao citado art. 7.º n. 2 da Constituição Federal. Sejam embora taes impostos oppressivos, isso não basta para tel-os por inconstitucionaes.

O que aos Estados é absolutamente vedado é a imposição de taxa aos navios empregados no serviço da cabotagem, os quaes escapam até á taxação dos poderes federaes, a quem exclusivamente compete aliás decretar direitos de entrada, saida e estada de navios.

Permitti que, tratando ainda da lei do orçamento, chame a vossa attenção para a necessidade de ser essa lei rigorosamente uma lei de receita e de despeza, votadas estas em virtude de leis especiaes anteriores, que as tenham auctorisado, creando novos serviços, ou modificando os antigos.

Não é exclusivamente nossa essa pratica menos certa. Contra ella, como está sendo seguida pelo Congresso Federal, reclamou, o anno passado, a commissão de finanças do Senado, n'estes termos:

«Quem estudar o mecanismo adoptado para a elaboração

das leis pelo regimento do Senado, encontrará a prohibição expressa de incluir nos projectos das leis annuas, emendas em artigos que creem, reformem ou extingam serviços e repartições publicas, convertam em ordenado parte ou toda a gratificação estabelecida em leis especiaes, revoguem leis de outra natureza ou mandem vigorar leis já revogadas.

Não é necessario encarecer o principio salutar que esta disposição contêm : a elaboração de uma lei, segundo o Capitulo V da Constituição, exige o concurso da Camara dos Deputados, do Senado e do Presidente da Republica; incluir disposições permanentes que se referem, não ás despezas já decretadas, ou que alteram, reformam, supprimem ou cream serviços novos, nas leis da receita e da despeza publicas, necessarias e imprescindiveis para o regular funccionamento do systema governativo, é, de um lado restringir a acção de uma ou outra casa do Congresso Nacional, quanto ao estudo da nova forma do serviço, apresentada por emenda em uma d'ellas; do outro, obrigar o Presidente da Republica a submetter-se, com impossibilidade do exercicio da sua funcção constitucional do—veto—, á medida estranha ao orçamento. Não lhe é permittido vetar uma parte da lei submettida á sua apreciação; não lhe é licito deixar de sanccionar as leis orçamentarias ou outra, por lhe parecer de vantagem para o serviço negar sancção a um ou outro artigo da lei, que contenha materia estranha á de que ella trata como ponto principal.

A regra a estabelecer, de accôrdo com os § § 36 a 40 da Constituição, é que cada projecto de lei contenha unicamente artigos referentes ao assumpto sobre que tenha de ser legislado, sem disposições estranhas, sem alteração a disposições de leis, outras além das que constituem o objectivo da proposição; as leis orçamentarias, annuas como são, destinadas a regerem um só exercicio, devem limitar-se a fixar a receita e a despeza n'esse periodo, de accôrdo com as leis anteriores, respeitadas pelo proprio legislador.»

Essa pratica de intercalar nos orçamentos o que os americanos appellidam os *riders,* deu nos Estados-Unidos os mais funestos resultados. Esse recurso manejado pelo Congresso americano, para escapar mais facilmente ao estorvo do veto presidencial, e que o mesmo é, que o empregado pela Camara dos Communs contra a dos Lords, embora entre nós tenha outras causas, é da maior vantagem vel-o cessado para melhor pureza

do actual systema, mais acerto de decisões, e para a indispensavel e cuidadosa discussão da lei orçamentaria em ambas as casas do Congresso.

Cita L. Dupriez, dos Estados-Unidos os casos notaveis de terem sido intercaladas na lei do orçamento em 1879 differentes medidas de reforma na administração dos Estados do Sul. Resistiu-lhes o presidente Hayes, devolvendo os orçamentos ás Camaras, que voltaram-nos sem as intercalações.

Muitas das Constituições dos Estados americanos expressamente dispõem contra essa errada pratica condemnavel. E, como recorda aquelle escriptor, o sr. Cleveland, em mensagem dirigida ao Congresso, já insistiu sobre a necessidade de ser introduzida na Constituição americana uma emenda analoga ao disposto em varias Constituições de Estados, dando ao Presidente a faculdade de regeitar os orçamentos, artigo por artigo, disposição por disposição.

(1.º de Fevereiro de 1896).

II

Varia

Um livro (1)

(NOTAS A LAPIS)

I

Ainda que tarde, veio me ter ás mãos o ultimo livro do sr. d. Antonio, illustre prelado paraense (2). Lí-o inteirinho com o maximo interesse e com desmarcada curiosidade, que m'o estavam a recommender em primeiro lugar o nome laureado do auctor e em segundo lugar a importancia subida do assumpto.

Não levo em mira *nunc et hic* produzir uma critica profunda e uma analyse rigorosa da obra do sr. bispo d'esta diocese. E' verdadeiramente ao correr que vou traduzir as impressões que ao meu espirito causou a escriptura do celebrado chefe do clericalismo entre nós.

O livro de s. exc. é antes de tudo um desabrido e formidavel *libellum contra omnes*. Da primeira á derradeira pagina se revela o temperamento irrequieto e bulhento do auctor, que mais parece talhado para terçar em prélios encarniçados á frente

(1) Noticia critica, publicada em 1886 n'*A Republica*, orgão do Club Republicano do Pará.

(2) *A Questão Religiosa perante a Santa Sé*, pelo bispo do Pará.

de legiões amestradas do que para apascentar manso e pacifico rebanho de ovelhas catholicas. Um gladio e não um cajado é o que está a merecer o destemido e valente batalhador das sacras milicias. Nem mesmo s. exc. encobre as suas tendencias para a lucta desenfreada, e a campo sae para condemnar os que, timoratos ou prudentes, houveram de abandonal-o no calor da acção tocando em retirada; erradissimo plano, de onde, no conceito do diocesano, derivou a derrota padecida pela egreja brazileira.

A celeberrima questão religiosa como ferocissima peleja nol-a pinta o egregio bispo, que, para melhormente traduzir o seu pensamento, foi pedir á penna de Rabello da Silva uma passagem, em a qual o admiravel historiador dá conta do revez, que soffreram em Alcacer-Quibir as armas catholicas empenhadas em defender a cruz contra as hostes islamitas:

«Parecendo-lhe que os seus se empenhavam demais pelas fileiras contrarias, deteve-os mal advertido, quando devia estimulal-os, e com o grito de retirar, lançado sem reflexão, converteu-se em revez o que já se ia declarando successo consummado.... Foi aonde tudo começou a perder-se.»

Ainda que com muito tino e geito s. exc. procure fazer crer que o livro que acaba de dar a lume não tem por fim *promover discordia entre irmãos,* aos olhos de todo o mundo é patente a dureza e o desassombro com que s. exc. zurze os membros do episcopado brazileiro, que, uns não entraram a velejar na mesma esteira em que ia o bispo capuchinho *(testa calda,* na opinião insuspeita de Pio IX), e outros, bem avisados e menos impetuosos, começaram de recuar apenas viram certissima a victoria das phalanges maçonicas.

Em varios pontos o auctor deixa muito claro esse conceito, e formula de modo muito categorico a accusação, no parecer bem merecida, ao clero que assim o deixou triste e só entregue ao furor dos lôbos da impiedade.

Em comprovação do meu asserto para aqui traslado o seguinte topico, em que o sr. Macedo Costa profliga a conducta de D. Lacerda, que, tendo arremessado elle a primeira pedra, tratou de soffrear o seu enthusiasmo, e preferio recolher-se ao silencio, apenas vio a cousa mal parada:

«Vicissitudes humanas!

«Aquelle mesmo que poucos dias antes n'aquelle mesmo arsenal se ajoelhara aos pés do augusto prezo, beijara-lhe as

mãos com lagrimas; passara-lhe ao pescoço a sua cruz pastoral, dizendo-lhe: «Exm. sr., tem v. exc. toda jurisdicção n'esta diocese, aonde acaba de chegar preso; meu clero, o cabido de minha cathedral folgarão de por-se ás suas ordens; digne-se v. exc. abençoar-nos a todos, que a bençam de um confessor de Jesus Christo é um penhor de salvação!» aquelle mesmo prelado vinha agora supplicar ao sr. bispo de Olinda, que reconhecesse o proprio erro, que publicasse a carta, que obedecesse ao summo pontifice, desfazendo tudo quanto havia feito.»

E depois, assim á laia de quem nos houvera violentissimamente e cruelmente vergastado para dizer-nos em seguida com santa ingenuidade — não dóe! o preclarissimo bispo do Pará, abusando quiçá da bôa fé do seu collega fluminense, saese com esta amabilissima tirada:

«... não quizemos irrogar censura aos nossos Veneraveis collegas, muito menos faltar ao acatamento e veneração que nos inspiram seu saber e virtude.»

A ninguem, porém, escapa a aspereza e a vehemencia com que o auctor fustiga os companheiros d'armas. Não me é licito deixar de pôr sob os olhos do leitor ainda uns trechos do livro do sr. D. Macedo Costa:

«Começou-se a proclamar por toda a parte o heroismo da inercia, o merito de cruzar os braços e adormecer no momento de ferir-se a batalha, a caridade que deixa as ligaduras em cima da chaga pôdre para não arrancar um grito ao doente.

«Um prelado chegou a dizer a Monsenhor Bruschetti que si o demonio em pessoa se pozesse a presidir a uma confraria, e lhe officiasse neste sentido elle nada faria.

«Um sacerdote aliás piissimo e de bastantes meritos exhortou-nos a imitar Fenelon.

.....

«Aquella bella união que se manifestava no Episcopado, aquellas adhesões tão tocantes e tão expressivas; aquelles primeiros actos no sentido de acompanhar os dois prelados, tudo ficou sopitado sob a influencia da carta-Antonelli e da Internunciatura.

«Escreveram-se cartas, fez-se até uma dilatada jornada para deter a tempo um veneravel collega, que tomára providencias analogas ás de Olinda e Pará, ameaçando-o (?) de incorrer no desagrado e condemnação do Summo Pontifice.

« Religiosos, Sacerdotes, e outras pessoas, que privavam com a Internunciatura, navegavam nas mesmas aguas, estavam convencidos (sic) de terem sido os dois Bispos realmente reprovados pelo Papa, e faziam discreta propaganda neste sentido.»

A' vista de quanto fica textualmente copiado, é ou não verdade que o sr. D. Antonio tomou a si a tarefa de vergastar os falsos apostolos, os vendilhões, que, mentindo aos seus sacros deveres, fugiram no momento do perigo?

Si os dois illustres prelados, incontestavelmente as mais salientes figuras do Episcopado Brazileiro, andavam no rumo certo e seguiam a verdadeira derrota; si eram elles que defendiam a sã doutrina da Egreja catholica, então justa, justissima é a censura que aos covardes irroga o Bispo do Pará, o qual continuava inabalavel e imperterrito na defeza da fé, ao mesmo tempo que o seu valente collega olindense escrevia aos seus diocesanos: « Irmãos, se algum conselho de Balaam porventura vos derem, lembrae-vos de que o vosso companheiro d'armas, o vosso chefe, o vosso Bispo, emfim, geme no fundo de um carcere: *Memore estote vinculorum meorum,* e avante!

« RECUAR... NEM UMA SÓ LINHA!»

O que d'ahi se colhe é que o *resto* do clero desnorteou, debandou vergonhosissimamente, atraiçoou indecorosamente os dois audaciosos e destemidos generaes, dando em resultado a victoria que alcançaram ao menos esta vez os filhos da viuva.

E' o proprio sr. D. Antonio quem nol-o confessa: «O accôrdo dos intuitos e da acção, que teria salvo para o futuro a egreja do Brazil, desappareceu.»

Longe estou eu de exprobrar ao respeitavel principe da egreja, que com denodo e galhardia sahio a terreno para defender os interesses ecclesiasticos, no cumprimento dos seus sagrados deveres, o modo porque acertadamente verberou a conducta dos seus collegas indifferentes á refrega e descuidados de assegurar a integridade do catholico redil.

O que não comprehendo, porém, é que após aquella desanda furibunda o auctor da *Questão Religiosa* venha dizer-nos:

« Lamentando nós, e com certo amargôr, confessamos, a influencia que nos desunio na nação e por conseguinte em tão má hora nos enfraqueceu, não quizemos irrogar censura aos nossos veneraveis collegas...»

II

Carregadas são as côres com que o autor debuxou o quadro dos mysterios da côrte Pontificia. Como que a um lutherano foi o grande Bispo tomar de emprestimo a palheta de que se servio para pincelar o painel sombrio da conducta condemnavel da curia romana.

Tambem é com verdadeira crueza, ainda que com louvavel imparcialidade, que o illustre escriptor empunha o escalpéllo para dissecar esse cadaver putrefacto. Bem é de ver que s. exc., conforme enuncia em uma pagina do seu livro, não comprehende *a caridade que deixa as ligaduras em cima da chaga pôdre para não arrancar um grito ao doente.*

Desconsoante ao celebre aphorismo de Fontenelle o sr. D. Antonio alto e bom som proclama que o seu intuito é núa e duramente expôr a verdade dos factos relativos ao conflicto religioso: «Promettemos dizel-a e dizel-a *toda inteira*, e cuidamos não ter faltado á promessa.»

E aqui está como s. exc. sahio para a publica arena a embarrelar a roupa suja dos que se deixaram emporcalhar, pouco se lhe dando ao escriptor que pela regueira vão a correr escurissimas e nojentas aguas pôdres.

Como que é a sombra gigantea do revolucionario monge de Mansfield, que se levanta de sob o pó dos seculos para esmagar a corrupção do Vaticano. E a gente mais uma vez se compenetra de que não andam no erro os que affirmam que os negocios ecclesiasticos são regidos pela mesma lei, que preside aos phenomenos da troca e da permuta. E' a mesma ganancia, a mesma trica, o mesmo principio fundamental da procura e da offerta.

O sr. Bispo reflecte, com assombro das consciencias que viviam no engano, o sr. Bispo reflecte o boato de que a peso de ouro é que Roma fraquejou e cedeu.

São palavras de s. exc.:

«Entre outras (calumnias) espalhava-se com insistencia, logo que se soube da nomeação do sr. barão de Penedo, que, partindo para Roma, recebera elle das arcas do thesouro dois mil contos de réis para peitar a Santa Sé.

«Esta infamia foi assoalhada nos papeis por *Ganganelli* e outros muitos, e os orgãos do governo, apertados para dar um desmentido, guardaram obstinado silencio.»

E accrescenta s. exc.:

«O exito da missão favoravel como se proclamava é tão fóra da expectativa de todos, veio dar corpo a este tôrpe boato.»

Agora, e aqui é que está o ponto terrivel da accusação, o auctor, a quem não é licito negar a realidade do *exito da missão,* para a qual cooperaram todos os personagens ecclesiasticos contra quem s. exc. brande desapiedadamente o seu gladio, deixa por assim dizer de pé tudo quanto em si contêm de altamente offensivo aos creditos da curia aquelle boato. O sr. D. Macedo Costa confessa que o mallogro da missão foi só e exclusivamente devido á heroica attitude do prelado olindense, que se não deixou vencer elle pela cabala ou mancommunar pelo ouro do governo, e não entrou no conluio que fizeram os Antonelli, os Ferreti, os Marini, etc.

Aqui está o que nos diz s. exc.:

«O mallôgro, porém, de tudo pela heroica attitude do Bispo de Olinda, exaltou até o paroxismo a raiva dos inimigos da Egreja, que desilludidos, desconcertados, volveram as armas contra o governo, e sua enviatura, e os atacaram com desabrido impeto.»

Como é bem de ver vae nessa passagem uma accusação grave, que em outros pontos do livro se deixa ver mais a descoberto, quando o autor sem se deixar ter a nenhuma consideção, e antes levado pelo desejo de dizer a verdade *toda inteira,* refere-se ao secretario e aos enviados do chefe infallivel da Egreja.

Cito um trecho altamente significativo:

«A verdade é que certo grupo (?) em Roma se inquietava sobre maneira com a proxima chegada do sr. Bispo de Olinda, e convinha absolutamente que o levantamento dos interdictos sem condições e em virtude da celebre carta (!) mandada supprimir por ordem do Papa, fosse um facto consummado no Brazil antes que aquelle Prelado podesse se entender *os ad os* com o Summo Pontifice.

«Confessamos que ao reler aquella fatal carta (!) que de novo nos era atirada em rosto, depois de tantos e tão expressivos testimunhos de louvor e approvação dados pelo Santo Padre, em documentos emanados directamente d'elle e sob sua propria assignatura, encheu-se-nos a alma de uma attribulação e amargura tal que não sabemos exprimil-a, quanto mais esclarecel-a.»

As conclusões que muito naturalmente dimanam do supracitado trecho são: 1.º que havia em torno de Pio IX um circulo de pessoas empenhadas em esconder ao successor de S. Pedro toda a verdade, interessados em arredar de junto de S.-Santidade o sr. frei Vital; 2.º que n'esse numero figurava o cardeal Antonelli, secretario do Papa, o qual de novamente arremessava ao rosto do bispo a celeberrima carta, á vista da qual s. exc., segundo confessa, *levou muitos dias derramando lagrimas e orando, sem saber o que fazer.*

Violentissimas são as accusações dirigidas contra o sr. Sanguigni, Internuncio do Papa. D'este personagem diz o auctor, além do mais, que por impossibilidade absoluta deixo de trasladar:

«Monsenhor Sanguigni esse não cessava de encarecer por por toda a parte quanto era desagradavel em Roma o zelo imprudente dos dois Prelados, que ameaçavam a Egreja brazileira de um temeroso cataclysmo.

.....

«Entre nós o representante da Santa Sé, Monsenhor D. Domenico Sanguigni, por occasião dessa prisão que fez extremecer dolorosamente a fibra religiosa de todo o paiz, guardou silencio. Nenhuma reclamação fez, nenhum protesto levantou.

.....

«Monsenhor Sanguigni não só não ousou acudir pela innocencia do Prelado, nem allegar o direito segundo o qual este obrou, senão que deixa inteiramente em duvida tal direito, admittindo serem mui *valiosas e doutas* as razões allegadas *de parte a aparte e em todos os sentidos,* pelos que se achavam empenhados na *assaz penosa e desgraçada questão.*

Em um ponto do seu livro o sr. D. Antonio accusa o internuncio de haver retido e abafado Lettras Apostolicas, que a Internunciatura, não sabemos porque motivo, reteve e abafou, de modo que não poderam elles chegar ao seu destino, etc.

Referindo-se a Monsenhor Ferrini o preclaro Bispo diz *apenas* o seguinte:

«Monsenhor Ferrini, seguindo a mesma linha politica na ausencia d'aquelle prelado (M. Sanguigni), não só assistia aos bailes dos ministros, mas conferia em nome da Santa Sé o privilegio de oratorio privado ao Gram-Mestre Rio Branco em quanto os dois Bispos gemiam nas prisões.»

Cuido que não haverá quem, dissentindo da minha opinião, deixe de confessar que isto tudo é gravissimo, e depõe altamente contra o conceito em que deveriamos todos ter os instrumentos a serviço do chefe visivel da Igreja.

Até certo ponto as proposições do Prelado, as quaes tão ao vivo pintam a conducta errada que iam levando os enviados do Vaticano, dão um formal desmedtido ao conceito enunciado pelo sr. barão de Penedo, o qual ingenuamente mandava dizer ao governo que o enviára á Roma: «Esse mesmo conhecimento das cousas de Roma e de seu mechanismo official, a seriedade de suas decisões, a estabilidade de seus preceitos, a tenacidade de sua politica, augmentaram-me o presentimento das difficuldades da missão.»

Que isso era uma *ingenua confissão*, como a appellidou o proprio bispo á pag. 12 do seu livro, hão de crer todos quantos virem o modo porque o auctor se manifesta á pag. 254 com relação á marcha dos negocios na cidade eterna: «A habilidade diplomatica do sr. Penedo, auxiliada sem duvida pela finura de certos personagens (sic) com quem tratou intimamente em Roma e muito lhe serviram para conhecer «a situação das cousas, a corrente da opinião official, as objecções predominantes, para prevenil-as e dissipal-as» não ficou a curto na empreza.»

E para que no espirito do leitor nenhuma duvida houvesse de pairar acerca do genero de personagens, a que no texto se faz referencia, diz em nota o auctor d'*A Questão*:

«Monsenhor Marino Marini, sub-secretario d'Estado (notae bem) que então era, (logo depois demittido, com ordem do Papa de não mais entrar na secretaria (?)) foi desses personagens. Privava com o sr. Penedo.»

Como se vê, o livro do sr. D. Antonio está prenhe de revelações de alto valor. Quando não tivesse outro merito, este só, de desvendar-nos aos olhos os reconditos mysterios do solio pontificio, mais que bastante seria para recommendal-o.

III

Em o Cap. VIII da sua obra volve o sr. D. Antonio a tratar dos enviados do Papa, Monsenhor Sanguigni e Ferrini; e por maneira tal traça os perfis destes dois personagens que a gente fica de uma vez para sempre capacitado de que não é ao redor da tiara que se assentam os mais limpos caracteres. Aos que porventura ainda acreditam na pureza e incorruptibilidade das figuras da Egreja, sirvam-lhes de ensinamento as palavras insuspeitas e auctorisadas do honrado Bispo do Pará, que bem e fielmente pintam o gráo a que têm descido na escala da degradação moral as cousas de Roma.

O sr. D. Macedo Costa começa por dizer em curto periodo quem eram o secretario de Pio IX e o internuncio.

«A diplomacia ecclesiastica estava então representada no Brazil na pessoa do Internuncio Sanguigni, mui conjuncto por parentesco ao cardeal Antonelli, feitura deste, e, como este, mais diplomata que Prelado.»

Ao parecer o auctor rende homenagem ao tino diplomatico do Internuncio. A mim, porém, se me afigura que nem por este lado se ha de a gente apegar ao Senhor Sanguigni; e muito menos poderá apreciál-o o sr. D. Antonio que contra os que porventura recommendariam o barão de Penedo foi invocar a opinião de Martens. O Prelado incumbe-se de provar que não eram a sinceridade e a franqueza traços caracteristicos do diplomata ecclesiastico.

Si é verdade quanto do Internuncio e do seu parente affirma o auctor, outro deverá ser o enunciado final do trecho que acabo de referir. O que se colhe da obra do sr. D. Antonio, o que nella está implicitamente contida, é a opinião de que si como prelados se não recommendavam os dois auxiliares de Pio IX, como diplomatas ainda muito menos, que no conceito do supracitado barão de Martens—*Sempre servio a prudencia a grangear grande fama a diplomatas; a astucia só para macular-a.*

Ora que não foi a prudencia o guia que conduzio a diplomacia ecclesiastica, e que esta antes se deixou levar por motivos inconfessaveis, é o que dá-se pressa em pôr a lume o illustre prelado paraense, o qual assim expressou-se:

«E', pois, desgraçadamente um facto que o internuncio Apostolico no Brazil, Monsenhor Domingos Sanguigni, deu muitos conselhos e offereceu da parte do gabinete Rio Branco *um auxilio de dinheiro* ao Bispo de Olinda, afim de que este cessasse a lucta com a maçonaria, retirando-se em visita pastoral para o interior da sua diocese.»

A peso de ouro é que se pretendia dobrar a consciencia do prelado; a peso de dinheiro é que se pretendia vencer as ultimas difficuldades, e cortar a celebre questão.

Conforme nos diz o auctor, um «catholico bem conhecido ratificou, da parte do ministro, essa promessa de ser posta á disposição do Prelado a somma que carecesse ou para esta viagem ou para uma ao extrangeiro.»

Custa a crer, mas é a verdade nua e crua que nos vae referindo o sr. Bispo do Pará. Cada pagina da sua obra encerra uma revelação que virá cobrir de vergonha altos personagens da hierarchia ecclesiastica, accrescentar as folhas dos annaes em que se registram os feitos indecorosos da curia romana.

A cada passo o leitor sente-se indignado ao ver a narrativa fria que dos factos dessa desgraçada quadra faz a penna adestrada do magnanimo varão.

Ouçamol-o:

«Quando se achava preso no Arsenal de Marinha da côrte o Bispo do Pará, vieram-lhe tambem dois emissarios (o auctor diz em seguida que eram esses emissarios, Monsenhor Ferrini e outro personagem ecclesiastico que não preciso nomear) promettendo da parte dos dois ministros que se quizesse fazer muito em segredo a promessa de, voltando á diocese, desfazer os seus actos contra a maçonaria, seria logo posto em liberdade e o governo o favoreceria de todos os modos.»

Eu não sei como será recebido pela Santa Sé o livro do sr. D. Antonio Costa, livro que faz o effeito de uma gandaia, e que das esterqueiras foi desentulhar os farrapos ennegrecidos.

S. exc. fez como quem revolvendo o fundo impuro e cenoso de extenso pantano, dá lugar a que venham sobrenadar á tona das aguas esverdinhadas as podridões.

Empallidecem, como o lume brando de um tição diante do fulgurante brilho do sol, as *calumnias* vomitadas pelos orgãos maçonicos, que nada, nada são ao lado do muito que significam as asserções de s. exc., que fallou, tomando perante o publico o compromisso solemne de dizer a verde *toda inteira.*

Quando é o proprio diplomata ecclesiastico quem ousa propôr aos bispos a compra das suas consciencias por notas do thesouro, que peso fica tendo a accusação formulada pela imprensa maçonica — *O governo fez passar ás mãos do Santo Padre* «3.000:000$000» *e as portas do céo se abriam para os maçons excommungados, e os perseguidos da Religião foram chamados ao aprisco do Senhor,* — diante da qual s. exc., exclama indignado: *Basta. A penna recusa-se a trasladar mais horrores!*

Mas é o proprio sr. bispo do Pará quem hoje vem dar a conhecer ao publico a carta de Monsenhor Sanguigni a D. Vital, onde se lê o seguinte trecho: «Previ tambem um outro obstaculo, a necessidade de levar comsigo algum dinheiro em occasião da visita, tanto para soccorrer aos pobres, como por outras extraordinarias occurrencias. E como tivesse longa conferencia sobre este negocio com o exm. sr. Ministro, assim me acho no caso de dar-lhe certeza de que ESTÁ PROMPTO TAMBEM A DAR-LHE UM AUXILIO DE DINHEIRO.»

E' o proprio sr. bispo do Pará quem confessa que á s. exc. foram feitas propostas do mesmo jaez, tendo sido o illustre prisioneiro forçado a declarar aos proponentes, que não eram maçons, mas altos personagens ecclesiasticos: *Antes quero morrer, do que fazer um acto indigno que me cobrisse de vergonha aos olhos da minha consciencia e aos de Deus.* Resposta, que sem duvida nobilita e enaltece quem a deu, mas que deixa ao mesmo tempo claramente á vista até que ponto são susceptiveis de descer os que se não desdouram em mercadejar as suas consciencias muito embora figurem como immediatos auxiliares do successor do Christo, do infallivel chefe da *egreja catholica.*

O caracter interesseiro do internuncio é o que leva em mira traçar o sr. D. Antonio n'este topico do seu livro:

«Que a Nunciatura Apostolica no Brazil s'empenhava com todas as forças para fazer recuar os dous bispos e todos os outros, é facto de que se gabava em Roma muito ufano Monsenhor Sanguigni, já cardeal, dizendo que a elle se devia ter salvo a *Egreja do Brazil,* impedindo o episcopado de acompanhar os

dous prelados imprudentes. O que Monsenhor Sanguigni salvou foi simplesmente sua carreira.»

Careço aqui fazer menção especial do nome de Monsenhor Luiz Bruschetti, encarregado dos negocios da Santa Sé no Rio de Janeiro, por occasião da amnistia, que deitou fóra do carcere os bispos capitulados de rebeldes. A esse senhor refere-se com acrimonia o auctor, que lhe não poude soffrer o tom com que ao prelado se dirigiu o alto funccionario ecclesiastico, exigindo a prompta e fiel execução das ordens emanadas de Roma.

Eis o topico final da nota enviada por M. Bruschetti ao bispo do Pará.

«Junto cópia da carta mencionada no dito officio, e espero que v. exc. se dignará dar-me *quanto antes* noticia do recebimento da mesma carta e d'esta minha communicação, assim como da *prompta execução* da veneranda disposição do Santo Padre.»

E vezes seguidas instava no mesmo theor o referido Encarregado, que não podia vêr com bons olhos a reluctancia dos bispos desagrilhoados em dar cumprimento ás determinações do Summo Pontifice para levantar os interdictos.

O sr. D. Antonio em relação a Monsenhor Bruschetti, expressa-se nos seguintes termos:

«As cartas que continuamos a receber de M. Bruschetti insistiam na necessidade de seguirmos logo e logo para a diocese (s. exc. conservava-se na Bahia), afim de pormos, *quanto antes e sem a menor demora*, em execução as ordens do Santo Padre transmittidas pelo cardeal. N'uma d'essas cartas nos declarava o mesmo Monsenhor que *não se via com bons olhos nas altas regiões* nossa demora na Bahia, e que *ancioso aguardava* o nosso acto de obediencia. Porque estas ancias? Porque esta urgencia? Porque toda esta pressa?»

Por quanto temos ido a colher no livro valioso do sr. D. Macedo Costa, não vê o leitor comprovado á saciedade o conceito que enunciamos ao encetar a tarefa de apreciál-o, como vimos a fazer, assim pela rama, e justificado plenamente o epitheto com que o rotulamos de *libellum contra omnes*?

IV

Quem lê a obra do sr. D. Antonio, mesmo de afogadilho, como a mim succedeu, não é sem grande surpreza que, em seguida áquella intermina cadêa de accusações vae esbarrar com o seguinte trecho:

«Não é um ataque, é uma defeza. Não é uma provocação, é uma reivindicação. Não é uma tentativa para reacender odios que se vão felizmente amortecendo; é um esforço para o congraçamento definitivo dos espiritos na luz serena da justiça e da verdade. Não é um reabrir a arena encandescente das luctas religiosas, dos conflictos sempre penosos entre o sacerdocio e o imperio, mas o fechal-a pelo restabelecimento dos verdadeiros principios que unicos asseguram a liberdade, a honra, a prosperidade de ambos.»

O leitor cuidava de si para si que ante os olhos se lhe destendia vasto e iroso mar-cavado, espumante e bravio. Eis que surge alguem para dizer-lhe: não! isto aqui é a superficie plana de um lago manso e crystallino.

O que a gente entrava a suppôr um pavoroso incendio, com as suas crepitações sinistras, as suas chammas avermelhadas e vorazes, apressa-se o auctor a declarar, como si á victimas de uma fatal miragem fallara: não! aquillo é o lume brando da verdade, o doce clarão da justiça, a santa fagulha que brota de um coração grande, magnanimo e caridoso, que, á maneira do Verbo, com o amor é que paga os odios dos seus inimigos, com a humildade é que vence o orgulho dos seus adversarios.

Eu é que me não posso deixar assim tão de prompto embahir pelas palavras de uma apparente mansidão. Eu é que não comprehendo o *soi disant* «esforço para o congraçamento», quando vêm me ferir os ouvidos este grito, que é como um toque de rebate, concitando as ecclesiasticas milicias para a ferro e fogo tentarem a obra de paralysar a evolução social, que, por força da lei natural, vae trabalhando o nosso meio:

«Mas que importa fiquem ahi oppressas, em torturas a consciencia dos prelados, a consciencia catholica? Que importa subsista uma legislação antinomica, defeituosa, abrindo a cada passo a porta ao arbitrio? Que importa continue dentro mesmo do sanctuario do Deus vivo uma causa perenne de profanação e de penosissimos conflictos? Que importa seja a paz que logramos a paz da morte, morte lenta por inanição, a que parece estar condemnada nossa pobre Igreja (?), compenetrada, até no vivo das carnes, pelos tentaculos do polvo que lhe vae sugando toda vitalidade? Que importa se deixe ahi enfraquecida, desrespeitada, prostrada por terra a autoridade mais sagrada, abrindo-se assim um fôsso em que tem de desapparecer fatalmente o respeito a toda outra autoridade? Que importa ahi fique como unico elemento de resistencia a impiedade altamente protegida, enthronisada nas cadeiras das escolas, dos gymnasios e das academias; ao protestantismo altamente favoneado e chamado a grandes brados pelos promotores da immigração?...

Viva a paz traiçoeira em que dormimos hoje, ainda que acordemos amanhã de sobresalto ao estampido de uma catastrophe!»

Não! treguas é o que não quer, e não acceita s. exc., a quem ainda não abandonou a esperança de conseguir reconquistar *pied a pied* o terreno de que tomou posse o racionalismo impio; de cobrir-se de louros em novas e encarniçadas pelejas.

Tambem é com emphase marcial que o exm. bispo atira aos clericaes militantes esta proclamação: «formemos todos um só coração, uma só alma; reunamo-nos um dia para de commum accôrdo tratar da obra da reforma de nossa desditosa Igreja Brazileira.»

Pois bem, é este prelado que, como vê o leitor, só tem um pensamento — luctar, uma só idéa fixa — vingar a derrota padecida; é este prelado que se nos apresenta como um manso e pacifico pastor, elle que anda a desafiar a colera dos lôbos, elle, que vae incital-os para ter o direito de defender as ovelhas que pascem descuidadas e sem risco.

Queixa-se o bispo amargamente do rumo em que vão as cousas da sachristia, como si aos timoneiros da barca não fôra caber inteira a responsabilidade da errada derrota.

Diz o sr. D. Antonio: «... que importa fique como unico elemento de resistencia a todos estes agentes de dissolução

que atacam ao mesmo tempo nossa sociedade, uma duzia de bispos e alguns padres, desprotegidos, sem prestigio, sem meios de acção, nas angustias da pobreza, obrigados a estender a cada passo a mão aos fieis, com Igrejas, por todos estes centros, desabando em ruinas, com um culto publico que é uma vergonha para a nação?»

Antes de fazer sobre este tópico as ponderações que elle provoca, eu peço permissão para lembrar ao leitor aquelle celebrado apologo, que é assim narrado pelo mavioso Sá de Miranda:

«Pascia o cervo um bom prado,
Hi veio um cavallo andante,
Quiz comer algum bocado,
Poz-se-lhe o cervo diante.
Outra razão não lhe deu,
(Que eram pacigos geraes)
Salvo, «posso, e quero, é meu.»
Vendo tão pouca prestança
O cavallo (dantes fôrro)
Com desejo de vingança,
Pedindo ao homem soccorro,
Por terra a seus pés se lança.
Não poude a justa querella
Deixar de se pôr no meio:
Mas foi necessaria a sella;
Poz-lh'a e fez-se forte n'ella;
Toma a redea, prova o freio.
Assi dão volta ao imigo.
O cervo quando tal viu
Homem ao cavallo amigo,
Deixou-lhe o campo e fugiu;
Foi buscar outro pacigo.
O cavallo vencedor
Come o verde, e come o secco.
Fóra, fóra o contendor...
Ficou-lhe porém senhor.»

Alquebrada e enfraquecida, a *egreja catholica* é ao poder temporal que implora e supplica auxilio para vencer os seus ad-

versarios. E' ao codigo criminal que recorrem elles, os apostolos da religião do Christo, afim de amordaçar as consciencias emancipadas. Pouco ha que contra nós o orgão do clericalismo reclamava o braço secular, pedindo n'uma questão de principios e de idéas a intervenção da promotoria publica.

E' de hontem o empenho com que se tratava de obter da auctoridade temporal a punição do chefe da Egreja Methodista, que ousava discutir um dogma catholico.

Ao invez dos livres pensadores e dos sectarios das outras religiões, que vivem dos recursos proprios e aos seus partidistas é que reclamam o obulo para a defensão das suas doutrinas ou manutenção do seu culto; é dos reditos do Estado, é do publico erario, é dos impostos que pagamos todos, a grande massa acatholica do paiz, é das congruas e dos orçamentos que se alimenta e vive a *Egreja catholica*. Poderamos lembrar o que dizia o grande O' Connell defendendo os direitos da verde Erin, ainda que então era em pról dos catholicos irlandezes que fallava o insigne tribuno:

«Por que forçar os catholicos a pagar o clero dos protestantes? Porque forçal-os a construir *egrejas protestantes?* Ha nada mais monstrouoso?»

Ao illustre pastor da *egreja romama* diriamos: Não é odioso que a bolsa d'esses livres pensadores tanta vez amaldiçoados, d'esses protestantes anathematisados, vades arrancar a contribuição com que abarrotaes as arcas do pio erario? E tendes vós o direito de fallar, quando grandissima parte da nossa receita escôa-se para a vossa caixa sob a fórma de auxilios para a edificação de templos, ornamentação das *egrejas*, e restauração da cathedral?

Tudo isto representa uma enormissima somma de vantagens, que colhe a egreja pela sua espontanea submissão ao poder temporal, que, cercando-a de garantias, privilegios e isenções, para si reserva tambem certos direitos. Invocando o auxilio da auctoridade temporal não cuidava a egreja que ella, á maneira do cavallo da fabula, ia padecer um jugo, de que poder-se-ia dizer como o poeta:

«Não foi tanto o outro enxeco»

Ao governo lança o Bispo a culpa do estado de relaxação em que param os negocios sacros; attribue-lhe o descalabro da *egreja*, e é a sua interverção que pede para remover os im-

peços que lhe tolhem o passo, para obstruir o fôsso que a impiedade lhe tem cavado em derredor. E' elle quem força a clerisia a estender a mão aos fieis, como si nisto vira o illustre sacerdote uma deshonra.

E, quando o governo, usando de attribuições que lhe competem embora, como dá-se pressa em reconhecer o Bispo, em virtude de «uma legislação antinomica, defeituosa, que a cada passo abre a porta ao arbitrio»; quando o governo, dentro da orbita da lei, cumprindo disposições constitucionaes, que Roma declara *tolerar*, exige e reclama dos depositarios do poder espiritual o respeito e a obediencia ao *pacto fundamental* da nação, eil-os a bradar:

«O poder publico esposou a causa das irmandades rebeldes e da maçonaria, deu-nos ordens a que não podemos em consciencia obedecer, porque a obediencia, no caso, importaria o reconhecimento da maçonaria como sociedade licita, como sociedade compativel com a nossa igreja e até favoravel a ella; porque a obediencia, no caso, importaria a annullação dos direitos da igreja que devemos manter inviolaveis em face dos poderes politicos... Não podemos obedecer-vos.»

E' o caso da *dura lex:*

E vem de molde repetir os versos que Sá de Miranda pôz na bocca de Gil:

«Se lhe ves bondades largas,
Não lhe hajas inveja á troca;
Que embaraçam as roupas largas.
Faz sangue o freio na bocca;
As esporas nas ilhargas.»

V

Si tão desapiedado foi o grande prelado para com a gente da sua classe, que seria de esperar quando fosse chegada a vez de tratar do diplomata brazileiro, que á Roma fôra enviado para obter da auctoridade pontificia uma palavra que puzesse remate á lamentavel questão?

Ao sr. de Penedo não perdôa o auctor nem as cacophonias. O barão em uma das suas communicações officiaes, redigidas por ventura ao correr, deixou que pela ponta da mal aparada penna lhe cahisse esta monstruosidade — *uma massa*. Não consentio o sr. d. Antonio que a durissima e mal soante expressão se esgueirasse assim á surdina; e deu-se pressa em protestar contra a cacophonia do enviado, ainda que este pudera segredar aos ouvidos de s. exc. estes versos de Camões:

> *Alma minha* gentil que te partiste,
> .....
> Que elles em campo raso ou estacada
> .....
> Por Rei, como de Pedro unico herdeiro.
> .....
> Gente que as frescas aguas nunca gosta

ou este de Sá de Miranda:

> Quem o disse á *má maleita;*

ou ainda a passagem de Diogo Bernardes:

> A morte só (mil vezes isto ouvi
> A' nossa Cellia) por remedio espere.

Si a tão altos engenhos toleram-se taes escorregadelas no terreno trabalhado e limadissimo da poesia, que muito é que o sr. barão, cuja estirpe, ainda que não remonte á alta nobreza que da ignorancia fazia o seu maior titulo e mais valioso padrão, garante-lhe comtudo o privilegio de traduzir o seu pensamento por modo que o não deixe emparelhado ao resto dos mortaes, que muito é que o sr. barão se exprima em termos desconsoantes?

Não soffreu o animo do sr. bispo que ficasse sem prompto correctivo a ousadia com que aquelle senhor entendera dever atirar ao olho da rua particularidades muito intimas, reconditas verdades, que iam ferir de frente as duas celebridades victimas do Gram-Mestre Rio Branco.

Planejava o sr. Penedo demonstrar, á luz de documentos officiaes, que a Santa Sé desapprovava a conducta dos rebellados prelados, quando entrou a exhortal-os para que virassem de bordo, fugindo dos escolhos e arrecifes que ameaçavam despedaçar o costado do lúgar ecclesiastico.

O sr. D. Antonio, por sua vez, tomou a peito pôr em lume que o oraculo christão uma e mais vezes louvou a direcção que aos sacros negocios deram os dois ardentes defensores da fé, approvando-lhes os planos de combate, e incitando-os a proseguir na iniciada campanha em pró da cruz.

Diz o autor d'*A Questão*:

«O illustre diplomata que nos quiz marcar com o estigma de Roma deve estar desenganado e convencido que o estigma, o verdadeiro estigma de reprovação está impresso para sempre, pela mão tremula do velho e santo Pontifice, sobre a fronte da missão especial de 1873.»

E aqui está como dos mesmissimos documentos os dois personagens chegam a resultados diametralmente oppostos.

A resolução firme em que está, nol-a confessa o illustre prelado em uma das primeiras paginas do seu notavel livro, quando, dirigindo-se ao barão, se exprime nos seguintes termos:

«Chegou a opportunidade, exm. sr. barão, de tirarmos a limpo tudo isto, e de liquidarmos nossas contas.

«Nem a memoria dos mortos, nem os cabellos brancos dos vivos, hão de ficar sem defeza. Prezamos a nossa honra; é um bem que Deus nos manda zelar, não só pelo amor de nós, mas pelo da Igreja e do paiz, a que pertencemos. Não temos tra-

balhado quasi vinte e cinco annos no duro ministerio do Apostolado nesta terra, empregando todas as energias de nosso coração e de nosso espirito na obra da regeneração deste povo que amamos, sacrificando-nos, matando-nos neste labor improbo, sob o peso desta temperatura de fogo, no meio de tantas angustias, privações e desconfortos, para irdes vós, que passaes regalado como um principe em uma das mais brilhantes côrtes da Europa, vós, revestido do caracter de alto funccionario da nação, despojar-nos do que nós temos de mais precioso que a vida, a honra do nosso nome, como cidadão e como Bispo!»

Agora, leitor, compara essa linguagem de um pastor catholico, esse tom que denuncia habitos e sentimentos muito arredados da humildade pregadas nos evangelhos; esse proposito firme de retaliações, de vinganças, de recriminações; compara essa longa, ainda que real, exposição de proprios feitos e de meritos pessoaes com a seguinte passagem, atravez da qual se revela a alma bôa e santa de um Marco Aurelio, um sectario do estoicismo:

«A fonte de tuas acções deve ser em tu'alma, não na dos outros. Offendem-te! que importa? Deus é teu legislador e teu juiz. Ha máos! Elles ser-te-hão uteis: se não existiram para que serviriam as tuas virtudes? Tu te queixas dos ingratos! imita a natureza, que tudo dá aos homens; e nada espera d'elles. Mas o insulto? O insulto avilta quem o faz, e não quem o recebe. E a calumnia? Deves graças aos deuses, porque teus inimigos, para maldizer de ti, é da mentira que lançam mão.»

O que resulta da leitura da livro do sr. D. Antonio é que realmente e effectivamente os Bispos revolucionarios não andaram nas bôas graças de Pio IX, que chamou-os a melhor vereda, posto com todo o tino e toda a maciesa de que são capazes os padres da curia romana, o que reconhecia o visconde do Rio Branco, de saudosa memoria, quando escrevia ao enviado brazileiro, pondo-o de sobreaviso.

Da leitura dos documentos dados a publico se evidencia um flagrante desconchavo, não só entre os membros do Episcopado Brazileiro, causa, na opinião do prelado paraense, de haver sido perdida a batalha, porém, mesmo ente o *infallivel* regedor da Igreja, e os seus delegados, a quem o Summo Pontifice entendeu de acerto dever soffrear: *pas trop de zele!*

E, que o resultado definitivo da tão ardente e tumultuaria

polemica foi todo elle em desvantagem do ramo espiritual, é o que não hesita em manifestar em clarissimos termos o sr. D. Antonio Macedo Costa, que, seja dito em seu abono, nada quiz deixar na sombra.

A cada passo falla o autor na condemnação padecida, na pena que lhe foi imposta; e, aos olhos dos que a distancia do espaço ou do tempo separar dos acontecimentos, parecerá que realmente o sr. D. Pedro de Alcantara mandou encafuar os dous vigarios de Christo n'uma nauseabunda enxovia, atando-lhes aos pés duros e pezados grilhões, nivelando-os, pela igualdade do trabalho, aos reprobos sociaes, pondo-os na esteira dos criminosos galés. Entrevisto de longe o quadro, que do seu martyrio debuxa o pastor paraense, é para maguar os mais endurecidos corações; e a gente como que chega a acreditar que a consciencia moderna transviada, entrava a vingar Giordano Bruno e Gallileu, celebradas victimas do fanatismo estupido, sanguinario e brutal.

Mas todos nós, os que sabemos que aquelle apparatoso processo não foi mais do que uma burla, que os bispos não perderam os seus privilegios principescos, ainda que moralmente foram abatidos, humilhados pelo poder temporal, temos, sem querer um sorriso ao lêr a descripção dos imaginarios supplicios.

São do mesmo feitio as maguas do chefe, sempre e sempre appellidado prisioneiro do Vaticano, e cuja existencia aliás, conforme a idéa que d'ella nos dá o auctor em algum lugar do seu livro, escôa-se ao menos tão docemente e tão gostosamente como a do sr. barão de Penedo, da qual nos fallou o sr. D. Antonio.

Cuida talvez o leitor que o Summo Pontifice vive como qualquer pé rapado n'um calaboiço, manducando as migalhas com que os fieis concorrem para o cofre de S. Pedro, mastigando um negregado pão de rala duro e bolorento, acompanhado de um ordinario zurrapa de meia pataca o quartilho!

D'esse engano tira-nos o sr. D. Antonio que faz-nos entrever a faustosa residencia do successor do pobrissimo e humilimo filho do carpinteiro, toda ella adornada de riquissimos painés, cercada de deslumbrantes jardins, onde se recreia o Pontifice, como outr'ora, segundo refere o Genesis, Jehovah perambulara no Paraizo para gosar as doces auras do crespusculo vespertino.

Veio-me á lembrança, ao lêr esse trecho d'*A Questão,*

aquella notavel passagem do *Hyssope,* quando o «farfante Deão» attenta nas mudanças soffridas pelo convento de Elvas, onde

«a seus olhos,
Na cerca entrando, juntos se lhe off'recem
As areiadas ruas, as estatuas,
Os buxos, os craveiros, as latadas
De mil flores cobertas, e que em torno
O virente jardim adereçavam.»

O bom do Lara muito menos disse, na seguinte arenga, do que diria o leitor si comparara o luxo do Vaticano com a pobreza dos humildes discipulos de Jesus:

«Por certo, que não póde duvidar-se
Do augmento, Senhor, que em nossos dias
Tem tido Portugal, por alto influxo
Do grande, forte e nunca assás louvado
Rei, primeiro no nome e nas virtudes,
E do sabio ministro que lhe assiste.
Não fallo nas sciencias e nas artes,
Qu'eu d'ellas nada sei, pois, meu emprego
A's lettras applicar-me me não deixa
Como meu gosto e genio me pediam.
E da arte da cosinha tão sómente
(Que é obra, quanto a mim, mais proveitosa
Aos homens que o francez que anda na moda)
Alguns pedaços leio estando vago.
Fallo sim no apparato dos banquetes,
No polido dos trajos e assembléas,
Dos jardins no bom gosto, e dos palacios;
Digo isto, meu senhor, porque esta cerca
Que era um chiqueiro ha menos de dous dias
Hoje tornada está n'um paraizo.»

Ao que o guardião todo enfunado responde:

«Aqui que póde haver que os olhos encha
.....
Si é tudo uma pobreza franciscana?»

Tempora mutantur. . . .

VI

Si ha quem ácerca d'este livro possa manifestar-se, com segura imparcialidade, sou de certo eu. Estas considerações *a vol d'oiseau*, faço-as com o animo desprevenido, e do ponto de vista tolerante em que mandam que me colloque os principios da moderna e sã philosophia que eu sigo.

Ainda que nunca se me vio trajando sebento balandráo nem embrulhado em rafada opa sem valor, certo é que tambem não usei ainda nunca o avental dos filhos da viuva. Si não ando ao cheiro do incenso nas sachristias, tambem não frequento os templos dos pedreiros livres. Não ligo importancia ás bullas nem ás excomunhões pontificias, mas tambem não me rejo pelas pranchas do Gram-Mestre.

Vou tal qual ia o divino auriga, a quem dizia o fabuloso personagem: *inter utraque; in medio tutissimus ibis.*

Para mim um bispo é alguma cousa de respeitavel, como a alta auctoridade espiritual, como o signo de uma força hoje a extinguir-se, mas que em tempos idos foi o valioso impulso que em andamento punha o mecanismo social.

Não sou dos que apedrejam o sol no occaso. O criterio da relatividade, transplantado por Comte para o dominio da historia, foi a segurissima base em que elle houve de estribar-se para rehabilitar a idade média, tida até então por uma noite fechada e tenebrosa. Ao fundador da philosophia positiva coube a gloria de apontar para essa porção do tempo, fazendo descortinar, atravez a espessura das nuvens, os clarões que irradiavam do christianismo, doutrina á cuja sombra se organisou o mundo, depois que a Roma dos Cezares se deixára cahir aos pedaços roida até a medulla pela lepra da corrupção moral.

Temos pelo catholicismo, e pelas entidades que o representam, o mesmo religioso respeito que tem o archeologo pelos restos da civilisação antiga escavados de sob os montões de ruinas. Como um numismata nós acatamos essas moedas, que no

passado tinham subido valor, quando o tempo não viera ainda mostrar que não era de purissimo e incorruptivel metal que haviam sido fabricadas, desde que começaram de oxidar-se sob a acção da critica scientifica.

Acho-me de perfeito accôrdo com o auctor no que toca ao nosso actual estado social. Tão fiel é, e tão verdadeiro o quadro da situação presente qual o debuxa o sr. D. Antonio, que para estas columnas gostosamente traslado esse trecho todo inteiro:

«Ai Deus grande! que clarão projecta tudo isto sobre o estado moral d'este paiz! Desgraçadamente a verdade é esta: nós não temos justiça!

«O poder publico em vez de fazer justiça, que é a sua missão essencial, que é a sua fórma determinativa e caracterista, a sua mesma razão de ser; em vez de desembainhar a espada da lei para comprimir e castigar os máos, defender e tranquilisar os bons, vive de condescendencias miseraveis, de frouxas transações, de pactos ignobeis.

«Temos homens de Estado rectos, probos, conscienciosos, quem d'isto duvida? mas a sociedade está tão corrupta, que chegados ao poder são impotentes para dirigir com vigor a acção da justiça contra paixões pessimas que irrompem em tropel e se precipitam desboccadas. Affroxam, cedem, contemporisam.

«O governo já não é mais entre nós um tribunal de justiça social e suprema acatado dos cidadãos; é uma sociedade de soccorros mutuos para o goso dos empregos lucrativos e posições brilhantes, e por isso vae cada dia mais perdendo o seu prestigio. Não póde mais manter a ordem, porque elle mesmo é a desordem.»

Quem tão ao vivo pinta o descalabro em que vão os publicos negocios; quem por tal maneira nos amostra em toda a sua hediondez a gafeira, que dia a dia vae depauperando o organismo nacional, matando-nos o caracter; quem assim tão abertamente se expressa não é nenhum nihilista revolucionario, não é nenhum joven irrequieto e estonteado ao serviço da demagogia petroleira.

Essas palavras, da penna de um bispo é que cahiram; esse conceito, no espirito amadurecido de um ancião respeitavel e illustre é que se formulou. Valiosissimo é, pois, o testemunho do auctor depondo no processo que nós instauramos contra o actual estado de cousas, secundando valentemente a causa, que mo-

vemos contra o systema de corrupção, que nos degrada a mais e mais, mettendo pelo ceno o nome da patria, preparando-nos um porvir desgraçado, de que só poderá salvar-nos um masculo e vigoroso esforço, que em novos e solidos alicercer faça descançar o edificio social.

N'essa obra é que andamos empenhados, A essa ardua e gloriosa tarefa, em pról da regeneração da patria, é que estão consagradas as nossas forças. Estamos prafundamente convencidos de que, a nova synthese scientifica, que trabalha a consciencia moderna, produzirá a synergia das vontades, e consolidará o escalavrado corpo nacional.

Não será um sectario da philosophia relativa quem ha de vir negar que imos a jornadear em escalabrosissimo terreno, trilhando ingreme e tortuosissima vereda, ainda que, como sôe sempre succeder, seja essa a condição essencial para galgar o picaroto da montanha. Ninguem melhormente que o mestre, illustre entre os que mais o tem sido no seculo decorrente, soube comprehendsr e revelar a actual crise social, que nos assoberba, fazendo vêr, por modo que ainda aos myopes se não furta, o phenomeno a que com propriedade appellidou — anarchia mental, — resultado natural do descredito em que cahiram as velhas theorias theologicas, solapadas e delidas pela mão potente da metaphysica critica.

Ainda que esta ultima, por sua natureza mesma, tenha um destino méramente transitorio, e por missão historica lhe caiba preparar o advento das theorias positivas, não é dado evitar que ella se haja esforçado por consagrar como final um estado que não é senão passageiro, e que ha de por uma fatalidade inilludivel desapparecer. D'ahi é que promanou a celeberrima theoria politica da monarchia temperada, absurdo e hybrido consorcio entre os dogmas antagonicos e incompativeis da soberania do povo e da soberania do rei, claramente formulada na maxima conhecida de Thiers.

D'ahi é que vem igualmente a vã e impossivel alliança entre a infallibilidade do papa e a inerrancia do chefe temporal.

Ambos esses vicios, ambas essas inconsequencias estão consagrados na nossa Constituição, flagrantes e indubitaveis attestações da origem metaphysica de onde ella manou.

De um lado se proclama n'esse documento, tristissimo do-

cumento da nossa fraqueza e da nossa inepcia, que todos os poderes são delegações da nação, e que importa reconher como soberana a vontade do povo; de outro lado consagra-se o principio da irresponsabilidade de um monarcha, que por herança recebe as redeas da governação cynicamente tomadas n'um assalto vergonhoso, e n'uma emboscada covarde e desleal; monarcha, cuja acção, cercada como é de garantias sem conta, e investida de faculdades sem limites, de facto amesquinha e annulla a vontade nacional.

E' do mesmo feitio, e eivada do mesmo vicio de machiavelismo, a relação que a lei estabelece entre a Egreja e o Estado. Por um erro inherente a todas as organisações sociaes que têm a mesma origem que a nossa, erro que consiste na confusão do poder espiritual com o temporal, reconhece-se a religião catholica como a religião do Estado, arredando-se de todos os cargos publicos os que não forem portadores de um salvo-conducto papal.

Com sobejas razões poude o sr. D. Antonio, com os olhos no chamado pacto fundamental, exclamar:

«No nosso Brazil, porém, com uma Carta que impõe ao governo a obrigação de sustentar e defender a Religião Catholica Apostolica Romana, Carta que ainda se diz vigente, cujo artigo 5.º não foi ainda por certo abolido, pensou-se de outro modo.»

E mais adiante:

«Mas eis duas auctoridades, dous poderes publicos, ambos reconhecidos pela lei, ambos com sua esphera propria de acção, ambos com o direito e o dever de manter a liberdade, a inviolabilidade de sua acção dentro d'esta esphera. Sobrevem desgraçadamente na prática um conflicto. Cada qual mantém o que julga ser um direito. Aonde está o crime?»

Certo é que a lei, reconhecendo a Religião Catholica como a Religião do Estado, ao papa, declarado infallivel, é que devera respeitar como unica auctoridade competente para resolver as questões pelo fôro espiritual fossem agitadas.

Mas onde o Bispo redondamente se engana é quando affirma que cada um desses poderes tem na lei, que os reconhece a ambos, a sua esphera propria de acção. A Constituição subordina o poder espiritual ao temporal, uma vez que ao placet imperial são sujeitos os actos pontificios, que força nenhuma terão sem a sancção do monarcha. Esta determinação torna de

algum modo nulla a vontade do papa, e claramente deixa vêr a confusão que necessariamente reina entre os dous dominios de si distinctos.

E o que é para notar, enfraquecido e desprestigiado, o poder espiritual, representado pela egreja, no interesse de arrastar vida ingloria, nos empenhos vãos para prolongar uma agonia que ha tanto dura, para salvar uns *semblants* de força e de poderio, acceita essa posição subalterna, e *tolera* ainda que não admitte a sua real e effectiva inferioridade.

O que o actual estado dos espiritos está a reclamar; o que a civilisação está pedindo em altos brados é a extincção d'aquelle anachronico artigo 5.º, uma das causas do nosso atrazo presente e da nossa futura ruina.

A verdade está n'estas palavras de um publicista de nota: «E necessario fazer comprehender que o Estado não tem por missão proteger e retribuir um culto; que *governar cidadãos e governar christãos são duas funcções bem distinctas,* reunidas pelas necessidades dos tempos passados, mas cuja separação exige a época presente; que esta separação finalmente é o unico meio pratico de fazer reinar a paz nas consciencias e a ordem na rua.»

E pur si muove [1]

La science, c'est la puissance des siècles combinée avec celle du genie, car si les siècles y ont confondu leur lente elaboration, des genies, elite de l'humanité, y ont incorporé leur pensée dans ce qu'elle eut de plus vif et de plus lumineux.—E. LITTRÉ.

Moysés legou-nos uma narração circumstanciada da creação do Universo.

Quando se cogita no magno problema das origens do universo encontra-se como em chocante antithese uma solução theologica e uma solução positiva. A primeira representada pela cosmogonia mosaica tenta explicar a creação do mundo com o auxilio de um poder exterior. E' uma simples assimilação ao processo grosseiro do artista o modo porque se concebe o ar-

(1) Publicado na Revista do Club Academico da Escola Militar do Rio de Janeiro em 1882.

chitecto supremo fabricando o universo. Rigorosamente porem se não comprehende a analogia, porque, conforme a judiciosa observação de Spencer, o operario não fabrica a materia prima; e supposta a existencia de um operario divino e sobrenatural, restava explicar a creação da materia. Ainda maior é a difficuldade a que se é levado quando se considera o espaço.

«Quando mesmo não existisse senão um vasio incommensuravel seria preciso ainda explical-o. Uma questão se levantaria: d'onde vem este vasio? Para que uma theoria da creação fosse completa ella deveria responder que o espaço foi creado da mesma maneira que a materia. Mas a impossibilidade de conceber este modo de crear o espaço é tão manifesta que ninguem ousa affirmal-o.»

E, mesmo dada a hypothese da existencia da materia e do espaço, estaria eliminado o mysterio? Ter-se-ia conseguido desvendar o segredo e surprehender a realidade absoluta?

Nunca. E reconhece-se mais uma vez aqui como ao homem só é dado recuar o enigma sem nunca decifral-o.

Acceita a explicação theologica, vê-se que é vã a pretenção dos que annuncião a narração biblica como encerrando a ultima palavra na investigação das origens, porque fica por explicar o creador omnipotente, cujas mãos vigorosas sacudirão nas regiões frias do espaço illimitado esses milhões de espheras fluidas que constituirão o *cosmos*.

Assim pois o espirito humano, apezar das affirmações categoricas dos theologos, encontra diante de si uma questão aberta. A existencia da causa remota não é mais concebivel do que a existencia da causa proxima.

Ao invez d'isso a cosmogonia positiva é uma noção relativa e limitada. Ella não é senão uma explicação do universo, na accepção scientifica do termo, isto é, uma tentativa de remontar ao que foi pelo conhecimento do que é, um esforço por adivinhar o passado pelos seus traços quasi apagados que encerra o prezente.

Procura-se ler, atravez da cadêa sem limites do tempo, a pagina hyeroglyphica do passado, e descobrir a lei da evolução cosmica, baseado no testemunho do céo, e apoiado nas revelações dos phenomenos sideraes.

E' Comte: «Toda idéa de creação propriamente dita deve ser radicalmente affastada, como sendo por sua natureza inte-

ramente incomprehensivel, e a unica investigação racional, si ella é realmente accessivel, deve concernir unicamente ás *transformações* successivas do céo, limitando-se-a mesmo, ao menos primeiramente, á que poude produzir immediatamente seu estado actual.» *(Philosophie Posit.)*

Quando se falla em nome da sciencia não se nutre a esperança fallaz de remontar ao conhecimento das causas primarias ou finaes. Este é o papel da theologia e da metaphysica. Só ao metempirismo é dado alar-se a essas regiões inaccessiveis. O espirito positivo tem uma bussola que o dirige seguro ao conhecimento da verdade, o dogma da relatividade, esse criterio infallivel do cognoscivel. Só lhe é dado explicar os phenomenos naturaes com o auxilio das leis fixas e invariaveis que regem a força e a materia em todas as suas multiplas modalidades.

Uma cosmogonia positiva, escudada na sciencia ha de necessariamente parar diante da infranqueavel barreira que cerca como um circulo de ferro a consciencia humana, e que ella só pode ultrapassar nos seus phantasiosos sonhos ontologicos.

A cosmogonia mosaica, ainda hoje amparada pela sancção official, representa a ultima palavra da sciencia baseada na revelação e no milagre. E' um Deus caprichoso que se diverte na fabricação do Céo e da Terra, a morada deliciosa preparada para o genero humano, o ponto final da Epopéa divina.

A Biblia assignava assim ao globo, que nós habitamos, o lugar de honra no concerto dos astros. Cabia-lhe naturalmente, logicamente o centro do Universo; era a unica posição compativel com o seu destino, aceito o ponto de vista theologico.

E todos os milhões de astros que povoam o firmamento deviam render preito e homenagem ao corpo celeste, que fôra o objecto da predilecção e sympathia de Deus.

Nós encontramos profundamente enraizado, lá no passado e na historia, o erro geocentrico, que só uma lucta muitas vezes secular permittiu apagar da consciencia humana.

Emquanto a copia de estrellas pregadas na cupula celeste figurava um acervo de pontos fixos de uma esphera sólida; e Anaxagora podia ser perseguido por ousar conceber o sol maior que o Peloponeso, a theoria biblica podia se impôr aos espiritos. Na apparencia a observação não a contradictava.

E acha-se o erro da Santa Escriptura, que distribuia á terra immovel o papel de centro do Universo, como a base da

antiga Astronomia, levantada por Hiparco, e completada por Ptolomeo, esse inventariante dos preciosos legados do astronomo de Rhodes, e cujo nome cobrio o systema, que representa a opinião recebida durante um largo e extensissimo periodo.

E' talvez a lucta mais heroica, a mais gloriosa campanha do espirito humano, essa em que se tentava corajosamente desbancar um erro radicado na consciencia, e derribar uma crença, que mergulhava seus fundamentos na noite escura do tempo.

Tambem a verdade heliocentrica, o fructo d'essa lucta homerica, em que Copernico foi o mais desassombrado batalhador, e Galileo o martyr glorioso, marca uma era nova no dominio da sciencia, e significa uma crise revolucionaria no mundo philosophico.

O eminente astronomo de Thorn ousou deslocar o globo, que nos sustenta, do lugar em que o collocara o Architecto do Universo, si fé merece o Genesis, e arregimentando-o entre os planetas fel-o caminhar em torno do sol, esse candelabro immenso, que fora dependurado na aboboda dos céos para illuminar a Terra.

Os pontos scintillantes do espaço, os tenues vagalumes das regiões ethereas, se revelaram ás incessantes investigações grossos corpos, immensos sóes, separados de nós por distancias que quasi ultrapassam o limite da concepção humana.

E o nosso planeta ficava reduzido a um quasi nada, uma differencial de ordem elevada, em comparação ao numeroso exercito de corpos luminosos, que o astronomo devassou quando munido do telescopio *perrupit claustra cælorum,* para lembrar o epitaphio gravado sobre o tumulo de Herschel.

De nada serviram os elementos de que lançaram mão para explicar a engrenagem sideral os primitivos decifradores dos dominios de Phebo.

Os cometas, esses nihilistas do céo, quebraram, na linguagem de Fontenelle, as espheras de crystal ideadas para facilitar o movimento diurno das estrellas; do mesmo modo que mais tarde, segundo a observação do Dr. Whewell, cortaram os turbilhões de Descartes, imaginados para explicar, sem o soccorro de divinos aurigas o movimento translativo dos seres celestes.

Foram inuteis todos os recursos accumulados pela philosophia antiga. Todos os materiaes estavam consumidos pela acção do tempo, e o arsenal immenso de petrechos aristotelicos

foi impotente diante da força da verdade, que surgia solidamente apoiada no terreno firme da observação bem dirigida, e affirmada contra a palavra de Josué, (2) solemnemente desmentido aqui.

Quando os peripateticos apezar do *échafaudage* da sua dialectica sentiram-se vencidos foi a vez dos theologos ousados e ignorantes.

Condemnou-se a verdade do movimento da Terra como uma heresia e uma impiedade, e os seus promotores foram arrastados aos tribunaes ecclesiasticos.

Tentou-se vencer com a luz vermelha e sinistra das fogueiras inquisitoriaes a claridade pura que irradiava a sciencia, illuminando a consciencia moderna, e surgindo como o sol de uma nova civilisação.

Tentou-se, mas debalde, suffocar sob as frias abobadas dos carceres a palavra dos confessores da idéa nova, e sepultar no esquecimento a senha que Copernico distribuira, sentinella avançada, aos legionarios do futuro.

Inutilmente a *troupe* dos theologos viria, disciplinada sob a auctoridade da Egreja, emprehender em nome da noite essa cruzada contra o dia, condemnando o *De revolutionibus* de Copernico *donec corrigatur.* Inutilmente porque na frase de Pascal, não era o decreto de Roma sobre o movimento da Terra que provaria que ella está em repouso; e no dia em que observações constantes provassem que ella gira, todos os homens juntos não a impediriam de girar, e não se impediriam de giiar com ella.

«E' preciso conceber esta crise fundamental da Astronomia moderna como tendo devido determinar a primeira manifestação historica da incompatibilidade radical da sciencia real com toda a philosophia theologica. Ainda que a auctoridade sacerdotal tenha devido formular vãos textos para obter legalmente contra o grande Gallileo uma condemnação caracteristica, a impotente opposição da Egreja á doutrina coperniciana repousava necessariamente sobre motivos muito mais profundos; seu instincto confuso lhe fazia sentir que todo o seu imperio intellectual se achava

(2) *Sol contra Gabaon ne movearis, et Luna contra vallem Aialon. Stetit Sol in medio Cœli; non fuit antea, nec postea tam longa dies.*

(Jos. Cap. 10 v. 12. 14.)

por isso mesmo radicalmente compromettido. E' claro com effeito que o conjuncto do systema theologico, mesmo no estado de extremo monotheismo, suppõe o universo essencialmente subordinado ao homem o que não é mais compativel com o duplo movimento da Terra». (Comte, *Astronomie Populaire).*

Além d'esta influencia necessaria e negativa, resultante da doutrina copernicana, Comte fez notar que ella exerceu uma outra influencia positiva e permanente, consistindo em substituir a noção relativa de *mundo* á idéa absoluta de *universo.*

E sabe-se como fecunda é uma semelhante distincção que, recuando a distancias incommensuraveis os astros exteriores ao nosso systema planetario, e proclamando a independencia do ponto de vista solar em face do ponto de vista cosmico, abrio novos horisontes ao espirito humano, ao mesmo tempo que circumscreveu o campo que com mais fructo elle pode rotear em sua labutação permanente.

«O universo forma provavelmente um todo, cujos limites nos escapam; si elle é regido por leis em seu conjuncto, estas leis são desconhecidas; e não ha esperança de que o espirito humano consiga jamais remontar a ellas. O mundo solar ao contrario é um limitado, bem circumscripto; por sua simplicidade, por uma feliz reunião de circumstancias favoraveis, seus movimentos são accessiveis á analyse: o estudo destes movimentos é um simples problema de mecanica, e este problema foi tão completamente resolvido que a Astronomia está hoje em condições, não só de se representar fielmente seus estados anteriores, mas ainda de predizer com uma precisão singular seu estado futuro em uma data qualquer. (Faye, *Astronomie).*

E' nos tempos gloriosos da pujante civilisação hellenica que se encontram os germens da doutrina de Copernico. E' lá, n'esse torrão fecundo em genios, que pela primeira vez nos apparece na historia despontando a idéa da mobilidade da Terra.

A eschola pythagorica tentou primeiro explicar o movimento diurno da esphera estrellada pelo movimento do globo terraqueo em sentido inverso e em torno do seu centro.

Segundo Cicero, Hicetas de Syracusa ensinava «que o Céo, que as estrellas, etc., ficam immoveis emquanto a Terra só gira; esta, girando com rapidez em torno do seu eixo, produz o mesmo effeito que, si a Terra ficando immovel, o céo girasse.»

E' Plutarcho: «Heraclito do Ponto e Ecphanto fazem girar

a Terra não por um movimento de translação, mas por movimento de rotação do occidente para o oriente em torno do seu proprio centro.»

Pela passagem citada se comprehende que, ao menos na opinião dos philosophos a que se referia Plutarcho, não se tratava senão do movimento diurno, claramente distinguido do movimento translativo em torno do sol.

Attribue-se geralmente a Philolau a idéa deste ultimo movimento. Não o acreditaria Hœfer, para quem essa asserção não repousa sobre nenhum documento preciso.

Bailly, que até acreditou ser a opinião do deslocamento da Terra a causa da expulsão de Philolau da Italia inferior, fez a proposito notar como esta verdade pela qual Gallileo perdeu a liberdade teria a sorte de tornar desgraçados, em todos os seculos, os que primeiro a ensinassem.

Ao menos é forçoso confessar que a opinião pythagorica nos apparece obscurecida, quasi como uma cousa puramente imaginaria.

Entendia Philolau que, cabendo o lugar de honra ao que tem maior valia e sendo o fogo mais estimado do que a Terra, a elle cabia o centro do Universo, ficando á Terra o girar circularmente em torno d'elle. Pode-se concluir d'aqui que se tratava do verdadeiro movimento da Terra ao redor do Sol?

Hœfer o crê ao menos em extremo duvidoso: «Porque primeiramente elle não diz si este movimento determinaria a duração do anno, como o movimento de rotação determina a duração da nyctemeride. Depois, que era o fogo em torno do qual a Terra devia executar o seu movimento circular? *Não era certamente o sol*, como se poderia ser tentado a crer, pois que o sol devia, na opinião de Philolau, girar com os outros planetas em torno d'este fogo central.»

Montucla foi levado, pelo contrario, a attribuir aos pythagoricos e principalmente a Philclau o ensinamento da verdade da revolução annua do globo.

Eu cito textualmente a passagem em que elle discutio o facto: «A respeito da opinião pythagorica sobre o movimento da Terra e a estabilidade do Sol, reconhece-se-a facilmente sob o emblema de um fogo collocado no centro do Universo, *fogo que não poderia ser senão o do sol*, ainda que alguns tenham pretendido que se tratava do fogo central. Nós a devemos suppor

mais antiga que Philolau, ainda que não lhe achemos os traços senão em seu tempo. Sabe-se que Pythagoras tinha costume de velar seus dogmas sob emblemas obscuros, cujo verdadeiro sentido era sempre desconhecido ao vulgo. Elle usava assim sobretudo acerca das opiniões, que muito contrarias aos prejuizos, terião exposto sua philosophia ao ridiculo. Apparentemente a do movimento da Terra foi deste numero. Assim ella ficou coberta do véo mysterioso do enigma e do segredo até Philolau. Este philosopho ousou primeiro expol-a *au grand jour,* e é por isto que mereceu a honra de lhe dar seu nome.»

Entre os pythagoricos mesmos as opiniões se dividiam. De um lado Philolau, Architas e Aristarco, além de outros, acceitariam o duplo movimento; de outro Hicetas ou Nicetas, segundo Cicero; Heraclito, Ecphanto e Seleucus, segundo Plutarco, seriam simplesmente pelo movimento diurno.

Mais claro é o testemunho da tradição historica no que respeita a Aristarco, o qual, conforme refere Archimedes, *collocando o sol entre as estrellas fixas fazia girar a terra ao redor desse astro.*

Quer tratasse de aventar uma idéa nova, quer procurasse apenas fazer reviver a doutrina pythagorica, é certo que Aristarco esforçou-se por apoiar sobre um argumento de valia sua opinião, e tratou de invalidar a objecção, que muitos seculos depois viria ainda a lume. O astronomo grego respondia aos que lhe faziam uma objecção da inalterabilidade de aspecto das estrellas fixas, o que não era certamente a concluir da opinião que fazia variar no espaço o ponto de vista, allegando que a orbita da Terra não era senão um ponto em relação á distancia enorme que a separava dos astros immoveis.

Aristarco, que foi um investigador laborioso e paciente, por um processo especial e engenhoso procurou medir a distancia do sol á Terra, ainda que suas demonstrações, na opinião de Delambre, provem antes a ignorancia em que se estava então da trigonometria rectilinea do que dêm a distancia do sol (3). Um tão infatigavel sondador dos céos, teria sido levado a tentar a

(3) Aristarco concluiu que a distancia do Sol á Terra era mais de 18 e menos de 20 vezes maior que a da Terra á Lua. Sabe-se que tomando para valor approximado do raio da orbita da Terra 24,000 raios terrestres e para valor approximado do raio da orbita lunar 60 raios terrestres, a verdade é que a distancia do sol á Terra é cerca de 400 vezes maior que da Terra á Lua.

determinação da parallaxe annua das estrellas, como conjectura Hœfer? Nesse caso era com toda a segurança que já no seculo III antes da era de Christo, Aristarco ia ao encontro da objecção que se levantaria muitos seculos mais tarde contra Copernico. E Ticho-Brahe, que não podia conceber esse immenso espaço vasio além da orbita de Saturno e aquem das estrellas fixas, encontraria ahi uma das razões que o levaram a propor o seu systema mixto de arranjamento planetario.

Sendo assim comprehende-se que, mesmo tal qual foi defendida por Aristarco de Samos, a verdade do movimento da Terra estava muito longe de ser o que foi nas mãos de Copernico, quando este astronomo ousou levantal-a apoiando-a sobre longos annos de observações constantes e de meditações profundas.

Nunca se poderia pois apoucar as dimensões da grande revolução operada por Copernico, nem diminuir o brilho dos louros que elle colheu na lucta pela sciencia.

Convem não confundir jamais a descoberta e demonstração de uma verdade scientifica com o que se pode considerar apenas como uma suspeita vaga. «Ter encontrado uma verdade não é tel-a descoberto e se ter posto por assim dizer de posse d'ella. E' preciso tel-a estabelecido sobre provas solidas e ao menos proprias a subjugar um espirito justo e imparcial.»

E quantos seculos se devião escoar ainda antes que a luz se fizesse plenamente no terreno da Astronomia! Que duello titanico tinha de emprehender ainda a razão, que libertava a consciencia, contra o dogma, que a escravisava!

«A Terra era reputada desde tanto tempo em um repouso perfeito no centro do Universo, que seria um motivo de surpreza que o systema, que vinha perturbal-a nessa posse, fosse acreditado sem longos e vivos debates.»

Vem a pelo as considerações lançadas pelo historiador da Astronomia, Bailly: «Si jamais se propoz um systema ousado, tal foi o de Copernico; era preciso contradizer todos os homens, que não julgão senão pelos sentidos; era preciso persuadil-os de que o que elles vêm não existe. Em vão desde o seu nascimento, em que a luz lhes feriu a vista, elles virão o sol avançar magestosamente do oriente para o occidente, e atravessar o céo inteiro em seu curso luminoso; em vão as estrellas, livres de brilhar em sua ausencia, avanção sobre seus passos e fazem o mesmo caminho

que elle durante a noite; em vão o sol parece cada dia, e no curso do anno, se affastar das estrellas, que se desprendem successivamente dos seus raios; sol, estrellas, tudo é immovel; não ha movimento senão na pesada massa que nos habitamos. E' preciso esquecer o movimento que nos vemos, para crer no que nós não sentimos. E é um homem só que ousa propol-o.» *(Astronomie moderne).*

Tambem não foi sem hesitação, e antes só cedendo a repetidas instancias que Copernico se resolveu a expor o seu systema, que, no silencio da sua estante, fizera dormir criminoso somno de 36 longos annos.

Copernico previra a tempestade medonha que se desencadearia sobre a sua cabeça. E' elle quem nol-o diz no prologo da sua obra collocada sob a salvaguarda do papa Paulo III.

Para facilitar o exame da questão do movimento da terra, é de toda a conveniencia separar os dois movimentos, começando por estudar a rotação, que se pode mais simplesmente reconhecer de um modo directo.

«Esta decomposição é aqui tanto mais natural quanto na realisação total da profunda revolução intellectual que deu em resultado a passagem da idéa de repouso para a de movimento, o espirito humano formou com effeito, uma hypothese intermediaria, pouco conhecida hoje, a de Longomontanos, que admittia a rotação da Terra, continuando a negar a sua translação e que, por mais absurda que seja, astronomicamente fallando, não foi inutil, sob o ponto de vista philosophico como meio transitorio.» (Aug. Comte, *Philosophie positive).*

Longomontanos era discipulo de Ticho-Brahe, e, segundo Montucla, não a elle mas a Raimard Ursus seria devido o systema chamado meio-tychoniciano, que traz seu nome.

O estudo d'esta questão fornece mais uma occasião de observar-se a marcha que segue o espirito humano nas suas construcções scientificas, o qual por uma necessidade logica é levado a modificar a intensidade do choque de uma theoria nova contra os prejuizos acceitos e reinantes, lançando mão de hypotheses, cujo papel é meramente transitorio.

De Ptolomeu a Copernico ha uma distancia enorme; e entre o erro geocentrico e a verdade heliocentrica ha logicamente e mesmo chronologicamente, uma serie de *demi-verités* intermediarias.

Já entre os pythagoricos, como se evidencia das passagens anteriormente citadas, uns acceitavam o duplo movimento do globo, emquanto outros não iáo além da crença na rotação ao redor do eixo.

E foi este ultimo movimento o que primeiro calou no espirito do eminente Copernico: «Esta idéa o encantou por sua simplicidade: ella o libertou já do inconveniente de fazer mover toda a machina celeste com uma rapidez inconcebivel para satisfazer ao movimento diurno.» (Montucla, *Hist. des Mathem).*

Ainda, como ponto de transição para o systema de Tycho-Brahe, figura a doutrina ensinada por Martianus Capella, segundo o qual, muitos philosophos tinham pensado que Mercurio e Venus effectuavam suas revoluções em torno do Sol, de que seriam apenas satellites, em quanto este ultimo descreveria sua orbita circular ao redor da Terra. E na marcha seguida pelo espirito de Copernico essa opinião representa um estadio importante: «Foi para elle um novo traço de luz; porque as consequencias desta hypothese se accordam tão bem com os phenomenos que todo o espirito isento de prejuizos não pode deixar de acceital-a.» (Montucla, *ib).*

Para provar ainda o accordo do desenvolvimento do individuo e da especie, é necessario não esquecer que Copernico foi igualmente levado á hypothese, pela qual o illustre astronomo de Uranibourg viria mais tarde tentar salvar o texto da Biblia, e pol-a de accordo com a sciencia positiva. (4)

Só então foi que Copernico deu o ultimo e decisivo passo, dispondo a Terra entre os vassallos do Sol, e fazendo cessar a desharmonia chocante, que naturalmente resulta do systema de Ticho.

«Eu acceito a opinião de Martianus Capella e outros autores latinos que pensão que Venus e Mercurio girão em torno do Sol; e sei aqui porque suas digressões são limitadas, determinadas pelos raios de suas orbitas. Estes planetas não cercam a Terra. Assim a orbita de Mercurio será encerrada na de Venus. Partindo d'ahi não poderemos referir ao mesmo centro Saturno,

(4) Ha quem tenha attribuido a Appolonius de Perge a idéa de fazer girar em torno do Sol Marte, Jupiter e Saturno, e assignado assim uma avançada idade ao systema de Brahe. Bailly porém declara não garantir o facto por não lhe encontrar fundamento algum.

Jupiter e Marte? Bastará para isso dar raios convenientes a suas orbitas, que deverão abraçar a orbita da Terra. Entre a orbita de Venus e a de Marte fica um espaço livre: é lá que nos collocaremos a orbita da Terra, e em torno da Terra a orbita da Lua, que não pode se separar da Terra. Nos não coraremos por declarar que a orbita da Lua e o centro da Terra fazem sua revolução annua em torno do Sol, centro do mundo, em uma grande orbita em companhia dos outros planetas.» (Cupernicus, *De revolutionibus orbium cœlestium).*

E assim veio ao mundo essa verdade grandiosa, que foi o grito de alarma levantado no acampamento dos peripateticos e dos theologos; e apoz o qual o espirito humano sentiu-se arrastado a *esse passo ousado que foi como o signal da feliz revolução que experimentou a philosophia ponco tempo depois.*

Um tremor da terra [1]

Um leve e insignificante estremecimento da epiderme terraquea acordou em sobresalto a população d'esta capital e de alguns pontos do interior, tão habituada a dormitar tranquilla.

Não é o nosso paiz do numero d'aquellas regiões, onde tem a natureza rasgado esses immensos respiradouros e medonhas fornalhas para dar vasão aos gazes e vapores produzidos pelas acções chimicas dos elementos, que vivem em reacções na vasta retorta formada pelo globo tellurico.

Segrega-nos muralha espessa da zona, onde tanta vez faz a terra altas surprezas aos descuidados habitantes transandinos. Não temos na actualidade vulcões em exercicio, e de apagados não ha vestigio na superficie do sólo brazileiro, em que a ilha de Fernando de Noronha figura como o unico ponto conhecido de origem vulcanica. (Vid. Vappœus, *A Terra e o Homem.*)

A circumstancia de ser um tal phenomeno extraordinaria occurrencia por estas paragens, a seguro dos dramas que enchem de consternação na hora presente a Hespanha, tem fornecido ensejo azado, para que a ignorancia saia a campo e dê curso ás mais extravagantes explicações.

---

(1) Publicado n'*A Provincia do Pará* em Agosto de 1885.

De parelhas com a nesciencia corre a crendice, planta damninha, de cujo cultivo vive uma classe inteira da sociedade, empenhada no papel inglorio de guardar a escuridade em derredor da consciencia do povo.

E é por isso que os espiritos credulos, nunca desmemoriados d'aquellas terriveis vinganças em que no passado se exercitou o Deus soberanamente bom e misericordioso, encaminhão os olhos da alma para os céos, na mira de applacar a irritação de quem póde muito bem fazer-nos com um piparote *in pulverem reverteri*. No Abaeté sabemos que a população alarmada passeou em romaria as imagens, implorando a misericordia divina.

Notavel é que ainda hoje, quando está a pendula a ferir as derradeiras pancadas do seculo, que vio a victoria brilhante da verdade contra o erro, tenhamos um traço, que nos faça recuar tantos elos da cadeia infinda do tempo, para prender-nos ao periodo do reinado de d. João III, cuja lembrança me passa pela memoria n'este momento.

Tambem n'essa época (1531) a terra agitou-se (26 de Janeiro); e opportuna pareceu aos frades (tão grande era n'esses tempos calamitosos o seu poderio!) a occasião para exercerem as suas funcções, explorando a ignorancia do vulgo. Sahio-lhes ao encontro aquelle celebrado poeta, o Gil Vicente, o qual em missiva ao rei dizia: «Os frades de cá não me contentaram, nem em pulpito, nem em pratica; sobre esta tormenta da terra que ora passou; porque não bastava o espanto da gente, mas ainda elles lhe affirmavam duas cousas, que os fazia mais esmorecer: A primeira, que pelos grandes peccados que em Portugal se fazião, a ira de Deus fizera aquillo, e não que fosse curso natural, nomeando logo os peccados porque fôra; no que pareceu que estava n'elles mais somma de ignorancia que de graça do Espirito-Santo etc.» (2)

Do tão conhecido auctor da *Ignez Pereira* e do *Clerigo da Beira* até nós, fica um vão de mais de tres seculos, e n'esse longo espaço tem a humanidade jornadeado em demanda da verdade, de sorte que já a nós não nos caberia dizer como o poeta portuguez «que o tremor da terra ninguem sabe como he, quanto mais quando será e quamanho será.» (3)

---

(2) Vide nota A *in fine*.
(3) Vide nota B.

Certo que no seu estado actual não póde a geologia fornecer a solução de todos os problemas, que preoccupam de longa data o espirito do homem, e muitas questões ahi ficão abertas até futuras indagações.

Ainda hoje póde-se classificar, com Huxley, em tres categorias, as theorias propostas para explicar os phenomenos geologicos. São tres systemas especulativos mais ou menos contradictorios, que podemos designar com o eminente professor inglez por—systema das *catastrophes*, da *uniformidade*, e da *evolução*.

Pelo primeiro são os acontecimentos do globo considerados como effeitos de forças, que por sua natureza ou descommunal intensidade se distinguem das que nos são conhecidas. Essa theoria em que tinha fundamento a cosmogonia mozaica, foi de muito destronada pelas doutrinas de Hutton. *(The theory of the Earth)* e C. Lyell *(Pinciples of Geology)*, os dois sabios que mais contribuição levaram para o progresso da sã geologia.

A theoria da *evolução* foi pela primeira vez applicada aos factos geologicos por Emmanuel Kant, que desde de 1755 assentou os delineamentos de uma genese positiva do globo.

*
* *

Que o acontecimento do dia 4 do corrente é um facto natural, e que como tal havia de succeder, quer Deus quizesse, quer não, é o que não ignoram quantos têm a consciencia illuminada pelas claridades da sciencia.

Racional parece attribuir o leve abalo aqui sentido a uma commoção subterranea, cujo centro de acção se póde achar de nós bem afastado, de sorte que não nos havemos arrecear de proximos e grandes desastres. (4)

Sabidos por demais são os effeitos de uma agitação do globo que nos hospeda. Ainda paira na memoria de todos a lembrança dos terremotos de Ischia e de Java, os quaes até remotas distancias encontraram écho, tendo o abalo aberto caminho no amago da terra.

Para só fallar no que tão estupendamente sacudio a ilha da Sonda, lembremos qua a essa causa se attribuem phenomenos verdadeiramente admiraveis, taes como: a propagação de uma vaga atmospherica, cuja passagem foi assignalada pelos barometros

(4) Vide nota C.

em muitos pontos do mundo; a propagação de uma vaga maritima denunciada pelos maregraphos da Europa e da America; os fogos crepusculares de 1883 e 1884 etc.

E até Caiman-brac, segundo acreditou o dr. Forel, ter-se-hia propagado o terrivel abalo de Krakatoa, pois que n'essa localidade, conforme communicou o sr. E. Boulet, foram sentidos na mesma época arruidos subterraneos em tudo identicos ao do theatro do phenomeno.

*
* *

Confessemos no entanto que si, abandonando o terreno da *morphologia* geologica, a gente se emmaranha em indagações *etiologicas*, e busca conhecer da causa dos phenomenos, não será em solido piso que se andará.

Por antiquada está, ao que parece, em via de ser posta de banda, a theoria do calor central, que tem contra si sabios de nota. Invocão-se contra essa hypothese argumentos de ordem astronomica e de ordem physica. E o mais valioso recurso para a sua defensão tem-n'o destruido investigações recentes.

Refiro-me ao accrescimo de temperatura na razão de 1.º cent. para cada 30^{m} de profundidade, no que andavão accordes todos os geologos. Ora, notou-se que esse augmento na temperatura, em vez de continuar sem fim, deve pelo contrario tender para zero, valor a que attingiria, segundo os calculos de Flammarion, na profundidade de 2.300 metros. (5)

Arredada a hypothese da fluidez ignea do centro do globo, acreditar-se-hia antes que o nucleo terrestre se acha n'um estado pastoso, de sorte que os vulcões, em lugar de serem valvulas de segurança da supposta caldeira, serião originados por acções chimicas effectuadas á distancia relativamente pequena, e nas quaes a agua do mar haveria de figurar na qualidade de principal elemento. (6)

Como conclúe o auctor a que acima nos referimos: «os movimentos do sólo e os terremotos que occorrem nas regiões vulcanicas e thermaes devem de ser causados por essas operações chimicas interiores, pela expansão dos gazes produzidos por essas reacções, pelas depressões do sólo, que succedem ás deslocações locaes internas.»

(5) Vide nota D.
(6) Vide nota E.

NOTA A

Mais de um seculo depois das predicas dos frades, que não contentaram a Gil Vicente, não era outra a linguagem scientifica de um grande sabedor da Egreja catholica, o celebre jesuita Padre Antonio Vieira, em cujos requintados sermões ha, na fraze elegante de Francisco Manoel,

> «Desprezados torrões de ouro encoberto,
> Que enriquecer mil paginas poderam
> Por artifices mãos melhor lavrados.»

E' curiosa a opinião do famoso pregador acerca da significação dos cometas emittida na sua *Voz de Deus ao mundo, a Portugal e á Bahia. Juizo do Cometa, que nella foi visto em 27 de Outubro de 1695 e continúa até hoje 9 de Novembro do mesmo anno.*

Assim dizia o notavel missionario, cujo nome anda vinculado tão estreitamente aos primeiros annos do desenvolvimento da nossa terra:

.....

«Finalmente depois que os Profetas cessaram, começou Deus a falar pelos Cometas, que é a linguagem universal de maior magestade, e horror de que usa extraordinariamente a seus tempos, e em casos graves, como se não pode duvidar seja o presente....

De sorte que tendo Deus fallado primeiro por si mesmo, depois por visões, e mais adiante pelos Profetas, ultimamente falou pelos cometas, que tambem são visões, e Profetas mudos do que Deus nos quer dizer....

Esta sentença (a), diz Tanero, que é dignissima de todo o philosopho christão, e como tal a seguem Oviedo, e Arriaga, todos tres insignes philosophos deste seculos; e antes e depois delles muitos mathematicos de grande nome, os quaes coherentemente accrescentam que os Cometas nos seus cursos são governados por anjos; com que fica tirada a difficuldade até agora invencivel do movimento irregular dos Cometas, e desfeita juntamente na Escola de Aristoteles a opinião da materia e modo com que diz são formado; não sendo facil de crer, nem de entender que os vapores da terra, e exhalação do mar, subindo de tão diversos lugares de um e outro elemento, sem causa superior, que os disponha e ordene, elles naturalmente, e por si mesmos se ajuntem e se ajustem, e se condensem, e accendão em tal lugar, e em tal composição, e em tal figura, e que esta a conservem ou variemcom tal uniformidade, como se vê nos Cometas. E como Deus, e não a natureza, é o supremo Artifice destas grandissimas estatuas, ou gigantes de fogo, e lhes dá a materia, e forma como, e quando é servido, não é muito que lhes destinasse o nascimento para certa idade do mundo, em que os expuzesse a nossos olhos; e que esta seja a razão de faltar em tantos seculos a memoria, e noticia dos Cometas....

O mundo ou se póde considerar como mundo natural, ou como mundo politico; e como um, e outro fala este Cometa, ou voz de Deus. O que diz, ou o que significa ao mundo natural, são intemperanças do ar, ventos, tempestades, naufragios, seccas, esterilidades, fomes, terremotos, pestes e todas as outras calamidades mais que ordinarias, a que está exposta a nossa mortalidade.

Este é o sentimento commum de todos os Philosophos, e astrologos com Ptolemeo e Aristoteles fundados na experiencia, a qual em tantos annos depois delles está muito mais approvada. O modo destes effeitos explica Kleper com uma semelhança accommodada, segundo a opinião commum; porque assim como os humores nocivos do corpo humano concorrem, e se ajuntam

---

(a) Refere-se á originalissima sentença expressa de S. João Damasceno, segundo o qual os cometas não foram creados no principio do mundo, mas que o mesmo Deus os produz de novo, e os mostra ao mundo como signaes decretorios *(.... Cometæ signa quædam.... quæ.... jussu divino certis temporibus constantur, ac rursus dissolventur.)*

em lugar onde geram algum apostema; assim as exhalações sublunares, viscosas, seccas, crassas, e pingues se ajuntam na parte onde se accende o Cometa; e d'aquelle grande apostema saem os influxos, de que se causam estes perniciosos effeitos.»

.....

Não sei si ainda hoje ha quem veja as cousas do Céo atravez de prisma semelhante ao que tinha diante dos olhos o padre jesuita, que taes cousas pregava tantos seculos depois que os pithagoricos ensinavam que «os cometas são uns corpos celestes, que periodicamente são visiveis, depois de perfazerem n'um prazo determinado a sua revolução». (1896).

NOTA B

Devemos mencionar aqui as investigações de Delauney acerca dos phenomenos sismicos.

Como generalisações empiricas cuido que se lhes não recusará algum valor, tanto mais quanto as duas epocas de 1877 e 1883, ao que parece, em parte vieram confirmar as previsões do auctor.

Os resultados dos estudos desse geologo, tomando por base o catalogo de Perrey, levaram-n'o a concluir que os factos geologicos não fogem á lei da periodicidade inherente, ao que é dado crêr, á toda natureza.

Já H. Spencer emittira esta opinião: «Tambem é evidente que as modificações da crosta terrestre devidas á acção ignea estão sujeitas a uma certa periodicidade. As erupções vulcanicas não são continuas mas intermittentes; e tanto quanto nos é licito julgar, em vista dos dados, tem ellas uma certa média de reproducção, que se complica por ascender em epocas de maior actividade e descer em tempos de relativa quietação. Tal succede igualmente com os terremotos, e as elevações ou depressões do solo, que elles causam.»

Sabe-se que Delauney pela estatistica dos tremores de terra occorridos de 1751 a 1850 foi levado a reconhecer quatro grupos principaes de annos em os quaes tem tido aquelles phenomenos *maxima,* assignalando as epocas em que de novo taes *maxima* se hão de verificar.

PERIODO — 12 ANNOS

1.º Grupo

1759, 1770, 1783, 1794, 1806, 1817, 1829, 1841.

2.º Grupo

1755, 1766, 1778, 1789, 1802, —, —, 1837, 1848.

PERIODO — 28 ANNOS

3.º Grupo

1755, 1783, 1811, 1841.

4.º Grupo

1773, 1800, 1829.

Os estudos de Delauney, na opinião de Faye, são perfeitamente racionaveis. Tentou aquelle auctor achar a explicação que daria maior valor scientifico ás suas investigações, tirando-lhes o caracter exclusivo de empiricas que ellas tem.

Já Perrey cuidara de attribuir ao satellite da terra uma influencia sensivel sobre os phenomenos sismicos porque elles occorrem mais frequentemente: 1.º antes nas syzygias do que nas quadraturas; 2.º nos perigêos mais do que nos apogêos; 3.º de preferencia nas passagens meridianas.

A acção do Sol andaram igualmente a denunciar Merian, Otto Volger, e o referido Perrey, verificando que os tremores de terra mais se amiudam no estio do que no inverno.

Provados os effeitos das forças attractivas nas marés oceanicas, ninguem achará sobrenatural que as mesmas forças actuem nos phenomenos subterraneos, aceita a hypothese de grandes massas liquidas internas.

E' como ensina notavel auctor: «For supposing, as we may fairly do that the Earth's crust is throughout of telerably equal thickness, it is manifest that such portions of it as become most depressed below the average level, must have their inner surfaces most exposed to the currents of molten matter, circulating within, and will therefore undergo a larger amount of what may be called igneous denudation; while conversely, the withdrawal of the inner surfaces from these currents where the Earth's crust is most elevated will cause a thickening more or less

compensating the aqueous denudation going on externally. Hence these depressed areas over which the deepest ocean lie, being gradually thinned beneath and not covered hy much sedimentary deposit above, will become areas of least resistence, and will then begin to yield to the upward pressure of the Earth's contents, whence will result, throughout such areas, long continued elevations, ceasing only when the reverse state of things has been brought about.»

Convem notar que a hypothese da fusão ignea do centro do globo não é absolutamente necessaria para explicar a acção das forças sideraes na producção dos tremores da terra. Com acerto poude dizer Liais: «Não é dado duvidar de que as forças sideraes, que perturbam o equilibrio geral, favorecem os movimentos do solo, verificadas as condições necessarias para a manifestação destes. E é por isso que nas syzigias, epocas do *maximum* de acção daquellas forças, quando occorrem as grandes marés, devem occorrer da mesma sorte com mais frequencia os terremotos, como aliás revelam as pesquizas de Perrey.»

Estas são as conclusões de Delauney, por elle appellidadas leis: 1.º os tremores de terra parece passarem por um *maximum* quando Jupiter e Saturno se acham nas longitudes medias de 265º ou 135º; 2.º a influencia dos referidos planetas sobre os terremotos é devida ás suas passagens atravez dos acervos cosmicos situados nas longitudes medias acima mencionadas.

Faye notou com razão que a influencia de Jupiter e Saturno sobre os phenomenos da crôsta terrestre seria de si mysteriosa, attenta a distancia que vae desses astros á Terra.

O que mais vale, na opinião de Delauney, é o passarem os mencionados planetas por agglomerações de corpusculos, donde se originão os aerolithos.

Mas, pode-se inquirir como aquelle illustre astronomo francez: «concebe-se que esses clarões fugitivos que atravessam o nosso Céo tenham algo de influencia sobre os abalos do globo terraqueo?»

Não é nada aceitavel, ao que se vê a hypothese de Delauney, que poderiamos chamar — do escoamento dos gazes ou — da geração cometaria —, a qual explicaria os phenomenos sismicos pela passagem dos planetas por enxames cosmicos.

A mesma pecha, porém, não inquina os resultados empiricamente obtidos. (1885).

NOTA C

O facto geologico que nos occupa foi sentido em varios pontos da Provincia. Como cousa certa, sabemos que sentiu-se o abalo em Faro, Juruty, Obidos, Santarem, Monte-Alegre, Gurupá, Breves, Ilha de Marajó, Abaeté, Acará, Inhangapy e Cametá. O choque, como induzem a crel-o as posições geographicas desses pontos propagou-se no sentido de uma linha Leste-Oeste pela extensa depressão amazonica, e em toda a zona delimitada pelos parallelos de 1.º e 2.º 30'. Lat. S. e os meridianos de 5.º e 10.º O.

Pontos houve no interior em que maiores effeitos produzio o abalo do que na Capital. Assim, ao que se nos refere de Abaeté, ali as paredes oscillaram, e agitaram-se as arvores como batidas por tempestade. O centro desse choque seria talvez a região em que demora Monte-Alegre, de onde se elle propagara.

Lamentemos nesta occasião que a geologia do Pará seja ainda quasi uma pagina em branco. Ha muito pouco iniciou Hart com rigor scientifico o estudo da natureza de nosso solo, estabelecendo as bases de uma classificação dos terrenos.

Como confessou Agassiz: «Um estudo minucioso e extenso do valle do Amazonas está longe de ser cousa facil. E a difficuldade sobe de ponto porque os depositos inferiores nas margens do rio, só durante a vasante são accessiveis.»

Bem sei que os estudos do sabio Professor Agassiz levaram-n'o a concluir que — «a serra de Ererê, bem como todas as collinas da mesma ordem, na vertente norte da bacia não são outra cousa mais que um engrossamento das camadas inferiores que formam a margem do rio, provindo a maior elevação dellas simplesmente de uma desnudação menos intensa.»

Tambem Hartt assim exprimiu-se: «Em muitas regiões a desnudação tem reduzido estas planicies a terrenos mais baixos, ligeiramente accidentados e ondulados como os da Prainha, Monte-Alegre, Obidos e Santarem, no meio dos quaes apparece, de

quando em vez, um pico de forma conica que attesta a altura e forma da planicie original e a importancia da desnudação.»

Não ha negar, porém, que essa região, em que, no meio de planicies se levantam abruptamente á altura de 300 metros as serras da visinhança de Monte-Alegre, é notavel, e terá em sua constituição mineralogica elementos sufficientes talvez para explicar o ligeiro estremecimento do dia 4 do corrente.

Não seria, porém, mais provavel que esse abalo fosse devido a uma commoção nos Andes? Bastaria para arredar essa hypothese que figuro, a circumstancia de terem ficado immunes do choque todos os pontos da extensa zona que se estende para Oeste de Faro?

Não seria isso um caso extranho em Geologia. A existencia de zonas, que chamariamos mortas, é facto conhecido e certo, havendo rochas que são, por assim dizer, melhores transmissores dos abalos subterraneos do que outras.

Succede, como todo mundo sabe, que os terremotos caminham atravez de grandes distancias pelo amago da terra, indo fazer vibrar pontos remotos da superficie, sem que os intermediarios dessem signal do phenomeno occorrido.

Os habitantes dos Andes, como refere Humboldt, dizem de taes terrenos intermediarios, insensiveis á commoção que passa atravez da terra, que elles servem de ponte (hacem puente.) (1885).

NOTA D

Cita-se no intuito de comprovar este modo particular de ver a circumstancia, em realidade notavel, de demorarem, por via de regra, os vulcões ao longo de costas.

Como disse já Flamarion: «os movimentos do solo e os terremotos que dão-se nas regiões vulcanicas ou thermaes devem ser causados por operações chimicas internas, pelas expansões dos gazes que taes reações produzem, pelas depressões do solo, a que dão lugar as dislocações interiores locaes.»

A estabilidade do solo que pisamos é em verdade apenas apparente, que a sua solidez não o impede de viver em perpetuo movimento.

De sorte que não ha de que nos surprehendermos diante de acontecimentos tão somenos como o que deu lugar a estes reparos.

Causas multiplas e varias, podem contribuir para que estremeça a epiderme da terra.

Subleva-se a cada hora o solo: sobe aqui uma porção, desce outra acolá.

Abaixo do nivel do mar do Norte por exemplo vão a descer as terras dos Paizes-Baixos, como vão abaixando com o solo de modo quasi insensivel os pilares do circulo meridiano do Observatorio de Paris. De outro lado ha terras que sobem, com o testemunho dos nossos sentidos.

D'ahi a vasteza dos vasios produzidos pelo deslocamento de grandes massas terrestres, os quaes as camadas adjacentes tenderão a encher.

Alem disso em canaes subterraneos circula a agua, operando acções chimicas de natureza diversa. Jazem no interior do globo extensas bacias carboniferas, cujos gazes tendem a expandir-se; grandes porções de sulphuretos estão em decomposição. E todos esses phenomenos são capazes de produzir, rupturas locaes ou simples abalos na peripheria do nosso planeta. (1885).

NOTA E

De feito, conforme inferio o referido astronomo, o accrescimo thermometrico seria apenas de 0,9 de grao abaixo de 400 metros; 0,8 a 650 m., 0,7 a 850 m., 0,6 a 1000 m., 0.5 entre 1100 e 1200 m. de profundidade.

Fazem-se valer contra a hypothese da fluidez ignea do interior do globo terrestre os phenomenos astronomicos. Calculos de eminente geometra inglez mostraram que si a esphera terraquea perdesse a sua solidez na profundidade de menos de 1600 kilom., os phenomenos da nutação e da precessão haveriam de ser differentes do que na realidade são. Por isso Liais concluia que «os phenomenos vulcanicos não podem ser levados á conta da acção dos restos de um calor primitivo. Nenhum gaz comprimido poderia fazer equilibrio a uma columna liquida com a densidade que as lavas têm, e da altura de 1600 kilom.; porque a cerca de 500.000 atmospheras subiria a pressão descommunal que essa materia faria.» *(L'Espace Celeste).*

A opinião defendida por William Thomson, que fortaleceu a argumentação de Hopkins, sustenta que o phenomeno das marés depõe em pró da hypothese da solidez interna da Terra. Si a parte solida do globo não offerecesse rigidez sobeja, é claro que submettida á acção das forças, que, actuando sobre os oceanos, dão lugar as variações periodicas de nivel, determinando o fluxo e refluxo das aguas, teria de padecer uma deformação identica, de sorte que o phenomeno das marés passaria despercebido. *(Sans une rigidité de l'interieur superieure à celle de la surface, la deformation de la portie solide serait suffisante pour faire presque entieremente disparaitre la marée.)* (Liais.)

E' pois claro, conclue o citado astronomo, que a parte central do globo não póde ser liquida, porque em tal caso seria nulla a sua regidez, que, ao envez, deve ser maior que a do involucro. (1885).

O Christophoro [1]

Point de trève aux préjugès. C'est un devoir de faire feu sur l'erreur, dès qu'elle se decouvre et partout où l'on peut l'atteindre.
Achille Guillard. (Statistique Humaine.)

I

No livro do sr. Sant'Anna Nery, *(Le pays des Amazones)* o qual só ultimamente me foi dado manusear, encontrei o seguinte topico, em que o auctor faz referencia ao projecto afagado pelo sr. D. Antonio de Macedo Costa, illustre prelado d'esta diocese:

— «Le but qu'il poursuit est aussi economique et social que religieux, entreprende de convertir les indiens afin de les faire passer de leur etat nomade et errant á l'etat agricole et sedentaire. Pour cela, il a imaginé de construire un navire-eglise qu'il a dejá baptisé du nom de *Christofore,* et de lancer ce sanctuaire flottant sur tous les tributaires de l'Amazone.

---

(1) Publicado n'*A Provincia do Pará* em 1885.

«Mr. de Macedo vient de realiser la parabole de la peche miraculeuse en se servant de tous les instruments du progrés.»—

Ora, do conceito que estas palavras encerram tenho eu motivos de sobejo para divergir. E' a exposição d'esses motivos que levo em mira fazer *nunc et hinc.*

Cuido que esperar do catholicismo, no momento historico que atravessamos, uma collaboração effectiva na obra da progressão social, é uma utopia.

O seu papel é, na actualidade, puramente negativo.

Não que, no passado e na historia, lhe não haja cabido missão gloriosa e fecunda. E com fundamento poude Comte considerar o organismo christão como uma obra prima de sabedoria politica.

Mas, demolido pela sciencia, desacreditado pela metaphysica, o catholicismo, hoje reduzido a constituir um partido politico, é um obstaculo á marcha da humanidade.

O seu malefico influxo vai affectar os alicerces sociaes.

Para um commettimento de tão levantado quilate fallece ao clero a *prima virtus.*

E havemos de arredar de nós o epitheto descabido de blasphemo, com que nos hão de rotular os leitores impregnados do cheiro da santidade.

Arguimos com desprevenido animo: o que póde ser a moral do catholicismo, depois que aos sãos principios, encerrados na doutrina do martyr, faltou o ponto de apoio, pela eliminação da fabula e das superstições que os envolviam?

S. Paulo certo é que reconheceu, mas só por via empirica, a co-existencia de sentimentos altruistas e egoistas no coração do homem.

D'este modo o fundador do christianismo adivinhou a verdade que á sciencia só mais tarde foi dado pôr em lume. E, não obstante, o paulinismo acceitou o *homo homini lupus,* reservando para Deus a faculdade de conceder aos descendentes do *couple* paradisiaco a *graça* dos bons sentimentos.

Era uma ficção util, confessemol-o, para garantir a plena efficacia da crença catholica.

Mercê da sciencia, a doutrina do grande evangelisador está posta á margem; e ao aviltamento do homem, tal qual o pregou o christianismo, oppõe-se a sã theoria, que reconhece os sentimentos da sociabilidade como inherentes á natureza humana.

Que é esta a verdade, ahi fica a observação que o comprova.

E os que envidam empenho no intuito de conciliar o principio catholico com os eloquentes exemplos que nos remette o passado, e que o presente encerra, essas abnegações sinceras, essas devotações e esses sublimados martyrologios, mesmo dos que andam foragidos da *graça* de Deus, procuram apenas illudir-se a si e mystificar o proximo.

Para o christianismo, por virtude da fabula da queda do Eden, é a mulher um ente criminoso, sobre quem lançou Deus a sua maldição, lavrando o fulminante aresto, que a condemnou a padecer eternamente as dôres do parto, e o predominio do marido.

A civilisação, porém, abençôa a mulher, considerando-a a fiel e santa companheira do homem, dando-lhe, na moderna sociabilidade, papel honroso, que lhe cabe como mãe de familia: formar o coração e vasar na alma dos filhos os germens da virtude e os principios do bem.

O christianismo não se limitou a proclamar dogmaticamente o egoismo. Ergue á altura de um dever o cultival-o.

Para isso inventou-se a visão da *vida eterna.*

Além da morte está o goso da bemaventurança, uma cousa vaga e indefinida, um viver entre vaporosos cherubins e aereos archanjos, ao som de harpas eolias.

Mais fecundo é ainda o paraiso povoado de huris, com que Moysés seduzia a imaginação dos crentes afervorados de Allah.

A sancção não ficava completa.

Faltava o castigo ao demerito e a pena ao delicto. Para os condemnados creou-se a morada horrenda de Belzebuth, esse alto personagem, successor em linha recta de Plutão, como Deus o foi de Jupiter e Zeus.

Aqui está o que é a moral christã.

Tem Deus por principio, e por base a existencia de alem—tumulo.

O céu foi revolvido pelo telescopio e não se encontrou em parte alguma um recanto para levantar a morada dos bemaventurados no meio dos mundos, que aos milhões povoam os páramos da immensidade.

E' um systema de moral, cujo fundamento escapa á razão do homem, limitada e restringida dentro da esphera do relativo.

II

Eu entendo que a *idéa que do coração de um santo padre passou para o sr. D. Antonio* é simplesmente uma idéa absurda; e que aquella *pesca milagrosa* de que nos falla o sr. Nery, na sua obra, é uma impossibilidade absoluta.

Sem descer ainda á analyse detalhada do projecto que a mim se me afigura uma utopia, continuarei a corroborar o meu asserto: que no presente não cabe em partilha ao organismo catholico senão desapparecer do plano social por inutil e imprestavel.

Sem duvida, como já articulei, em éra, que de nós bem longe fica, foi o catholicismo um elemento de progressão.

Quando Roma, depois de ter submettido a Grecia, arrasado Carthago, e visto seus gloriosos estandartes tremularem faustosos nas longinquas regiões do levante, e no occidente inteiro, rolava esphacelada os degráos do seu throno, arrastada no manto polluto dos Nero, dos Caligula, dos Heliogabalo, era o despontar de uma phase nova, que se annunciava nos horisontes da historia.

A lei da sociologia dynamica se verificava ahi.

As nações sacudiam o jugo humilhante, e os povos *barbaros* se constituiam em Estados.

Assim abriu-se o longo periodo appellidado a idade média, o qual a uns observadores superficiaes parece uma quadra de estagnação, um hiatus na continuidade historica, una e perenne.

No profundo cahos do mundo romano fez-se a luz alvorecente do christianismo. Na treva surgiu esse rutilante sól, *essa revolução de fogo, que ateava todas as imaginações.* Andavam corrompidos os costumes e o vicio pompeava as suas torpezas.

A mulher aviltada servia simplesmente de pasto á paixão do homem. E a sociedade sem familia era simplesmente um edi-

ficio falto de fundação. Ao pai não se lhe dava de repudiar o fructo do seu amôr; e a esposa por capricho e phantasia era expellida do lar.

Misero o escravo, cousa e não pessôa, era arremessado para dentro das jaulas, e com elle engordavam as féras nas quintas dos magnatas.

Tal era o meio em que brotou por força da lei de transformação social a doutrina christã, de que foi méro instrumento o filho de um pobre carpinteiro, Jesus, cuja alma grande soube comprehender as miserias, que o cercavam e cuja imaginação apaixonada poude communicar-se, como electrica faisca, aos corações ardentes de um punhado de crentes devotados.

O christianismo tentou rehabilitar a mulher.

O dogma da virgindade de Maria não tem outra significação moral. Era uma corrigenda ao erro genesiaco. Assim ficava santificada a mulher.

De outro lado as cadeias de escravidão quebravam-se quando S. Gregorio bradava:

«Escravo! esta palavra ataca directamente o creador.» Pregou-se a fraternidade, posto de um modo incompleto e inperfeito.

Mas, essa moral universal ensinada pelos apostolos era a resultante da lenta elaboração dos seculos.

O propheta nazarethno foi o orgão d'essa doutrinação no occidente, do mesmo modo que o Bhuda fôra-o já seculos antes no oriente.

Como acertadamente disse Comte: «A gloria social do catholicismo, a que lhe ha de grangear o reconhecimento da humanidade, mesmo quando as crenças theologicas não existirem mais senão como lembrança historica, consistio em desenvolver e regularisar quanto possivel esta feliz tendencia natural, que elle não teria podido crear; seria exagerar do modo mais vicioso a influencia geral, infelizmente tão fraca, das doutrinas quaesquer sobre a vida real, individual ou social, o attribuir-lhes a propriedade de modificarem a um tal gráo o modo essencial da existencia humana.»

A' maneira da organisação temporal da idade média, o feudalismo, que em si trazia principios profundos de moral social e domestica, a organisação espiritual era essencialmente transitoria.

Uma e outra tinhão em si os germens de sua decadencia e futura ruina.

E tombaram quando o tempo gastou-lhes os orgãos vitaes.

A reforma, que significa um ataque systematico, é um facto posterior á desaggregação primitiva e natural dos elementos do organismo christão.

Já Bonifacio VIII rolara do seu solio sob o peso da bofetada de um *colonna,* antes que surgisse a celebre questão das indulgencias com que se locupletava Tetzel, atacado pelo filho de Mansfeld, o fanatico da biblia. Já as doutrinas christãs andavam cahidas em descredito, quando no drama da historia surgiram os demolidores protestantes, Calvino e Socin.

E só muito depois é que Bacon e Descartes, affirmando a auctoridade da razão, e rejeitando *ipso facto* a tradicção e a escolastica, vieram provocar a elevação da metaphysica critica, a qual com Hobbes, Hume e Helvetius completou a demolição do edificio catholico.

E essa lucta titanica, esse duello entre a metaphysica e o christianismo, tem continuado durante cinco longos seculos com furor e sem tregoa.

Na ordem pratica, assignalado pela supremacia da paz sobre a guerra, do elemento industrial sobre o elemento militar, da auctoridade dos povos sobre a auctoridade divina dos reis, foi produzir a revolução memoravel de Cromwell, a independencia heroica dos Paizes-Baixos, e finalmente essa explosão formidavel, o 89, a proclamação dos direitos do homem.

E assim tem-se operado essa demolição philosophica, intellectual, politica e moral; porque de envolta com os dogmas cahião as verdades da moral christã, como cahe a cupula de um edificio cujas bazes são minadas.

III

Ainda hoje se crê na revelação e se crê no milagre.

Ainda hoje os nossos estadistas appellam para a Divina Providencia, e a população insciente acredita no poder dos Santos, como em panacéa infallivel contra todas as enfermidades.

E alta cotação tem na pauta ecclesiastica a agua de Lourdes, apezar das ballas do valente batalhador d'*A Velhice do Padre Eterno*, que tanto damno causou nos arraiaes do beaterio.

E eu pergunto: que significação encerram essas crendices e essas superstições, que constituem o que hoje se appellida o catholicismo?

Em nome de que principio ha de luctar esse systema, que tem os seus trophéos esphacelados, e os seus canhões encravados pelos projectis da critica moderna?

A sciencia eliminou o seu ponto de apoio.

E quando eu fallo na eliminação de Deus, é de uma eliminação relativa que trato.

Como dizia ao famigerado devastador do occidente o autor do *Systema do Mundo:* a sciencia não tem necessidade d'essa hypothese.

Nem d'aqui se ha de colher a inferencia de que a philolosophia scientifica é o atheismo, que no fundo é tão indemonstravel como a affirmação do theologismo.

Dá-nos Lefevre em duas palavras uma noção exacta e uma pintura clara do que é a doutrina catholica, um conjuncto de contradicções e de absurdos, que não pódem escapar á critica: «Um Deus caprichoso, que se diverte em crear o homem para exprimental-o; o capricho d'este Deus, sua graça, posta no lugar da justiça; o culto d'este Deus resumindo toda a virtude; a bondade d'este Deus deixando ao homem a liberdade do mal; a vingança deste Deus ferindo o homem ao qual elle recusou sua graça; o homem mais innocente ferido por uma quéda original de que não pódem salval-o seus meritos; Deus enviando

um redemptor, que é seu filho, e que se incarna em um embryão concebido sem peccado por uma mãi immaculada; este seu filho morrendo, ainda que immortal; este Deus provido de uma natureza humana perecivel, e no entretanto co-eterno de seu pai; o pai e o filho unidos por um outro Deus, o Espirito-Santo, que foi o pai do filho do pai, e que participando de ambos lhes é co-eterno. Estas tres pessoas chimericas, mas perfeitamente distinctas e diversamente adoradas, não formando senão um só e mesmo Deus, á um tempo pai, filho e intermediario.»

E' um ponto, sobre o qual não será demasiado insistir, a comprovação de que foi um facto natural e espontaneo a dissolução do catholicismo.

Uma critica menos profunda exaggera a influencia protestante na obra da demolição da egreja catholica, e a falta de criterio na apreciação d'esse acontecimento historico, faz levar alem dos limites a acção do individualismo, tentando gerar a convicção de que Luthero foi o assassino do catholicismo.

A verdade está n'estas palavras de Hartmann:

«Ainda que, por sua alliança com o renascimento do paganismo antigo, o principio protestante tenha assim dado um energico impulso á secularisação da idade média christã, já atacada pela base, usar-se-hia de uma expressão inexacta chamando-lhe assassino do christianismo.

«No fundo elle nada mais foi que o *coveiro*. O protestantismo não despedaçou senão um organismo já privado da vida, e o esforço que fez o catholicismo para se collocar de novo sobre a sua séde e luctar contra o adversario repentinamente crescido, não foi senão a galvanisação de um cadaver.» *(A religião do futuro)*.

De facto, já aquella solida organisação, que do fundador do positivismo mereceu a denominação de *chef d'œuvre* se havia lentamente arruinado.

A revolta dos cleros nacionaes e dos chefes temporaes começára quebrando a unidade catholica, sacudindo a tutella do successor de S. Pedro, a pedra angular do edificio: *Tu es Petrus et super hanc petram edificabo ecclesiam meam.*

Esta insurreição contra o chefe supremo da egreja catholica, arrastou comsigo o rapido esboroamento da organisação espiritual da idade medieval, do mesmo modo que a revolta das

communas quebrou no dominio temporal a construcção feudal.

Só então foi possivel a revolução do protestantismo. Porque os phenomenos sociaes são o resultado de antecedente nenecessarios e vários.

A reforma systematisou apenas o que era já o estado mental da sociedade coetanea.

As religiões não são outra cousa.

O christianismo seria um impossivel, e nunca essa arvore frondosa teria creado raizes no occidente europeu, se lhe não houvera apparelhado o terreno a metaphysica, a qual de longa data roteava.

O que é de facto que trazia elle de novo?

Que significação tinha todo o seu corpo de doutrinas, se o não quizermos considerar como—a systematisação das idéas que desde muito revolviam a consciencia das populações polytheistas?

Ninguem debuxou melhor do que de Maistre a transicção gradual do polytheismo greco-romano para o monotheismo christão.

E' de um defensor do velho catholicismo que me valho:

«A capital do paganismo estava destinada a tornar-se a do christianismo; e o templo, que n'esta capital encerrava todas as forças da idolatria, devia reunir todas as luzes da fé.

«TODOS OS SANTOS em lugar de TODOS OS DEUSES.....

«Os deuses do christianismo são os santos.

«PEDRO com suas chaves expressivas eclipsa o velho Janus.

«Elle é o primeiro por toda a parte, e todos os santos não entraram senão depois.

«O deus da iniquidade PLUTUS cede o lugar ao maior dos thaumaturgos, ao humilde S. FRANCISCO.....

«*A virgem immaculada,* a mais excellente de todas as creaturas na ordem da graça e da santidade *(gratia plena, dominus tecum),* a divina MARIA sóbe o altar da VENUS PANDEMICA.»

O christianismo foi uma phase de transicção do espirito humano. Elle é um facto immensamente complexo para que possa ser filiado a uma só origem.

E é mister remontar bem longe para encontrar as multiplas fontes philosophicas de onde proveio esse mosaico variega-

do, essa mistura de crenças persas e de theorias alexandrinas, esse amalgama de todas as mythologias, esse manto de retalhos cortados de todos os velhos systemas anteriores.

A origem puramente humana do christianismo é uma questão vencida na sciencia; a sua demolição um facto consummado. Como assentar esperanças n'um edificio que se esborrôa?

Como tentar conquistas, tendo por labaro uma bandeira de que subsistem apenas uns farrapos?

Não é a voz quasi apagada de um moribundo que ha de operar as sonhadas conversões. Não é a algidez de um cadaver que ha de dar vida, calor e movimento. Não são essas cinzas que farão caminhar a locomotiva do—progresso.

IV

E' tempo de formular directamente ao sr. d. Antonio a nossa interrogação: Aonde estão esses novos apostolos, que, devotados á santa causa da religião e da fé, hajam de internar-se pelo valle do Amazonas na pesca de condemnadas almas indigenas? Que luz guiará esses missionarios, se a doutrina catholica é hoje, como levamos provado, um simples accumulamento de cinzas e de ruinas?

Tempo houve em que a religião do Christo era como uma lingua de fogo a abrazar os corações. Então escrevia a egreja os seus fastos gloriosos, e entôava o hymno dos seus triumphos.

As fogueiras, cujas avermelhadas chammas, crepitantes e sinistras lambiam os corpos dos confessores da nova idéa, eram como essa lendaria columna, que na noite escura do dezerto guiava a caravana mozaica.

E lá iam os pobres discipulos de Jesus, miserrimos e andrajosos, caminho do desconhecido, tendo por aguilhão a fé viva que os alentava, e por arma a cruz, o symbolo glorioso do Calvario.

Sôava-lhes ainda aos ouvidos a senha da pobre victima do Golgotha: *euntes ergo et docentes omnes gentes*....

Agora é nova a scena, e está mudado o quadro.

O illustre prelado é quem o confessa com admiravel franqueza. O sr. d. Antonio é quem se colloca em flagrante contradicção com o proprio sr. Sant'Anna Nery, que tão levantado quiz erguer o plano que combatemos.

Não me soffre o animo que passe em silencio esta circumstancia que é para ser notada. Nos traços biographicos em que a sua penna amestrada procurou delinear a estatura do sr. Macedo Costa, diz o distincto amazonense:

—«Placé á la tête du diocèse du Pará et de l'Amazone, pasteur de 450,000 ouailles, èvêque du plus grand diocèse du monde, il se voua tout d'abord an relevement de ses prêtres.

Indulgent et paternel pour ses ainés dans le sacerdoce, il entreprit de crêer une phalange d'élite pour lancer á la conquête des âmes. Il sut faire de ses seminaires des pepinieres d'hommes instruites et fermement attachés aux vœux et aux obligations de leur ministére. Il envoya á Paris les sujets d'élite, dont il pouvait attendre une active collaboration. Il accucillit dans sons clergé quelques prêtres français et italiens, dont la vertu et le zéle recompensérent largement son choix.» —

A esse quadro em que transparece o mais prospero e lisongeiro estado d'este departamento papal, dominio sob a superintendencia do sr. d. Antonio, oppõe o autor uma passagem da homilia em que o nosso prelado revelou ao mundo o seu projecto homerico.

E' para nós um dever cital-o: «Quereis saber quaes são os recursos de que disponho n'esta provincia? Ai! bem curto é o inventario. Quasi por toda a parte edificios religiosos em estado digno de lastima e ameaçando ruina. De vinte e quatro parochias, sete apenas se acham providas por titulares. Para esta immensa provincia, incluindo a capital, só disponho de dez padres. No mais, um pequeno seminario com alguns alumnos. Aqui está o que possuo depois de vinte e dous annos de esforços e sacrificios, para formar padres nos tres seminarios diocesanos e nos da Europa....»

E' a mais cabal e a mais eloquente confissão de impotencia.

De que servirão as vozes do illustre prelado, se a causa de s. exc. é hoje uma causa vencida no tribunal da consciencia publica; se s. exc. se constitue advogado de uma questão caduca, cuja victoria não está nas raias do possivel!

Aos que, cegos pela nevoa de crença, põem confiança no plano em tão má hora concebido por s. exc. revd.ma entregamos, para que o meditem, esse tópico do sermão celebrado até no continente prisco.

Ahi se acha a revelação de que improficuos sempre serão os esforços empenhados no sentido de ir para a retaguarda tentando pôr obices ao movimento social que é para adiante.

Não carecemos esperar pela resposta á formulada interrogação.

Ella se acha encerrada, sem rodeios e sem ambages, na citada passagem.

O sr. bisbo confessa que é um general sem soldados, um caudilho de destroçada *troupe*. Apenas uns poucos recrutas desses, de quem disse em uma de suas metralhas, o poeta portuguez:

« intonsos apezar de todas as tonsuras,
com um ar imbecil, caliginoso, estranho,
marcados a tesoira assim como um rebanho,
e envoltos em crueis balandraus d'entremez. »

Então, como comprehender a grandiosa lucta? D'onde surgirão os veteranos para manobrar o formidavel monstro, que hade carregar no seu bojo as bullas pontificias e as bugigangas milagreiras? (*)

(*) Como é sabido a idéa do sr. D. Antonio quanto ao Christoforo, a grande náo-egreja, não passou do papel. Foram solemnemente confirmadas as previsões dos que combatiam um semelhante projecto reputando-o inviavel por motivos de ordem moral, religiosa e economica.

Carta ao Imperador[1]

I

Senhor,

Longe para atraz ficam-nos já os tempos escuros em que as sociedades em estado de embryão viviam exclusivamente sob o dominio do fetichismo religioso e politico.

A avalanche dos seculos, rolando formidavel, ha muito que tem apagado as protuberancias sociaes, nivelando a superficie do mundo moral.

Ainda batem-nos aos ouvidos os échos derradeiros das catastrophes medonhas, que deram em resultado a constituição das modernas nacionalidades, e cujo estampido tem vindo até nós reflectido nas quebradas ingremes da historia.

---

(1) Publicada n'*A Provincia do Pará*, em 1885.

Como o arruido da grande quéda do Orenoco, ferindo os ouvidos de Humboldt na planicie de Anturas, e figurando o tumulto das ondas batidas contra alcantilados rochedos, levava o eminente naturalista á investigação da causa physica do phenomeno, assim esses echos, que nos remette o passado, são outros tantos moveis, que estão a atrahir o nosso espirito para o dominio das leis sociaes.

Tempo houve em que os factos de ordem moral permaneciam fóra do alcance do criterio scientifico.

E a tentativa de Descartes, o grande homem, que com Bacon e Gallileu, forma a trindade symbolisadora da phase gloriosa da renovação das idéas, ficou impotente diante dos phenomenos psychicos.

Só mais tarde é que os trabalhos de Montesquieu, de Condorcet e de Turgot desbravaram o terreno, em que Comte devia assentar o esquisso de uma sciencia social.

Havia para explicar os phenomenos sociologicos a hypothese da Theologia e a hypothese da Metaphysica.

A' sciencia positiva era vedado o ingresso neste dominio.

E o espirito humano haveria de balançar entre o dedo monstro do velho Deus cançado e um Acaso vasio e sem significação.

Restava ainda a theoria dos grandes homens.

Sem duvida que, na apparencia, esta derradeira hypothese se estribava em assegurada fundação, pois que, com verdade, como disse algures Emerson: «A historia toda reduz-se por si mesma, com facilidade, á biographia de alguns individuos fortes e apaixonados.»

Mas era evidentemente falha e estreita essa doutrina, que, fazendo das personalidades historicas outras tantas providencias, representava, por assim dizer, uma simples dilatação da hypothese theologica.

A intervenção do individuo limita-se a dar convergencia aos interesses, aos sentimentos, ás opiniões e aspiração da collectividade.

Assim tornam-se elles em cada época como que os centros, em derredor dos quaes parece girar todo o mechanismo social, ainda que realmente a força viva do systema seja a integração das forças elementares de todas as cellulas componentes.

E é por isso que o sr. Theophilo Braga poude, com acer-

to, dizer, referindo-se ao eminente estadista, cujo vulto é no Portugal do seculo XVIII o erguido vertice primeiro esclarecido pelo sol da gloria: «no Marquez de Pombal vemos a forte acção exercida no seu meio social, com a expulsão dos jesuitas, a secularisação da instrucção publica, a reacção contra a absorpção commercial da Inglaterra, a abolição da escravatura, o desenvolvimento das industrias e a creação da receita do Estado sobre bases economicas do imposto indirecto, o que tornou o seu nome o centro d'onde irradia toda a actividade de um seculo.»

Mas tanto o processo dos metaphysicos, como o processo dos theologos, quer dizer tanto a doutrina do *livre arbitrio* como a da *predestinação* se revelam sem efficacia para a historia.

A verdade é que as acções humanas estão sujeitas á lei da causalidade, que os factos historicos explicam-se pela série dos seus antecedentes multiplos, sendo em grande parte influenciados pela acção dos meios.

Como disse Buckle: «rejeitando, pois, o dogma metaphysico do livre arbitrio e o dogma theologico da *predestinação,* nós somos levados á conclusão de que as acções humanas, sendo determinadas tão sómente pelos seus antecedentes, devem ter um caracter de uniformidade, isto é, devem sempre, dadas as mesmas circumstancias, produzir precisamente os mesmos resultados.»

O que deixa de pé por incontestavel a crença na acção bem larga, que uma forte individualidade póde exercer sobre o seu meio social.

Ahi estão para o comprovar os papeis historicos de Danton, o denodado campeão d'aquella época gloriosa, e cuja acção é patente no sentido de impulsionar a revolução pelo seu lado progressivo, e de Napoleão, o despota sanhudo, famigerado Atila, cuja espada manchada no sangue de cem batalhas, tentou entravar o caminhamento social e paralysar a obra da Convenção.

II

A historia não é mais hoje uma méra narração discursiva dos factos passados; e, sem querer affirmar que, como sciencia, haja ella alcançado o seu periodo *racional*, vê-se comtudo que os seus fundamentos podem considerar-se assentados, neste sentido: que a observação, isto é, os methodos das sciencias naturaes revelaram um desenvolvimento espontaneo e natural da engrenagem social.

Isto constitúe o progresso, a marcha indefectivel da civilisação para diante.

Podem tombar os imperios, podem perecer as nações, mas a civilisação enriquece-se mesmo com os despojos e com os detritos.

Foi sobre os destroços da Grecia e por cima das ruinas da cidade de Augusto, que se ergueo o edificio da organisação medievál.

Parece que são as cinzas dos carcomidos monumentos o adubo que fertiliza o solo, em que tem de florescer a arvore frondosa da civilisação.

E' o que a historia nos revela. A humanidade nos apparece como uma unidade collectiva.

O caracteristico dos factos sociaes é a transmissão atravez do espaço e do tempo dos resultados da actividade intellectual de cada geração.

Essa transmissão permanente e successiva de elo a elo é que constitue e só torna possivel uma civilisação humana.

Apezar de todas vicissitudes inherentes á complexidade das causas effectivas, que actuam sobre os factos sociaes, a humanidade vae de continuo a jornadear pela estrada larga dos seculos.

Na lucta succumbem por vezes os que se batem, vencidos pela resistencia dos meios e sobrepujados pela força de inercia dos velhos dogmas.

Até ao cimo alevantado, onde jazia tranquillo o Deus dos nossos avós, subio o grito da razão humana.

Sabe V. m. que a convenção abolio o christianismo e decretou a religião do dever, tentando reorganisar a sociedade sem Deus e sem Rei.

E' que aos regios solios attingira o projectil vomitado pelo canhão da civilisação, contra o qual não ha muralha que resista, e Franklin poude arrancar o raio a Deus e o sceptro aos tyrannos.

As duras e pesadas grades da Bastilha houveram de cair diante da onda impetuosa da revolução triumphante, e a cabeça de Luiz XVI rolando os degráos do patibulo, é a mais solemne e a mais incontestavel demonstração de existencia de uma força superior á vontade de um só homem.

Ahi ficava clara e patente a inanidade das velhas theorias sociaes, baseadas sobre o systema de philosophia theologica, que faziam do chefe da nação um semi-Deus.

A luz da civilisação poude penetrar os antros do despotismo e varrer da superficie da terra a sombra dos autocratas.

As paredes frias dos carceres, alumiadas pelo facho da revolução contavam, com aquella eloquencia maravilhosa dos priscos monumentos, a historia dos crimes horrorosos perpretados durante o reinado tantas vezes secular do despotismo, como no futuro os gelados esteppes da Siberia, hão de restituir á geração porvindoura as ossadas mudas das victimas do czarismo.

III

Ha de vossa magestade perdoar a ousadia com que tento arredar os olhos de vossa magestade da região altaneira em que pairam, e obrigal-os a cair até ao baixo estrato social em que vivo.

Tenho em mira, nas rapidas considerações que vou expendendo, lembrar á vossa magestade, que tambem cabe-lhe alta responsabilidade pelo rumo que levão os publicos negocios do paiz.

Senhor,—tambem os vossos actos são aferidos pelo talão da justiça, porque se avaliam as acções do resto dos humanos.

Tambem os actos de vossa magestade estão sob a alçada d'aquelle augusto tribunal, que se chama—a opinião—, juiz anonymo, cujo *veredictum* é sem appellação e sem aggravo.

O patrio direito declarou inviolavel e sagrada a pessôa de vossa magestade imperial.

Vossa magestade, porém, illustrado como é, não póde ignorar a significação, que deve de ser ligada a essa formula convencional decretada em nome da Santissima Trindade.

Tempo houve em que n'essa proposição se encerrava o peso de um dogma. Então o subdito fiel e humilde, curvando a cabeça diante do rei soberano, submettia-se resignado ao aresto de morte, considerado como de emanação divina.

Do mesmo modo que na ordem religiosa, os povos primitivos, como os que hoje representão esse estado de civilisação atrasada, se abatiam diante dos fetiches, objecto da sua adoração e do seu culto; assim, na ordem politica, era o chefe considerado como suprema divindade, cuja vontade absoluta se revestia da força de um decreto do omnipotente.

Mas, sabe vossa magestade, que não é esta idéa que têm hoje do poder as nações cultas, e conhece tanto como o articulista, si não mais, a série de transformação porque ella passou com o rolar do tempo.

As tradicções primitivas representão os governantes como deuses e simideuses. Eram os reis olhados como de sobrenatural origem e se lhes attribuia poder ultra-humano.

Tambem como esta concepção andava emparelhado o reconhecimento da auctoridade absoluta do chefe do Estado sobre as bens e a vida dos subditos. Decorados com titulos identicos aos que se davam ás divindades, erão tambem identicas as homenagens cultuaes, que se lhes prestavam. Algures sustentava-se que só aos reis tocava em partilha a posse da alma.

E assim ficava larga e fundamente aberto o vão, que separava o chefe absoluto dos humillimos escravos, cuja razão envolvida na treva não vira ainda bruxolear a aurora da liberdade.

Sabido é que uma semelhante crença foi modificada.

No tempo e no espaço encontramol-a atenuada em povos, que lograram subir alguns degráos na escala da civilisação. Os monarchas deixão de ser considerados como deuses ou simideuses; mas conservão-se-lhes ainda as qualidades divinas, a que é inherente o exercicio da suprema auctoridade, revelando os titulos, que lhes são consagrados a sua celestial ascendencia.

Sem duvida, este estado da mentalidade humana e esta theoria social revelão um caminhamento. E' um passo avançado no sentido de sacudir a tutella exercida sobre a collectividade inteira pelo chefe supremo.

E essas idéas tiveram de soffrer novas modificações. Não mais deuses ou semideuses, não mais descendentes de deuses; passaram os reis a ser considerados como meros delegados do ser ommisciente.

E' a theoria do direito divino, cujo imperio estende-se por toda a idade média. A vassallagem tomou fórma nova, mais de accordo com a dignidade humana.

IV

Sabe v. m. quaes foram as luctas em que a razão humana teve de empenhar-se para garantir a sua autonomia e dar o golpe derradeiro nas velhas instituições politicas, atacando o direito divino, e proclamando o dogma da soberania popular.

O estudo da historia revela-nos por toda a parte que a submissão á auctoridade decresce com o progresso das luzes e da civilisação.

Sempre o mais alto gráo de sujeição acompanha a um estado social mais humilde e mais atrazado.

E' força convir que a submissão de um povo inteiro a um homem não é senão um attestado de inferioridade mental e de baixeza de caracter, ensina Spencer.

O despotismo é, a meu vêr, traço para levar-nos á conclusão segura de que a nação que o padece não é um organismo sadio, que diagnostico de affecção morbida é para ser considerada essa abdicação covarde dos direitos do homem.

Mas, a observação criteriosa dos phenomenos sociologicos determina em nosso espirito a convicção de que por uma necessidade faltal as sociedades deverão atravessar esse regimen.

E'poca houve em que as sociedades, em via de constituição, tinham ainda relaxados os laços, que só um lento progredir devia de cimentar.

Então, para garantia da ordem, base essencial do progresso, era condição essencial essa obediencia cega á auctoridade do chefe.

Mas, á proporção que as sociedades evolvem, á medida que a natureza humana se transforma com o caminhar do tempo, esse governo rude, longe de favorecer, torna-se, pelo contrario, um obstaculo, que embaraça a marcha da collectividade, em cujo seio se implantára.

Multiplas e variadas são as causas, que de combinação

concorrem para pôr em evidencia esta incompatibilidade entre o meio social e o seu regimen de governo.

De um lado são as luzes da civilisação, que crescem, batendo as trevas da ignorancia e apagando os attributos outr'ora conferidos aos chefes.

E' a sciencia que, alargando a esphera da actividade humana, leva-nos á contemplação d'essa grandiosa idéa do infinito, que nos aterra, e diante da qual se reduzem á proporção microscopica os vultos dos que mais alto subiram na escala social.

A idéa do infinito é uma noção scientifica, um fructo da labutação do pensamento. Foi uma idéa, que deu ao homem a consciencia da sua pequenez e concorreu para completar a obra da revolução social.

O nosso mundo é um quasi nada no seio do grande todo, que se chama o Universo.

Como dizia Marco Aurelio: «a duração da vida do homem é um ponto; seu corpo, um edificio que cahe; sua alma, um pião que roda.»

De outro lado, á medida que a sociedade, evoluindo, se torna cada vez mais complexa, multiplicando-se as funcções sociaes, sóbe de ponto a difficuldade de encontrar um chefe que a dirija.

No periodo theocratico a força é o direito e as qualidades essenciaes do chefe são as qualidades guerreiras.

As attribuições do monarcha são principalmente militares em um regimen social, que assenta sobre a guerra.

Para uma sociedade desenvolvida e altamente organisada, toda outra é a condição, que ha de satisfazer o chefe que a governe.

Como disse H. Spencer: «Para conduzir uma sociedade bem fundada, civilisada, os talentos indispensaveis não são o amor das conquistas, mas o amor da felicidade de todos; não um rancor immortal contra os inimigos, mas uma equidade calma e livre de toda paixão; não uma habilidade artificiosa, mas a penetração do philosopho. Como achar o homem que reuna o mais perfeitamente estas qualidades? Em nenhum paiz este homem nasce commummente nos degráos do throno.»

III

A Genese positiva

III

A Genese positiva

Nous devons donc croire qu'une cause primitive a dirigé les mouvements planetaires .... Quelle est cette cause primitive? j'exposerai sur cela une hypothèse que me parait résulter avec une grande vraisemblance, des phénomènes précédens; mais que je presente avec la defiance que doit inspirer tout ce que n'est point un résultat de l'observation ou du calcul. Laplace. *(Exposition du Système du monde.)*

Il serait sans doute superflu d'établir spécialement á cet egard ce prèliminaire indispensable, que toute ideé de *creation* proprement dite doit être ici radicalement écartée, comme etant par sa nature entièrement insaisissable et que la seule recherche raisonnable, si elle est réellement accessible, doit concerner uniquement les *transformations* successives du ciel, en se bornant même, au moins d'abord, à celle qui a pu produire immédiatement son etat actuel. Aug. Comte *(Philosophie Positive.)*

And hence, among other beliefs, has arisen the belief that the Solar System originated, not by *manufacture* but by *evolution*. H. Spencer. *(The Nebular Hypothesis.)*

I—Theoria das hypotheses

II—Ensaios cosmogonicos anteriores a Laplace

III—A hypothese de Laplace

IV—Comprovações e criticas

Theoria das hypotheses

I

Quando nós falamos de hypotheses, é na accepção scientifica que tomamos o termo.

Ninguem melhor do que Augusto Comte soube definil-o. E antes d'elle, que o saibamos, ninguem expusera a theoria das hypotheses positivas, magistralmente esboçada na «Philosophia Positiva».

Com acerto notava E. Littré em 1872: «Auctores allemães de data recente encerram idéas muito semelhantes á definição da hypothese positiva, tal qual a enunciei. E' possivel que por esforço proprio tenham chegado a esses resultados; não me preoccupa o contestal-o, e pouco se me dá d'isso. A verdade é que Comte, ha cerca de quarenta annos, enunciou-as de um modo preciso; e desde então essas idéas são vulgares entre os seus discipulos» (1).

A distincção das hypotheses em positivas e não positivas, em scientificas e não scientificas, relativas e verificaveis as pri-

(1) E. Littré. *La Science.*

meiras, absolutas e inverificaveis as ultimas, essa distincção é em verdade obra da moderna philosophia.

Porque só a philoscphia positiva, pelo orgam do seu eminente fundador, ensinou o papel que essas concepções logicas podem continuar a desempenhar em sciencia, de onde não foram proscriptas pelos methodos empregados em todos os ramos do saber.

Nem o celeberrimo aphorismo de Newton — *hypotheses non fingo*—pode induzir ao erro de que as hypotheses são mais prejudiciaes do que uteis em sciencia.

Dentro dos limites rigorosos traçados por Comte, as hypotheses continuam sendo um poderoso auxiliar de investigação e descoberta em todos os dominios scientificos.

O que é uma hypothese positiva?

E' ainda uma concepção do nosso espirito, como o são as hypotheses theologicas e metaphysicas, mas baseada em factos, filha da observação e da experimentação, assentada sobre relações conhecidas entre phenomenos, e que apenas se distingue das leis naturaes pelo menor gráo de certeza na affirmação. Estribada sobre factos experimentaes, só poi factos experimentaes pode ser confirmada ou infirmada a hypothese scientifica, que é uma antecipação da lei.

Assim o disse Pièrre Laffitte: «A hypothese é uma concepção do espirito ligando por antecipação os phenomenos observados. E' de alguma sorte uma lei prematura; é uma lei antes da sua verificação» (2).

E Stuart Mill, o notavel auctor do *Systhema de Logica,* emittiu estes conceitos: «Uma hvpothese é uma supposição, que se faz (seja sem prova actual, seja sobre provas reconhecidamente insufficientes) afim de tentar-se chegar a conclusões concordantes com factos reaes. Si as conclusões, a que a hypothese conduz, são verdades conhecidas, é licito concluir que a hypothese deve ser verdadeira ou pelo menos verosimil».

E' egualmente o significado d'estes dizeres de E. Littré:

«Nas cousas scientificas chamão-se hypotheses scientificas as que resultam de factos experimentaes. Ellas ganham ou perdem em consistencia á medida que os factos dessa natureza lhes são

(2) P. Laffitte—*Cours de Philosophie première.* Vol. I.

favoraveis ou contrarios. Dado que não attinjam jamais á verificação completa, della se approximam cada vez mais, e satisfazem o espirito pelo caracter sempre demonstravel dos factos e das leis que lhes servem de base».

D'esse modo de definir e encarar a hypothese em sciencia, vê-se quão fecundo é o seu papel. Dos primordios da civilisação aos nossos dias, da escuridade das longas noites do passado á clara manhã dos tempos actuaes, o espirito humano tem vindo a tactear, de duvida em duvida, de incerteza em incerteza, de supposição em supposição, de hypothese em hypothese. Foi lenta e gradualmente que a intelligencia do homem, producto das forças naturaes do organismo, funcção essencial do cerebro, sujeita como toda a natureza á lei fatal da evolução, logrou chegar ao conhecimento das leis fixas e invariaveis dos phenomenos.

A historia de todas as sciencias encerra a mais eloquente lição de humildade, mostrando atraz de nós a serie extensa dos erros, das generalisações prematuras, das meias verdades, das intuições admiraveis, graças ás quaes foi possivel ao homem architectar todo o edificio do saber, construir todo o organismo scientifico, subir toda a escala encyclopedica, indo da Mathematica á Sociologia e á Moral.

Certo poderiamos dizer com Claude Bernard:

«Parece ser, com effeito, uma necessidade, filha da fraqueza natural do nosso espirito, que não nos seja dado chegar á verdade sem passar por uma multidão de erros e de escolhos.»

Vêde na mais positiva das sciencias, vêde na Astronomia, de que Augusto Comte pôde dizer, que ella é *plus science qu'aucune autre,* como a que pareceria hoje a mais simples das verdades, a entrar pelos olhos de todo o mundo, por ex. a redondeza da terra e os movimentos d'ella, representam o resultado de longas, penosas e pacientes indagações, desde o Egypto e a Grecia até a Europa moderna, desde Ptolomeu, Pythagoras e Hipparco até Kepler, Copernico e Gallileu.

Nenhuma sciencia melhor do que a dos astros comprova a cada passo a verdade d'essa lei fundamental de philosophia primeira, que Comte formulou assim:

Nossa intelligencia tende sempre espontaneamente a fazer a hypothese mais simples, que comporta o conjuncto dos dados obtidos. (3)

Entre os simples circulos primitivos, e passando pelos excentricos, deferentes e epicyclos, quantas hypotheses antes de chegar á derradeira, a ellipse de Kepler, que, só elle, imaginou dezenove hypotheses sobre a forma das orbitas planetarias!

Como é sabido tamanha chegou a ser a complicação de linhas inventadas para explicar os phenomenos dos movimentos celestes, que em face d'esse accúmulo de circulos dificilmente combinados, cujo numero ascendia a 75 no começo do seculo XVI, o rei Affonso energicamente condemnava o desaso da Providencia, a quem se attribuia tão complicado e tão defeituoso systema do mundo. *Si Deus me tivesse chamado para o seu conselho,* dizia elle, *as cousas teriam sido mais bem ordenadas.*

A orbita circular era naturalmente a hypothese mais simples. Esse era o seu merito fundamental; essa a sua razão de ser. Tambem o espirito humano arrastado por motivos de ordem puramente metaphysica (4) persistiu impenitente no erro das primeiras edades e foi levado a essa grande complicação de novos circulos no intuito de salvaguardar o principio absoluto do movimento circular.

«Os antigos tinham sido levados assim a imaginar duas hypotheses, destinadas a conciliar variações, que elles não podiam mais desconhecer, com a condição da circularidade e uniformidade dos movimentos celestes, que elles persistiam em manter. D'ahi o suppôrem, de uma parte, a excentricidade de cada orbita circular, pondo a terra affastada a uma certa distancia do centro, o que permittia representar até certo ponto, as mudanças observadas: porque, o raio vector do astro, descrevendo embora arcos iguaes em tempo iguaes, em relação á terra variava de comprimento e mesmo de velocidade angular. Não tardou, não obstante, que este primeiro artificio, que só permittia jogar com uma unica constante arbitraria para cada movimento, se revelasse insufficiente,

---

(3) O enunciado, que nós demos, é na realidade a formula scientifica adoptada por Laffitte. Como Comte a formulara, segundo a nota de Laffitte, a primeira lei pareceria antes um preceito.

(4) Aristoteles ensinava que o movimento dos planetas deve ser circular, porque este movimento é o mais perfeito.

quando o progresso da geometria abstracta fez melhormente confrontar a sua exacta applicação com o conjuncto da exploração directa.

«Por isso os astronomos da idade media, sem renunciar de todo a esse expediente, recorreram principalmente, para o mesmo fim, ao grande artificio dos epicyclos, processo muito mais fecundo, e que servira já aos antigos para explicação das retrogradações planetarias. Esse artificio, permittindo uma reiteração quasi illimitada, facultava a representação gradual das irregularidades observadas, com a introducção de un novo circulo auxiliar, á medida que uma nova serie de observações manifestava a insufficiencia dos calculos já fundados sobre o antigo principio do movimento circular e uniforme.

«Mas depois dessas accumulações graduaes, este principio, que tanto se recommendava pela sua simplicidade inicial, tinha originado uma tal complicação que, ao começar o seculo XVI não era menor de 75 o numero de circulos, penosamente combinados em semelhante regimen astronomico para representar imperfeitamente sob o ponto de vista geometrico os movimentos dos sete astros interiores, então conhecidos,

«Toda concepção humana, que chega assim ao ponto de tornar-se directamente contraria ao fim essencial da sua instituição especial, tende necessariamente a dissolver-se, para dar lugar a um novo modo de systematisação, evitando toda e qualquer inutil correcção destinada a prolongar o impotente imperio do principio anterior.

«Mas, embora muito tempo antes de Kepler, essa necessidade fôsse sentida em Astronomia, não deixou de ser necessaria áquelle poderoso renovador uma rara firmeza philosophica, aliada ao seu admiravel genio scientifico, para ousar emfim tentar, após vinte seculos, a total regeneração do regimen celeste, substituindo a antiga hypothese dos movimentos circulares e uniformes por uma melhor legislação fundamental.» (5)

Bem poderiam dizer-nos que da hypothese circular á hypothese elliptica, tal qual Kepler a formulou, medeia uma longa serie de concepções, que são todas mais complicadas que a simples lei kleperiana: orbitas planetarias ellipticas, occupando o sol um foco commum.

---

(5) Aug. Comte—*Astronomie Populaire.*

Mas o que era fundamental e caracteristico no systema astronomico anterior, era a circularidade das orbitas persistindo através de todas as multiplas modificações secundarias.

E nesse esforço por manter uma conciliação impossivel entre a primitiva concepção e a serie de novas observações, que a contradiziam, verifica-se mais uma vez essa especie de apego da humanidade aos productos do trabalho mental, e que sufficientemente explica a *lei da persistencia*, que Aug. Comte generalisou, estendendo-a do dominio mathematico até a sociologia. (6)

«E' assim que, mesmo nas sciencias, os homens não se determinão a mudar radicalmente as suas instituições primitivas (sobretudo si ellas não foram estabelecidas de modo racional), sinão quando ellas cessam completamente de preencher o officio ao qual se destinavam, e depois que, apesar de sobecarregadas por numerosas modificoções successivas, tornam-se impotentes. (7)

E a verdade é que de todas as curvas conhecidas a ellipse é a que menos differe do circulo.

A verificação da mesma lei é feita egualmente do modo mais decisivo pelo estudo da marcha do espirito humano na descoberta da forma da terra.

A primeira hypothese conceberam-n'a os primeiros indagadores, que mal dirigidos por observações incompletas e dados insufficientes supposeram a terra o pedaço de plano, que mal podiam olhos desarmados divisar e cuja extensão apenas entreviam diminutissima audases viajantes. Era essa a hypothese mais simples.

---

(6) Aug. Comte. *La Philophie Positive* Vol. II.

(7) São decisivas e do mais alto valor philosophico estas palavras de Aug. Comte: «Mas tratemos agora de uma apreciação mais elevada e muito menos sentida até aqui, a qual, garante uma verdadeira universalidade philosophica a estas tres leis fundamentaes, desde que sejam sufficientemente generalisadas, tornando-as convenientes a todos os phenomenos possiveis, e em particular aos da naturesa vivente, quer individual, quer mesmo social. Facil é agora explical-o para com cada uma dellas. Quanto á primeira, tão mal qualificada de lei de inercia, e que eu limitei-me a designar historicamente pelo nome de Kepler, a quem é ella devida, basta encaral-a, sob o seu aspecto real, como *lei de persistencia* mecanica para ver logo ali um caso particular da tendencia espontanea de todos os phenomenos naturaes para perseverarem indefinidamente em seu estado, seja este qual fôr, a não sobrevir alguma influencia perturbadora, tendencia essa então. especialmente verificada em relação aos phenomenos mais simples e mais geraes.» Aug. Comte. *Cours de Philosophie Positive. Vol. VI.*

E com rasão observou P. Laffitte: «Seriam justamente considerados loucos os que formasem juiso diverso. O selvagem ou o camponio, ao qual nós perguntamos o que pensa da forma da terra, responde bem, disendo que a julga plana.»

A esphericidade foi posta de manifesto por observações bem dirigidas e pertinazes.

Ptolomeu, pela observação dos eclipses lunares, provou primeiro que a terra não é plana, porque então a lua e todos os astro se levantariam nos horisontes de todos os paizes á mesma hora. O mesmo astronomo notavel deu-se ao trahalho de provar com rasões que Delambre considera excellentes, e que não são difficeis de imaginar, que a terra não é nem um prisma, nem um cylindro, nem um cone, nem um polyedro qualquer.

Motivos de toda ordem, uns de natureza puramente metaphisica, outros de ordem scientifica, levaram o homem á concepção da esphericidade. «A primeira idéa que se devia apresentar era a da terra espherica; poder-se-ia quando muito suspeitar um ligeiro achatamento, como é evidente em Jupiter.» (8)

A sombra da terra nos eclipses da lua; a analogia da forma de todos os planetas; a curvatura, ao parecer, uniforme o effeito produsido, sob o mesmo meridiano ou sob meridianos diversos, pela observação da estrella polar e do sol foram outras tantas provas da redondesa da terra.

Verificado que a altura do polo não augmentava de quantidades iguaes, quando o observador mudava de posição n'um mesmo meridiano, para iguaes deslocamentos kilometricos, abandonou-se a supposição da esphericidade para suppor a terra um ellipsoide de revolução.

Novas observações indusiram a uma nova hypothese sobre a figura de terra.

Tratando desse assumpto, o eminente fundador da Philosophia positiva enunciou estes sabios conceitos: «Convêm todavia não dissimular que a extrema precisão das comparações modernas já despojou essa noção do caracter absoluto, que se lhe queria attribuir, e tende a redusil-a á sua verdadeira naturesa philosophica, erigindo-a simplesmente em uma segunda aproximação, que, mais exacta e mais duravel que a primeira aproximação

(8) Delambre. *Astronomie Theorique e pratique.*

espherica, ha de provavelmente ser sempre bastante para as nossas verdadeiras necessidades especulativas, embora nenhuma dellas, como nenhuma outra qualquer, possa ser a expressão estricta de uma figura objectiva, que nós não pedemos plenamente conhecer.

«Muito escrupulosas indagações parecem, com effeito, indicar que os gráos medidos, na mesma latitude, sob meridianos diversos, não tem exactamente o mesmo valor; donde resultaria que os meridianos não são rigorosamente eguaes, ou que a terra não é precisamente uma superficie de revolução.»

E Augusto Comte condemnou por anti-philosophica a tentativa de modificar a hypothese ellipsoidica:

«Se a antiga concepção, durante muitos seculos, satisfez ao conjuncto das nossas necessidades intellectuaes, seria possivel que a concepção moderna, muito mais aproximada da realidade, fôsse já alterada ou destruida, um seculo apenas depois de seu inteiro estabelecimento ?... Por mais approximada da realidade que parecesse a hypothese espherica, força foi abandonal-a como incompativel, de uma parte com as observações diuturnas, da outra parte com as indicações theoricas, mas sobretudo porque grandes phenomenos astronomicos, principalmente a precessão dos equinoxios necessariamente ligam-se a este ligeiro defeito de esphericidade. Deve-se pensar ao contrario que nada de equivalente virá prescrever a mudança ulterior da hypothese ellipsoidica.»

Definindo a hypothese scientifica fala-se sempre na sua verificabilidade.

Convêm não perder de vista o sentido dessa expressão, que Laffitte precisou.

«A verificação de que nós falamos diz respeito ás consequencias, não á causa dos phenomenos. Para estabelecer que uma hypothese é scientifica, não se trata com effeito de remontar á fonte dos factos entre os quaes se entrevê uma relação: é evidente que a tal preço, bem poucas hypotheses seriam scientificas, a começar pelas astronomicas, cuja realidade nunca ser-nos-á dado verificar directamente. Basta que possamos julgar da verdade de nossas hypotheses por consequencias accessiveis aos nossos meios de investigação. Para que uma hypothese seja justa, é preciso que as previsões que ella auctorisa se realisem; para que ella seja scientifica, é simplesmente necessario que os factos assim previstos não possam escapar aos nossos sentidos.»

Assim a simplicidade e a verificabilidade são os caracteres essenciaes das hypotheses scientificas. Por elles as conjecturas positivas extremam-se das theologico-metaphysicas.

Tratando-se da theoria fundamental das hypotheses, Augusto Comte (9) mostrou a necessidade indispensavel da introdução das hypotheses em philosophia natural. Sem este feliz recurso, (dizia o maximo entre os maiores mestres), cuja idéa geral foi primitivamente suggerida pelos methodos de aproximação dos geometras, a descoberta effectiva das leis naturaes seria evidentemente impossivel, por menores que fôssem as complicações que o caso apresentasse; e sempre, o progresso real seria ao menos extremamente diminuido.

O principio fundamental da verdadeira theoria relativa á instituição das hypotheses, Comte o formulou assim: *toda a hypothese scientifica, afim de ser realmente julgavel, deve exclusivamente versar sobre as leis dos phenomenos e nunca sobre os seus modos de producção.*

Fóra destes limites, a hypothese não pode ser considerada rigorosamente positiva. De feito, hypotheses theologicas ou metaphysicas podem ser simples, e até concebe-se que possa caber-lhes um certo gráo de verificabilidade.

«Mas a terceira condição não deixa nenhum lugar ás concepções ultrascientificas. As hypotheses poderão ser falsas, mas serão sempre positivas. O espirito theologico ou metaphisico, sem cessar preoccupado com a investigação das origens, isto é do que não é dado saber, é forçosamente excluido de toda hypothese que não faz senão verificar um phenomeno geral, de accôrdo com a observação continua de phenomenos particulares. Em quanto o nosso escopo não fôr senão saber a maneira porque um phenomeno varia por meio de um outro, ser-nos-á impossivel introdusir ahi um deus ou uma entidade.» (10)

Stuart Mill, corroborando a opinião de Augusto Comte, trouxe á theoria das hypotheses as luzes do seu grande espirito.

«E' necessario reconhecer que este papel das hypotheses é absolutamente indispensavel na sciencia. Quando Newton dizia: *hypotheses non fingo,* elle não queria significar a renuncia desse

(9) *Cours de Philosophie Positive* Vol. II.

(10) Pièrre Laffitte. Op. cit.

precioso recurso para facilitar as suas investigações, suppondo de antemão o que só mais tarde podia provar. Sem estas suppositções, nunca a sciencia chegaria ao que é; ellas figuram passos necessarios na marcha para alguma cousa de mais certo; e quasi tudo o que é agora theoria, foi no começo hypothese. Até na sciencia puramente experimental, é myster rasgar essas aberturas para fazer uma experiencia de preferencia a uma outra; e ainda que, falando em absoluto, fôsse possivel que todas as experiencias tivessem sido tentadas unicamente no intuito de verificar o que em dadas circumstancias succederia, sem conjecturar sobre os resultados, as indagações tão laboriosas, tão delicadas e muitas vezes tão fatigantes e enfadonhas, que mais luz tem projectado sobre a constituição geral da natureza, não teriam quem a ellas se abalançasse ao tempo em que foram feitas, se não fôra a crença e o intuito de decidir, por meios taes, da verdade ou da falsidade de alguma theoria emittida, mas não provada. Ora, si isso da-se em relação ás investigações puramente experimentaes, com maioria de rasão o soccorro temporario das hypotheses é indispensavel para converter verdades experimentaes em verdades deductivas. Começa-se fazendo uma supposição falsa muitas vezes, para ver a que consequencias ella daria lugar; e, cotejadas com os phenomenos reaes, indicam as correcções a fazer na hypothese. Para começar faz-se a mais simples supposição de accôrdo com os factos mais apparentes, porque é mais facil determinar as suas consequencias». (11)

Tal o criterio a cuja luz vale examinar a famosa hypothese cosmogonica de Laplace.

Ver-se-á como essa concepção em verdade satisfaz as tres condições que devem ser essenciaes na formação das hypotheses como estabeleceu Laffitte: a relatividade, a estabilidade e a opportunidade.

A primeira regra consiste em não esquecer nunca que uma hypothese, baseada embora sobre dados da observação ou da experiencia, é uma conjectura, uma supposição. Para quem se colloca no ponto de vista da philosophia positiva, que é o da propria sciencia, o absoluto nada tem que ver nas creações do espirito humano, onde só entra e domina o relativo. Esse era o

(11) Stuart Mill. *Systeme de Logique* vol. II.

erro do passado, quando esquecido da origem das creações subjectivas, o homem nellas via a realidade absoluta.

«Elle objectivava assim uma concepção do espirito. Todas as theologias, desde o fetichismo, todas as metaphysicas, até á de Cousin, não fizeram outra cousa quando crearam seus deuses e suas entidades. Deram um valor real ao que não tinha senão um valor subjectivo, ao que não era senão uma construcção do cerebro» (12)

A estabilidade e a opportunidade são caracteres que não tem o mesmo rigor scientifico que o primeiro. Um e outro são filhos da preoccupação que produziu a synthese subjectiva. E' o ponto de vista do interesse humano bem entendido. Por esses dois preceitos — que a hypothese deve ser estavel e que ella deve ser opportuna — a philosophia positiva, pelo orgão do seu fundador, prega contra o exagerado amor da instabilidade, que leva a essa constante preoccupação de inventar novidades e rejeitar o que foi concebido pelos grandes homens de genio do passado. O positivismo ensina que a submissão é a base do aperfeiçoamento. A regra da estabilidade vale para preservar-nos de uma situação mental, que seria alguma cousa semelhante ao estado de loucura, como já observou Laffitte, feita norma de acção essa faina de demolir tadas as construcções mentaes dos nossos illustres predecessores.

«Uma lei estabelecida deve ser cousa sagrada, na qual não se ha de tocar senão com muita reserva, embora saibamos que ella è relativa.»

Mas a seu turno essa regra não pode ser absoluta para os adeptos de uma philosophia, em que, o unico principio absoluto resume-se neste aphorismo do seu fundador: *tudo é relativo.*

De feito, si é justo encarar com suspeição os factos contradictorios, que surgirem contra uma hypothese adoptada, a ninguem é dado, sem negar fé á sciencia ou recusar valor aos resultados das suas indagações, manter-se contra todos os ensinamentos fiel a concepções caidas em descredito.

«Os verdadeiros sabios, dizia P. Laffitte, são conservadores, não o esqueçam; elles não recomeçam, proseguem; elles não se insurgem, submettem-se.»

---

(12) P. Laffitte. Op. cit. vol. I.

E é notavel o exemplo de Clairaut, que o eminente successor de Comte manda tomar como o melhor dos modelos, e que defendendo contra os ataques de Buffon a lei de Newton, aconselhava sabiamente que a respeitassem tal qual o seu auctor a estabelecera e enunciara, até que novos documentos forçassem a construir uma hypothese mais verdadeira.

A hypothese deve ser opportuna. Quando nós dizemos de uma hypothese que ella é opportuna, nós queremos significar que só é licito formular uma hypothese nova, quando ha dados sufficientes para justificar essa innovação. Só assim podem comprehender-se os preceitos da philosophia positiva.

E seria estreito, tomado muito ao pé da letra, o utilitarismo destas palavras de Laffitte: «Uma lei não é applicavel senão quando não é muito complicada. Donde a indicação de sacrificar por vezes alguma cousa da realidade de uma lei em favor da sua simplicidade, qnando este sacrificio não tem consequencias praticas evidentes e quando uma mudança, theoricamente legitima, torna-se antes um embarasso do que um soccorro para os praticos».

Levado ao exagero o preceito que essas palavras encerram, seria a mais solemne e a mais formal condemnação das investigações scientificas. E os adversarios da philosophia positiva já contra ella tem brandido essa arma com fundamentos apparentes e com verdadeira audacia.

E' peremptoria a linguagem de Comte para definir o verdadeiro ponto de vista da philosophia positiva tocante á opportunidade das hypotheses, quando condemnava a celeberrima invenção da *cassinoide*.

Commentando a segunda lei de Kepler dizia o maior dos philosophos: «Esta bella lei durante muito tempo deixou de ser reconhecida pela mor parte dos astronomos, até dos que sentiam tão vivamente a necessidade de abandonar os movimentos circulares, e faziam em direcção diversa da que seguira Kepler, tentativas infructiferas. O proprio Dominique Cassini, mais de meio seculo depois, teve a idéa infeliz de substituir a ellipse de Kepler por uma curva do quarto grau grosseiramente semelhante áquella a certos respeitos, e na qual o producto das distancias aos dois focos, em vez da somma, é que se conserva invariavel.»

Esse é que é o ponto de vista seguro e sabio da philosophia positiva.

O que ella condemna são as innovações anarchicas e as creações anti-scientificas e anti-philosophicas.

E seria ficar contradictoria comsigo mesmo affastar em absoluto como inconvenientes ou improprias as indagações de sabios ou simples investigadores para o fim de guardar como depositos inatacaveis as descobertas do passado.

A quietação e a estabilidade não podem ser compativeis com a sciencia, cujo apanagio é crescer e multiplicar-se como todos os organismos.

E com a sciencia se desenvolve a propria philosophia positiva, que nada mais é senão a integração geral de todo o humano saber.

Ensaios cosmogonicos anteriores a Laplace

II

E' claro que, no rol dos ensaios de cosmogonia a mencionar, não poderá figurar o Capitulo I do Genesis, a creação do mundo e do homem conforme a concepção mosaica.

As hypotheses da theologia não valem perante a sciencia moderna. Ellas não assentam sobre factos observados, não tem por lastro seguro as investigações do espirito humano.

O inicio de taes concepções é de ordem puramente subjectiva. A existencia de um só Deus ou de muitos Deuses é uma conjectura sem base, que não pode constituir o ponto de partida de nenhuma theoria com pretensão a cousa scientifica.

Toda a hypothese cosmogonica para ter ares de construcção solida, precisa partir da materia e do movimento suppostos existentes.

A creação, como a Biblia ensina e manda crer, escapa a qualquer verificação.

O dogma da existencia do grande oleiro do Eden está fóra do alcance da intelligencia humana limitada e fraca.

Falando da creação conforme o Genesis, pondera H. Spencer que, pelas suas origens, não ha negar que essa theoria é de baixa extracção.

«Segue-se-lhe facilmente a filiação até ás mythologias primitivas. O seu mais remoto tronco ancestral é esse dogma, que ensina que os corpos celestes são personagens arrancados á terra, onde viviam outr'ora: Livingstone foi encontrar essa doutrina entre certos povos negros que visitou. Quando a sciencia despojou o sol e os planetas do seu caracter de personagens divinos, á idéa antiga veiu supplantal-a essa crença, ainda professada por Kepler, que os planetas tem por guias, em seus cursos, puros espiritos: cessam de ser divindades, mas ha sempre uma divindade para manter cada astro em sua orbita. Veiu depois a gravitação, que tornou inuteis esses pilotos terrestres, e chegou a vez de uma nova doutrina, menos grosseira é certo, porem da mesma natureza que a outra donde se originava: os planetas tinham sido no começo lançados em suas orbitas pela mão do Creador.» (13)

Scientificamente falando, o mundo só é concebivel como um producto da lei da evolução regendo a materia em movimento. A cada estado do universo só é licito dar como antecedente um outro estado semelhante, tendo a materia e a força por elementos.

Comte traçou um circulo ainda mais apertado, precisando com o maior rigor scientifico as raias, dentro das quaes é possivel ao espirito humano conjecturar sobre a genese do mundo.

«Nós devemos pois redusir a cosmogonia real ao estudo da formação do nosso mundo, considerando o sol como dado, e até como animado de um movimento uniforme de rotação em torno do seu eixo actual com uma velocidade indeterminada. Então tratar-se-á unicamente de ligar a este dado fundamental a constituição effectiva do nosso systema planetario, tal qual é hoje exactamente conhecida. O problema é ainda assim assaz largo, e a sua solução certa e precisa ultrapassa de muito a capacidade real da nossa intelligencia. Ha aliás uma condição, a que devem evidentemente ficar sujeitas todas as nossas conjecturas sobre

(13) Herbert. Spencer—*The Nebular Hypothesis.*

uma tal origem: é que nella não intervenham senão os mesmos agentes naturaes, cuja influencia sobre os nossos phenomenos habituaes claramente se percebe, e que apenas teriam então operado em maior escala. Fora desta regra um semelhante trabalho não poderia ter nenhum caracter verdadeiramente scientifico». (14)

A' luz deste criterio, que valor pode ter a narração biblica, tirando o mundo e o universo do nada, por milagre do verbo de uma Providencia, cuja existencia é inverificavel?

Escripto nos tempos primitivos da humanidade, quando mal poderia a sciencia ir madrugando, o Genesis encerra todos os erros a que o espirito humano era levado pelas apparencias. Era o periodo rudimentar do saber, e foi diante da incapacidade de conciliar com as verdades da sciencia moderna os desacertos de Moysés, que um notavel astronomo francez e famoso deista exclamou: «Os livros santos não podem ter nenhuma auctoridade em materia de sciencia. Elles não encerram a sciencia revelada, para que no fim de alguns milhares de annos alguns doutores cheguem a decifrar-lhes o sentido: é a linguagem de uma sciencia toda rudimentar, a linguagem das apparencias.» (15)

Ao erro de uma terra, que era um simples disco plano e chato, oppôz-se a verdade de um globo sem fundações, balouçando-se nos espaços sob a acção da lei universal da gravitação.

Ao dogma da fixidez do nosso planeta, os sabios, pela voz de Copernico e Gallileu, oppozeram o principio da mobilidade, mettida a terra no numero dos astros, que giram em derredor do sol.

Perante a sciencia os ensinamentos cosmogonicos de Moysés são lettra morta.

E ha muito tempo que o eminente astronomo francez, architectando o systema do mundo, despresou por inutil a hypothese de Deus.

Tambem nenhuma sciencia mais do que a Astronomia serviu de poderosa alavanca para abrir largas frinchas no edificio da theologia. As verdades bebidas no Céo foram o penetrante ariete que desmanchou todo esse vasto monumento phantastico,

(14) Aug. Comte. *Cours de Philophie positive*. Vol. II.
(15) H. Faye. *Sur l'origine du monde*.

apagando do fundo azul do firmamento a mão de Deus, para lá deixar a dos grandes sabios modernos.

Ao famoso versiculo *Cœli enarrant gloriam Dei,* em que os theologos condensaram os argumentos a favor da existencia de Deus, tirado do espectaculo das maravilhas celestes, Augusto Comte oppôz estas palavras, que são a realidade fecunda da crença baseada sobre o saber positivo:

«Para todos os espiritos familiarisados com a verdadeira philosophia astronomica, os Céos hoje não contam mais outra gloria senão a de Hipparco, de Kepler, de Newton e de todos os que concorreram para estabelecer as suas leis.»

E a ultima palavra de Laplace, nesse livro admiravel, que é um dos maiores monumentos do saber humano, foi esta sentença: «O maior serviço da Astronomia é ter dissipado os temores e destruido os erros nascidos da ignorancia das nossas verdadeiras relações com a natureza.» (16)

O que valeram as leis astronomicas, como poderosos instrumentos para a emancipação da consciencia humana, até onde ellas agiram, como grandes ondas agitadas e continuas de um mar sem repouso, para escavar a rocha da fé baseada na revelação e no milagre, ninguem disse-o por modo mais eloquente do que o grande homem, que deu á religião por dogma a sciencia.

Estes foram os seus commentos á verdade do movimento da terra, que mais do que nenhuma outra profundamente revolucionou o mundo intellectual, tantos e taes eram os obstaculos que aos sabios investigadores lhes oppunha a errada crença religiosa da immobilidade da terra, estribada sobre seculos de universal assentimento (17):

«A admissão do movimento da terra, fazendo rejeitar a crença no destino humano do universo, necessariamente solapou

---

(16) Laplace. *Exposition du système du monde.*

(17) Para avaliar até que ponto podia ir a auctoridade absoluta das doutrinas aristotelicas, muitas vezes levadas ao exagero do absurdo mais flagrante, conta Faye a historia do P. Schneiner, de Ingolstadt, que tendo descoberto as manchas do Sol com a luneta então recentemente inventada na Hollanda, deu sciencia da sua observação ao Padre Budée, seu provincial. E este reguingou-lhe: «Tenho muitas vezes lido e relido o meu Aristoteles, e posso certificar-vos que nelle nada semelhante se encontra. Ide, meu filho, dae repouso ao vosso espirito. As manchas que crêdes ter visto no Sol, estavam nos vossos olhos ou na vossa luneta.»

pelos alicerces todo o edificio theologico. E assim explica-se facilmente essa repugnancia instinctiva dos espiritos verdadeiramente religiosos contra essa grande descoberta, e a tenaz perseguição que o poder sacerdotal moveu contra o mais illustre promotor dessa idéa nova.»

Não podem ser mencionadas nesta ligeira noticia historica as cosmogonias, como delinearam-n'as as grandes syntheses religiosas do passado. Todas ellas tem o vicio radical das theologias, admittindo a existencia de deuses ou semi-deuses para explicar a origem do universo.

Egualmente não podem aqui caber as tentativas cosmogonicas da sciencia greco—romano, mistura de erros e phantasias com algumas poucas verdades admiravelmente entrevistas pelo genio dos hellenos. Muito é o que vale a obra colossal da sciencia grega. Na Grecia, nesse torrão, que parece fadavam numes immortaes e omnipotentes para ser o berço da philosophia, da sciencia e da arte, teve na realidade a cosmogonia, como ensaio positivo, os seus incunabulos. De Aristoteles, o principe dos philosophos da antiguidade, o genio que ainda hoje se nos revela colossal nas suas proporções assombrosas, nos productos do seu espirito altamente creador, disse com acerto H. Faye:

«Não é necessario ir mais longe para faser idéa exacta de modo de raciocinar de Aristoteles. Elle tem um fio conductor: é a redondeza da terra collocada no centro do mundo, e o movimento perpetuo de rotação do céo espherico envolvendo tudo. A sua dialectica, a sua metaphysica, a sua ontologia, na qual o material e o divino andam tão estranhamente de mistura, derivam d'ahi. O universo, elle o refaz pelo raciocinio, com o auxilio de idéas absolutas de conveniencias e de necessidade. De caminho muitas vezes chocam-n'o os maiores absurdos, que elle disfarça.»

Antes de Aristoteles, Platão ensinava a doutrina pythagorica e expunha no Timeu o systema do mundo.

Passemos em silencio essas theorias da antiguidade, entre as quaes figura o exposto memoravel do poema de Lucrecio—*De rerum natura.*

De todas ellas pode dizer-se, sem errar, que eram concepções mais ou menos falsas, puras phantasias ás mais das vezes, em todo o caso meras creações ontologicas, sem o criterio da verificação scientifica, sem a base solida da observação bem dirigida.

Entre a lenda mosaica e os ensaios cosmogonicos dos modernos, as conjecturas da philosophia grega figuram um degrão essencial. Por ellas o espirito humano enveredou pelo caminho que a sciencia abrira para a constituição da verdadeira synthese scientifica. Sejam quaes forem os erros que as inquinem, as theorias geradas pelo espirito audacioso dos sabios hellenicos fincavam o verdadeiro marco inicial da jornada que o homem, atravez de tantos seculos, emprehendeu para a descoberta da genese do universo, que apenas hoje conhece como verdade relativa, como hypothese aceita pela sciencia.

O sol da philosophia grega projectou os primeiros e fulgidos clarões na noite tenebrosa da antiguidade. Desse grande foco intellectual, que tanto fulgura na historia, promanou o poderoso movimento scientifico, que com Aristoteles, Ptolomeu e Thales, Pythagoras e Archimedes, representa o arcabouço de todo o moderno edificio scientifico.

Houve quem denunciasse em Anaxagoras o precursor ainda nebuloso de Laplace, porque o philosopho clazomenio, do cahos primitivo, onde inertes e confundidas jasiam as particulas da materia, fazia gerar-se o universo pelo impulso inicial dado pelo motor universal.

Da Grecia disse erudito escriptor portuguez, o sr. Latino Coelho:

«Era a physica dos gregos tão imperfeita e balbuciante, quanto eram inefficazes os seus meios experimentaes. A observação auxiliada dos engenhosos apparelhos, com que hoje vamos saltear no recesso de seus arcanos a naturesa sempre avara de suas revelações, faltava de todo o ponto á mais douta antiguidade. A arte prodigiosa de variar as condições dos phenomenos naturaes, de os produzir a nosso alvedrio no seio dos gabinetes, era quasi ignota aos philosophos da Hellade, que comtemplaram o universo na sua vasta e sublime comprehensão, em vez de o inquirir e analysar nos seus quasi infinitos pormenores. Tão aguda e tão certeira era porem a visão intellectual destas aguias arrojadas, que se chamaram Pythagoras, Democrito, Anaxagoras, Empedocles, Heraclito, Philolau, tão energico e tão vivaz o instincto divinatorio dos mais eminentes genios gregos, que na ausencia dos instrumentos e dos methodos empiricos, a razão pela sua força creadora, como que dos seus luminosos penetraes, construia *á priori* alguns dos grandes principios da sciencia e enunciava

as theses fundamentaes, que mais tarde a experiencia haveria de confirmar.»

E' inteiramente outra a impressão quando se chega á sciencia moderna. A gente sente-se bem como quem pisa terra firme depois de longa e arriscada viagem em mar cavado e tempestuoso.

Já o espirito viaja tendo para nortear-se o methodo da observação, por meio do qual a rasão se esclarece e é conduzida ás mais admiraveis descobertas. A poesia das primeiras idades dá lugar á construção severa das novas theorias astronomicas.

Muda-se completamente o scenario. Os actores são de outra envergadura.

A primeira personagem, que se nos depara, logo no vestibulo, ao penetrar o novo edificio do saber positivo, é René Descartes, o grande philosopho francez, cujo vulto tamanho é, que enche elle só até nós o immenso espaço de 3 seculos, e irá pela historia em fóra, velho e sempre novo, tanto elle soube ver adiante do seu tempo.

Para um adepto da philosophia positiva o nome de Descartes figura na linha dos maiores genios da humanidade.

A elle, como ao mais nobre e elevado dos troncos ancestraes, prende-se pelas idéas, em sciencia e em philosophia, o fundador do positivismo. E' um antepassado que honra, e que é honrado pela mais notavel das vergonteas, tantas correntes esperituaes derivam dessa fonte abundante, matriz fecunda de grandes sabedores em todos os ramos da sciencia. (18)

Comte orgulhava-se dessa alta linhagem philosophica:

«Desde que a obra da reconstrucção foi posta na ordem do dia, a attenção publica cada vez mais volve-se para a grande e immortal escola de Diderot e de Hume, que caracterisará realmente o seculo XVIII, ligando-o ao precedente por Fontenelle e ao seguinte por Condorcet...

---

(18) «Eis-nos pois chegado a um resultado singular. O *Discours de la méthode* abria-nos duas veredas: pela primeira Berkeley e Hume levam-nos direito a Kant e ao idealismo; a outra, por Lamettrie e Priestley, vae ter á physiologia moderna e ao materialismo. Nosso tronco scinde-se assim em dois grandes ramos, brotando em sentidos oppostos, e cujas flores assemelham-se o menos possivel. Entretanto cada um delles é vigoroso e são, e tanto vale um como outro.» (Huxley).

E' de uma tal escola que eu hei de sempre honrar-me de descender immediatamente, tendo por precursor essencial o eminente Condorcet...Hume constitue o meu principal precursor philosophico, ligando-se-lhe accessoriamente Kant; a sua concepção fundamental só o positivismo pôde verdadeiramente desenvolvel-a de um modo systematico.

Sob o ponto de vista politico, Condorcet, quanto a mim, precisa ser completado por De Maistre, de cujos principios essenciaes, desde o começo da minha carreira eu me appropriei, e os quaes no presente, só pela escola positivista são apreciados. Taes, são, com Bichat e Gall como precursores scientificos, os seis predecessores immediatos, que sempre hão de ligar-me aos tres paes systematicos da verdadeira philosophia moderna, Bacon, Descartes e Leibnitz» (19)

Coube a Descartes operar a mais profunda revolução philosophica. Para o grande reformador francez a naturesa redusia-se á materia e ao movimento. Desse ponto de partida subiu Descartes aos mais altos pontos da sciencia, levando a toda parte o cunho da sua individualidade notavel e extraordinaria.

O eminente naturalista T. Huxley admiravelmente esboçou em largas linhas a figura de Descartes:

«De todos os pensadores, quem, na minha opinião, melhor que qualquer outro, representa a raiz e o tronco da philosophia e da sciencia modernas é René Descartes. Eu me explico; quem quer que de preferencia se consagra a qualquer dos resultados caracteristicos do pensamento moderno, seja em materia de philosophia, seja em materia de sciencia, reconhecerá o sentido, senão a forma deste pensamento, ora presente ao espirito do grande francez.

«Certos homens são reputados grandes, porque representam a actualidade da sua epoca e nol-a reflectem tal qual é. Desse numero era Voltaire, e pôde-se dizer delle, a modo de epigramma, que tinha, mais do que ninguem, o espirito de todo o mundo. E é certo que ninguem melhor do que elle sabia exprimir o pensamento de todos.

«Mas outros homens são grandes, porque representam tudo o que a sua epoca encerra de forças latentes, e possuem o ma-

(19) Aug. Comte. *Catechisme positiviste.*

gico poder de reflectir-nos o futuro. Elles exprimem os pensamentos que serão os de todo o mundo dois ou tres seculos após. Tal foi René Descartes.»

Com o seu systema, o sabio auctor do *Methodo* desterrou do mundo da philosophia e da sciencia todo esse acervo de entidades e virtudes occultas, que a metaphysica accumulara. A elle, a missão historica de pôr termo ao imperio das chimeras escolasticas.

«Com uma clara visão Descartes lobrigou o ideal e o ultimo fim da sciencia; determinou-lhe o methodo; de antemão assignalou os seus grandes resultados hoje obtidos, annunciou todos os nossos progressos. E não só, como do vertice de uma montanha, contemplou de longe a terra promettida, mas penetrou-a e fez nella as mais largas conquistas; por seus methodos e por seus exemplos, ensinou aos outros a verdadeira tactica e a verdadeira direcção; deixou-lhes enfim o plano exacto de tudo o que deviam descobrir. Sainte-Beuve dizia de Bossuet que elle era o propheta do passado; de Descartes podemos nos dizer que elle é o propheta da sciencia do futuro.» (20)

A obra de Descartes encerra o primeiro ensaio de cosmogonia scientifica. E' conhecido o seu famoso aphorismo: «Daime a extensão e o movimento, eu construirei o mundo.»

A materia disseminada e as forças que a regem: nisso se resume o *chaos*, tal a sciencia o comprehende e admitte, sem que seja necessario começar pela hypothese de um poder creador: pedir a Deus essa materia activa, como o queria Faye.

«Essa materia, continua como o espaço que ella occupa, se subdivide em diversas partes sob a influencia dos primeiros movimentos. Descartes faz-nos assistir, por assim dizer, as suas transformações, e mostra-nos como as estrellas, o sol, os planetas mesmo sairam naturalmente d'ahi.»

O que verdadeiramente caracterisa o systema cartesiano para explicar a genese do mundo é a invenção dos famosos

(20) Alfredo Fouillée. *Le Système du monde.* (Revue des deux mondes).

turbilhões, graças aos quaes pela acção de forças intelligiveis poderam ser explicados os movimentos planetarios. (21)

Posta a materia em movimento, os turbilhões, estabelecidos em derredor do sol e das estrellas, arrastam em seu curso circular os planetas, centros de turbilhões secundarios, que produzem o movimento circular dos satellites.

«O systema dos turbilhões é falso: Newton no fim do seu livro — *Principios mathematicos da Philosophia natural*, quarenta annos depois de Descartes, magistralmente formulou a sua condemnação. E entretanto ha nesta theoria alguma cousa que os successores de Newton, Euler, Clairaut, d'Alembert, Lagrange e Laplace, teriam talvez desenvolvido, si do estudo dos movimentos turbilhonares não os viera desviar essa condemnação.» (22)

Tratando da admiravel concepção de Descartes, explicando os movimentos dos corpos celestes pela influencia de um systema de turbilhões imaginarios, Aug. Comte enunciou estes sabios conceitos:

«A historia racional desta grande hypothese é o que se pode achar de mais proprio para esclarecer o conjuncto da questão actual (23): porque a analyse pode aqui applicar-se claramente a uma operação philosophica completamente finda, onde nos é dado seguir o encadeamento das tres phases essenciaes, a creação da hypothese, seu uso temporario indispensavel, e emfim a sua rejeição definitiva, depois que o seu destino real foi preenchido. Esses famosos turbilhões agora tão desacreditados

---

(21) Era assim que Descartes explicava os seus turbilhões celestes: «Tout de même que dans les détours des rivières où l'eau se replie en elle-même, et, tournoyant ainsi, fait des cercles, si quelques fêtus ou autre corps fort légers flottent parmi cette eau, on peut voir qu'elle les emporte e les fait mouvoir en rond avec soi; et même parmi ces fêtus on peut remarquer qu'il y en a souvent quelques-uns qui tournent aussi autour de leur propre centre; et que ceux qui sont plus proches du centre du tourbillon qui les contient achèvent leur tour plus tôt que ceux qui sont plus éloignés; et enfin que, bien que ces tourbillons d'eau affectent toujours de torner en rond, ils ne deriveut presque jamais des cercles entièremeut parfaits».

(22) H. Faye *Op. cit.*

(23) Comte referia-se ao importante destino temporario por elle assignado ao systema geral das hypotheses em sciencia: o de permittir á intelligencia passar dos habitos metaphysicos aos habitos positivos.

por physicos que crêem firmemente no calorico, no ether e nos fluidos electricos, foram, na origem, um poderoso meio de desenvolvimento para a sã philosophia, introduzindo a idéa fundamental de um mecanismo qualquer, onde o proprio e grande Kepler não tinha ousado conceber senão a acção incomprehensivel de almas e de genios. Uma antiga philosophia, que tudo pretende explicar, penetrando, com o auxilio de suas entidades, até na intima natureza dos corpos e causas primarias dos phenomenos, só podia ser definitivamente derribada por uma physica audaciosa, que desempenhasse o mesmo papel de modo mais completo ainda e por meios muito mais intelligiveis, embora egualmente chimericos. Siga quem quer que seja a longa e memoravel controversia engendrada pelo cartesianismo, e para logo notará quanto os melhores espiritos desta epoca identificaram a sorte da sã maneira de philosophar com a de uma tal doutrina: e sem duvida assim era emquanto não se tratava senão de lutar com a philosophia metaphysica. Porem mais tarde, quando a discussão foi levada para o terreno da verdadeira mecanica celeste, fundada pela theoria da gravitação newtoniana, a influencia do systema dos turbilhões, que ao principio era progressiva, tornou-se incontestavelmente retrograda, em virtude dessa triste fatalidade, que leva as doutrinas, tanto quanto as instituições e os poderes, a prolongar a sua actividade alem da funcção mais ou menos temporaria, que a marcha geral do espirito humano lhes tinha assignado. E, não obstante, os ultimos cartesianos vãmente sustentavam, com argumentos aliás tão plausiveis como os dos nossos physicos actuaes, que era impossivel philosophar sem o soccorro de um tal genero de hypothese. Esse papel transitorio da hypothese de Descartes cessou espontaneamente, logo que o sentimento do verdadeiro objecto dos estudos scientificos tornou-se sufficientemente preponderante nos geometras e nos astronomos, em consequencia da impulsão definitiva devida á descoberta fundamental de Newton. Os turbilhões ainda perdurariam, ou teriam sido apenas substituidos por alguma doutrina analoga, si, com relação á sciencia celeste, não se tivesse comprehendido que, não podendo conhecer os agentes primitivos nem o modo de producção dos phenomenos, toda a sciencia real deve cingir-se exclusivamente ao conhecimento das leis effectivas dos phenomenos; e que assim, qualquer hypothese auxiliar destinada a fim diverso, seria por isso mesmo radicalmente contraria ao verdadeiro espirito

scientifico. E essa ha de ser necessariamente a regra em todas as outras sciencias». (24)

A hypothese cartesiana era, logicamente falando, uma hypothese plausivel, porque se podiam ser considerados ficticios os agentes, eram reaes as leis da sua acção, como o notou Stuart Mill. (25)

«Os turbilhões de Descartes teriam sido uma hypothese perfeitamente legitima, asserta o eminente auctor inglez, si tivesse sido possivel, por um modo de exploração que fosse licito possuir-se um dia, submetter a realidade dos turbilhões ao testemunho da observação. A hypothese era viciosa, simplesmente porque ella não podia conduzir a nenhuma indagação propria a converter a supposição em facto real. O risco que ella corria era de ser infirmada, quer por algum defeito de correspondencia com os phenomenos que devia explicar, quer (como succedeu) pela intervenção de algum facto estranho. «O facto da livre passagem dos cometas nas regiões do céo, onde deveriam existir os turbilhões, produzio a convição de que taes turbilhões não existiam». (Whewell). Mas a hypothese seria ainda falsa, quando mesmo não se tivesse achado uma prova directa como aquella da sua falsidade. E' que era impossivel provar directamente a sua verdade.»

Por isso é que parece-nos destituida de todo o fundamento philosophico e até scientifico a tentativa do moderno astronomo francez, que planeou restaurar a concepção de Descartes para explicar a origem do universo.

Esse passo, bem poderiamos chamal-o recuo, ainda que, no pensamento do seu auctor, o seu destino logico seja acumular as lacunas por elle apontadas na hypothese laplaciana. Até onde essas criticas podem valer, veremos opportunamente oppondo aos ataques de H. Faye as opiniões de Comte e Spencer, baseadas nos factos mais positivos da sciencia astronomica recente.

---

(24) Augusto Comte. *Curs de Philosophie Positive.* Vol. II.

(25) «Não existe provavelmente na historia da sciencia uma hypothese na qual o agente mesmo e a lei da sua acção sejam ao mesmo tempo ficticios. Ora com effeito o phenomeno assignado como causa é real, e a lei segundo a qual elle age, puramente supposta; ora é ficticia a causa, mas é considerada produzindo os seus effeitos conforme leis semelhantes ás de alguma classe conhecida de phenomenos. (Stuart Mill.)

«Os turbilhões de que tanto se tem rido, sem comprehendel-os bem, representavam um outro papel.»

Segundo o illustre astronomo francez as nebulosas, que o poderoso telescopio de Lord Ross fez conhecer, encerram traços indicadores dos famosos turbilhões de Descartes. «Esses traços vimol-os na bella e gingantesca nebulosa de Orion, na nebulosa trifida etc., um golpe de vista sobre a via-lactea dá-nos uma idéa ainda mais clara destes grandes movimentos. E no seio destas vastas correntes, destes rios immensos do chaos, simples differença de velocidade entre os filetes contiguos devem ter produzido aqui e ali movimentos turbilhonares, como se vêem nas correntes de nossa atmosphera ou de nossos rios.»

O erro de Descartes seria, consoante a opinião de Faye, o ter applicado seus turbilhões aos movimentos interiores *actuaes* do systema solar.

E em face do espectaculo do systema do nosso mundo, o sol girando sobre si mesmo, como uma pririnola, da direita para a esquerda, e com elle a girarem, no mesmo sentido, todos os planetas sem excepção, movendo-se em orbitas quasi circulares, cujo plano é o de rotação da estrella central, exclamava o astronomo francez:

«Não dir-se-ia que um vasto movimento giratorio anima todos estes corpos, e que os systemas secundarios da Terra, de Marte, de Jupiter etc, são pequenos turbilhões a nadar no seio do primeiro? Tal foi o pensamento de Descartes. Elle enganou-se, seja; mas, si o systema solar não constitue actualmente um turbilhão, na origem, elle foi constituido por um movimento deste genero na nebulosa de que nasceu.»

A concepção de Faye, em lugar de valer como um avanço, atrazaria a solução do problema das origens, como é dado á sciencia positiva formulal-o. A volta á hypothese dos turbilhões significa a introducção de um factor, que tira á concepção cosmogonica grande parte do seu valor scientifico e logico, tornando-a menos simples, e cada vez menos verificavel, nada podendo valer essa comprovação tirada da visão telescopica da materia cosmica nas nebulosas turbilhonares.

Newton, o sabio eminente, que ensinava que na philosophia experimental, dos phenomenos tiram-se as proposições, que a inducção torna geraes, atacou em termos frisantes a hypothese cartesiana dos turbilhões:

«A hypothese dos turbilhões está sujeita a muitas difficuldades; pois para que cada planeta possa descrever em torno do sol areas proporcionaes ao tempo, seria preciso que os tempos periodicos das partes do seu turbilhão fôssem proporcionaes ao dobro das suas distancias ao sol. E para que os pequenos turbilhões que giram em redor de Saturno, de Jupiter e dos outros planetas, possam subsistir e nadar livremente no turbilhão do sol, seria neeessario que os tempos periodicos das partes do turbilhão solar fôssem eguaes. Ora as revoluções do sol e dos planetas em torno dos respectivos eixos, que deveriam ser accordes com os movimentos dos turbilhões, estão longe de todas estas proporções. Accresce que os cometas tem movimentos muito regulares, obedecem, em suas revoluções, ás mesmas leis, que regem os planetas; e não ha como explicar seus cursos pelos turbilhões, porque os cometas possuem movimentos muito excentricos, e são transportados a todas as partes do céo, o que só pode dar-se sem a existencia de turbilhões.» (26)

O mesmo admiravel espectaculo da harmonia universal, que ferira a alma de Descartes, penetrou o espirito do grande geometra inglez, tão grande quanto modesto, tão modesto que, immortalisado por assombrosas descobertas, e principalmente pela gravitação universal, de si proprio dizia que era apenas como uma creança brincando a beira-mar, e diante de cujos olhos extendia-se inexplorado o vasto oceano das idéas:

«Os seis planetas principaes fazem suas revoluções em torno do sol em circulos que lhe são concentricos, todos pouco mais ou menos no mesmo plano, e com movimentos da mesma direcção.

«As dez luas que giram em derredor da Terra, de Jupiter, e de Saturno em circulos concentricos a esses planetas, movem-se no mesmo sentido, e pouco mais ou menos nos planos das orbitas destes planetas.»

Mas para Newton todos estes movimentos tão regulares não tem causas mecanicas:

«Este admiravel arranjamento do sol, dos planetas e dos cometas não pode ser senão a obra de um ser todo poderoso e intelligente.»

---

(26) Newton *Principes mathematiques*, trad. Clairaut, cit. por H. Faye.

Tendo repellido a hypothese de Descartes, Newton, que se jactava de não imaginar hypotheses *(hypotheses non fingo)* (27), era levado, desde que se lhe deparava o problema das causas primarias, á hypothese fundamental da theologia. Era sair do campo da sciencia, que ninguem mais do que elle alargara, dilatando fartamente os dominios do espirito positivo, tantos foram os subsidios que a todas as espheras do saber levou o seu genio poderosamente inventivo. (28)

Pela hypothese theologica rasgara o espirito humano a primeira abertura para a explicação das cousas naturaes. Por ella Newton ia ter direito ao alvorecer da razão, quando as conjecturas ficticias punham ao pé de cada phenomeno essa chave simples, com que todos os enigmas da natureza soiam ser decifrados. O primeiro passo da intelligencia fôra esse, que a levara a crear uma divindade omnisciente e omnipotente, fazendo desse ser, moldado pela forma humana, o grande architector do mundo.

Que mais ficticia hypothese poderia inventar Newton?

Porque notavel esquecimento das regras severas da sciencia positiva, que tantas estabeleceu o seu genio fecundo e assombroso, Newton podia falar esta linguagem: «A palavra *Deus* significa algumas vezes o Senhor. Mas todo Senhor não é Deus. O dominio de um ser espiritual é o que constitue Deus; elle é verdadeiro no verdadeiro Deus, extende-se a tudo no Deus que está acima de tudo, e só é ficticio e imaginado nos Deuses falsos; d'ahi conclue-se que o verdadeiro Deus é um Deus vivente, intelligente, e poderoso; que está acima de tudo, e que é inteiramente perfeito. E' eterno e infinito, todo poderoso e omniscente?»

Menos repugnava á sã razão falar a linguagem de Ovidio, inspirada nas doutrinas de Epicuro:

---

(27) Dizia Newton: «Eu não pude ainda chegar a deduzir dos phenomenos a razão destas propriedades da gravidade, e não imagino hypotheses. Porque tudo o que não se deduz dos phenomenos é uma hypothese; e as hypotheses, sejam metaphysicas, sejam physicas, sejam mecanicas, sejam as das qualidades occultas, não devem ser recebidas na philosophia experimental.»

(28) Alem da gravitação universal, a grande lei fundamental, que Comte considera o mais sublime resultado do conjuncto de nossos estudos sobre a natureza, devem-se ao genio de Newton o Calculo differencial e integral e as bases da Mecanica celeste.

Un dieu, de l'Univers architecte suprême,
Ou la Nature enfin, se corrigeant soi même,
Sépara, dans les flancs du tenebreux chaos,
Et les cieux de la terre et la terre des cieux.

....

Qnand ce dieu, quel qu'il fût, en des lieux differents,
Aux éléments divers eut assigné leurs rangs,
De la Terre d'abord informe en sa structure
Sa main en sphére immense arrondit la figure.

.....

Lorsque le grand arbitre eut prescrit ces limites,
A des astres sans nombre il traça leurs orbites.

.....

Enfin l'homme naquit; soit qu'un être divin
L'ait animé d'un soufle émané de son sein;
Soit que la Terre encore de jeunesse parée
Des rayon de l'éther à peine séparèe,
Eût imprégnè de vie un limon plus parfait. (29)

Mais chegada á sciencia moderna era a linguagem de Lucrecio:

Nunc, age, res quoniam docui non posse creari
De nihilo: neque item genitas ad nihil revocari.

Para o memoravel auctor do poema *De rerum,* os elementos do mundo foram ordenados, não por um esforço de sua intelligencia, nem por movimentos concertados; mas, infinitos em numero, movidos de milhares de modos, submettidos ao jogo de forças innumeras durante seculos e seculos, arrastados por sua

(29) Trad. Saint-Ange. Vid. H. Faye.

propria gravidade, aproximaram-se e reuniram-se formando grandes massas, que constituiram o primeiro esboço da terra, dos mares, e do Céo.

Pela invenção do factor Providencia, Newton era levado á hypothese theologica, rebelde por sua natureza á toda critica seria, essencialmente indemonstravel, escapando ao dominio da razão, para entrar no terreno da fé e dos mysterios occultos aos sentidos do homem.

Tambem a critica de Laplace á conjectura newtoniana foi justa, severa e implacavel.

«Estes phenomenos e alguns outros semelhantemente explicados levam a pensar que todos dependem destas leis por via de relações mais ou menos desconhecidas; e é mais sabio confessar que as ignoramos, do que substituil-as por causas imaginadas, só pela necessidade de tranquillisar a nossa alma, inquietada pelo desejo de conhecer a origem das cousas, que nos interessam.

«Nem eu posso impedir-me de notar quanto Newton se desviou, nesse ponto, do methodo, do qual fez aliás tão felizes applicações. Depois da publicação das suas descobertas sobre o systema do mundo e sobre a luz, este grande geometra, entregue a especulações do um outro genero, indagou porque motivos o auctor da natureza deu ao systema solar a constituição de que elle nos falou. Tendo exposto, no escolio que termina a obra dos *Principios*, o phenomeno singular do movimento dos planetas e dos satellites, no mesmo sentido, pouco mais ou menos em um mesmo plano, e em orbitas quasi circulares, accrescenta: «todos estes movimentos tão regulares não tem causas mecanicas, pois que os cometas se movem em todas as partes do céo e em orbitas muito excentricas.... Este admiravel arranjamento do Sol, dos planetas e dos cometas não pode ser senão a obra de um ente todo poderoso e intelligente.» No fim da sua optica o mesmo pensamento é reprodusido, e mais ainda se teria nelle confirmado, se tivesse conhecido o que nós demonstramos, a saber, que as condições do arranjamento dos planetas e dos satellites são precisamente as que asseguram a sua estabilidade. Mas este arranjamento dos planetas não pode ser um effeito das leis do movimento, e a suprema intelligencia, que Newton faz intervir, não pode tel-o feito dependente de um phenomeno mais geral? Tal é, conforme conjecturamos, o de

uma materia nebulosa esparsa em acervos diversos na immensidade dos céos. Pode-se ainda affirmar que a conservação do systema planetario entra nas vistas do auctor da natereza ? A attracção mutua dos corpos deste systema não pode alterar a sua estabilidade, como Newton o suppõe; mas ainda que no espaço celeste não houvesse senão o fluido luminoso, a sua resistencia e a diminuição, produsida na massa do sol pela sua emissão, devem acabar por destruir o arranjamento dos planetas; e, para mantel-o seria myster uma reformação. Mas tantas especies de animaes extinctas, das quaes Cuvier, com uma rara sagacidade soube reconhecer a organisação com o auxilio das ossadas fosseis por elle descriptas, não estão a indicar na naturesa uma tendencia para mudar as cousas, mesmo as que parecem mais fixas ?

«A grandesa e a importancia do systema solar não devem constituir a excepção desta regra geral; porque ellas são relativas á nossa pequenez, e esse systema, por mais vasto que se nos afigure ser, é apenas um ponto insensivel do universo,

«Percorrendo a historia dos progressos do espirito humano e de seus erros, vê-se que as causas finaes constantemente recuam para os limites do conhecimento. Essas causas, que Newton transporta para os limites do systema solar, em seu tempo estavam collocadas na atmosphera para explicar os meteoros; e, aos olhos do philosopho, ellas não podem significar senão a ignorancia, em que ainda estamos, das causas verdadeiras. Leibinitz, em sua querella com Newton sobre a invenção do calculo infinitesimal, criticou vivamente a intervenção da divindade para restabelecer a ordem no systema solar. «E', dizia elle, ter bem estreitas idéas da sabedoria e do poder de Deus» (30). Newton replicou por uma critica egualmente viva da harmonia preestabelecida de Leibnitz, que elle qualificara de milagre perpetuo. A

(30) «Ha uma concepção do deismo, que é compativel com as verdades mais geraes, que nos foram reveladas pela sciencia; e ha uma outra concepção que não é compativel com estas verdades. A concepção incompativel é a de um Deus, que governa um mundo por actos de uma vontade variavel. A concepção compativel é a de um Deus, que governa o mundo por leis invariaveis.... A sciencia não contêm nada que repugne á hypothese que todo acontecimento resulta de uma volição especifica do poder soberano, comtanto que esse poder adhira em suas volições particulares ás leis geraes estabelecidas.» Stuart Mill. *Essais sur la religion.* Trad. par. E. Cazelles.

posteridade não admittiu estas vãs hypotheses, mas fez plena e inteira justiça a esses dois grandes genios, que tanto valem pelos seus trabalhos mathematicos.» (31)

A theoria cosmogonica de Kant foi exposta na *Historia natural do céo*, livro publicado em 1754.

Era assim que o eminente philosopho de Kœnigsberg atirava aos quatro ventos as suas idéas acerca da formação do mundo:

«As condições mecanicas do systema planetario, cujas partes giram todas no mesmo sentido em torno do sol, em circulos descriptos pouco mais ou menos no mesmo plano, não ha investigador a quem não tenham ferido. Accordes são todos em ver nesse facto o effeito de um movimento de conjuncto determinado por alguma causa natural. D'ahi os turbilhões de Descartes, que conservaram muitos adherentes ainda muito tempo depois que Newton provou que nada semelhante poderia existir no céo, e que as caudas dos cometas atravessaram impunemente esses pretendidos turbilhões.

«Ora, está provado que os espaços celestes são vasios de toda materia capaz de imprimir aos planetas seus movimentos circulares. Tambem não é licito suppôr que a impulsão inicial lhes tenha vindo da mão de Deus, com tanta precisão que combinada com a gravidade devida á acção do Sol, as orbitas resultantes fossem circulos. Só ha um caso para a intervenção de causas mecanicas: é suppôr que o espaço interplanetario, hoje vasio, foi na origem cheio de materiaes capazes de tomar movimento e uma direcção commum, e ao mesmo tempo de formar os planetas e o proprio Sol, sob a influencia das attracções mutuas.»

São manifestos os pontos de contacto entre a concepção de Kant e a de Laplace. Tamanho é o accôrdo que Helmholtz, rendendo homenagem ao grande sabio francez, vinha declarar que Laplace chegara á mesma idéa á qual dera fóros de cidade em Astronomia, sem conhecer Kant. (32)

E o mesmo sentimento de justiça inspirava o distincto sabio allemão Ernest Hœckel. Nesse livro admiravel da *Historia*

(31) Laplace. *Exposition du systeme du monde*
(32) Vide F. A. Lange. *Histoire du materialisme*. Vol. II.

da creação natural, a grande clava com que elle feriu certeiro e forte o organismo theologico, instrumento poderoso de vulgarisação scientifica, atravez de cujas paginas as verdades se côam lucidas para os cerebros desalumiados, o grande professor de Iena escreveu: «Em 1755 nosso philosopho critico Kant construio, baseado em factos mathematicos e astronomicos, essa theoria mais explicitamente formulada pelos celebres mathematicos Laplace e Herschell.»

H. Faye, o astronomo francez, cujo livro é um precioso repositorio de informes acerca dos historico da questão de que tratamos, criticou extensamente os trabalhos de Kant, declarando que a sua cosmogonia era realmente sem valor.

O grande merito da hypothese kantiana, o que verdadeiramente faz della, por assim dizer o bello limiar do edificio construido por Laplace, esse é, na opinião de Faye a falha imperdoavel do philosopho allemão, que Comte chamava o maior dos metaphysicos modernos, digno de uma eterna admiração, porque com o mais justo sentimento da sã philosophia, tentou primeiro escapar ao dominio do absoluto. (33)

---

(33) O juizo de Comte sobre o merito philosophico de Kant está claro nestas palavras: «Eu li e reli, com summo prazer, o pequeno tratado de Kant; elle é na realidade prodigioso para a epoca, e até si eu o tivesse conhecido seis ou sete annos mais cedo, ter-me-ia poupado alguma pena. Sobremaneira encantou-me que o traduzisseis, tão efficazmente pode elle contribuir para preparar os espiritos para a philosophia positiva. Si a concepção geral, ou pelo menos o methodo é ainda metaphysico, nos detalhes a cada instante se revela o espirito positivo.

Eu tinha sempre considerado Kant, não só como uma cabeça muito forte, mas como o metaphysico mais avisinhado da philosophia positiva; esta leitura, porém, ainda mais robusteceu e sobretudo precisou a minha convicção a tal respeito. Se Condorcet tivesse tido conhecimento deste escripto, o que eu não creio, bem pouco seria o seu merito, tanto Kant se lhe avantaja na firmeza e até certo ponto na clareza da concepção. Quanto a mim, depois desta leitura não vejo que me reste outro valor senão o de ter systematisado e precisado a concepção que, sem sciencia minha, Kant esbôçara; e isso devo-o eu principalmente á minha educação scientifica. E depois della o que eu em verdade fiz de mais positivo e distincto, ao que me parece, foi descobrir a lei da passagem das idéas humanas pelos tres estados, theologico, metaphysico e scientifico, lei que acredito ser a base do trabalho, cuja execução Kant aconselhou.»

Correspondance d'Auguste Comte et de Gustave d'Eichtal. Revue Occidentale. 1896.

«Kant acreditou que a gravidade, agindo sobre os materiaes de um chaos primitivo, bastaria, por si só, para produzir um mundo semelhante ao nosso, animado de movimentos giratorios todos no mesmo sentido. Si assim fôra, Newton não teria certamente declarado que esta constituição do systema solar não podia ser o producto de causas mecanicas. Mas Newton via que além da attracção seria preciso fazer figurar, na origem, movimentos giratorios que tel-o-ião condusido aos turbilhões de Descartes, que elle não acceitava por preço nenhum.» (Faye.)

A hypothese de Laplace

III

Por Kant vae-se direito a Laplace, e chega-se ao ponto cardeal deste despretencioso e ligeiro estudo. Na concepção do illustre sabio francez está o eixo principal desta questão das origens do mundo. Ha uma creação natural, uma genese positiva do universo, quando se toma essa palavra na accepção, em que a tomou Ernest Hœckel, designando a origem da forma dos corpos. (34)

(34) «Si, pela palavra creação entende-se a producção de um corpo por uma potencia, por uma força creadôra, pode-se assim pensar, seja na origem da materia do corpo, seja na origem da sua forma. Tomada no primeiro sentido, a creação em cousa nenhuma nos diz respeito. Si um tal modo de creação pôde jamais existir, elle fica inteiramente fóra do conhecimento humano, e não poderia constituir objecto de nenhuma investigação no dominio da historia natural. Para a historia natural, a materia é eterna e indestructivel... Essa idéa de uma força immaterial, creando primeiro a materia, é um artigo de fé, que nada tem de commum com a sciencia humana: *Onde a fé começa, a sciencia acaba*...

A historia natural, quando considera a *historia da creação natural* como o seu mais elevado objecto, o mais capital e precioso, é forçada a tomar a palavra creação no segundo sentido que nós indicamos, isto é, no sentido de origem da forma dos corpos.» E. Hæckel. *Hist. de la Creation Naturelle.*

Propunha o grande naturalista allemão substituir ao termo *creação* a palavra *evolução*, muito mais precisa. Era a mesma idéa enunciada por Comte no trecho, que tomamos para epigraphe deste trabalho. (35)

Antes de expôr a hypothese de Laplace, tal qual a formulou o seu auctor, fixemos com a mais rigorosa precisão o significado de duas palavras, que a generalidade dos espiritos confunde ás mais das vezes, o universo e o mundo. O universo é o todo, o mundo é a parte. Tanto é clara e definida a idéa de mundo, quanto obscura e indefinida a de universo, a grande immensidade dos espaços sem fim, que a razão não pode limitar nem conceber.

O universo é a multidão incommensuravel das estrellas apparentemente fixas. O mundo é systema solar, aggregado restricto e limitado de corpos sideraes, onde em numero certo planetas e satellites vão, sob a influencia da lei natural da gravitação, rolando eternamente em derredor do astro central, astro bem mediocre, que vae levado atravez dos espaços, grão de pó nessa poeira de estrellas, para dizer a bella linguagem de Littré.

Essa distincção scientifica Comte estabeleceu-a do modo mais categorico:

«Uma ultima consequencia philosophica, muito imperfeitamente apreciada até aqui, e que me parece da maior importancia, resulta necessariamente da doutrina do movimento da terra. E' a distincção de ora em diante profundamente *tranchée*, entre a idéa do *universo* e a do *mundo*, muitas vezes ainda tomadas uma pela outra. Não se reconheceu até agora que a noção de universo, isto é, a consideração do conjuncto dos grandes corpos existentes como formando um só systema, era essencialmente fundada sobre a opinião primitiva da immobilidade da terra. Sob o seu imperio, de facto, todos os astros, apezar dos seus caracteres proprios e da diversidade dos seus movimentos, constituiam um verdadeiro systema geral tendo a terra por centro

(35) «As cosmogonias, assim desprendidas das explicações primordiaes, limitam-se a saber si no systema pode se aperceber algumas condições que sejam os indicios de um estado anterior. De facto, por cosmogonia, no sentido scientifico, não se entende senão as phases de existencia, que precederam a phase actual.» Littré. *La science.*

evidente. Mas o conhecimento do movimento do nosso globo, transportando subitamente as estrellas a distancias infinitamente mais consideraveis que os maiores intervallos planetarios, fez que no nosso pensamento a idéa real e sensivel de *systema* apenas possa applicar-se ao pequenino grupo de que nós fazemos parte, e que tem por centro o Sol. Desde então a noção de *mundo* introduzio-se como clara e usual; e a de *universo* tornou-se essencialmente incerta e até quasi inintelligivel... A idéa de universo acha-se pois assim essencialmente excluida da philosophia verdadeiramente positiva, e a idéa de mundo converte-se no pensamento o mais vasto, de que devemos habitualmente preoccupar-nos com fructo.» (36)

Faye louvou Kant por ter tratado da formação do universo estellar. A juizo do astronomo francez toda a cosmogonia, como Descartes primeiro o comprehendeu, deve extender-se ao universo e não restringir-se sómente ao pequeno systema solar, de que a terra nos faz participes.

E é para notar a nitidez com que Faye definiu a idéa de mundo, precisando os limites dentro dos quaes pode refugiar-se o astronomo, assombrado em face da immensidade desse Universo «insondavel ao mesmo tempo para os olhos e para a intelligencia, em comparação com o qual o nosso systema solar figura como um ponto accessivel á observação e ao calculo, e onde são applicaveis todas as leis da Geometria e da Mecanica.» (37)

Era mettida em lindes taes que Augusto Comte concebia a sciencia astronomica, quando a considerava toda reduzida realmente a uma sorte de *problema de artilharia,* «muito simplificado pela ausencia de um meio sensivelmente resistente, mas complicado, na verdade, pela variação e pluralidade das gravidades.»

---

(36) *Cours de Philosophie positive.* Vol II.

(37) «E' preciso com effeito introduzir aqui uma distincção, que os antigos não conheceram, entre o nosso pequeno mundo, ou systema solar, e o Universo. O systema solar deve ser estudado á parte, como se o resto do universo não existisse, porque esses milhões de estrellas estão muito affastadas de nós para modificar os movimentos interiores do nosso pequeno mundo. Nem ao menos poderia a luz desses astros dissipar as trevas das nossas noites; e mal podemos sentir o calor que delles nos vem. Desses milhões de estrellas uma só actua poderosamente sobre nós; a ella pertencemos nós, ella forma o centro e o regulador do nosso pequeno mundo, e faz-nos viver: é o Sol.» (Faye)

Na verdade crescem as plausibilidade da conjectura cosmogonica quando esta se reduz a dizer sobre o campo estreito e fechado do nosso mundo planetario. Sobre o que fica para alem dessas fronteiras de pequeno raio, não é dado conjecturar com esperanças de satisfazer a razão, A formação do grande todo inconcebivel do universo é de si um problema inconcebivel.

Si o poeta pôde cantar a felicidade dos que conhecem a causa dos phenomenos, consideremo-nos já felizes em conceber o que teria sido antes de nós este nada, em que nós entramos como atomos imperceptiveis. E é curioso como a Laplace, um physico notavel antepoz Kant, porque a hypothese do primeiro é explicitamente limitada ao nosso systema planetario, e nada nos escriptos do astronomo francez indica que elle ousasse extendel-a ao universo inteiro, como Kant expressamente o fez.

«E' quasi desnecessario dizer que a forma laplaciana da hypothese da nebulosa é muitissimo estreita para satisfazer os desenhos de uma theoria cosmologica geral. Uma tal theoria exige que se fação derivar essas diversas concreções de materias cosmicas de alguma massa homogenea primitiva. Esta exigencia é satisfeita pela hypothese de Kant; mas a de Laplace só parcialmente a satisfaz.» (38)

Em muitas paginas do admiravel livro, onde Laplace esboçou o painel da creação do mundo, transparece a orientação segura do seu espirito eminentemente philosophico. Elle pertencia á grande raça viril dos pensadores equilibrados e fortes, massiços e integros, feitos de uma só peça, sem falhas nem lacunas, que tem a alma limpa de senões da velha philosophia, o pensamento todo despido das farandulagens da metaphysica.

Laplace ensinava que o unico meio de conhecer a natureza è interrogal-a pela experiencia. E como quem a si mesmo se traçara um plano a executar, enunciava-se nestes termos:

«Impaciente de conhecer a causa dos phenomenos, o sabio dotado de uma imaginação viva, muitas vezes a entrevê antes que as observações a tenham posto de manifesto. Sem duvida o caminho seguro é dos phenomentos remontar ás causas; mas a historia das sciencias revela que esta marcha penosa e lenta nem sempre foi a dos inventores. E que de escolhos não assediam

(38) J. B. Stallo. *La matiére et la Physique moderne.*

aquelle que toma por guia a sua imaginação! Predisposto a favor da causa que por essa via se lhe apresenta, longe de rejeital-a quando os factos lhe são contrarios, antes os altera para accomodal-os ás suas hypotheses. Si me é permittido falar assim, elle mutila a obra da natureza, para tornal-a semelhante á da sua imaginação, sem reflectir que o tempo virá dissipar esses vãos phantasmas, não consolidando senão os resultados da observação e do calculo.» (39)

Laplace começa o derradeiro capitulo do seu livro pennejando a constituição do systema dos planetas, cujos elementos, por mais arbitrarios que pareçam, guardam entre si relações que podem servir de esclarecer-nos sobre o problema das origens. Ao se lhe depararem as analogias com que se movem todos os corpos do mundo solar, planetas e satellites e o Sol mesmo, era natural concluir que phenomenos tão extraordinarios são o resultado de uma mesma causa. Que causa é esta ?

Tal o objecto da nota final do volume, a qual nós vamos resumir aqui.

Os movimentos dos planetas no mesmo sentido e pouco mais ou menos em um mesmo plano; os movimentos dos satellites no mesmo sentido que os dos planetas; o Sol e todos esses corpos rodando em torno dos eixos respectivos no mesmo sentido em que se fazem as translações; a pequena excentricidade das orbitas dos planetas e dos satellites, e a grande excentricidade das orbitas dos cometas: taes os phenomenos que servem de base á indagação da causa dos movimentos primitivos do systema planetario.

«Seja qual fôr a sua natureza, uma vez que ella produziu ou dirigiu os movimentos dos planetas, é necessario que tenha comprehendido todos estes corpos; e vista a distancia prodigiosa que os separa, só um fluido de uma extensão immensa é que satisfaria á tal condição. Para que um movimento quasi circular ao redor do sol e no mesmo sentido fosse imprimido a todos esses corpos, é de mister que tal fluido circumdasse este astro como uma atmosphera. A consideração dos movimentos planetarios leva-nos, pois, a pensar que um excessivo calor dilatava primitivamente a atmosphera solar até além das orbitas de

(39) Laplace. *Exposition du système du monde.*

todos os planetas, e que successivamente se foi ella retrahindo até chegar aos seus actuaes limites.

«No estado primitivo em que nós suppomos o Sol, era elle semelhante a essas nebulosas, que o telescopio nos mostra, compostas de um nucleo mais ou menos brilhante, cercado de uma nebulosidade, que, condensada na superficie do nucleo, transforma-o em estrella. Concebendo, por analogia, todas as estrellas assim formadas, pode-se imaginar seu estado anterior de nebulosidade, e outros estados anteriores com a materia nebulosa de mais a mais diffusa, o nucleo cada vez menos luminoso. Assim, remontando tão longe quanto possivel, chega-se a uma nebulosidade de tal sorte diffusa que apenas seria possivel suppol-a existente...

«Mas como a atmosphera solar determinou os movimentos de rotação e de revolução dos planetas e dos satellites? Si estes corpos penetrassem profundamente nesta atmosphera, sua resistencia fal-os-ia cair sobre o Sol. E' licito, pois, conjecturar que os planetas foram formados nos limites successivos da supposta atmosphera, pela condensação das zonas de vapores, que por effeito do seu resfriamento, ella teve que abandonar no plano do equador.

«A atmosphera do Sol não póde extender-se indefinidamente: o seu limite é o ponto onde a força centrifuga devida ao seu movimento de rotação contrabalança a acção da gravidade. Ora, a medida que o resfriamento estreita a atmosphera e condensa na superficie do astro as moleculas mais visinhas, o movimento de rotação accresce, em virtude do principio das areas, o raio rector de cada molecula do Sol e de sua atmosphera devendo descrever areas, cuja somma, projectada sobre o plano do equador, seja constante. Por isso a rotação deve ser mais prompta quando estas moleculas se aproximam do centro do Sol. A força centrifuga devida a este movimento, tornando-se assim maior, o ponto, onde a gravidade lhe é egual, é mais proximo deste centro. Suppondo, pois, o que é natural admittir, que a atmosphera em uma epoca qualquer extendeu-se até ao seu limite, resfriando-se, ella teve que abandonar as moleculas situadas nesse limite e nos limites successivos produsidos pelo accrescimo da rotação do Sol. Essas moleculas abandonadas continuaram a circular em torno deste astro, uma vez que a força centrifuga e a gravidade se contrabalançavam. Mas um tal equi-

librio não se dando em relação ás moleculas atmosphericas collocadas sobre os parallelos ao equador solar, ellas aproximaram-se, sob a acção da gravidade, da atmosphera, que se ia condensando, e á qual continuaram a pertencer até que passaram a fazer parte da zona equatorial.

«Consideremos agora as zonas de vapor successivamente abandonadas. Estas zonas, pelas melhores conjecturas, deveriam formar pela condensação e attracção mutua das suas moleculas, diversos anneis concentricos de vapores, circulando em torno do Sol. O attrito mutuo das moleculas de cada annel deveu accelerar umas e retardar outras, até que todas adquirissem um movimento angular commum. Assim as velocidades reaes das moleculas mais affastadas do centro do astro foram maiores...

«Se todas as moleculas de um annel de vapores continuassem a se condensar sem se desunir, ellas acabariam formando um annel liquido ou solido. Mas a regularidade que esta formação exige em todas as partes do annel e em seu resfriamento fez com que esse phenomeno fôsse extremamente raro. Tambem o systema solar só offerece um exemplo: o dos anneis de Saturno. Quasi sempre cada annel de vapores deveria romper-se em diversas massas, que continuariam a circular na mesma distancia do Sol, e com velocidades muito pouco differentes. Desde que as moleculas inferiores tinham menos velocidade real do que as superiores, essas massas tomaram uma forma espheroidica, dotada de um movimento de rotação, no mesmo sentido que o da revolução. E assim formaram-se outros tantos planetas no estado de vapores...

«Agora si nós seguimos as mudanças que um resfriamento ulterior necessariamente produziu nos planetas ainda no estado de vapor, cuja formação acabamos de conceber, ver-se-á nascer no centro de cada um delles um nucleo, que, pela condensação da atmosphera ambiente, irá sem cessar se accrescentando. Em tal estado o planeta seria em tudo perfeitamente semelhante ao Sol em estado de nebulosa, em que o consideramos; o resfriamento deveu, pois, produzir nos limites diversos de sua atmosphera, phenomenos semelhantes aos que nós descrevemos, isto é, anneis e satellites circulando em torno do centro, no sentido do movimento de rotação, e girando sobre si mesmo em sentido egual.»

Tal é, em substancia e na sua encantadora simplicidade, a bella hypothese de Laplace.

Nem divindades, nem entidades metaphysicas. Primitivamente o chaos, quer dizer a materia em movimento enchendo o espaço, mundo ainda não informado.

E graças ás leis da sciencia mathematica, como rigorosamente a humanidade as estabeleceu após seculos de incessantes labores e investigações sem conta, gera-se o Sol, geram-se os planetas e os satellites pela intervenção exclusiva das forças naturaes, sem o *fiat* miraculoso do Deus de Moysés, que argamassou com o barro do Eden o homem primitivo como ensina o Genesis.

Era bem o pensamento de Descartes realisado por Laplace.

Comprovações e criticas

IV

Será Augusto Comte quem primeiro acudirá a depôr em pró da theoria cosmogonica bosquejada por Laplace. Nem eu sei de testemunho de melhor fé para invocar n'esta controversia. O juizo do grande philosopho francez, por si só, constitue, por assim dizer, umas solidas fundações graniticas, em que pode esteiar-se a concepção laplaciana, revalidada por esse honroso beneplacito.

Comte, ao abordar o estudo da cosmogonia positiva, começou tracejando o plano racional, «que só pode levar á construcção gradual de uma genese positiva, si em verdade ella é possivel.»

No seu parecer, concebe-se que se possa conjectuar, com alguma esperança de successo, sobre a formação do systema solar, de que nós fazemos parte, porque são numerosos e perfeitamente conhecidos os phenomenos susceptiveis talvez de dar testemunho decisivo de sua verdadeira origem immediata.

«Em uma palavra, sendo, no conjuncto do céo, o nosso mundo o unico que se conhece, a sua formação é tambem a unica, que poderemos racionalmente investigar.

«As outras origens celestes necessariamente, ao menos até aqui, entram no vago dominio da imaginação pura, libertada de toda condição scientifica.» (41)

Começada realmente quando os geometras, estabelecida a theoria mathematica da figura dos planetas, demonstraram a sua fluidez primitiva, a cosmogonia positiva, pôde partindo d'esse ponto inicial, remontar á origem do systema planetario. E se algum dia fôr dado conhecer realmente algumas leis cosmicas será licito chegar até ás formações solares.

«Nós devemos, pois reduzir a cosmogonia real ao estudo da formação do nosso mundo, considerando o sol como dado e até já animado de um movimento de rotação em torno do seu eixo actual com uma velocidade indeterminada.» (42)

A opinião decisiva de Comte sobre a concepção laplaciana está resumida nestas palavras:

---

(41) Vid. Aug. Comte *Cours de Philosophie Positive.*

(42) Assim estaria errada a narração do *Genesis*, segundo a qual só no quarto dia de tarefa para crear o mundo, fez Deus os dois grandes luzeiros e pregou-os no firmamento para alumiarem a terra:

Fecitque Deus duo luminaria magna: luminare majus, ut præesset diei; et luminare minus, ut præesset nocti; et stellas. O que a Deus teria parecido muito bom *(Et vidit Deus quod esset bonum)*, nesse alvor das primeiras idades, quando mal andava o homem a ensinar pela boca de Moysées o a, b, c da sciencia, agora, transcorrido enorme espaço de tempo, pareceria errado ao proprio homem.

E é certo que a Faye, sempre inspirado pelo seu exagerado deismo, não escapou esse lapso da Biblia. «Hoje nós fariamos nascer em primeiro lugar o sol, afim de regular só depois a successão dos dias e das noites. Ha muito quem se tenha admirado e até zombado dessa idéa de produzir a luz, de separar o dia da noite antes da creação do sol, e de não fazer apparecer este astro senão no quarto dia» (Faye).

O engano de Moysés provinha da ignorancia em que, ao seu tempo, se estava ainda, do papel que representa a atmosphera na illuminação do globo terrestre.

«Os mesmos sabios que consideram os dias do Genesis como periodos geologicos, julgaram achar na hypothese de Laplace um meio de explicar essa apparição tardia do sol. Nessa hypothese pareceria que o sol. embora existisse já antes de todos os planetas que delle se derivam, não tomou a sua figura e as suas dimensões actuaes senão depois da formação definitiva da Terra, e mesmo após o nascimento dos vegetaes que cobriram a sua superficie nas primeiras idades geologicas» (Id.)

Era bem de taes raciocinadores que se lembrava Laplace quando falava nos sabios, que mutilam a obra da natureza para accommodal-a aos moldes, que a sua imaginação phantasiou.

«Passemos agora, sem outro preambulo, ao exame geral da theoria cosmogonica de Laplace, incomparavelmente a mais plausivel de todas as que tem sido propostas até aqui, e susceptivel, segundo penso, de uma verificação mathematica, de que não tinha concebido esperanças o seu proprio auctor. Ella tem o merito capital, conforme a regra estabelecida acima, de fazer intervir para a producção do nosso mundo unicamente os agentes naturaes mais simples, que nos revela sem cessar o conjuncto dos nossos estudos naturaes, a gravidade e o calor, os dois unicos principios rigorosamente geraes.»

A cosmogonia de Laplace, e só ella, pela rotação do sol explica essa impulsão primitiva propria a cada astro do nosso mundo.

E primeiro que ninguem fez Comte o importante reparo de serem, consoante tal conjectura, tanto mais antigos os planetas quanto mais affastados do sol, dado o seu modo de formação necessariamente successiva.

O eminente philosopho francez tentou dar á cosmogonia laplaciana *uma verdadeira consistencia mathematica*, e tentou descobrir-lhe um aspecto, segundo o qual ella comportasse alguma verificação numerica, criterio indispensavel de toda hypothese relativa a phenomenos astronomicos.

«O principio fundamental desta importante verificação consiste em que, segundo a cosmogonia proposta, o tempo periodico de cada astro produzido deve necessariamente ser egual á duração que tinha a rotação do astro productor, quando a sua atmosphera extendia-se até esse ponto. E assim a discussão naturalmente terá que versar sobre os dois elementos astronomicos mais bem conhecidos, e menos affectados pelas perturbações, as medias distancias e as durações das revoluções sideraes. A questão consistia pois em determinar qual poderia ser o periodo da rotação do sol quando o limite mathematico da sua atmosphera se extendia até tal ou tal planeta, para examinar se, com effeito, ella seria sensivelmente egual ao tempo periodico correspondente: e semelhantemente quanto a cada planeta comparado com os seus satellites.»

Comte resumiu o resultado de suas valiosas indagações mathematicas nesta lei: *Suppondo o limite mathematico da atmosphera solar successivamente extendido até ás regiões em que se acham actualmente os diversos planetas, a duração da rotação do*

sol era, em cada uma dessas epocas, sensivelmente egual á da revolução sideral actual do planeta correspondente; e da mesma sorte para cada atmosphera planetaria em relação a todos os diversos satellites respectivos.» (43)

O valor geral de um semelhante estudo bem o comprehendeu o auctor, que declarou não consideral-o como uma verdadeira demonstração mathematica da cosmogonia proposta. Mas, aos seus olhos, «esta primeira verificação é sufficiente para dar de prompto á hypothese cosmogonica de Laplace uma consistencia scientifica que ainda lhe faltava, e que pode d'ora em diante attrahir para ella a attenção dos espiritos philosophicos.»

Uma das provas da insufficiencia da hypothese de Laplace, invocadas por H. Faye, é a lacuna da theoria quanto aos cometas, que Laplace erradamente considerou como astros vagueando de systema em systema, e que só por acaso caíam na esphera de attração do nosso Sol.

«Em nossa hypothese, os cometas são estranhos ao systema planetario. Considerando-os, como fizemol-o, pequenas nebulosas errantes de systema em systema solar, e formadas pela condensação da materia nebulosa, em tanta profusão espalhada no universo, vê-se que, quando elles chegam ás partes do espaço onde predomina a attracção do Sol, são forçados a descrever orbitas ellipticas ou hyperbolicas. Mas sendo possivel que suas velocidades tomem todas as direcções, devem ellas indifferentemente mover-se em todos os sentidos e sob todas as inclinações em relação á ecliptica, o que é conforme aos resultados da observação. Assim a condensação da materia nebulosa, pela qual nós explicamos os movimentos de rotação e de revolução dos planetas e dos satellites, no mesmo sentido e sobre planos pouco differentes, explica egualmente porque os cometas se affastam desta lei geral nos seus movimentos.» (44)

---

(43) Em relação á lua, primeira comparação que tinha ferido vivamente o espirito de Comte, verificou elle que a menos de um decimo de dia, o seu tempo periodico actual combina com a duração que devia ter a rotação terrestre quando o limite mathematico da nossa atmosphera era o raio da orbita lunar. Quanto aos planetas foi sempre menor que o dos tempos periodicos effectivos o valor obtido para a duração das rotações solares correspondentes. (Aug. Comte. *Cours de Philosophie Positive.* Vol. II.

(44) Laplace. *Exposition du systeme du monde.* Vol. II. Note VII et dernière.

Faye impugnou essas assertos porque não ha astronomo hoje que os acceite

«Todos nós pensamos que os cometas pertencem ao systema solar. As orbitas parabolicas, que lhes assignamos, não são no fundo senão ellipses muito excentricas, cujos grandes eixos não permittiu determinar a curta duração de apparição destes astros. De 364 cometas, cujas orbitas possuimos, não ha nenhum que descreva uma hyporbele por menos caracterisada que seja.»

Vale mencionar aqui a sabedoria de Laplace que, tratando das opiniões dos chaldeus sobre o systema do mundo, louvou alguns dos philosophos dessa origem, que «mais felizes de que os outros ou guiados por vistas mais sãs sobre a ordem e sobre a immensidade do universo, pensavam que os cometas eram assim como os planetas, sujeitos a movimentos regulados por leis eternas.»

E o mesmo auctor, no mesmo livro refere a opinião dos pythagoricos sustentando que os cometas movem-se como os planetas em torno do Sol. Laplace citou com applausos as palavras de Seneca, onde as justas noções sobre o systema do mundo foram emittidas: «Não nos admiremos que ainda hoje se ignore a lei do movimento dos cometas, cujo espectaculo é tão raro; e que não sejam conhecidos nem o começo nem o fim da revolução desses astros vindos de tão enorme distancia. (45)

Mas o erro de Laplace, quanto á origem dos cometas e á natureza das suas orbitas, em nada abala os alicerces da hypothese da nebulosa.

Herbert Spencer, no magistral estudo consagrado a este assumpto, reuniu valiosos argumentos em apoio da theoria, contra a qual não pode valer o golpe vibrado pelos seus adversarios.

E' admiravel na sua simplicidade racional a explicação da genese dos cometas, partindo da nebulosa matriz, tal qual a delineou o celebre philosopho inglez, para quem tanto é inaceitavel a supposição de Laplace como a de Lagrange (46) no que

---

(45) Laplace. *Op. Cit.* Liv. V. Cap. I.

(46) Olbers, como é sabido, conjecturou que os planetoides formavam primitivamente um só planeta, cuja explosão interna teria determinado a sua divisão em muitos fragmentos separados. Lagrange não só corroborou essa opinião como estendeu uma tal conjectura ao caso dos cometas, pensando, com muita verosimilhança, commenta Aug. Comte, que o caso das explosões tinha sido muito

toca aos cometas, astros em torno dos quaes a superstição bordou as mais extravagantes phantasias ridiculas. (47)

Estas foram as conclusões a que foi levado H. Spencer: «Isto prova claramente que os cometas, longe de serem membros accidentaes do systema solar, são pelo contrario membros essenciaes delle; e que tanto quanto os planetas fazem parte integrante da sua estructura. Abundam os cometas ao redor do eixo do systema solar e raream nas proximidades do seu plano de rotação: isso revela que a genese dos cometas operou-se de accordo com alguma lei, lei, que não pode deixar de ter relações com a formação do systema solar.» (48)

Para o auctor da «synthetic philosophy» os cometas são fragmentos da primitiva nebulosa em via de concentração, destacados no limite extremo, e que não se tendo fundido com as massas mais interiores e mais consideraveis, não farão senão seguil-a lentamente. Dadas umas taes porções esparsas de materia nebulosa, que a massa central não absorveu, e ellas necessariamente serão as mais pequenas e mais longinquas, os seus carac-

---

frequente no Céo. A grandeza das excentricidades e das inclinações e a pequenez das massas levaram aquelle notavel geometra a attribuir á mesma causa a origem dos cometas. Comte tinha esta opinião por muito mais satisfactoria do que todas as que foram propostas acerca dos cometas, embora esteja ella sem duvida muito longe de poder considerar-se demonstrada.

(47) Durante muito tempo os cometas foram considerados como signaes da colera divina. E porque não dizer que ainda hoje a massa ignara, não emancipada das cadêas dos preconceitos e das abusões, vê nesses astros indicios de desgraças geraes, prenuncios de guerras, pestes ou fomes?

Lembrando o panico que em 1773 apoderou-se de Paris e de toda França quando Lalande determinou os cometas observados, que mais podem se aproximar da terra, exclama Laplace: «tanto é verdade que os erros, as superstições, os vãos terrores e todos os males que formam o cortejo da ignorancia, promptamente surgiriam, se a luz da sciencia viesse a apagar-se!»

Baste-nos recordar que o papa Calixto II ordenou preces publicas contra o supposto flagello astronomico, e na mesma bulla esconjurava um cometa e os turcos. Segundo uma nota de Hæfer *(Histoire de l'Astronomie)* ao cometa do anno 590 reporta-se o uso de dizer a quem espirra *Dominus vobiscum*, porque esse cometa coincidiu com a apparição de uma terrivel epidemia, em que consideravão-se prognostico pernicioso os espirros.

(48) H. Spencer. A *series of discussions. The Nebular Hypothesis.* Era a mesma idéa enunciada por Delambre: «Seja como fôr, os cometas serão sempre corpos que descreverão secções conicas, de qne o Sol occupa um dos fócos; assim elles formarão com os planetas uma mesma familia.»

teres vem a ser, segundo Spencer: 1.º orbitas de uma extrema excentricidade; 2.º proveniencia indistincta de todas as partes do cêo; 3.º desvio não uniforme da linha de direcção do movimento primitivo para o centro commum.

A observação dos cometas confirma uma semelhante inducção.

E é curioso notar como a constituição physica desses astros vagabundos está de accordo com a hypothese spenceriana. A materia extremamente rara, que constitue os cometas, é em tudo semelhante ao de uma porção de massa nebulosa meio condensada.

Primeiramente é sabido que as orbitas cometarias são de ordinario extremamente excentricas, de sorte a confundirem-se, ás primeiras observações, com uma parabola. Em segundo lugar, ao inverso dos planetas, cujas orbitas são todas visinhas de um mesmo plano, as trajectorias dos cometas não tem analogias de situação, cortando o plano da ecliptica sob todos os angulos. Finalmente, ainda ao contrario dos planetas, os cometas executam suas revoluções tanto de oeste para leste, como de leste para oeste. De 210 cometas conhecidos em 1855, 104 são directos e 106 retrogados.

Era diante da verificação desses factos que Spencer podia com fundamento dizer: «Sem que tentemos dar conta desta relação, é bem de ver, desde que ella existe, que os cometas nasceram por via de evolução; e este facto tranporta-nos ao tempo, em que a materia da qual é hoje feito o systema solar, se extendia até as remotas regiões do espaço, que atravessam os cometas.»

A adhesão do fundador da doutrina evolucionista á hypothese laplaciana foi definida peremptoriamente nesta passagem de seus escriptos: «Assim a hypothese da evolução seria a unica provavel, mesmo quando nós não possuissemos esclarecimentos sobre o genero particular da evolução de que se trata. Mas quando um mathematico, cuja auctoridade nenhum outro ainda sobrepujou, vem offerecer-nos uma theoria precisa desta evolução, fundando-a sobre leis mecanicas demonstradas, explicando diversos detalhes bem como muitos outros factos secundarios, então é impossivel deixar de concluir que o systema solar foi formado por evolução.»

Spencer fez mais do que uma simples adhesão passiva ás

theorias de Laplace. Para ellas trouxe o grande sabio inglez o valioso subsidio das suas vistas eminentemente philosophicas, baseadas sobre os factos authenticos mais recentes da sciencia astronomica. Invocaremos alguns dos seus seguros raciocinios e judiciosas observações, para oppugnar os principaes argumentos da critica de Faye.

A dar ouvidos ás palavras deste astronomo, «a celebre hypothese cosmogonica de Laplace está em plena contradicção com o estado actual da sciencia e as recentes descobertas dos astronomos» (49); «baseada sobre um erro de theoria, posto em plena evidencia pelos factos, ella é inaceitavel» (50); «o estudo dos satellites de Uranus e a descoberta do systema de Neptuno não tardaram em reduzil-a a nada.» (51)

Porque não invocar contra essa maneira de ver, o juizo de um outro astronomo egualmente auctorisado a dizer em nome da sciencia ? E' Delaunay: «Vê-se que a hypothese emittida por Laplace sobre a origem e a formação do nosso systema planetario dá perfeitamente conta de todas as particularidades que o caracterisam. Coincidencia quasi completa dos planos das orbitas dos planetas, pequenez das excentricidades das orbitas, identidade de sentido dos movimentos de rotação e de revolução de todos os corpos do systema, tudo isso se explica do modo mais natural e conforme as leis da mecanica.» (52)

Mais de uma vez Faye fala-nos no calculo das probabilidanes, que Laplace invocou em favor das suas theorias. Comte já tinha condemnado como pueril e deslocada essa singular applicação do calculo para avaliar a probabilidade de terem taes phenomenos uma causa, como si a nossa intelligencia carecesse de esperar uma tal auctorisação arithmetica antes de emprehender legitimamente a explicação de um phenomeno qualquer. (53)

---

(49) H. Faye. Op. cit. pg. 5.
(50) Id. pg. 135.
(51) Ibid. pg. 189.
(52) Ch. Delaunay. *Cours elementaire d'Astronomie.*
(53) «O calculo das probabilidades não me parece ter sido realmente para os seus illustres inventores, senão um texto commodo para engenhosos e difficeis problemas numericos, que não deixam de conservar todo o seu valor abstracto, como as theorias analyticas, a que elle deu occasião ou origem. Quanto á concepção philosophica, sobre a qual repousa uma tal doutrina, creio-a radicalmente falsa e susceptivel de conduzir ás consequencias mais absurdas.» (Aug. Comte.)

Faye considerou como golpe fatal ás idéas de Laplace o movimento retrogrado dos quatro satellites de Uranus. «E' certo que procurou-se illudir a difficuldade, dando a entender que se tratava de um simples accidente, nos confins do mundo. Porém mais tarde, a descoberta do satellite de Neptuno, que é ainda mais claramente retrogrado, deveria ter aberto os olhos.»

E diante desses factos, inquinando de um vicio radical a concepção de Laplace, dizia H. Faye:

«Ninguem se enganará, fico eu certo, quanto ao sentimento que me anima nesta critica. Trata-se de uma simples hypothese, que Laplace apresentou com grandes reservas... A sciencia tem o privilegio de avançar sempre, e é ainda render homenagem ao genio dos mais admirados mestres, utilisar os seus trabalhos para ultrapassar a meta, que elles julgaram ter fixado.»

A verdadeira saida para essa difficuldade, ao parecer, insuperavel, está na distincção, estabelecida pelo proprio auctor da critica, que acabamos de expôr, «entre uma região interior onde os planetas antigamente conhecidos giram sobre si mesmo, com os seus satellites no sentido directo, e uma região exterior, muito mais vasta, na qual os satellites circulam em torno dos seus planetas no sentido retrogrado.»

H. Spencer teve o grande merito de mostrar primeiro, ao que sei, como esses factos podem ser postos de accordo com a cosmogonia laplaciana:

«Era, aos olhos de Laplace, uma prova da communhão de origem dos planetas o sentido de suas rotações (o mesmo que o das circulações em derredor do Sol), e a situação dos respectivos eixos (perpendiculares pouco mais ou menos sobre os planos das orbitas). Depois de Laplace descobriu-se uma excepção a essa regra geral, e, mais recentemente ainda, uma segunda: a primeira em relação a Uranus e a ultima em relação a Neptuno, ao menos no que diz respeito aos seus satellites. A muitos pareceu que essa anomalia importava um damno grave á probabilidade da theoria. E tem-se por verdadeiro este juiso logo á primeira vista. Mas um pouco de reflexão mostrará, eu o espero, que esta anomalia nada tem de inexplicavel. Sómente succedeu que Laplace foi muito longe, quando considerou como um dos resultados inevitaveis da evolução de uma nebulosa o que não é, em certos casos, senão um provavel resultado della.

A causa determinante do sentido da rotação era, na sua

opinião, a superioridade da velocidade absoluta das partes exteriores do annel destacado. Mas circumstancias ha em que tal differença de velocidades póde ser desprezivel ou mesmo nulla, e outras em que embora importante, ella não baste para determinar o sentido da rotação.»

A engenhosa explicação dada por H. Spencer consiste em distinguir, nos phenomenos evolucionaes, a que deu lugar a nebulosa geratriz, dois generos de zonas ou anneis gazosos, de que sairam os planetas e os satellites. Conforme o grão de achatamento do espheroide nebuloso em rotação, e o volume do annel destacado, variará a forma deste, cuja maior dimensão será, ora no sentido do seu diametro, ora no sentido que lhe é perpendicular. «O que é provavel é que nos primeiros anneis desprendidos os rebordos exteriores não tenham velocidade absoluta superior á do resto; os planetas que d'ahi nascerem hão de ter rotações retrogradas.»

Os factos revelam-se de accordo com esse modo de ver. E' o que se verifica em Uranus, com um immenso raio de orbita, e tendo a sua massa relativamente pequena. E' o que confirma Saturno tendo massa sete vezes maior e um diametro metade menor. Os raciocinios baseados na concepção adoptada levavam a prever que Uranus «teria um plano de rotação quasi perpendicular sobre a sua orbita, e que o sentido desse movimento nenhuma relação teria com o da revolução.»

«Quanto a Jupiter, cuja massa é tres vezes e meia a de Saturno e cuja orbita é um pouco mais da metade da precedente, o annel primitivo, pelas rasões expostas, deveria ser mais largo ainda, podemos dizel-o, inteiramente discoide; d'ahi um planeta cujo plano de rotação muito pouco se desvia do plano da orbita. Emfim, considerando a pequenez relativa de Marte, da Terra, de Venus e de Mercurio, não bastando a diminuição do raio dos anneis para dar a razão da pequenez das massas que elles produziram, é necessario suppor que estes anneis seriam muito pouco espessos no sentido do diametro; e é por isso que os planos de rotação se affastam de novo sensivelmente, embora mais ou menos, dos das orbitas. Si levamos em conta o achatamento progressivo do espheroide primitivo nos diversos momentos da condensação, e a massa mais ou menos grande dos anneis desatados, parece-nos que os diversos movimentos de ro-

tação dos differentes corpos estão longe de contradizer a nossa hypothese.» (54)

E' interessante notar, com o sabio auctor inglez, como cada grupo de satellites offerece uma miniatura do agrupamento dos planetas em torno do Sol. No systema solar ha quatro grandes planetas exteriores e quatro interiores relativamente pequenos. Esse singular contraste revela-se-nos entre os satellites da cada planeta. Taes os quatro satellites de Jupiter se nos manifestam quanto á ordem de grandeza. Taes os satellites de Uranus. Quanto a Saturno, dos seus oito satellites, os tres externos são grandes, pequenos os internos restantes.

Diante dessas e de muitas outras analogias, é que Spencer podia com largos e solidos fundamentos ir ao encontro de uma teleologia impotente para dizer:

«Estas analogias não podem explicar-se pela theoria das causas finaes. A suppôr que se trata de illuminação, e que tal seja a utilidade attribuida a esses corpos secundarios, muito melhor seria que os maiores fossem os mais visinhos: no estado presente bem menor é o serviço que podem elles prestar em relação ao dos menores. Mas essas analogias dão uma nova força á hypothese da nebulosa. Ellas revelam uma causa physica commum, e revelam na formação do todo uma lei, que tanto vale para os systemas secundarios como para o principal.

«Mais luz ainda ha a tirar do modo porque são repartidos os satellites, faltando aqui, apparecendo acolá, e em mais ou menos abundancia. E' aqui que a doutrina do plano preconcebido é verdadeiramente impotente! Dir-nos-ão que os planetas mais visinhos do sol de que nós, não tem necessidade de lua? Primeiramente suas noites sendo tão escuras como as nossas e mesmo, em comparação com os seus dias esplendidos, mais escuras ainda, a necessidade é n'elles mais urgente; e de mais, que dizer de Marte, que sendo mais affastado do sol do que nós, não tem satellite? (55) E como explicar a sorte de Uranus, que

(54) H. Spencer. *Op. cit.*

(55) Modernamente Asaph Hall do observatorio de Washington descobriu que Marte tem dois satellites. Não sei como o philosopho inglez arredou a objecção que esse facto podia significar contra os seus raciocinios, consistindo em demonstrar que é tanto maior o numero de satellites quanto maior é,

duas vezes mais arredado do sol do que Saturno, não tem senão a metade mais do numero dos satellites? Si é insustentavel aqui a explicação vulgar, a hypothese da nebulosa nos permitte tudo comprehender. Ella dá-nos meios de predizer, com o auxilio de um calculo mais complicado, onde deveriam abundar os satellites, e onde deveriam elles faltar.» (56)

Onde a objecção, ao menos que eu saiba, não foi levantada, e no caso especial de um dos satellites de Marte. Laplace no seu livro — *Exposition du système du monde* — enunciara estes conceitos:

«Todos os corpos, que circulam em torno de um planeta, tendo sido, segundo a nossa hypothese. formados pelas zonas que a sua atmosphera successivamente abandonou, e o seu movimento de rotação tendo se tornado cada vez mais rapido; a duração deste movimento deve ser menor que as da revolução desses differentes corpos; o que dá-se egualmente com o sol em relação aos planetas. Tudo isto é confirmado pelas observações.»

E Spencer cita um trecho da *Mecanique Celeste*, onde Laplace sustentou a mesma idéa exposta no trecho, que nós apographamos.

---

para cada planeta, a força centrifuga, outr'ora opposta á força de condensação da zona gazosa.

A não suppôr erro de calculos nas avaliações em que aquelles raciocinios foram baseados, restaria dizer como Spencer em relação á anomalia offerecida pelo planeta Venus (outra infracção á regra): «Dado por provado o desaccordo, a concordancia em questão, mesmo com esta restricção, seria ainda aos nossos olhos uma das mais poderosas confirmações da hypothese da nebulosa.»

Nem são para surprehender em tal materia semelhantes desaccordos. Já Comte observara, a proposito da verificação mathematica, por elle tentada, da hypothese de Laplace, «que em indagações d'essa natureza, é mais para admirar um accordo aproximado, do que a falta de accordo perfeito.»

(56) De encontro á opinião dos causa-finalistas, que ensinariam que a Lua foi dada á Terra para alumial-a, Laplace fez ver, quanto seria mais acertado, para attingir aquelle fim, corrigir a obra de Deus ou da Natureza, pondo a lua em opposição ao sol, no mesmo plano da ecliptica, a uma distancia da Terra egual á centesima parte da distancia desta ao sol, dando á Terra e á Lua velocidades parallelas proporcionaes ás suas distancias áquelle astro. «Só assim a Lua, opposta sem cessar ao sol, descreveria em torno delle uma ellipse semelhante á da Terra; esses dois astros succederiam um ao outro no horizonte, e como, a tal distancia, a lua não seria eclipsada, sua luz constantemente substituiria a do Sol.»

Descobertos os satellites de Marte, verificou-se que um delles constituiria excepção á lei estabelecida. De facto sendo a rotação de Marte feita em 24 h. 37 m., o satellite mais visinho faz a sua revolução em 7 h. 38 m.

Faye fez valer essa objecção, que não vejo como seria em verdade destruida a não tirar-se-lhe o valor, acceitando-a como um accidente, uma anormalidade sem grande alcance contra o accordo de tantos casos comprobativos da theoria. (57)

O exame de outros phenomenos de menor importancia do systema solar, como as densidades especificas dos planetas, levou Spencer a esta conclusão: «No conjuncto, as series de argumentos que nós acabamos de adduzir quasi que chegam a constituir uma verdadeira demonstração. Os cometas, com a sua constituição physica, suas orbitas prodigiosamente alongadas, e de variadas direcções, com a repartição destas orbitas no espaço, com seus caracteres, que evidentemente ligam-n'os ao systhema solar, são outros tantos testemuuhos de um tempo passado, em que este

---

(57) Nós vamos reproduzir as palavras de J. B. Stallo sobre este topico da questão tratada aqui:

«A contradicção radical deste facto com a hypothese da nebulosa é innegavel. Segundo a hypothese em questão, os movimentos orbitaes de um satellite são a continuação dos movimentos axicos dos materiaes de que se formam os satellites; o periodo orbital devia pois ser egual, ao menos aproximadamente, ao periodo durante o qual o planeta girava sobre si mesmo no momento de formação do satellite. E esse periodo é necesseriamente maior que o da actual rotação do planeta por via da acceleração produzida pela subsequente concentração.

«Até agora as tentativas feitas para conciliar a anomalia com os postulados essenciaes da hypothese da nebulosa tem sido infructiferas. Essas tentativas fundam-se em duas supposições; a primeira é que o periodo de rotação do planeta foi retardado por uma acção semelhante á das marés; a segunda é que a orbita do satellite foi contrahida, e seu periodo orbital accelerado, pela resistencia desse meio ethereo que outr'ora suppunha-se ter abreviado o tempo da revolução do cometa de Encke. Mas a primeira dessas supposições como o Professor John Le Conte o observou, é incapaz de afastar a anomalia, pois que o atraso produzido pelas marés podia no maximo produzir uma concidencia do periodo de rotação do planeta com o periodo de translação do satellite. A segunda supposição é pelo menos insufficiente para explicar a anomalia em questão, mesmo quando a existencia muito duvidosa de um meio interestellar e interplanetario capaz de offerecer uma resistencia material ao movimento planetario, podesse ser admittida.»

(*La matiere et la physique moderne.*)

systema se achava no estado nebular. Sem falar dos caracteres mais salientes, que apresentam os planetas em seus movimentos, e donde nasceu primeiro a idéa da hypothese da nebulosa, nem de provas a tirar d'ahi, um exame feito com mais attenção revela outras tantas comprovações nas inclinações das orbitas, nas velocidades de rotações respectivas, na diversidade da direcção dos eixos de rotação; e de seu lado virão os satellites confirmar esses testemunhos por muitos caracteres, mas sobretudo pelo facto de abundarem ou escassearem lá onde a hypothese indicava que assim seria... Abracemos de um só golpe de vista todas essas provas; consideremos que com a nossa hypothese os phenomenos principaes do systema solar, e do céo em geral, se explicam; e que, ao contrario, a cosmogonia vulgar não tem um só facto para invocar a seu beneficio, e antes é contradictada por tudo o que nós sabemos de sciencia positiva, sobre a naturesa; e então ha de até parecer-nos a demonstração superabundante.»

Porque não lembrar aqui a experiencia de Plateau (58) fazendo ver que uma massa fluida, protegida, tanto quanto possivel, contra forças exteriores, recebendo um movimento de rotação, dá anneis independeutes e que estes anneis, rompendo-se, formão espheroides, que giram sobre seus eixos na mesma direcção que a massa central?

Ha quem faça grande caso dessa prova experimental.

Para Hæckel «essa theoria admiravel, á qual poder-se-ia dar o nome de *cosmogonia gazosa*, até agora mantem-se de accordo com os factos geraes conhecidos e não é absolutamente inconciliavel com nenhum d'elles. E' uma theoria puramente mecanica e monistica, que invoca sómente as forças inherentes á materia eterna, e exclue inteiramente todo phenomeno sobrenatural, toda actividade consciente de um creador pessoal.»

---

(58) Não nos parece possuir muito grande valor a celebre experiencia de Plateau, da qual pelo menos Spencer e Stall fazem menção especial. Como é sabido ella consiste em introduzir em um vaso cheio d'agua uma pequena quantidade de oleo de densidade regular. Fazendo passar pelo centro da esphera em que essa substancia se condensa, um delgado eixo de metal, e imprimindo a esse eixo um movimento de rotação, gira a massa do oleo, que pouco a pouco achata-se nos polos, dilata-se no equador e desprende anneis. Em uma palavra, commenta A. Burdeau, assiste-se a um espectaculo muito semelhante ao que, segundo Laplace, apresentaria uma nebulosa em via de condensação.

Para o sabio allemão essa theoria é o equivalente em anorganologia, á theoria genealogica de Lamarck em biologia. «Uma e outra figuram a cupula do conjuncto de nossos conhecimentos, e, satisfazendo as condições de uma theoria scientifica, conservarão todo o seu valor, em quanto não forem substituidas por outras preferiveis.» (59)

Por sua vez Stuart Mill virá dizer-nos: «que, propriamente falando, nada ha de hypothetico na theoria de Laplace; que ella é um exemplo de conclusão legitima de um effeito presente para uma causa passada e possivel, segundo as leis conhecidas desta causa.» (60)

O brilhante escriptor e celebre professor L. Büchner proclama a famosa hypothese de Laplace em tudo conforme aos phenomenos do systema solar.

Aos que vivem dessa preoccupação de pôr outra hypothese em lugar da simples e bella hypothese de Laplace, como Mayer com a sua theoria da agglomeração meteorica, nós lembraremos as palavras de Augusto Comte sobre o valor das theorias cosmogonicas em geral, que «pela sua propria natureza hão de forçosamente ser essencialmente conjecturaes, por mais plausiveis que pareçam.»

Se, como ensina o philosopho incomparavel, as hypotheses cosmogonicas, por falta de criterio indispensavel, nunca poderão ser elevadas ao gráo de factos geraes, porque não aceitar a que, melhor do que nenhuma outra até agora, dá conta dos phenomenos geraes do nosso pequeno mundo planetario, tendo sobre todas as demais explicações tentadas, o merito da simplicidade e da clareza, e esse titulo, que Spencer pôz em evidencia, quando denunciou-lhe as nobres origens ?

Essa theoria gerou-se das concepções de Newton, de Herschell, de Descartes, de Kant e de Laplace.

Filha de tão altos espiritos, pode honrar-se da fidalguia da sua linhagem. A sciencia, donde ella promanou, ha de por muito tempo ainda tel-a sob o seu amparo. *Quod formavit, sustinet.*

---

(59) *Historie de la création naturelle.*

(60) *Système de Logique.*

IV

O positivismo e a economia politica

IV

O positivismo e a economia politica

O positivismo e a economia politica

I

A orthodoxia positivista fala sempre na sciencia economica e nos economistas em tom de apoucal-os. Essa linguagem, de Augusto Comte é que directamente procede, tantas vezes elle desdenhou da Economia politica e dos homens, que a fundaram e cultivam.

Recentemente ainda, numa publicação do apostolado positivista do Brazil, os srs. Miguel Lemos e Teixeira Mendes falavam nos dictames da intitulada sciencia da economia politica e da methaphysica economica dos ministros da fazenda, e referiam-se ironicamente aos nossos doutores em economia politica. (1)

Desde que entrei a balbuciar o a, b, c desse ramo das sciencias sociaes, sempre me pareceu desacertada essa critica, que no estudo das leis naturaes reguladoras da producção, circulação e consumo das riquezas não vê senão indagações sem valor

(1) *A situação politica e a crise financeira.* 1896.

scientifico, meras divagações ontologicas ou declamações superficiaes de pedantocratas. A minha jornada academica deparou-me logo no começo do caminho escabroso, por onde eu tive que seguir em demanda das verdades de ordem economica, mestres e guias do mais alto merito, como Turgot, Adão Smith, Ricardo, J. B. Say, Stuart Mill, Macleod, e Leroy-Beaulieu aos quaes mal poderiam caber os epithetos com que soia desdoural-os essa critica injusta e acerba.

E quanto mais me foi dado pedir esclarecimentos e luzes ás fontes, que tantos indagadores haviam posto a descoberto para bem da humanidade, eternamente sedenta de saber, mais cresceu em mim a convicção nascida na primeira hora de estudo. A historia ajudou-me a reconhecer a via trabalhosa por onde o espirito humano chegou a construir esse corpo de doutrinas, no meio das quaes tanta vez eu tive que buscar regras e preceitos, aprendendo a arte de governar um povo, a mais difficil e arriscada de todas as artes.

E desde Aristoteles, esse *pae immortal da philosophia*, como chamou-lhe já Augusto Comte, apparecem os primeiros, raros e quasi imperceptiveis filões, que haviam de dar lugar, seculos depois, á farta mineração dos nossos tempos.

Dupla foi, como é sabido, a funcção de Augusto Comte, que, antes de ser o fundador de uma philosophia, que é uma coordenação e uma synthese de todas as sciencias, teve de trabalhar o campo dos estudos sociaes, introduzindo nesse departamento do saber o criterio da relatividade, os methodos rigorosos das indagações scientificas, arrancando ás mãos da theologia e da metaphysica esse derradeiro reducto, onde imperava o regimen absoluto das *causas*, essencialmente opposto ao regimen relativo das *leis*.

A gloria de Augusto Comte, como creador da Sociologia, não é menor do que a sua justa e universal nomeada como o primeiro dos philosophos, que este seculo contou.

Pouco, melhor direi, quasi nada seria o meu juizo individual, quando já não bastasse para tirar-lhe ainda mais o merito, a qualidade, que eu me honro de possuir, intromettido no rol immenso dos humildes discipulos e dos grandes admiradores enthusiastas da obra imperecivel do homem, que a historia ha de alinhar com Aristoteles e Descartes. Mas vale, para dizer até que ponto sobe o merecimento do eminente philosopho francez, como

fundador da sciencia social, á qual elle deu na lei dos tres estados, o mais solido esteio, o testemunho de discipulos, que são mestres tambem, e o juizo insuspeito de adversarios.

Littré, que abriu debates sobre tantos pontos da philosophia positiva, nunca deixou de reconhecer a valia dos titulos, que põem Augusto Comte superior ao conjuncto de todos os seus antecessores, empenhados em esforços por constituir sobre bases positivas a sciencia dos phenomenos sociaes.

Das mãos de Augusto Comte a Sociologia saiu definida e esboçada, com o seu campo de acção delimitado e preciso, com os seus methodos de investigações adoptados, com as suas leis geraes indicadas, e até com a sua historia feita.

Datam dos tempos da pujança intellectual dos hellenos, sob o imperio do genio assombroso de Aristoteles, as primeiras tentativas para introduzir no campo dos estudos sociaes o espirito positivo. Augusto Comte honrou-se com essa remota ascendencia, quando, bosquejando em largos traços a historia da sciencia social, fez menção do nome do grande philosopho de Stagyra, o *principe eterno dos verdadeiros pensadores*, cuja memoravel *Politica*, era aos seus olhos, uma das mais eminentes producções da antiguidade.

Na obra de Montesquieu viu Comte a primeira e a mais importante serie de trabalhos directamente destinados a constituir emfim a sciencia social.

A principal força caracteristica dessa obra memoravel, que revelou a Augusto Comte a eminente superioridade do seu illustre auctor sobre todos os philosophos contemporaneos, foi a tendencia, em toda ella manifesta, para conceber os phenomenos politicos como sendo sujeitos a leis naturaes invariaveis, tão necessariamente como todos os outros phenomenos quaesquer. (2) Com Montesquieu, conforme a sabia observação do fundador da Philosophia positiva, a noção de *lei* ficou directamente definida, levada dos mais simples phenomenos até aos mais complicados, os phenomenos politicos.

Condorcet pareceu sempre a Comte o seu precursor essencial nessa desmarcada e ingente tarefa de tornar homogeneos os conhecimentos humanos.

---

(2) Auguste Comte. *Cours de Philosophie positive*. Vol. IV.

A previsão foi sempre a carecteristica essencial da sciencia, consoante o modo de ver de Augusto Comte: «Toda sciencia tem por fim a previdencia. Porque o uso geral das leis estabelecidas segundo a observação dos phenomenos é prever a successão delles. Na realidade todos os homens, por menos adiantados que pareçam, fazem verdadeiras predicções, sempre fundadas no mesmo principio, o conhecimento do futuro pelo do passado. Todos predizem, por exemplo, os effeitos geraes da gravidade terrestre, e uma multidão de outros phenomenos assaz simples e assaz frequentes para que a sua ordem de successão torne-se sensivel ao expectador menos capaz e menos attento. Em cada individuo é a sciencia quem dá a medida da faculdade da previdencia. A previdencia do astronomo, antevendo, com perfeita precisão, o estado do systema solar com uma antecedencia de largos annos, é absolutamente da mesma natureza que a do selvagem predizendo o proximo nascer do sol. A differença não está senão na extensão dos conhecimentos de um e de outro. E' pois evidentemente muito conforme á natureza do espirito humano que a observação do passado possa dar a conhecer o porvir, em politica, como succede em astronomia, em physica, em chimica e em physiologia.» (3)

E precisamente o merito superior de Condorcet consistiu nesse admiravel plano, graças ao qual a observação, que é um methodo em sociologia como em as demais sciencias, permittiu organisar um quadro do futuro social, audaciosa concepção, que rematou a sua obra memoravel, realisação de um bello programma que elle 12 annos antes traçára assim: «Meditando sobre a natureza das sciencias moraes, não ha quem possa com effeito impedir-se de ver que apoiadas como as sciencias physicas sobre a observação dos factos, devem ellas seguir o mesmo methodo, adquirir uma lingua exacta e precisa, attingir o mesmo grau de certeza.» (4)

Comte encareceu o merecimento da famosa obra, onde a

---

(3) Auguste Comte. *Plan des travaux scientifiques necessaires pour reorganiser la societé.* 1822. *(Systeme de Politique positive.* Vol. IV. App. generale.)

(4) Trecho do discurso proferido na Academia franceza a 21 de Fevereiro de 1782. Vid. Dr. Robinet *Condorcet, sa vie et son œuvre.*

noção scientifica, verdadeiramente primordial, da progressão social da Humanidade, foi clara e directamente introduzida, vendo no pequeno numero das paginas immortaes da bella introducção, escripta por Condorcet, a admiravel exposição sobre a qual sempre repousará o problema fundamental da sociologia.

A critica notou já que na lista dos predecessores de Augusto Comte nesse trabalho de constituição da sociologia, não figuram os nomes de Turgot e de Kant. Littrè no capitulo do seu livro sobre Augusto Comte, consagrado á historia da philosophia positiva, reparou essa injustiça inconsciente e inintencional e preencheu a lacuna.

Se ha uma virtude que possa recommendar o nome do fundador da philosophia scientifica, é essa probidade rara, graças a qual elle honrou sempre os seus antecessores, ligando em todas as sciencias cada verdade ao nome do seu descobridor, e procurando no passado mais remoto as origens das idéas que modernamente se completaram, definiram e formularam, saindo do grupo das conjecturas para o codigo das leis naturaes. E' delle este pensamento numa carta a d'Eichthal: «Quanto maior fôr o numero dos nossos predecessores, tanto maior será o nosso valor; e nós pareceremos tanto mais ancorados no fundo da consciencia humana, quanto maior fôr a nossa reconhecida anciania.»

A defeza de Littrè deixou a originalidade de Comte, posta em duvida pelos adversarios do positivismo, fóra de duvida e fóra de questão: «Tres pontos principaes marcam a independencia de Comte em face de Turgot. Este não viu na concepção do encadeamento das gerações e da filiação das cousas, senão uma idéa para ser meditada; Comte viu nella uma lei sociologica; Turgot não ligou a essa idéa um esboço do desenvolvimento humano; Comte, com o auxilio dessa lei, desenvolveu toda a serie historica; Turgot não percebeu que tinha em mãos um dos elementos necessarios de uma philosophia; Comte, com o mesmo impulso do pensamento, foi da historia feita sciencia á philosophia tornada positiva. A lei sociologica, isolada em Turgot, em Augusto Comte faz parte de um vasto conjuncto: são, pois, duas creações independentes.»

A hypothese de Littrè é que Augusto Comte não lêra Turgot; ou que, se o leu, ficara-lhe despercebida a passagem, que só muito mais tarde começou a despertar a attenção.

Eu apenas aqui accrescentaria que nas paginas da *Philoso-*

phia positiva consagradas a Condorcet, Augusto Comte fez referencia a Turgot, considerando acto de justiça rememorar, em relação ao *Tableau historique,* «la haute participation préalable de son *célèbre* ami, le *sage* Turgot, dont les précieux apercus primitifs sur la theorie générale de la perfectibilité humaine avaient sans doute utilement preparé la pensée de Condorcet».

E no *Système de Politique* (vol. III) figura Turgot ao lado de Hume, d'Alembert, Montesquieu, Buffon, etc., como as principaes glorias da grande escola do seculo XVIII, cujos typos de primeira ordem eram Diderot e Frederico, theorico o primeiro e pratico o segundo. Uma tal escola philosophica ligara-se por Fontenelle ao seculo antecedente e por Condorcet ao seguinte.

Um discipulo da philosophia positiva fez justiça a Turgot, e mostrou até onde a sua acção poderia ter influido no espirito de Augusto Comte: «O grande pensador Turgot, ainda muito joven, escreveu o seu segundo discurso sobre os progressos successivos do espirito humano, no qual era recordado e desenvolvido o pensamento de Pascal sobre a continuidade da especie humana. Nesse discurso está contida uma notabilissima antecipação da lei dos tres estados de Comte, embora seja certo que só após a morte deste se começasse a prestar attenção áquelle estudo.

Nelle é claramente indicada a explicação dos phenomenos, primeiro por agentes sobrenaturaes animados de paixões humanas, depois por abstracções e finalmente por leis mathematicas. Mas este pensamento em nada pode ser considerado a pedra fundamental da philosophia positiva.»

Tambem mais tarde Comte que só falara em Montesquieu no esboço historico da sciencia social, celebrou o merito dos trabalhos systematicos do eminente Vico, nos quaes lhe parece já manifesto o sentimento profundo das leis sociologicas, embora nada houvesse elle ajuntado á fundação de Aristoteles, que apenas Hobbes tinha já aperfeiçoado.

Quanto ao famoso philosopho de Kœnigsberg, o lugar, que lhe cabe no rol dos batedores da grande idéa que teve em Augusto Comte o seu verdadeiro creador, ninguem haverá para recusar-lh'o.

Mas Comte que rendeu homenagem ao valor scientifico e philosophico do maior cerebro allemão, nas suas cartas a d'Eichtal deixou liquido e claro que dos escriptos de Kant nenhum subsidio poderia colher para ajudal-o na tarefa, que chegara ao

seu glorioso remate com a descoberta da lei da evolução intellectual. Essa descoberta era o unico merito que Comte se attribuia para reputar-se em avanço em relação a Kant, no terreno das indagações que cada um desses pensadores proseguiu independentemente. «Eu dou graças á minha falta de erudição, acrescentava Comte; porque, se antes do meu trabalho, no pé em que ora está, eu tivesse estudado o tratado de Kant, aos meus proprios olhos perderia elle muito do seu valor.»

Em um trabalho de critica, consagrado á these sobre o Positivismo, defendida pelo Dr. Hermann Lietz perante a faculdade de philosophia de Iena, dizia o Dr. Ant. Ritti: «O que distingue ainda Comte de Kant, é que elle foi o fundador da Sociologia, de cuja necessidade o philosopho allemão apenas teve de alguma sorte a intuição em um opusculo celebre; mas o merito da creação dessa sciencia cabe inteiro ao pensador francez» (5)

Eu recebi de Littrè a admiravel lição, que me ensinou a manter inteira a minha illimitada admiração pelo genio original e fecundamente creador de Augusto Comte.

Esse ensinamento me veiu nestas palavras do erudito escriptor e philosopho:

«Turgot tinha descoberto que as concepções humanas, primeiro theologicas, tornaram-se depois metaphysicas e acabaram sendo positivas. Kant tinha reconhecido que a historia é um phenomeno natural, sujeito a um curso determinado; e Condorcet, levado adeante dos seus antecessores pela força do tempo que avançava, tinha tentado traçar um quadro, que deixasse em evidencia o encadeamento dos progressos da civilisação. A tudo isso podemos já chamar grandes cousas, mas tudo isso não passa ainda de rudimentos; porque nem Turgot nem os seus successores usam da lei achada para fundar sobre esse facto geral a evolução; Kant, que soube ver claramente a necessidade de conceber a historia como regulada por condições inherentes á huma-

(5) *Revue Occidentale.* Novembre 1896. A these citada versou sobre *Os problemas relativos á idéa de Augusto Comte sobre a sociedade em suas relações com o conjuncto do positivismo.* Nesse trabalho que é um symptoma da força de penetração da philosophia comteana no meio allemão, Augusto Comte é proclamado «o maior philosopho francez deste seculo, e porventura o maior philosopho social sobretudo deste seculo, pois que fundou a sociologia.»

nidade, não sabe fazer essa noção importante repousar senão sobre uma idéa *à priori*, deixando-a por isso incapaz de fixar a attenção de um seculo, cujas tendencias eram cada vez mais positivas; emfim, Condorcet não teve por guia senão a philosophia negativa do seculo dezoito em uma obra a qual ella só poderia com o seu influxo tornar contradictoria.»

A convicção com que o meu espirito segue a opinião traduzida nessas palavras de um pensador, que eu tantas vezes elegi por guia, leva-me a vêr em Augusto Comte o verdadeiro fundador da philosophia positiva e o legitimo creador da sociologia, sciencia, á qual elle deu nome e leis, methodo e principios.

Eu não quero dizer que a sciencia social sahisse das mãos de Comte obra acabada e perfeita. E enganar-se-á, quem nesses volumes consagrados ao estudo da Sociologia, no *Curso de philosophia positiva,* fôr procurar um corpo de doutrinas systematico e rijo como n'um tratado de Mathematica ou de Astronomia, de Physica ou de Biologia. Nem nessa obra nem no livro especial da *Politica Positiva* haverá o que possa dar idéa de uma sciencia constituida, com os seus contornos rigorosamente precisados. Mas em suas grandes linhas geraes Comte admiravelmente traçou-lhe o esboço, e o que elle fez de fundamental, o exposto dos methodos e o exame dos principios, graças aos quaes a historia se revelou como successão de phenomenos naturaes governados por leis, ninguem poderá refazer com mais sabedoria.

O que está feito é verdadeiramente indestructivel. O que Comte deixou como legado precioso á geração, a que nós pertencemos, e o que irá ter accrescido ás mãos de outras gerações que hão de vir, é essa concepção, que arrancou os factos sociaes das mãos do Deus-Providencia e das mãos do Deus-Acaso, quebrando o imperio da theologia e da metaphysica.

Por maiores que sejam as distancias que por vezes arredam de Augusto Comte o fundador do Evolucionismo, nada impediu Herbert Spencer de reconhecer o merito da obra, cujos alicerces a *Philosophia Positiva* lançou: «Nós devemos reconhecer a importancia do passo dado por Comte. O seu modo de encarar os factos é verdadeiramente philosophico. Os capitulos da introducção da sua *Sociologia* contém, de mistura com vistas particulares que não seria possivel admittir, muitos pensamentos

verdadeiros e ao mesmo tempo grandes e fecundos; elles dão testemunho de uma largueza e de uma profundeza de concepção que nunca d'antes tinham sido attingidas. Além da exactidão de suas doutrinas sociologicas, elle sobrepuja a quantos o precederam pela maneira porque concebe os phenomenos sociaes; entre outras superioridades figura essa de ter reconhecido a dependencia da sociologia em relação á biologia.» (6).

Um escriptor americano, Lester F. Ward em uma communicação apresentada á Sociedade de Philosophia de Washington sobre a filiação das sciencias, ha pouco tempo, punha Augusto Comte *hors linhe,* como quem soube, só, constituir uma sociologia abstracta: «Considerando uma vez por todas, *in abstracto,* os phenomenos religiosos, economicos, linguisticos, familiaes, governamentaes, sacerdotaes, em sua essencia, em seu desenvolvimento effectivo e possivel, Comte, digam o que disserem, não sómente lançou os fundamentos inabalaveis da sociologia, mas, unico entre os pensadores modernos, teve a verdadeira e inteira concepção do problema social. Haverá quem estenda os seus principios, quem rectifique em alguns pontos, muito raros aliás, as applicacações optimistas que delles se fez; mas a sua obra está, em espirito e em esboço, ao abrigo da critica.»

As palavrs finaes, que eu applaudo, soarão mal, como tantas outras que eu mesmo tenho escripto, aos ouvidos de uma classe de positivistas orthodoxos, que condemnam como crime de lesa-humanidade a tentativa de retocar n'uma só linha a obra de Augusto Comte.

O sr. R. Teixeira Mendes, discipulo fidelissimo do positivismo, e um dos mais sinceros, devotados e respeitaveis apostolos da nova religião demonstravel, em carta de censura á conducta de Benjamin Constant, e na qual se fala no *tecido de calumnias* e *inepcias do famigerado lexicographo* Littré, e no *sophista* Pièrre Laffite, definiu nos termos mais claros esse estado do pensamento, ao qual eu não pude nunca adherir: «Baseando-se em considerações desta ordem é força convir que a profanação das obras de Augusto Comte, com a indagação de erros e lacunas que por ventura nellas existam, constitue um crime de

(6) H. Spencer. *La science sociale.*

lesa Humanidade. A sciencia não se *refaz;* a sciencia *prolonga-se;* e, por outro lado, a importancia da sciencia reside nas grandes concepções que asseguram a coordenação da vida humana, e não nos detalhes secundarios. Pois bem, a um positivista não é licito affirmar que as lacunas ou erros possiveis na obra de Augusto Comte affectam as concepções categoricas.»

Eu já mostrei, n'outra occasião, como esse principio da inerrancia de Comte, mesmo acceito como necessidade de ordem moral e social, tal como de Maistre mandava crêr o dogma da infallibilidade papal (7), levantou contra si reclamos e protestações mesmo no seio dos positivistas, aos quaes não é licito recusar o titulo de *perfeitos* e *completos* como chamara o mestre aos seus discipulos religiosos.

Eram assim formulados os conceitos do notavel positivista inglez, dr. J. H. Bridges dizendo sobre a Sociologia e o seu eminente fundador: «Comte fundou a sciencia da Sociologia entre 1820 e 1830. Elle mostrou a analogia existente entre os organismos sociaes e os organismos individuaes (8) e provou que os primeiros, como os ultimos, se desenvolviam segundo certas leis definidas. Uma multidão de trabalhadores trilharam depois o caminho que o nosso mestre lhes indicou. As observações feitas sobre as superstições populares, o desenvolvimento das instituições, as formas diversas e a historia das religiões, até aqui disseminadas nas relações de viagens ou reunidas nas collecções de anedoctas, tem agora um interesse todo novo para nós, em

---

(7) «Esta infallibilidade papal, tão amargamente censurada ao catholicismo, constituia pois, a falar a verdade, sob um tal ponto de vista, um grandiosissimo progresso intellectual e social, além da sua necessidade evidente para o conjuncto do regimen theologico. Consoante a judiciosa theoria de Maistre, esse dogma não constituia realmente senão a condição religiosa da jurisdição final, sem a qual as contestações inexgottaveis, quotidianamente suscitadas por tão vagas doutrinas, perturbariam indefinidamente a sociedade.» (Aug. Comte. *Cours de Philosophie positive*, vol. V).

(8) Era de todo ponto identica a linguagem de Spencer: «E' a Augusto Comte que cabe a honra de ter posto em luz com uma precisão relativa a connexão entre a sciencia da vida e a sciencia da sociedade. Elle viu claramente que os factos que se produzem nas associações humanas são da mesma natureza que os que se produzem nos grupos de seres inferiores vivendo em grupo; e que em um caso como no outro é prec.so estudar os individuos antes de poder comprehender os aggregados.»

quanto *verificações, correcções* ou *desenvolvimentos* das leis de Comte sobre a constituição e a evolução da sociedade.»

Um outro positivista inglez, R. Congreve, dizia a seu turno, numa previsão de successos, que o tempo necessariamente trará com o progresso natural das investigações sociaes, graças ás quaes a sciencia se alargará e terá de completar-se: «E' provavel que mais tarde os sociologos venham remanusear a sciencia inteira, mas nem por isso deixarão elles de reconhecer o merito da primeira obra que facilitou os seus trabalhos. Tambem a biologia moderna ultrapassou a concepção de Aristoteles, mas no que toca á construcção da sciencia biologica, o mais anti-philosophico dos biologos não seria capaz de desconhecer a importancia da tentativa de Aristoteles.»

Hão de relevar-me as citações aqui frequentemente feitas. Mas este ligeiro estudo que visa justificer um dissentimento, por onde eu me aparto dos meus confrades, sectarios da philosophia relativa, bom é que tambem seja parallelamente uma defeza leal e fartamente documentada da obra indestructivel e do mestre immortal que a fundou.

John Morlay, um adversario do positivismo, que denunciou em Augusto Comte vistas arbitrarias e apreciações superficiaes, reconheceu que a parte da *Philosophia positiva* consagrada ao estudo da historia da civilisação, feito á luz das idéas do grande philosopho «é uma obra prima de exposição abundante, luminosa, suggestiva e de alto alcance»; e mais que «sejam quaes forem os complementos que ella venha ainda a receber, sejam quaes forem as correcções que ella exija, essa analyse da evolução social continuará a ser vista como um dos grandes esforços do espirito humano.» (9)

Era bem a opinião de Stuart Mill sobre o mesmo ponto: «Nós consideramos esse trabalho como o mais bem acabado e o mais consideravel de todos, exceptuada a sua revisão das sciencias, e até mesmo, a alguns respeitos, como mais notavel do que este ultimo... Quem quer que recuse crer que da philosophia da historia pode fazer-se uma sciencia, deve suspender o seu julgamento até depois da leitura desses volumes de Comte». (10)

---

(9) J. Morlay. *Essais critiques.*
(10) Stuart Mill. *Auguste Comte et le Positivisme.*

Nunca o genial philosopho francez teve duvidas acerca da tarefa que se impoz quando abordou o estudo dos phenomenos sociaes, planeando reorganisal-os dando-lhes por fundamento os mesmos methodos das sciencias naturaes, a observação e até certo ponto a experimentação. Ao envez disso, claramente se lhe desenhou ao espirito a enormidade do emprehendimento.

Tamanho elle era, que havia e ainda hoje ha espiritos que não só repellem a sociologia como Comte a concebeu e delineou, mas aos quaes repugna a simples idéa de uma sciencia integral dos phenomenos sociaes.

Falando da obrigação necessaria de caracterizar o verdadeiro espirito geral e o conjuncto dos recursos fundamentaes proprios da sciencia social, antes de proceder ao exame directo desta, Comte accrescentou: «Era facil de prever que uma semelhante obrigação deve tornar-se muito mais necessaria e mais penosa relativamente á sciencia do desenvolvimento social, a qual até agora não attingiu de modo nenhum, sob qualquer ponto de vista, a uma verdadeira positividade, e que pelos melhores espiritos é, até hoje, condemnada a não poder chegar nunca áquelle estado.»

Um escriptor brasileiro, que pela alteza de sua mentalidade e pela audacia da sua propaganda philosophica e scientifica, influiu extraordinariamente na orientação toda moderna, que leva a pleiade dos novos juristas brasileiros, o dr. Tobias Barreto, um homem de trabalho e um homem de fé, lançou uma vez o seu grito de anathema contra a multidão de sociologos empenhados na labuta de cultivar o campo ainda safaro da sciencia mais transcendental.

O que vale a *Sociologia?* inquiriu Tobias Barreto. E a essa interrogação, que respondem os trabalhos de tantos philosophos, de tantos sabios durante longos seculos de pesquizas e de descobertas, o espirito eminente, que era o enthusiasta evangelisador do monismo philosophico, não tinha para replicar senão esta frase rija, de um laconismo cruel: «certamente nada.»

Mais precisamente essa opugnação se formulou em outras paginas, assim: «O estudo dos phenemenos sociaes, considerados em sua totalidade e reduzidos á unidade logica de uma systematisação scientifica, daria em resultado uma monstruosa panthosophia, que é incompativel com as forças do espirito humano. Se nem mesmo como sciencia descriptiva, que aliás, na opinião de

Hæckel, é uma *contradictio in objecto*, a sciencia social é constructivel, pois que não podem ser observados e por isso não podem ser descriptos todos os phenomenos da sociedade, porque razão sel-o-ia como sciencia de principios, como sciencia de leis, que tem de ser induzidas da observação completa dos factos a estudar?

«Em quanto pois, assim como a velha astrologia dos Apollonius de Thyane, dos magos da Chaldéa passou a ser a astronomia dos Copernicos, dos Galileus, dos Keplers, a nova sociologia de Comte, Spencer e outros sociologos e magos do occidente não passar a ser *socionomia* de sabios, estou firme na minha convicção: *a sociologia é uma frase.*»

A objecção, embora desamparada dos solidos esteios a que sempre andou arrimado o pensamento de Tobias Barreto, nas pugnas feridas no terreno da sciencia, era verdamente audaz. Essa sentença estrangulava a nascente physica social ainda nos seus incunabulos, diagnosticando-lhe esse morbo incuravel e fatal da inviabilidade.

Já o dr. Sylvio Romero, acima de toda suspeição, porque era nelle a amizade para com Tobias Barreto tão grande como a admiração, no seu livro a *Philosophia do Direito* oppoz replica vigorosa e sã aos argumentos com que a Sociologia tão impiedosamente fôra euxovalhada e ferida.

A mesma objecção se me depara formulada na grande obra de Leroy Beaulieu, onde se fala da Sociologia, como de uma *pretendue science*, e aos louvores dados a Comte accedem estes dizeres: «O que pelo contrario não pode ser considerado como questão vencida, e o que sem duvida nunca o será, é a existencia de uma sciencia social unificada, regendo todos os phenomenos sociaes, tanto os da politica, do direito, da religião, da moral, como os da economica. Esta sciencia social geral, que vejo decorada com o nome de Sociologia, até agora nada tem de real; e não ha indicio nenhum que prove que ella esteja em via de formação. A palavra Sociologia é simplesmente um rotulo pretencioso e sonoro sob o qual se agglomeram, conforme a fantasia, observações disparatadas ou systemas conjecturaes. Coordenação, verdadeiramente scientifica, não ha nenhuma nesses ensaios de generalisação indefinida.» (11)

(11) Leroy Beaulieu. *Traité d'Economie politique.* Vol. I.

Estas paginas estão dentro de limites marcados pelo titulo que lhes dei.

Da Sociologia, como todo, não fui levado a falar, senão porque tenho de tratar da sciencia economica, que é a parte. E o proprio dr. Tobias Barreto enunciou estes conceitos numa lição da Faculdade do Direito do Recife: «Se a economia politica vale alguma cousa no concerto das sciencias; se ella tem, por hypothese, um caracter, uma feição scientifica; é indubitavel que ella se prende ao grupo das sciencias sociaes, que ella é *uma das partes* da chamada *sociologia*.»

Mas eu não quero antecipar juisos que hão de vir no seu lugar. O sr. Beaulieu incluiu os phenomenos moraes entre os que fariam objecto da Sociologia.

No *Systhema de philosophia positiva*, como no *Systhema de philosophia synthetica*, e no primeiro mais precisamente do que no segundo, a Moral, como sciencia dos principios da conducta, constitue um degrau distincto e superior.

Spencer manda ver nos seus *Principios de Moral* a chave do systema evolucionista; e essa obra, na serie das obras, em que a philosophia do eminente pensador inglez se expoz, constitue a consequencia logica dos *Principios de Sociologia*.

Sabe-se como Augusto Comte fez da Moral o setimo termo da serie na sua classificação hierarchica das sciencias abstractas. Assim os phenomenos de ordem moral não entrariam no quadro da Sociologia.

Contra esse argumento, que visa negar a possibilidade de uma sciencia geral dos phenomenos sociaes, porque as forças do espirito humano mal dariam para descobrir leis de successão nesse incomprehensivel e vastissimo cahos, não vejo quem diria melhor do que Augusto Comte soube dizer, quando pleiteava a causa da Sociologia, que aos seus olhos só era possivel, mantido o ponto de vista synthetico, e condemnada a tendencia dos que desejariam retalhar o systema de estudos sociaes:

«E' incontestavel que concepções e estudos syntheticos podem sós convenientemente concorrer hoje para a fundação directa da Sociologia positiva, quer estatica, quer dynamica, e que taes trabalhos só mais tarde devem descer gradualmente a uma especialidade crescente, considerando sempre o estudo dos elementos como essencialmente dominados pelo systema, cuja noção geral, cada vez mais clara, deverá de continuo offerecer

o principal esclarecimento de cada aspecto parcial, salvo inevitaveis reações secundarias.

«Não se poderia negar que a imperiosa obrigação philosophica de seguir uma semelhante marcha, em virtude da solidariedade caracteristica de todos os phenomenos sociaes, augmenta grandemente as difficuldades fundamentaes que a extrema complicação do assumpto deve já causar á cultura racional desta nova sciencia natural, exigindo habitualmente uma contensão intellectual mais intensa e mais firme, para não consentir que escapem ou se dissipem quaesquer dos numerosos aspectos simultaneos que sempre ha de ser preciso abarcar nesse ramo de estudos.»

A leitura meditada do livro capital do celeberrimo philosopho francez leva o espirito necessaria e fatalmente a essa convicção que Huxley, tantas vezes injusto e sempre implacavel no exercicio da critica, lealmente confessou: «Augusto Comte tinha me convencido, o que ha de valer-lhe sempre o meu reconhecimento, não somente de que é possivel organisar a sociedade sobre uma nova base puramente scientifica, porem, mesmo de que é esse o unico escopo valioso para o qual todos os nossos debates e todas as nossas lutas politicas devem guiar-nos.»

Não ha quem tenha precisado o objecto da sciencia social, indicando o phenomeno complicado e essencial, que ella estuda, melhor do que Augusto Comte o fez. A sociologia saiu das suas mãos já dividida em dois ramos: a Statica e a Dynamica, que são no estudo do organismo social o que a Anatomia e a Physiologia são no estudo dos seres individuaes, a primeira tendo por objecto as ideas de organisação e a segunda, as idéas de vida.

As condições de existencia e as leis do movimento continuo das sociedades humanas, taes as materias de que trata cada uma dessas duas sciencias principaes, em que a Sociologia se decompõe.

A primeira, que institue a theoria positiva da ordem, tem por objecto permanente o *estudo das acções e reacções mutuas, que continuamente exercem, umas sobre as outras, todas as diversas partes quaesquer do systema social, fazendo scientificamente, tanto quanto possivel, abstracção provisoria do movimento fundamental que as modifica sempre gradualmente.*

De outro lado a dynamica social tem por objecto o *estudo das leis constantes, que regem a sucessão necessaria dos diversos estados sociaes, cujo conjuncto determina a marcha fundamental do desenvolvimento humano.*

Em uma palavra, para repetir a formula conciza e exacta de Comte, a dynamica social estuda as leis de successão, e a estatica, as de coexistencia.

E' a noção de progresso continuo, ou de desenvolvimento gradual da humanidade, que distingue a sociologia propriamente dita da simples biologia. Tal o ensino de Augusto Comte: «O phenomeno principal da sociologia, o que estabelece com a mais alta evidencia a sua originalidade scientifica é essa influencia gradual e continua das gerações humanas, umas sobre as outras.»

II

Annumerando as diversas tentativas feitas para constituir uma sciencia dos phenomenos sociaes, Aug. Comte foi levado a falar da Economia politica.

Bem era esse o lugar onde cabiam os economistas, que podem, sem injustiça, ser arrolados com quantos metteram peitos á tarefa audaciosa de positivar a sciencia social.

Economista era Turgot, e dos melhores mestres entre os que professaram a nova sciencia, e antes de Augusto Comte já ensinava elle que «todas as idades se encadêam por uma serie de causas e de effeitos, que ligam cada estado do mundo a todos os precedentes»; que «o genero humano, considerado desde a sua origem, parece, aos olhos do philosopho, um todo immenso que pode contar, como cada individuo, a sua infancia e os seus progressos.»

Economista tambem era Condorcet esse grande espirito, de que Augusto Comte confessou directamente descender pela filiação das idéas. E se é licito dizer como H. Baudrillart que Condorcet brilha antes na primeira fila dos discipulos, do que na linha dos mestres, certo é que sempre os problemas puramente economicos foram estudadas em todas as suas obras, pelas quaes elle prende-se ao grupo celebre dos economistas do seculo XVIII, tanto soube pelejar pela destruição dos monopolios, pela abolição das peias da industria e do commercio, pela extensão do credito.

No rol dos mais afamados economistas ha de eternamente figurar o de J. B. Say, e estes erão os seus ensinamentos: «Ora nós tivemos occasião de convencer-nos de que a existencia do corpo social é submettida a leis não menos positivas, não menos imperiosas, que as que presidem á existencia do corpo humano; a leis, que são o resultado da natureza das sociedades, as quaes o homem nem estabeleceu, nem poderá derogar... E' o conhecimento destas leis naturaes e constantes, sem as quaes as sociedades hu-

manas não poderiam subsistir, que constitue esta nova sciencia designada pelo nome de *economia politica*. E' bem uma sciencia porque ella não se compõe de systemas inventados, de planos de organisação arbitrariamente concebidos, de hypotheses sem provas; mas do *conhecimento do que existe, do conhecimento dos factos cuja realidade pode ser estabelecida.*»

Entre os mais notaveis precursores da economia politica figura Hume, cujos ensaios ainda hoje alumiam o caminho aos que andam no terreno por elle trilhado; e Augusto Comte proclamou-o o verdadeiro fundador da lei de evolução temporal, e pol-o ao lado de Diderot, para concretisar nesses dois pensadores viris a grande e immortal escola do seculo XVIII.

Em Adam Smith não ha quem não veja com razão e com justiça o pae da sciencia economica. Ninguem, antes delle, trabalhara com mais sabedoria o novo campo de estudos; e foi na realidade o seu livro famoso que deu á economia politica o melhor cunho de sciencia positiva.

Fazendo obra de justiça, o fundador da philosophia positiva chamou a Adam Smith o *mestre immortal* das doutrinas economicas, o *illustre* e *judicioso philosopho*, encarecendo o merito das suas luminosas analyses relativas á divisão do trabalho, ao papel fundamental das moedas, á acção geral dos bancos, etc.

Assim, se tantos pontos ha, por onde a economia politica esclareceu os grandes problemas da philosophia social, ajudando a pôl-os em equação e até a resolvel-os, graças á sagacidade e a sabedoria de tantos e tão eminentes mestres, como se ha de comprehender esse anathema, com que a sciencia e os seus cultores andam sendo feridos pelos positivistas orthodoxos?

Até onde a critica de Augusto Comte foi fundada e justa?

Delle é certo poder-se dizer que não escreveu pagina, onde a verdade não estivesse mettida como scintillação, embora alguma vez posta ao lado de equivocos e senões, que eu me arreceio de appellidar erros.

Ha realmente na *Philosophia positiva* uma passagem, que equivale sentença de morte proferida contra os economistas, aos quaes, no pensar de Augusto Comte, de nenhuma utilidade serviu o *verniz scientifico* com que tentaram em vão cobrir as suas doutrinas.

Vão em seguida essas palavras, que doem, que ferem, que fulminam: «No ponto, a que este tratado agora chegou, uma

simples consideração prejudicial, se ella pudesse ser plenamente comprehendida, bastaria, ao que parece, para caracterisar claramente essa inanidade necessaria das pretenções scientificas dos nossos economistas, que, saidos quasi sempre da classe dos advogados ou dos litteratos, certamente não poderiam haurir em nenhuma fonte regular esse espirito habitual de racionalidade positiva que elles crêem ter transportado para o dominio das suas investigações. Inevitavelmente extranhos, pela sua educação, até em relação aos mais simples phenomenos, a toda idéa de observação scientifica, a toda noção de lei natural, a todo sentimento de verdadeira demonstração, é evidente que, qualquer que pudesse ser a força intrinseca de suas intelligencias, não lhes seria dado, de chofre, applicar convenientemente ás mais difficeis analyses um methodo, do qual elles não conhecem de modo nenhum as mais simples applicações, não possuindo nenhuma outra preparação philosophica senão alguns vagos e insufficientes preceitos de logica geral, incapazes de nenhuma efficacia real. Tambem o conjuncto dos seus trabalhos manifesta evidentemente, logo á primeira vista, a qualquer juiz competente e exercitado, os caracteres mais decisivos das concepções puramente metaphysicas.» (12)

A submissão cega á palavra do mestre, a obediencia passiva á lettra de suas escripturas, fez que os positivistas orthodoxos fossem seguindo sempre a esteira por onde andara Augusto Comte, repetindo contra os economistas a grita que os aponta ao odio da philosophia nova, como um bando de metaphysicos, entregues a investigações vãs, inuteis e phantasticas.

Tomadas em absoluto, as opiniões do grande pensador a nada montariam os esforços, os traballios, as luctas dos economistas consagrados ao melhoramento da sociedade. Nullos seriam os resultados obtidos, insensata essa pertinacia com que ainda hoje batem-se elles com energia e com firmeza pelos principios da liberdade contra o monopolio, pelo direito de todos contra o direito de alguns.

Aos que em nome do positivismo condemnam as theorias economicas como anti-scientificas, relegando-as para o mundo das chimeras metaphysicas, nós opporiamos a opinião de espiri-

(12) *Cours de philosophie positive.* Vol. IV.

tos, aos quaes não é licito negar que prendem-se, pelas doutrinas professadas, ás mesmas origens de onde aquelle systema philosophico dimanou.

Littré apontou entre as lacunas do comtismo essa da economia politica: «Não se concebe que dogmaticamente elle a tenha afastado como uma falsa sciencia. Eu não tenho tempo de referir essas asserções que aliás podem ser vistas nas suas obras, nem a intenção de defender a economia politica, ou de atacal-a; o que eu somente quero, é mostrar que ella constitue parte integrante da sociologia e que não ha como pol-a de lado sem causar damno á theoria desta sciencia. Deixemos, pois, provisoriamente todo debate sobre a maneira porque a economia politica foi até hoje tratada, e vamos ao fundo das cousas.

Tanto por causa da ligação intima da sociologia com a biologia, como pela ordem mesma dos phenomenos que nos dois casos são vitaes, não ha comparação mais aproximativa, e que dê uma idéa mais exacta, do que a comparação do corpo social com o corpo individual. Pois bem, no corpo social, a economia politica estuda os phenomenos que no corpo vivente constituem a nutrição; é a parte que os physiologistas chamam vegetativa, por onde o organismo diariamente se entretem.

Ora, é de methodo na biologia que as funcções superiores, que competem ao systema nervoso, estão sob a dependencia absoluta das funcções inferiores ou de nutrição, sem as quaes não podiam, nem existir, nem ser conhecidas na sua verdadeira realidade. O mesmo succede com o corpo social; as funcções superiores, as que nelle administram a parte moral, esthetica, scientifica, e que conduzem a evolução, prendem-se rigorosamente a todo o entretenimento material da sociedade: isso é o que eu chamo industria; esse é o objecto da economia politica. E' pois uma grave lacuna, que na sociologia não haja, em parte nenhuma, um capitulo destinado a expor a constituição da economia politica, e as relações desta funcção fundamental com as funcções superiores; é tambem um vicio grave contra o methodo: porque, sob tal ponto de vista, quem não vê que uma theoria positiva da economia politica é indispensavel, mostrando as necessidades industriaes da evolução social, como a theoria da nutrição mostra as necessidades physiologicas da evolução individual? Tratar a economia politica á luz dos principios da philosophia positiva

é um dos assumptos importantes e urgentes que podem ser recommendados aos discipulos deste systema philosophico.» (13).

Essa pagina do erudito Littré, a qual eu reproduzi toda inteira, encerra assertos, que definem com clareza as relações da economia politica e da sociologia, pondo em evidencia o lugar que no complexo dos phenomenos sociaes occupam os que fazem objecto especial da sciencia economica.

Por isso é que Stuart Mill, o notavel escriptor inglez, que, entre os primeiros, pregoou as glorias de Augusto Comte, e propagou as doutrinas do positivismo num meio onde difficilmente penetraria a nova corrente philosophica sem esse admiravel instrumento de transmissão, Stuart Mill bateu palmas a essa lucida passagem de Littré, considerando engenhosa e justa a comparação que faz de economia politica um equivalente da physiologia da nutrição. Economista, Stuart Mill, cujo merito scientifico Aug. Comte reconheceu, rebateu a opinião professada na *Philosophia Positiva* nesta replica audaciosa:

«Nós queremos, bem entendido, falar da economia politica, que Comte considera como não sendo nem scientifica, nem positiva, e como constituindo um simples ramo da metaphysica, o vasto receptaculo de idéas condemnadas no qual são lançados todos os ensaios de sciencia positiva que, na sua opinião, não são dirigidos por um methodo scientifico justo. Quem quer que conhece os escriptos dos economistas, basta que leia as poucas paginas, onde Comte os censurou, para saber até que ponto pode elle algumas vezes ser superficial».

Eu não presto adhesão plena ás palavras citadas do illustre economista inglez, desnecessario é dizel-o aos que sabem qual o grau de veneração que eu rendo á profundeza dos conhecimentos de Augusto Comte. O que eu viso é demonstrar que os proprios positivistas, que eu mais de uma vez tenho chamado independentes, conforme uma denominação já consagrada, repelliram a critica menos fundada e menos justa do mestre.

O grande estadista francez, Jules Ferry, cujo espirito tanto obedecia á orientação das doutrinas positivistas que, na imprensa,

(13) E. Littré. *Auguste Comte.*

a sua divisa, era a divisa politica do positivismo—*ordem e progresso*—, Jules Ferry escreveu, em 1867, falando das relações da economia politica com a sociologia:

«E' impossivel, nos tempos actuaes, não rever, interpretar ou completar o julgamento tão breve de Augusto Comte. Esse grande espirito justiçou a economia politica em poucas paginas. Mas elle, que escrevia o seu quarto volume ha perto de trinta annos, não teria podido modificar em alguma cousa o seu aresto?...

O proprio Aug. Comte, na sua viva satira dos escolasticos desta escola, dá a Adam Smith um lugar e um quinhão de gloria á parte. Não lhe teria addicionado, caso houvesse-os conhecido bem, alguns dos physiocratas, sobretudo o immortal Turgot? Não é a elle que se pode lançar a censura de ter separado os problemas economicos do conjuncto da philosophia politica. Augusto Comte não fez tambem, uma vez justiça a Dunoyer? O auctor da definição da liberdade positiva, da *liberdade potencia*, não era de certo um puro metaphysico. E. J. Stuart Mill, mais recentemente, não retomou, num espirito verdadeiramente scientifico, a tradição de Adam Smith?» (14).

Eu não quiz fazer figurarem neste pleito senão espiritos ligados á escola positivista. O que a leitura da critica de Augusto Comte põe de manifesto, é que injustamente elle abrangeu na mesma sentença cousas diversas. Se é acertado condemnar a economia politica quando ella pretende ser uma sciencia completamente independente no grande todo das sciencias sociaes, sem laços de ligação com as suas co-irmãs, errado é repellir a sciencia economica, estudada como parte integrante do vasto corpo de doutrinas sociaes.

Não ha economista que não ensine a ver na sciencia, que professa, um dos ramos, em que a sociologia necessariamente pode e ha de vir a dividir-se, conforme as proprias previsões de Augusto Comte.

E' esse o pensamento expresso das palavras que eu fui buscar em E. Littrè, em Stuart Mill e em Jules Ferry.

Este ultimo disse com o maior acerto: A economia poli-

(14) Jules Ferry. *Discours et opinions*. Tom, II.

tica reivindica, em lugar de abjurar, a sua dependencia da sciencia social; a distincção entre as leis naturaes e os arranjamentos sociaes apparece decisiva e a arte é claramente distinguida da sciencia. A philosophia positiva não póde renegar um tão illustre testemunho de seus progressos e de sua influencia. O estudo dos phenomenos especiaes, que dizem respeito á formação, ao accrescimo, á conservação, á distribuição das riquezas na sociedade, póde ser, sem inconveniente, abordado de uma maneira distincta, com a condição de ser opportunamente reatado ao conjuncto da vida social. E' assim que a biologia trata separadamente das funcções, sem por isso prejudicar em nada a unidade do organismo. Em economia politica, o orgão observado e funccionando, se é possivel dizel-o, é o movel do interesse, de si assaz importante, assaz universal para imprimir aos factos, que determina, o caracter de homogeneidade e de constancia que permitte dahi tirar leis... Em definitivo, d'ora em diante, concebe-se sem grande esforço, uma economia politica, despojada de toda liga metaphysica, libertada de toda tradição de seita, dominada, tanto quanto convém, pelo ponto de vista social, e capaz de abordar com methodo, com gravidade, com madureza, o immenso problema, que levanta, nas sociedades avançadas, o conflicto do *laissez-faire* economico, que é uma regra, com a disciplina social, que é uma necessidade.»

Isso mesmo era o que ensinava Stuart Mill: « A unica observação de valor que acêrca desta questão, fez Aug. Comte, e mesmo assim applicada fóra de proposito, consiste em dizer que o estudo das condições da riqueza nacional, considerado como materia independente é antiphilosophico, pórque todas as differentes faces dos phenomenos sociaes agem e reagem, umas sobre as outras, e não se póde bem comprehendel-as separadamente. Mas isso não prova de modo nenhum que os phenomenos materiaes e industriaes da sociedade não sejam, mesmo por si sós, susceptiveis de generalisações uteis.»

No seu grande tratado moderno, que eu já citei, ensina P. Leroy Beaulieu: « A Economia não deve ter a pretenção de ser toda a sciencia, a sciencia social unica, a sciencia por excellencia. Ella não é senão um dos ramos do conjuncto dos conhecimentos sociaes; mas tambem é ella a parte mais positiva, a melhor coordenada, a mais incontestavel, a unica talvez que tenha um caracter inteiramente scientifico.»

Era já este o pensamento de David Hume, que Leon Say resumiu assim: «A sciencia economica não apparecia a Hume como separada das outras sciencias moraes e politicas, e elle tirou effeitos surprehendentes da multiplicidade dos pontos de vista philosophicos, moraes e historicos, sob os quaes encarava as questões que nos parecem hoje simples questões de economia politica.»

Mas a sciencia economica posta em tal pé, reduzida a taes limites, não sei porque expellil-a do grupo das sciencias positivas, quando ella estuda uma classe de phenomenos sociaes, aos quaes os methodos das sciencias naturaes quadram á maravilha, desde que foi pela observação e até pela experimentação, que os principios economicos foram estabelecidos.

Como negar á economia politica o caracter de sciencia, quando ella possue um corpo de doutrinas e um grupo de leis, que por indução foram estabelecidas, isto é, pelo processo por onde em todas as sciencias o espirito humano vae do particular para o geral?

E por ventura essa caracteristica, mais do que nenhuma outra essencial de toda e qualquer sciencia, a previsão, não a possue a economia politica?

«Se como toda experiencia e toda historia o demonstram, existem leis naturaes em economia politica, d'ahi resulta que, para os que a estudaram, e estão della senhores, e que, além disso, possuem penetração e segurança de espirito, esta sciencia deve comportar, dentro de uma certa medida, o dom da previsão. Saber é prever, ha muito que já se disse. A certeza de previsão nas questões economicas é muitas vezes embaraçada pela diversidade das causas em acção, as quaes se entrecruzam... Por isso, a querer fazer previsões certas ou simplesmente aproximativas, sobre os phenomenos economicos, é mister uma singular penetração de espirito, e ao mesmo tempo uma rara circumspecção. A previsão, não obstante, é possivel em muitos casos, quando se trata de phenomenos economicos muito importantes, muito accentuados, bem circumscriptos. Ha casos em que ella póde mesmo attingir a um gráo de certeza quasi absoluta.» (15)

Um sectario da philosophia positiva é o menos competente

(15) P. Leroy Beaulieu. Op. cit.

para extranhar que no campo dos estudos economicos seja a previsão mal segura ás vezes e até errada em muitos casos. E' da natureza das cousas. E quanto mais os phenomenos se complicam, augmentando o numero de causas e de factores concorrentes, tanto maior é a difficuldade em acertar nos golpes de vista lançados para o futuro. N'um livro precioso H. Spencer enumerou a serie de obstaculos que estorvam o caminho ao sociologo mais do que a qualquer outro homem de sciencia, os quaes provêm, uns da propria natureza dos factos a examinar, outros das condições mesmas do observador.

E defendendo contra Froude a sciencia social, dizia o eminente pensador inglez: «Se elle quer dizer simplesmente que as previsões sociologicas não podem ser senão approximativas, se elle nega sómente a possibilidade de fazer da sciencia social uma sciencia exacta: nós dizemos que isso importa negar uma cousa que nunca foi sustentada por ninguem. A sciencia exacta não é senão uma metade da sciencia. Só os phenomenos de certas ordens tem relações quantitativas bem como qualitativas. Nos demais, os factores que produzem os phenomenos são tão numerosos e tão difficeis de medir, que torna-se muito difficil, senão impossivel desenvolver sob a fórma quantitativa o conhecimento que delles podemos ter. Mas nem por isso taes ordens de phenomenos são excluidas do dominio da sciencia. Em geologia, em biologia, em psychologia, a mór parte das previsões não são senão qualitativas; e quando são quantitativas, nunca é grande a precisão, e quasi sempre é até muito vaga. Não obstante nós não hesitamos em consideral-as como scientificas. O mesmo succede na sciencia social. Os phenomenos, que ella apresenta, os mais complexos de todos, são menos do que os outros tambem, susceptiveis de ser tratados com precisão; e d'entre elles os que podem ser generalisados, só dentro de limites assaz vagos de tempo e de importancia é que o são, e muitos ha que não podem sel-o de modo nenhum. Mas desde que póde haver generalisação, e que sobre ella póde ser baseada uma interpretação, ha uma sciencia.»

Essa é a situação verdadeira da Economia politica, que não sendo senão um ramo da Sociologia, corre como esta os mesmos riscos e incertezas.

Leroy Beaulieu, contra a opinião de Marshal, alargou o campo das previsões economicas e escreveu: «Nas questões de

moeda e de bilhetes de banco, por exemplo, em alguns outros concernentes a finanças,- o dom de previsão ou de adivinhação, se a palavra não é muito pretenciosa, pode ser exercida com um verdadeiro caracter scientifico. Quando, na Assembléa Constituinte, Dupont de Nemours, declarava ao começar o periodo dos assignados e quando a depreciação delles era ainda fraca, que um dia serião precisos muitos milhares de francos para pagar um par de botas, era bem a voz da sciencia que falava. Quando em 1887 e 1888, em um momento em que os principaes banqueiros da Europa e todo o publico europeu se enfartavam de valores argentinos, houve economista para escrever que, no passo em que iam os argentinos com as suas emissões de papel, o ouro bem cedo nesse paiz estaria a 300 ou 400 p. 100 de premio sobre o bilhete de banco, e que o paiz inteiro seria mergulhado em um deploravel desarranjo. Era bem ainda a voz da sciencia.»

A critica de Aug. Comte, em mais de um ponto, foi certa. Elle ensinou a verdadeira doutrina, pondo o estudo dos phenomenos economicos onde elles devem ficar, no corpo dos estudos sociaes. E' essa tambem a opinião dos economistas de melhor nota. Stuart Mill elucidou esse ponto das relações que entre a Sociologia e a Economia politica em umas paginas admiraveis do seu livro *Unsettled questions*.

Porém marcado esse lugar; assentado que a economia politica não tem hoje a larga significação, que lhe quizeram dar, porque ella, consoante a formula de Mill, trata do homem emquanto submettido á acção das leis, que regulam a producção da riqueza; não é licito feril-a de incapacidade e condemnal-a como metaphysica.

Não sei o que possa impedir-me de ver o caracter scientifico dos estudos economicos, quando nunca elles se fazem, perdendo de vista o laço de estreita solidariedade, que os liga aos outros estudos sociaes.

O que é que nos ha de impedir de estudar os phenomenos industriaes das sociedades humanas á parte, fazendo, tanto quanto possivel, abstracção dos phenomenos intellectuaes, moraes, estheticos e politicos? Por isso perderão taes estudos o cunho scientifico, que lhes vem dos methodos, pelos quaes o espirito indagador se dirige?

Não vemos que outra seja a marcha da intelligencia na

constituição das demais sciencias positivas. Sem essa faculdade da abstracção o espirito humano perder-se-ia no mundo complicado dos phenomenos naturaes intimamente travados.

Augusto Comte, antes de H. Spencer, falara na interdependencia das sciencias, resultado e espelho fiel da estreita dependencia dos phenomenos, que as sciencias abstrahem e estudam.

E o proprio Comte previu que um dia «a sciencia social poderá ser subdividida com utilidade, e que os trabalhos hão de descer gradualmente a uma especialisação cada vez mais crescente.»

Tendo dito que a Economia politica investiga as leis que governão a actividade humana, feita a supposição de que as acções do homem são determinadas pela necessidade natural de preferir a maior porção de riqueza á menor, accrescentou sabiamente Stuart Mill: «Não quer isso dizer que houvesse nunca economista capaz de admittir o absurdo de suppor que o genero humano é realmente assim constituido; mas esse é o modo conveniente pelo qual a sciencia deve necessariamente proceder. Quando um effeito depende de muitas causas concurrentes, essas causas devem ser estudadas cada uma por sua vez, e as leis que as regem separadamente investigadas, se desejamos tirar desse labyrintho de causas a faculdade de predizer ou de verificar os effeitos dellas; desde que a lei do effeito é um composto das leis de todas as causas que o determinam. A lei da força centripeta e de força tangencial deviam ser bem conhecidas antes que pudessem ser estudados os movimentos da terra e dos planetas e muito delles predictos. O mesmo succede com a conducta do homem em sociedade. Afim de julgar como elle ha de agir sob a influencia de varios desejos e aversões concurrentes, é necessario saber como elle procederá sob a acção exclusiva de cada sentimento em particular. Não ha, talvez, acção da vida do homem, em que elle não obedeça, proxima ou remotamente, a outros moveis que não o mero desejo de riqueza (in which he is neither under the immediate non under the remote influence of any impulse but the mere desire of wealth.)

Quanto ás partes da conducta humana das quaes não é á riqueza o principal objecto a Economia politica longe está de pretender que lhes sejam applicadas as suas conclusões. Ha, porém, certos departamentos dos negocios humanos, onde a acquisição

da riqueza constitue o principal e reconhecido escopo. Desses unicamente cogita a Economia politica.» (16)

Redirei agora que judiciosamente Augusto Comte por vezes ferio os grandes senões da sciencia economica. Um dos mais afamados e modernos professores della reconheceu-o em termos expressivos e reforçou a critica do eminente philosopho francez: «De bom grado admittimos que Augusto Comte prestou serviços pondo á mostra toda a complicidade dos phenomenos sociaes, o seu travamento, e para servir-nos de uma palavra, que tem já adquirido alguma extensão, a sua «interdependencia»; elle judiciosamente fez que a gente se acautelasse contra o excesso de dogmatismo de certos economistas que pretendem traduzir todas as formulas scientificas em regras praticas absolutas, sem nenhum estudo dos phenomenos ambientes ou contigentes.» (17)

E o mesmo auctor em outra pagina do mesmo livro já citado, censurou os professores subtis, que fazem da economia politica uma nova escolastica, com uma accumulação de distincções verbaes: «No mundo especial dos professores que a cultivam, sobretudo no extrangeiro, não são apreciados senão os que trazem algum contingente de novas distincções e de refinamento novo, tornando a sciencia herissada de definições, e mais extranha a toda realidade concreta. Bem cedo ella não terá nada mais a invejar á sciencia de Abelard ou de Alberto o Grande.»

Era exactamente essa linguagem de Comte, como se vê neste topico da *Philosophia positiva:* «Considerando, com olhar imparcial, as estereis contestações que dividem os economistas sobre as noções mais elementares do *valor*, da *utilidade*, da *producção* etc., não se acreditaria assistir os mais extranhos debates dos escolasticos da idade media sobre os atributos fundamentaes de suas puras entidades metaphysicas, das quaes as concepções economicas, cada vez mais, vão tomando o caracter, á medida que se vão dogmatisando e subtilisando?»

Jules Ferry, no estudo que eu ja citei, tambem acudiu a applaudir os conceitos do fundador do positivismo: «Existe ou

(16) Stuart Mill. *Essays on some unsettled questions of Political Economy*. V.

(17) L. Beaulieu. Op. cit.

existiu uma seita de economistas estacionarios, raça intractavel e estreita, de vistas curtas e de bagagem leve, occultando, sob uma escolastica pedante e vasia, a sua banalidade incuravel. Sem duvida pouca cousa tem a humanidade que esperar desses vulgarisadores de terceira ou quarta mão, que, na sombra do grande A. Smith, repisam abstracções gastas e formulas vãs. Augusto Comte teve rasão quando fustigou nelles a especialidade arrogante e a esterilidade doutrinal.»

Eu nada teria que dizer, nem da critica nem dos commentarios, se me não fôsse dado allegar que um tal estado de cousas não ha sciencia, em via de organisação, que o não revele. Em todas as espheras do saber ha esse periodo verdadeiramente cahotico, onde os espiritos incertos divagam, onde as discussões eternas se esterilisam. E não ha até sciencia feita e acabada, na qual não existam pontos obscuros, questões a resolver, problemas apenas formulados. Mas nada disso basta para que a sciencia seja despida dos seus caracteres e posta no rol das indagações metaphysicas.

Para não sair do dominio, em que andamos, lembremos que Comte, em face da obra construida, reconheceu-se como verdadeiro creador da Sociologia. Ainda que elle proprio tivesse falado das naturaes inperfeições da sciencia, que se esforçou por crear, certo é que, aos seus olhos, tratava-se de uma operação concluida: o que de seus trabalhos resultou foi a descoberta de generalisações sufficientes; e onde o espirito é levado a inducções, que explicam uma certa categoria de phenomenos naturaes e que permittem prevel os, ahi pode-se affirmar que uma sciencia nova se constituiu.

Mas Littrè virá dizer que «os tres volumes que terminam o *Systema de philosophia positiva* contem, não uma sociologia, mas o desenho do desenvolvimento da historia; e que a *Politica positiva* é, na intenção do seu auctor, um livro de applicação, no qual elle esforçou-se por mostrar como é preciso passar dos principios philosophicos e sociaes para a organisação das sociedades.»

Na opinião de Stuart Mill, que eu cito sem prestar-lhe adhesão, Comte não creou a sociologia: «elle nada fez em sociologia que não deva ser de novamente feito e mais bem feito.»

No primeiro Congresso internacional de Sociologia, em

Outubro de 1895 dizia Paul Lilienfeld: Ainda que a idéa de uma sciencia social geral, abraçando todas as faces, todas as espheras da vida, tanto economica, como juridica e politica, da sociedade humana tenha-se originado desde algum tempo, essa sciencia, como tal, até hoje ainda não achou base solida sobre a qual tenha podido repousar á maneira das outras sciencias, que tem por objecto os phenomenos da natureza.»

Em toda parte na obra fundamental de Augusto Comte, se denuncia o estado de incerteza em que param pontos varios em todas as sciencias.

Em todas ellas se denuncia a presença do espirito metaphysico. A propria sciencia mathematica é ainda hoje campo aberto a divagações, que nada tem de positivo. E bastaria aqui lembrar essa concepção da metageometria, que comprehendia como um caso particular a geometria euclidianna, e esse caculo das probabilidades, que Augusto Comte tão energicamente combateu.

Em todos os seus ramos, a sciencia mathematica, ou trate do numero, ou da extensão ou do movimento, dá ainda hoje lugar a controversias agitadas.

E basta ler, por exemplo, as primeiras paginas do *Calculo infinitesimal* de H. Fleury, para que logo se veja até que ponto, dentro do circulo apertado das sciencias chamadas exactas, cabem desavenças, dissentimentos e polemicas.

Não é muito pois que tambem dentro da area onde labutam os economistas essas pelejas andem accesas. E é certo que tal succede.

Recentemente, na sessão da Sociedade de Economia politica de Paris, a 6 de Julho de 1896, o sr. Alfredo Neymarck recordou á douta associação a palavra de um jornalista parisiense, que referindo as discussões dos economistas, dava a estes a a appellidação de *innomeaveis*.

E é digno de nota que nessa mesma reunião contendessem os cultores e mestres da sciencia economica por achar-lhe uma definição acertada.

A prova de que hoje, ainda não é dado ter a economia politica como sciencia perfeita e fechada, a qual ao contrario parece que ainda não saiu dos seus exordios, está nestas palavras do sr. Beaurin—Gressier: «A causa do mal, da confusão que reina nas doutrinas ensinadas, deve ser procurada na raiz,

quer dizer, no exame attento das noções fundamentaes do nosso ramo de estudos, e no desaccordo que reina sobre o conceito destas noções. Bom é que uma sociedade como a nossa, por vezes retome o exame dos principios, e, em primeiro lugar, aborde o exame da definição da Economia politica, esforçando-se por precisar, de novo, qual é o objecto de suas investigações, qual é o seu dominio, quaes são os seus limites, quaes são os principios sobre os quaes ella se apoia.»

Conheço todas essas desharmonias; sei que é movel o terreno em que se piza ao ter de penetrar os dominios da sciencia economica; mas não vejo que isso chegue para condemnal-a como uma falsa sciencia.

Essas discussões interminaveis não alteram nem prejudicam o facto fundamental. A sciencia existe como indagação de phenomenos naturaes sujeitos á observação e á experimentação.

E para que se avalie até onde póde ir esse mal entendido espirito de innovação, excesso tão condemnavel como o da rotina, e fonte creadora de dissidios, baste-me salientar que fechando os debates feridos no seio da agremiação dos economistas, empenhados na busca e rebusca de uma definição logica e scientifica para a sciencia que professam, o sr. E. Levasseur annunciou uma definição nova, que nada mais era que a velha e classica definição de A. Simith: «A sciencia das leis, em virtude das quaes o homem produz, troca e consome a riqueza.»

Tambem o sr. P. L. Beaulieu deixou-se levar por essa preoccupação. Criticando as definições de Stuart Mill, e rejeitando-as, por não lhe parecerem, como nenhuma outra sufficientemente comprehensiveis, claras e adquadas, o notavel economista francez deu a sua formula original, a qual conviria a uma sciencia, que estuda as leis reguladoras do trabalho dos homens, não só, em sociedade mas em familia e até isolados. Esse famoso economista esqueceu que se a sciencia economica pudesse ser applicada ao caso desse personagem hypothetico e imaginario do Robinson, ella cessaria de ser o que o proprio auctor ensinou em varias paginas do seu *Tratado*: uma sciencia social.

Sem professar em absoluto que o homem é uma abstracção, não vejo como desconhecer que a verdadeira unidade so-

cial é a familia. E a sciencia que tomasse por objecto de suas indagações o homem isolado sairia do quadro das sciencias sociaes.

Tamanha é na realidade a discordia, que lavra entre os economistas, que até largos debates se ferem acerca do nome que melhor convenha para a sciencia que elles estudam.

Plutologia? Chrematistica? Catalactica? Economia politica? Economica? Economicas?

Beaulieu, que prefere a penultima denominação, tambem introduziu o termo Economicas (Economiques), no plural, traducção fiel, e ao meu ver sem nada que a justifique, do termo inglez Economics. A prevalecer a regra seria necessario tambem applical-a a Ethics, Physics, Esthetics, Metrics, Hydrostatics, etc., nomes de sciencias ou artes, em todos os quaes entra a desinencia *ics*. (18)

Um dos pontos capitaes da critica formulada pelo positivismo contra a Economia politica consiste em expôl-a como conduzindo, pelas consequencias logicas dos seus principios, á abolição necessaria de todo governo real.

Augusto Comte formulou assim essa objecção: «O espirito geral da economia politica, para quem quer que convenientemente apreciou no conjuncto dos escriptos que delle tratam, conduz essencialmente hoje a erigir em dogma universal a ausencia necessaria de toda intervenção reguladora qualquer, como constituindo, pela natureza do assumpto, o meio mais conveniente de secundar o impulso espontaneo da sociedade... Essa vã e irracional disposição para não admittir senão o grau de ordem que por si mesmo se estabelece, equivale evidentemente, na pratica social, a uma sorte de demissão solemne dada por essa pretensa sciencia com relação a cada difficuldade um pouco grave que o desenvolvimento industrial vem a fazer surgir.»

Mas em verdade os economistas condemnam em absoluto toda e qualquer intervenção do Estado nos factos da ordem industrial? Até onde podem ir as consequencias do famoso aphonismo de Gournay: *Laissez faire, laissez passer?* Essa celebre for-

(18) Diz o grande diccionario de Whitney: *ics*—A termination of greek origin, denoting a science or an art. Words with this termination are properly plural, but are now commonly regarded as singular, being often accompanied by forms actually in the singular.

mula, que foi o lemma dos physiocratas, surgira após o dito egualmente celebre de d'Argenson: *Pas trop gouverner.* E eu leio num estudo de Schelle que antes de d'Argenson já o negociante Legendre respondera a Colbert, quando este lhe falara de protecção: *Laissez nous faire.*

Esse principio foi a grande arma que os fundadores da physiocracia manejaram para fazer guerra pertinaz aos privilegios de classe, para atacar todos os monopolios e pugnar pelo novo regimen de liberdade e de justiça, apagados os traços que dividiam, por linhas carregadas de odios, a sociedade em protegidos e desamparados.

Traduzisse embora esse principio a crença na acção efficaz das leis naturaes, cuja força se proclamava superior á força dos governos, o certo é que elle nunca foi tido como principio anarchico do nihilismo governamental.

Disse um emerito economista: «Nem Gournay, nem os seus amigos, e pode-se accrescentar, nem nenhum economista mais moderno invocaram a celebre formula para pretender que o governo devia ser supprimido, que nenhuma auctoridade deveria caber-lhe, e que as sociedades deviam ser entregues á anarchia. Elles affirmaram simplesmente que os governos não devem metter-se a regular o que elles ignoram, nem devem proteger a uns mais do que a outros, porque não podem fazel-o senão a custa dos desprotegidos.» (19)

Responde maravilhosamente as interrogações que levantamos, e vae ao encontro da critica formulada por Comte a brilhante defeza, que Schüller escreveu rebatendo as objeções da escola historica contra os economistas classicos. Eu não posso senão recommendar essa leitura cheia de attractivos e de verdades: «Smith, Say, Ricardo, Malthus não desconheciam de modo nenhum a necessidade da lentidão na evolução, a importancia das circumstancias particulares; elles não pensavam que a livre expansão das forças individuaes dá sempre e apezar de tudo no bem geral; elles não repelliam toda intervenção do Estado em materia economica, social e politica.»

---

(19) *Nouveau Dictionaire d'Économie politique.* Art. *Physiocrates.*

(20) Richard Schüller. *Les économistes classiques, et leurs adversaires.*

Entre os deveres do governo, Smith enunciou o de «erigir e entreter certas obras publicas e certas instituições que o interesse privado de um particular, ou de alguns particulares não faria nunca levantar ou manter.»

Ha em Adam Smith passagens decisivas, pelas quaes se prova que a economia politica, como elle a professava, não leva ás taes consequencia logicas de que falou Aug. Comte. Largas attribuições, ao envez, foram marcadas aos poderes publicos por aquelle mestre notabilissimo da nova sciencia.

Seria quasi licito reputar exaggerada a faculdade que Say reconhecia legitima, de intervir o governo para encorajar as industrias novas, e para favorecer a agricultura: «Quando os governos se occupam dos processos da industria agricola, quasi sempre a intervenção delles é favoravel.»

Aos economistas classicos nunca repugnou, já o notou Schüller, a regulamentação das profissões pondo em risco a segurança publica; antes é certo que elles reclamavam uma legislação da agricultura, das aguas e das florestas e das minas.

Pièrre Laffitte formulou contra a economia politica a objecção que mais visa oppugnal-a como theoria de completa e absoluta abstenção do governo em materia concernente aos negocios da industria humana, quando condemnou o principio absoluto do livre cambio.

Por maior que seja em mim a disposição de animo para acceitar essa theoria economica, acho fundada a argumentação dos que, sem combater o principio de liberdade, que é sempre salutar, nas relações do homem para homem ou nas relações de povo para povo, atacam o uso desmedido e a applicação fóra de proposito das regras economicas sempre relativas.

Em economia politica certamente não é permittido fazer abstracção nem do tempo, nem da natureza de cada nação, nem do grau de civilisação e de cultura dos povos.

Mas é nos proprios arraiaes da economia politica, nas obras classicas, que são como os grandes blocos de que o alicerce da sciencia se argamassou, que iremos com Schüller buscar os melhores argumentos para mostrar que essa doutrina só pode ser fecunda e sã, praticada com numero, peso e medida.

A Smith a realisação do livre cambio absoluto parecia tão chimerica como a fundação da Oceana ou da Utopia. Elle ensinava que ha casos em que «a humanidade póde exigir que a

liberdade do commercio não seja restabelecida senão por gradações um pouco lentas e com muita reserva e circumspecção.» O acto de navegação da Inglaterra pareceu-lhe o mais sabio de de todos os regulamentos do commercio, porque se seria licito condemnal-o em nome dos interesses economicos do Estado, os interesses da segurança nacional mandavam applaudil-o. Nunca o grande economista inglez perdeu de vista o principio da relatividade: «Em tal cantão da Suissa, em tal pequeno estado italiano pode alguma vez ser indispensavel restringir a exportação dos cereaes.» E nem repugnava a Smith um forte direito de saida sobre a lã, e direitos moderados sobre a importação dos productos manufacturados.

Quanto a Say, embora não possa a causa do livre cambio apontar melhor nem mais audaz propugnador, em muitas paginas das suas obras a verdadeira e sã opinião foi claramente exposta, tirado áquelle principio o caracter de absoluto, que só poderia tornal-o repugnante. Era assim que elle recommendava como um dever do legislador tratar com tento e criterio os interesses dos industriaes. E não se julgava incompatibilisado pelos principios, que professava, para sustentar que alguma vez a importação de materias primas, sem freio e sem regra, poderia acarretar o inconveniente economico de destruir as grandes forjas, ás quaes consideraveis capitaes teriam sido consagrados.

De escriptores modernos eu não invocarei senão a opinião de P. Leroy Beaulieu, cuja auctoridade é tão grande, e sempre tão digna de fé. Esta foi a sua ensinação: «Se consideramos, por exemplo, a questão tão debatida do livre cambio, é certo que, conforme as leis economicas sós, teremos que decidir pela maior extensão possivel do mercado, como o melhor meio de accrescer a divisão do trabalho, de desenvolver a concorrencia, de adaptar cada producção ás aptidões do solo e dos homens, de augmentar, por consequencia, os resultados, a saber, os productos, para uma dada somma de esforços; mas seria abusivo d'ahi concluir que, em todas as circumstancias, em todos os paizes, seja conveniente praticar o livre cambio absoluto.

Outras considerações podem occorrer para obstal-o: o profundo desalento, a depressão moral que poderia gerar, em uma população mediocremente estimulada, o facto de abarrotal-a de repente com os productos de um paiz, ou mais bem dotado pela natureza, ou mais bem apparelhado e preparado, a pro-

funda pertubação e até o desperdicio de capitaes, a crise emfim que poderia resultar de uma revolução economica subita e radical, a emigração, que ella pode produzir, de homens ou de capitaes. Considerações de ordem politica, tambem as ha, e por vezes até muito importantes, que devem entrar em linha de conta. Assim, em quanto a fecundidade da divisão do trabalho, o poder estimulante de um muito grande mercado, devem ser olhados como leis economicas, a superioridade do livre cambio absoluto em todas as circumstancias não é senão um pretenso dogma economico que não tem titulo nenhum a impôr-se.»

O que é certo é que muita vez o positivismo pelo orgão do seu fundador ou do successor deste, ou dos seus consectarios, levantou objecções plausiveis contra doutrinas professadas por economistas. Mas taes oppugnações não invalidam a sciencia, a conta da qual não é licito levar os abusos e erradas interpretações dos seus principios. Era desse feitio a argumentação, que eu li numa brochura, onde as opiniões do positivismo contrarias á economia politica foram condensadas. Ali, com effeito, o caracter anti-scientifico das concepções economicas foi denunciado porque uma vez F. Bastiat declarou que o antagonismo radical, a opposição natural de interesses entre capitalistas e não capitalistas não poderia existir, porque... do pensamento divino não sairia plano tão defeituoso; porque, para affirmal-o, seria necessario primeiramente negar Deus. (21)

Se isso bastasse para a condemnação da sciencia economica, porque não lavrariamos tambem contra a Astronomia sentença condemnatoria porque H. Faye, por exemplo, astronomo de incontestavel valor, lembrou-se um dia de dizer que o *echafaudage* arrojado das nossas tentativas cosmogonicas não faria desapparecer a velha demonstração da existencia de Deus, tirada das maravilhas do céo: *Cæli enarrant gloriam Dei;* e, d'outra feita, assoalhou que, arrebatados pelos esplendores dos céos, nós sentimo-nos preparados para comprehender e acceitar a formula tradiccional: Deus, Pae omnipontente, Creador do Céo e da Terra?

Eu confesso que sou, em theoria, um ardente e conven-

(21) *Le positivisme et l'économie politique.*

cido partidario do livve cambio. Em mais de uma pagina deste livro, onde estão reprodusidos excerptos de mensagens que eu escrevi, como governo, essa confissão está feita em termos claros. Mas a pratica, como homem de governo, mais de uma vez tambem poz-me face á face com embaraços e difficuldades, que eu mal poderia tentar vencer, mantida a fidelidade cega áquelle principio.

E aos que me apontassem essa apparente contradicção na minha vida poder-lhes-ia responder a palavra celebre de Cavour: «O governo professa, em materia de commercio, principios muito liberaes; elle é, em theoria ao menos, livre cambista. Todavia, crê que é do seu dever, na applicação dos principios, proceder com uma certa prudencia e com bastante moderação, afim de produzir, não o desmoronamento, mas a transformação do nosso systema economico.»

Ess'outra organisação, tão cara aos socialistas de todos os grupos e estaturas, que fazia da economia politica a sciencia odiosa, especie de systematisação das regras da moral egoistica, levando á politica impiedosa e cruel de esmágamento dos fracos pelos fortes, na luta, sem treguas, da existencia, mal resistiria aos golpes vibrados pelos que professão as theorias economicas.

Aos adversarios que atacavam a economia politica, expondo-a como sciencia sem coração e propagadora de egoismo, replicava Maurice Block: «A primeira destas accusações é uma ninharia, e a segunda uma calumnia. Quem ha de dizer-nos onde está situado o coração da astronomia ou da geometria, nas pernas ou nos braços? E quaes são as funcções do coração na exposição de uma sciencia? E quanto á accusação de egoismo, aos accusadores compete produzir as provas. (22)

Ha quem pretenda que a economia politica chamada classica considera o egoismo como unico motor em actividade no dominio economico. Responde-se com A. Smith: «Não visando senão o seu interesse pessoal, o homem muitas vezes trabalha de uma maneira muito mais efficaz para o interesse da sociedade do que se directamente fosse esse o seu intuito.»

Conforme a judiciosa observação de Schüller: «Adam Smith profliga o egoismo, o interesse unicamente pessoal, por toda

---

(22) Maurice Block. *Les progrès de la science economique.* Vol. I.

parte onde o encontra; e louva, pelo contrario, o sentimento da solidariedade, a humanidade, a benevolencia, como factores constitutivos da economia humana.»

Mas o interesse pessoal bem entendido é um factor essencial da actividade humana. E ninguem melhor do que Augusto Comte definiu a funcção essencial do egoismo:

«E' facil de comprehender que essa indispensavel preponderancia dos instinctos pessoaes, só ella pode imprimir á nossa existencia social um caracter claramente determinado e firmemente mantido, assignando um fim permanente e energico ao emprego directo e continuo da nossa actividade individual. Porque, apezar das justas queixas, ás quaes pode dar lugar o ascendente exaggerado dos interesses privados sobre os publicos, fica incontestavel que a noção do interesse geral não poderia ter nenhum sentido intelligivel sem a do interesse particular, pois que a primeira não pode evidentemente resultar senão do que a segunda offerece de commum nos diversos individuos. Qualquer que fôsse o poder das affeições sympathicas, dada uma rectificação ideal da nossa natureza, nós habitualmente nunca poderiamos desejar para os outros senão o que para nós mesmos desejamos, excepto os casos muito raros e muito secundarios, em que um refinamento de delicadeza moral, essencialmente impossivel sem o habito da meditação intellectual, pode fazer-nos apreciar sufficientemente, em relação a outrem, meios de facilidade, aos quaes nos quasi não ligamos nenhuma importancia pessoal. Si, pois, fosse possivel supprimir em nós a preponderancia necessaria dos instinctos pessoaes, ficaria, em vez de melhorada, radicalmente tambem destruida a nossa natureza moral, porque as affeições sociaes, desde então privadas de uma direcção indispensavel, apezar desse ascendente hypothetico, tenderiam bem cedo a degenerar em uma vaga e esteril caridade». (23)

Na impossibilidade de tornar mais dilatados os limites deste estudo, porque tenho marcado e certo o tempo para concluil-o, considero essa extensa passagem de Augusto Comte como encerrando a prova cabal e sobeja de que são sem fundamentos os ataques movidos contra a economia politica em nome da

(23) Augusto Comte. *Cours de Philosophie positive*. Vol. IV.

moral, pelos que vem nella erradamente a consagração exclusiva do egoismo.

Os que da sciencia economica esperam a cura das miserias sociaes, e vão pedir aos economistas remedios para todos os infortunios das classes proletarias, esses é que de ordinario se insurgem contra os principios acceitos, vendo nelles a causa de calamidades publicas.

Augusto Comte tambem delatou a economia politica, porque reconheceu a sua inaptidão necessaria para dirigir o surto essencial das sociedades modernas.

Seria necessario não confundir a sciencia economica com a arte, que della ha de sair. A sciencia esclarece; só a arte dirige.

Disse-o Stuart Mill: «Science is a collection of *truths;* art a body of *rules*, or directions for conduct. The language of science is: This is, or, This is not; This does, or does not happen. The language of art is: Do this; Avoid that. Science takes cognizance of a *phenomenon*, and endeavours to discover its *law;* art proposes to itself an *end*, and looks out for *means* to effect it.»

Erro é culpar a sciencia que é essencialmente abstracta, pelos desacertos da arte correspondente. E vale distinguir a economia politica, sciencia abstrata, das suas applicações.

Laffitte precisou esse ponto: «Em consequencia do seu caracter abstracto, a sciencia é geral, porque ella estuda condições, que se encontram em todos os casos particulares quaesquer. Nisso consiste a sua immensa vantagem, mas tambem ahi está o seu grave perigo. Porque quando se quer passar directamente da sciencia abstracta para a pratica, fica-se naturalmente exposto á illusão, por causa da eliminação, necessaria do ponto de vista scientifico, de certos elementos, que entretanto exercem, sobre o resultado effectivo, uma influencia decisiva.»

Pode bem ser que entre o positivismo e a economia politica não venha a achar-se finalmente tamanha a distancia, qual á primeira vista parece.

Ao menos as conclusões a que foi ter Laffitte, em nome da philosophia positiva, não ha economista que as não acceite: «1.º Que a apropriação individual da riqueza é a condição necessaria de toda a existencia social; 2.º Que a decomposição do trabalho em funcções distinctas é tão inevitavel quanto indispensavel; 3.º Que as diversas funcções, abandonadas a si mesmas,

sob a impulsão da responsabilidade pessoal de cada um de seus agentes, tendem a formar uma ordem espontanea ou natural, base necessaria de toda acção modificadora qualquer.»

Cultivando, embora modestamente a sciencia economica, e professando as verdades que ensinam os melhores mestres, que a crearam e aperfeiçoam, eu não podia senão applaudir a linguagem do positivismo, quando elle fala pelo orgão de Laffitte: «*A economia politica é uma sciencia abstracta*, mas uma sciencia abstracta incompleta, e por conseguinte insufficiente, por causa do caracter absoluto que ella ainda conservou, e que lhe da um cunho metaphysico, apezar de bellas analyses especiaes.»

Eu já mostrei, como no conceito de todos os bons economistas verdadeiros, desde os physiocratas, a sciencia economica sempre foi considerada um ramo de sciencia social. Seria menos proprio chamal-a uma sciencia incompleta.

Quanto ao caracter absoluto das suas theorias, o que faria que procedessem as criticas visando denuncial-a como um residuo da metaphysica, não vejo como demonstral-o.

As verdades de ordem economica são tão relativas, como as que o espirito humano tem posto a descoberto no estudo de outras classes de phenomenos naturaes. Ninguem dirá que os principios professados pelos economistas se presumem de mais absolutos do que os axiomas da sciencia mathematica.

Uma doutrina que, mais do que nenhuma outra, ensinou a ver nos factos sociaes elos de uma cadêa ligada atravez dos seculos por leis de successão, não pode deixar de reconhecer as leis dos phenomenos economicos e a sciencia especial que os estuda, seja embora essa sciencia uma simples sub-divisão da sciencia mais geral e mais comprehensiva da Sociologia.

E caberia aqui a bella formula de Spencer: «O caracter do aggregado é determinado pelos caracteres das unidades que o compõe.» A Sociologia, que é o todo, é tão positiva como a Economia politica, que é a parte.

INDICE

PAGS.

I O Estado do Pará.—Sua situação economico-financeira. Seu progresso sob o regimen republicano federativo . . 3

II Varia :

Um livro 69
E pur si muove 99
Um tremor de terra 111
O Christophoro 129
Carta ao Imperador 145

III A Genese positiva :

I Theoria das hypotheses 161
II Ensaios cosmogonicos anteriores a Laplace 175
III A hypothese de Laplace 197

IV O positivismo e a economia politica . . 223

JC

74

002/004 - C13

c/0012